ALEX MÍREZ

BESTSELLER



PERFEITOS MENTIROSOS

#1 MENTIRAS E SEGREDOS

UM LIVRO wattpad
COM MAIS DE 100 MILHÕES DE LEITORES

EDITORIAL PRESENÇA

ALEX MÍREZ

BESTSELLER



PERFEITOS MENTIROSOS

#1 MENTIRAS E SEGREDOS

UM LIVRO wattpad
COM MAIS DE 100 MILHÕES DE LEITORES

EDITORIAL PRESENÇA


PERFEITOS
MENTIROSOS

ALEX MÍREZ

PERFEITOS MENTIROSOS

#1 MENTIRAS E SEGREDOS

TRADUÇÃO DE CARLOS VIANA

EDITORIAL PRESENÇA

FICHA TÉCNICA

Título original: *Perfectos Mentirosos – Mentiras Y Secretos*
Autora: *Alex Mírez*
Copyright © 2020, Alex Mírez
A autora é representada por Wattpad.
Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2022
Tradução: *Carlos Viana*
Revisão: *Sónia Silva/Editorial Presença*
Imagem da capa: *Shutterstock*
Capa: *Sofia Ramos/Editorial Presença*
Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*
1.ª edição em papel, Lisboa, julho, 2022

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à
EDITORIAL PRESENÇA
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena
info@presenca.pt
www.presenca.pt

Todos os factos desta história foram narrados a partir da minha perspetiva.
Nenhum nome ou lugar foi alterado, porque não me interessa proteger ninguém. O que me interessa é dizer finalmente a verdade.

Para a mulher mais forte,
corajosa e inteligente do mundo: a minha mãe.
Estás sempre a dizer-me que um dia
vou deixar de ouvir a tua voz.
Quem me dera ter o poder de controlar o tempo
para que esse dia nunca chegue.

Fala-se muito das histórias do Wattpad. Às vezes, ninguém acredita nelas. Às vezes, o que dizem faz com que o próprio autor deixe de acreditar nelas. Uma vez, quase aconteceu comigo. Por isso, quero agradecer às pessoas que me ajudaram a continuar a acreditar no que escrevo. Às pessoas que todos os dias me deixam um comentário de apoio no meu mural ou me mandam uma mensagem privada nas minhas redes sociais. Às pessoas que se dão ao trabalho de me dizer que as minhas histórias lhes alegram o dia e que aparecem sem duvidar de mim quando atualizo um capítulo passado um mês. Às pessoas que tornaram o *Perfeitos Mentirosos* especial através das suas imagens, memes, desenhos, dedicatórias e recomendações. Obrigada, não fazem ideia do quanto me ajudaram.

Vou contar-te um segredo…

Existe um lugar chamado Tagus.

É a universidade frequentada apenas por rapazes e raparigas com apelidos influentes, famílias poderosas, contas bancárias intermináveis e vidas invejáveis e garantidas.

Está cheia de caras bonitas, altivas e maquiavélicas. Nos seus amplos corredores, sussurram-se impiedosamente as últimas bisbilhotices. É exigente, mas por vezes flexível, e está rodeada por um *campus* onde todos os fins de semana há uma festa onde tens de impressionar alguém. Tagus, enorme e imponente, foi construída à base de «Vou falar disso com o meu pai» e de «A minha família não ia gostar nada de saber que o professor me manchou o percurso».

Lá dentro, vale tudo, e ao mesmo tempo tudo é julgado.

É o magnífico centro do inferno, povoado de diabinhos atraentes, bem vestidos e mal-intencionados.

Ainda assim, todos gostariam de lá andar.

A tua melhor amiga, a tua prima maléfica, o irmão de alguém, aquela rapariga que detestas, tu própria, eu...

Qualquer um mataria — literalmente — para pertencer a essa sociedade/seita/círculo exclusivo, para poder gozar dos sorrisos, justificar as suas maldades e esconder complacentemente quaisquer segredos.

Porque em Tagus há muitos segredos.

E às vezes nem mesmo os pais ou o dinheiro conseguem mantê-los escondidos por muito tempo.

Às vezes, revelam-se por si próprios.

Outras vezes, alguém os faz serem revelados…

Prólogo

Campus universitário de Tagus

1 de maio, 15h00

— Viste o que aconteceu com os Cash?

— Sim, que horror. Nunca pensei.

— Nem tu nem ninguém. Quem é que haveria de pensar que aqueles três andavam a esconder uma coisa destas? Eu gostava muito do Aegan, o mais velho. Estás a ver qual é? O das tatuagens. Meu Deus, quando entrava em algum sítio, tinha uma presença feroz.

— Eu gostava do Adrik. Era calado, mas isso dava-lhe um ar misterioso. Além disso, tinha Literatura com ele, e quando ele lia à frente da turma..., orgasmos literários.

— O Aleixandre também era um gato, hã, apesar de ter pinta de menino de coro.

— O que quer que tenham feito, vão continuar a ser lendas aqui em Tagus.

— E agora a outra rapariga também… qual era o nome dela? Jude, sim, Jude.

— Foi ela?

— Sim, foi ela quem os destruiu.

1

Bem-vinda ao inferno mais divertido! Desculpa, a Tagus!

1 de janeiro

— O segredo para sobreviveres aqui é não confiares em ninguém, seres discreta com o que fazes e teres muito cuidado com quem te vê a fazer isso.

Esse conselho estranho e valioso veio da boca da Artie, a rapariga que seria a minha nova colega de quarto.

Mas, para ser sincera, não lhe dei importância, ah ah.

Só conseguia pensar: «Tagus, finalmente cheguei!»

Era o primeiro dia. Estava a passear pela feira de boas-vindas aos novos alunos no parque central do *campus*, e eu devia parecer exatamente aquilo que era: a típica rapariga nova, tonta e deslumbrada por tudo em meu redor ser fiel às fotografias do *site*.

Os quilómetros de áreas verdes que compunham o terreno da universidade estavam repletos de árvores podadas e moldadas da mesma forma que as vidas daqueles que tinham o privilégio de ser aceites como estudantes. As bicicletas circulavam pelas ruas pavimentadas. Havia pósteres em cada esquina a anunciar eventos futuros. Aquilo era um cartaz sobre uma rapariga desaparecida? E ali, no parque central de Tagus, ponto de encontro do primeiro dia, abundavam as bancas de venda de camisolas, de entrega de horários, de guias do *campus* e de núcleos de estudantes.

Dentro das bancas, os rapazes e as raparigas tinham aquele ar de «Se quisesse, o meu pai comprava-me esta rua, este andar, e tudo o que está debaixo dele». E do lado de fora, enquanto observavam e tentavam absorver tudo, os novos alunos tinham um ar de «Que emoção estar aqui, ainda que não tenha de me preocupar com nada para além da minha roupa, dado que o meu pai limpa o rabo com dinheiro!».

— Ouviste o que eu disse? — repreendeu-me a Artie, diante da minha evidente distração.

Caminhava a meu lado. Ao chegar a casa, pedira-lhe que me acompanhasse até à feira, pois não sabia como me desenvencilhar sozinha naquele labirinto universitário. Para minha surpresa, a Artie aceitou.

— Claro — menti, para não mostrar que tinha estado a ignorar o que me dizia sobre sobrevivência social. — Tenho de seguir os teus conselhos ou… qual é a pior coisa que me pode acontecer?

— Depende — respondeu, olhando para mim com curiosidade. — Qual é mesmo o teu apelido? É importante em algum lugar?

Sim, na silenciosa, obscura e vazia Terra Nenhuma.

— Tem de ser? — devolvi em resposta. — Porque diz-se que o que importa aqui é os alunos manterem um nível académico de excelência.

A Artie assentiu com um sorriso.

— Sim, sim, isso é certinho, e também que saem daqui pessoas importantes — admitiu. — Mas vê se tiras o folheto de Tagus da cabeça. Passar o ano sozinha a estudar não é tudo. Ou és das que preferem estar sozinhas?

Na verdade, sou das que preferem não revelar as suas preferências.

— Adapto-me ao que me rodeia. — Limitei-me a dizer, com um encolher de ombros que nada revelava.

— Bem, aqui é evento atrás de evento e os círculos sociais são importantes. — Explicou, com uma seriedade que denunciava a importância que atribuía ao assunto. — Com um bom apelido, não precisas de te esforçar muito para integrares um deles ou para conseguires meter conversa com as pessoas, porque toda a gente vai estar disponível para falar contigo a qualquer hora. Por isso, conta lá, tens algum familiar famoso ou que pelo menos se possa googlar?

Sacou do telemóvel e esperou ansiosamente que eu lhe dissesse quem da minha família aparecia na Internet. Como gostava de fazer ficheiros mentais das pessoas, o que nesse preciso momento escrevi na minha cabeça acerca da Artie foi:

Aparência: mais ou menos alta, cabelo preto, ondulado e curto pelo pescoço, tipo Marilyn Monroe. Nariz e queixo de fada, olhos grandes, contornados a eyeliner, camisola e calças de ganga. As fotos dela no Instagram devem ter o filtro *aesthetic* e provavelmente nunca falta uma citação de um livro na descrição.

Característica em destaque: uma rapariga que se importa demasiado com a reputação social. Isto é, que se esforça demasiado. Mas funcionaria? Teria a Artie alguma importância social?

Pelo menos, era simpática.

— Não, não há ninguém importante na minha família — disse-lhe eu.

A Artie fez um ar pensativo.

— Que pena, é sempre mais fácil assim — acenou com a mão num gesto despreocupado, como se não desse importância ao assunto. — Mas não te preocupes, tiveste sorte em calhar comigo. Conheço muita gente a quem te posso apresentar. Qual é o teu *target*?

Ia responder que não fazia ideia do que ela me estava a perguntar, mas o meu olhar ansioso, que ia ficando preso a tudo o que acontecia em nosso redor e a tudo o que via enquanto caminhávamos, fixou-se numa das bancas da feira. Uma em específico.

E então aconteceu.

Eles.

Ele.

Não conseguia falar e andar ao mesmo tempo, então parei e olhei primeiro para o rapaz que estava a atender as pessoas na banca. Tinha um conjunto de tatuagens que começava no pulso direito e ia desaparecendo ao longo do braço e o cabelo preto, rapado de lado e comprido em cima. Era um desses rapazes que ao entrar em algum sítio se impõe completamente. Daqueles que parecem possuídos pelo sol, porque nos dá vontade de olhar para eles, mas quando olhamos ficamos com os olhos doridos com tanta energia, tanto poder, porque, sim, «poder» sempre foi a palavra perfeita para começar a descrevê-lo.

Tinha um ar autoritário ao discutir com o rapaz que estava com ele na banca. Não estavam a fazer grande escarcéu, mas percebi que estavam a discutir porque as suas bocas não paravam se mexer de uma maneira tensa. Até vi o momento em que perdeu a paciência, arrancou o cigarro que o outro rapaz tinha preso entre os lábios e, furioso, atirou-o ao chão.

Foi aí que reparei no tipo com o cigarro. Era um pouco mais magro, tinha o cabelo da mesma cor que o das tatuagens, mas mais longo e com um corte menos cuidado. Ao contrário do primeiro, tinha um rosto menos expressivo. A boca era uma linha séria e as sobrancelhas grossas não indicavam nada, o que tornava muito difícil dizer se a discussão o afetara de alguma forma. Usava roupas escuras e parecia não ter vontade de responder ao que lhe diziam.

Onde o outro parecia um terremoto contínuo, ele era a calma insuspeita que precede uma catástrofe.

— Já te passou o feitiço dos Cash? — ouvi a Artie perguntar-me de repente.

Parei a minha análise e olhei para ela, a pestanejar. Apercebi-me de que os seus

olhos também estavam virados para os dois rapazes na banca.

— O quê? — Não tinha percebido. — Qual feitiço? Estás a falar do quê?

Ela sorriu, como quem diz «esquece».

— Estavas a olhar para os irmãos Cash, e é isso que dizem que acontece quando os vemos pela primeira vez — explicou ela, divertida, sem rodeios. — Ficamos atordoadas durante um bocado, não conseguimos desviar o olhar e pensamos: «Serão reais?» E sim, são tão reais quanto o tremor das tuas pernas neste momento.

Bem, as minhas pernas pararam, o nosso passeio pela feira do parque fora interrompido e eu fiquei suspensa, a olhar para eles. Foi uma… mistura de sensações? Sim, confusa.

— Os irmãos Cash? — perguntei, ainda mais perplexa.

— Eu sei, às vezes é melhor fingir que não sabes quem são — suspirou ela.

Olhei-a, incrédula.

— Não sei quem são.

Por um momento, a Artie não acreditou, mas ao perceber que eu estava a olhar para ela à espera de que me explicasse quem eram, pestanejou, confusa, e até soltou uma risada estranha.

— Estás a falar a sério?

A minha boca encurvou-se para baixo e assenti.

— Mas, pelo que disseste, agora quero saber tudo sobre eles.

Olhou-me durante mais um momento, meio carrancuda, a tentar perceber qualquer coisa sobre mim.

— És estranha, Jude — suspirou, como se fosse uma boa piada. — Como é que havias de não os conhecer? Lembra-te do escândalo Cash.

— Também não sei o que é o escândalo Cash — confessei.

A Artie teve dificuldade em acreditar, e houve ali um estranho momento em que ela não sabia o que dizer diante da minha desorientação social, e eu não sabia que desculpa dar. Até que insisti:

— Mas conta lá, parece interessante. Quem são esses Cash?

Oh, essa pergunta…

Essa maldita pergunta.

A Artie suspirou como uma professora que tivesse de dar explicações extras ao seu novo aluno que não fazia ideia de como eram as coisas na escola. E começou a contar-me:

— Bem, já reparaste que tem sempre de haver um grupo de pessoas absurdamente ricas e poderosas? Eles são os nossos absurdamente ricos e poderosos. O apelido deles

é conhecido por ser o de uma longa linhagem de políticos conhecidos.

— Como os Kennedys? — ergui uma sobrancelha, jocosa.

— Mais ou menos — assentiu, mais séria do que eu. — O pai deles, o Adrien Cash, é uma pessoa muito influente e com muita visibilidade social e um enorme poder político, o que faz deles a elite acima da elite normal.

— A elite perigosa — tomei a liberdade de acrescentar.

A Artie assentiu e acenou na direção dos dois irmãos. O das tatuagens passou a mão pelo cabelo, como se quisesse recuperar a postura, e aproximou-se da frente da banca, onde acabavam de chegar umas raparigas muito entusiasmadas. Surpreendentemente, ele apoiou os braços no balcão e soltou um sorriso para as receber. Tinha uma boca grande, irónica, com contornos maliciosos.

— Aquele é o Aegan, o mais velho, e está no terceiro ano de Ciências Políticas — disse-me a Artie. — É o presidente da maioria das associações, clubes, sociedades..., de tudo; literalmente de tudo.

Apontou depois dissimuladamente para o seguinte, que ainda estava no fundo da banca, com um ar ausente, distante e talvez um pouco mal-humorado.

— Aquele com ar de «nem me fales, se faz favor» é o Adrik — prosseguiu. — Está no segundo ano de Ciências Empresariais. Não é tão extrovertido como o Aegan, é mais… solitário? Não sei, mas com ele não se consegue ter uma conversa banal.

De forma inesperada, enquanto o Aegan falava com as raparigas, o Adrik sacou outro cigarro do bolso e aproximou-o da boca com uma lentidão preguiçosa. Nem sequer prestou atenção ao irmão. Olhou na direção oposta. E expeliu o fumo; as linhas pairavam em frente ao seu perfil, indiferentes, mas estilizadas.

— Por fim, há um terceiro: o Aleixandre — acrescentou a Artie. — É o mais novo e vai para o primeiro ano de Relações Internacionais, mas ao que parece não está por aqui. É o mais sociável. Tem um canal de YouTube onde faz videoblogues e coisas assim. Tem dois milhões de subscritores e gosta de se gabar disso.

Para concluir, a Artie disse num tom dramático:

— São conhecidos como os Perfeitos Mentirosos.

Tive vontade de rir, mas teria arruinado o tom dramático das apresentações. Três rapazes bonitos com uma alcunha idiota, hã? Era só o que faltava.

— Porque é que os chamam assim? — quis saber.

— Ah, porque são ótimos a fazer-te acreditar que gostam de ti, mas depois mandam-te à merda — respondeu abruptamente.

Esperei por mais detalhes, mas a Artie encolheu os ombros. Julguei detetar alguma irritação na maneira como olhou primeiro para o Adrik e depois para o Aegan, mas

não quis aprofundar. Acabara de a conhecer.

— Mas literalmente ou…? — disse, por fim, para que me explicasse um pouco melhor.

— Eles só andam com as miúdas durante noventa dias — disse, novamente com uma certa inquietação. — Nunca mais do que isso. É como… uma regra. Acaba o prazo e, pronto, é como se nunca tivessem sentido nada por elas.

Franzi a testa e olhei para ela como se acabasse de me dizer que tinha três mamas.

— Há alguém que aceite isso? — perguntei, olhando-a atentamente. Esperava que dissesse: «Claro que não, Jude, estava a brincar. Isso era no tempo em que tínhamos de ser tão parvas como os homens.»

Mas não foi essa a resposta que recebi.

— Nem imaginas… — suspirou a Artie, novamente com um encolher de ombros, sugerindo que isso era o mais normal ali. — Podes ouvir as raparigas a dizerem que nunca andariam com eles, mas assim que um deles se aproxima nenhuma recusa, porque namorar com um Cash é uma oportunidade que vai para além do romance. Dá-te estatuto, visibilidade. Imagino que percebas, certo?

Perceber? A sério? Claro que não, mas limitei-me a assentir com a cabeça, cautelosa com as minhas respostas. Depois, devagar e com a mesma expressão, voltei a olhar para os irmãos. O Adrik olhava agora para o Aegan, que não parava de falar com as raparigas enquanto lhes mostrava uma folha. Elas estavam encantadas com a sua, ao que parecia, efusiva e apaixonada explicação.

Tive vontade de agarrar numa pedra e atirá-la contra o Aegan, como um pequeno sinal de protesto contra os seus hábitos, mas isso teria consequências. Negativas. E não podia arruinar a minha entrada em Tagus. Não teria essa oportunidade duas vezes.

— Não me parecem nada de especial — comentei. — São atraentes, mas rapazes giros há em todo o lado.

O sorriso da Artie tornou-se um pouco amargo.

— Rapazes giros, sim, mas que além disso tenham o célebre apelido Cash, não — lançou-me um olhar curioso, semicerrado. — E são especiais, sim. O Aleixandre está no *top* de *influencers*, o Adrik representa imensas organizações de ajuda humanitária e animal e o Aegan segue as pisadas políticas do pai. Não há ninguém como eles.

— Mas isso é tão estúpido — disse, numa mistura de autoilusão com a tentativa de perceber. — É preciso uma pessoa ser muito parva para meter o futuro à frente da dignidade.

A Artie não disse nada por um instante. Depois, pareceu querer ignorar o Aegan e

olhou para mim com um entusiasmo renovado.

— Sim. Bem, cada um sabe de si, não é? — não lhe deu importância. — Não deves pensar nisso. É um assunto dos Cash e muitos defendem-nos.

Ou seja, só me restava ficar calada porque eles tinham o seu clube de fãs.

Estava prestes a responder, mas de repente ela sorriu, mais animada. Foi impressionante como a atmosfera daquele momento mudou tão completamente.

— Passemos a um assunto mais interessante, esta noite começam os eventos — disse-me entusiasmada. — O primeiro são os jogos, indispensáveis antes de começarem as aulas. Vais, certo?

— O que é que se faz nesses jogos? Metem as raparigas a lutar na lama e apostam na vencedora? — respondi com sarcasmo.

A Artie soltou uma risada sonora.

— Não, fazem-se jogos de azar, de bebida, conhecem-se os novos alunos… Talvez te convidem para algum clube… — Olhou para mim, com ansiedade. — Também te vou poder apresentar a alguns amigos que não olham para as raparigas como gado, e que por isso não são tão populares. Podes juntar-te ao nosso grupo.

Não sabia como eram as festas de rapazes e raparigas de Tagus, mas precisava de saber mais sobre o mundo onde acabara de entrar, e a única forma de o fazer era misturando-me. Afinal, não viera para Tagus para ser uma antissocial sentada no refeitório com a cara enfiada no tabuleiro, a tentar ser o mais invisível possível. Não. Eu tinha outros planos.

Lancei um novo olhar rápido na direção do Adrik. Já não estava lá. Em algum momento escapara-se. O cigarro, consumido, sujava agora a relva ao lado da banca. Um óbvio gesto de rebeldia, hã? O Aegan ainda lá estava, à conversa com as raparigas, e elas continuavam encantadas. Os seus olhos estavam fixos nele, como se tivessem diante de si algo fascinante e inspirador.

Era, portanto, aquele o líder de Tagus. O mundo da elite girava à sua volta. Era a estatueta sem ar de santo diante da qual todos se ajoelhavam. Era aquele o tipo que podia destruir vidas, ou alterá-las num segundo. O espécime catalogado como: idiota com poder.

«É um prazer conhecer-te, Aegan Cash. Sou a Jude, a pedra que é capaz de se enfiar "acidentalmente" no teu sapato.»

2

Oh, Senhor Cash Todo-Poderoso!

Os jogos eram uma tradição sagrada para os alunos de Tagus.

Decorriam nuns terrenos desocupados, logo a seguir à linha onde acabavam os terrenos pertencentes à universidade, estão a ver? Para não se violar nenhuma regra de conduta. Era como um casino ao ar livre. Tudo estava repleto de mesas. As árvores estavam decoradas com luzes de Natal e a música vinha de uma mesa de DJ. Estava lá muita gente. Alguns andavam de um lado para o outro, a segurarem em copos, garrafas e cigarros. Outros estavam sentados, a jogar jogos de azar.

Para onde quer que olhasse, via sorrisos pedantes, olhos astutos e posturas confiantes. Não havia ninguém mal vestido ou que parecesse estar a sofrer crises existenciais. Ou a sofrer pelo que quer que fosse. Apenas rapazes e raparigas antinaturais, sem espinhas, sem problemas, sem preocupações, sem defeitos físicos, como se tivessem sido engendrados por deuses e anjos excitados.

Ainda não o sabia, mas de anjos não tinham nada. Nadinha.

A Artie e eu fomos diretas a uma mesa onde um rapaz e uma rapariga estavam à conversa e a beber um copo. Disse-me que tinha de fazer a minha melhor cara para socializar.

— Esta é a malta com quem costumo andar — apresentou-os a Artie, já em frente a eles.

A rapariga foi a primeira a estender-me a mão.

— Kiana — apresentou-se com um aperto de mão firme, mas amigável e acrescentou: — Adoro a tua *T-shirt*.

A minha *T-shirt* dizia: O QUE SAI DA TUA BOCA É O QUE TU ÉS. Sempre agressivamente na moda, sem nunca seguir agressivamente as modas. Além disso, adorava *T-shirts* que deixassem os outros incómodos.

Mas o estilo da Kiana não se ficava nada atrás. Tinha tranças viquingue, a pele tinha um tom perfeito de caramelo e parecia a combinação ideal entre uma pessoa artística e uma rapariga rica: calças de ganga gastas, mas fabulosas, uma camisola de

malha que ia até abaixo das ancas e botas com atacadores.

No meu ficheiro mental ficou: «Esta rapariga poderia vender charros e ao mesmo tempo liderar um exército contra um país.»

A mão seguinte foi-me estendida pelo rapaz. Estava ligeiramente bronzeado e, mesmo assim, viam-se muitas sardas espalhadas pelo seu nariz, mas não tinha um ar nada simples nem fácil. Se tivesse de o descrever em duas palavras, teria dito: «Fabulosamente exagerado.» Trazia um casaco azul-metalizado e um laço com lantejoulas douradas. Tinha umas calças de ganga casuais, mas a maneira como tudo se conjugava tinha um efeito apelativo, tal como os seus olhos verdes. O seu cabelo cor de mel reluzia ligeiramente, e o toque final era a covinha no queixo, subtil mas interessante.

— Dashton — apresentou-se, com uma voz muito carismática. — Mas a minha família trata-me por Dash, porque soa menos *gay*.

— E queres que te trate como? — perguntei.

— Dashton — respondeu com uma piscadela de olho.

Não consegui evitar um sorriso.

Eram simpáticos, não estava a correr assim tão mal.

A Kiana começou a encher um copo do barril ao lado da mesa.

— Bem, Artie, tiveste sorte este ano com a tua colega de quarto — comentou, enquanto esperava que o líquido chegasse à borda do seu copo. — A mim calhou-me uma rapariga muito estranha que parece ter medo de que a sua língua inche se falar. Convidei-a para vir e ela ficou a olhar para mim, entrou na casa de banho e começou a puxar o autoclismo várias vezes. *Creepy*.

Virou-se de novo e ofereceu-me o copo que acabara de encher. Rejeitei com a cabeça, mas com cortesia.

— É cerveja alemã — explicou o Dash, claramente ofendido ao ver o meu gesto.

— Não me dou bem com cerveja — disse.

Não era minimamente verdade. Adorava cerveja. Não aceitar uma era como cometer um pecado, mas era o meu primeiro dia, não os conhecia bem e, mais importante, o pior inimigo de uma pessoa com segredos é o álcool.

— Não está minada, se é isso que te preocupa — garantiu e, para o provar, deu um grande gole do copo. A maçã de Adão desceu até ter passado tudo, rematando depois com um arroto e um largo sorriso. — Vês? Tão sã quanto todos nós aqui.

Perguntei-me se um copito seria catastrófico. Podia fingir que estava a beber, certo?

— Deixa-a em paz. A Jude é diferente — disse a Artie, que veio em minha defesa,

já com o seu copo cheio. — Para começar, não sabia quem eram os Cash.

A Kiana e o Dash fizeram aquele ar de «impossível». Eu tive de confirmar. Aí, ele suspirou como se fosse demasiado absurdo.

— Estás a mentir — disse, muito confiante. — Não saber quem são os Cash é como não saber quem são as Kardashian ou assim. Já ouviste o nome deles alguma vez, de certeza.

A Kiana suspirou, com enfado.

— Se vamos começar a falar do trio do demónio, avisem-me, para beber mais rápido.

O Dash levou uma mão à boca, como se fosse dizer um segredo.

— A Kiana não gosta deste assunto — sussurrou-me.

— Não gosto quando se fala bem deles — corrigiu ela, revirando os olhos.

Interessante: a Kiana não gostava deles.

— A Artie disse que toda a gente adora os irmãos — mencionei, tentando reunir informações.

A Kiana encolheu os ombros.

— É, alguns seguem-nos fielmente.

— Como é que dizia aquele artigo que escreveram sobre eles o ano passado? — disse o Dash com ar trocista.

A Kiana enunciou com dramatismo, desenhando um cabeçalho no ar com ambas as mãos:

— Que o Aegan é o futuro político, o Aleixandre o futuro social e o Adrik o futuro humanitário.

O Dash sorriu. Por alguma razão, a Artie não. Limitou-se a beber um gole e a olhar noutra direção. Ter reparado de novo nesse gesto inquieto levou-me a ignorar o que fez o Dash ao comentar:

— Eu só acredito que sejam o futuro das mentiras.

A Kiana deu-lhe uma cotovelada rápida que me impediu de perguntar a que se referia ele.

— Já chega de falar desses anormais, não? — disse a Kiana com impaciência. De seguida, desviou a sua atenção para mim: — Jude, está na hora de dares um bom gole de cerveja, e não podes recusar, porque é o que diz a lei estudantil que todos temos de seguir para passar a iniciação que acabei de inventar. Vamos.

A pressão do seu olhar e o silêncio insistente levou-me a aceitar.

E esse foi o primeiro erro.

Não.

Talvez tenha sido o GRANDE erro.

— À iniciação — repeti, assim que decidimos brindar os quatro.

Foi a iniciação, sim, mas de mais uma rodada.

Assim que provei a cerveja, as minhas papilas gustativas gritaram como Minions: «Está ótima!» e exigiram mais, e bem, eu tinha de lhes dar o que queriam, o que fez com que uma hora depois já tivesse bebido três copos. Pareciam poucos, mas bastaram para me fazer sentir a deliciosa tontura produzida pelo álcool. Se não fiquei muito bêbeda foi porque bebi e fui esvaziar a bexiga mais de três vezes... cofcofatrásdeumaárvorecofcof.

Quando parei para pensar que não devia continuar a beber, tive de admitir que me estava a divertir. Não deixara escapar nada revelador, e a Kiana, o Dash e a Artie eram mais simpáticos do que esperava. Percebiam o meu sarcasmo e não se gabavam de nada do que tinham. E não falavam dos Cash. Estavam ligeiramente bêbedos, como eu, portanto, ríamo-nos às gargalhas, sem sequer sabermos porquê!

Perguntei-me se me poderia dar bem com eles tal como qualquer rapariga normal faria.

Mas não sei porque quis achar que eu era normal.

Assobios de incentivo repentinamente interromperam a nossa risada sem sentido. Passara uma hora. Assim que olhámos, por curiosidade, vimos algumas mesas adiante que o Aegan e o Adrik tinham chegado. Estavam prestes a sentar-se ao pé de um par de rapazes. Dessa vez não reparei neles, mas antes num dos outros dois. Um que estava de pé ao lado da cadeira onde o Aegan se iria sentar e que parecia não ter nenhuma intenção de entrar no que seria o jogo.

Era o terceiro irmão, o Aleixandre. Não me perguntem como soube, mas soube. Tinha pinta de ser o mais novo: um pouco mais magro, com o mesmo ar imponente e chamativo dos irmãos, mas com o cabelo perfeitamente penteado para trás e uma aparência cintilante e divertida. As suas roupas acentuavam uma diferença de estilo em relação aos outros: uma *T-shirt* azul-turquesa com aquilo a que eu chamava de calças de príncipe, ou seja, calças cáqui (porque já viram algum membro da realeza ou algum príncipe dos filmes da Disney sem calças cáqui?). Ah, e os sapatos mais perfeitos que já vi.

Nem terremoto nem calma. Ele parecia ser o último nível: a salvação.

Como já vira os três, podia distingui-los da seguinte maneira:

Aegan: efusividade.

Adrik: indiferença.

Aleixandre: diversão.

— O que se passa? — perguntei, curiosa.

— Vão jogar póquer, de certeza — respondeu o Dash, enquanto olhava para a mesa. — O Aegan é estupidamente bom. Quando joga, não dá hipótese a ninguém.

— Mas tinha deixado de jogar — acrescentou a Artie, um pouco confusa. — Porque ninguém queria jogar numa mesa em que ele estivesse.

— Mas não sabes que o Aegan não consegue passar mais de uma semana sem ganhar a alguém em alguma coisa? — respondeu a Kiana. — Fica com urticária.

Ao todo, sete rapazes sentaram-se à mesa, incluindo o Adrik e o Aegan. Um sacou de um baralho de cartas, e começaram a distribuí-las como autênticos profissionais. Entretanto, reparei que o Aleixandre se inclinara para que o Aegan lhe pudesse dizer qualquer coisa ao ouvido. Depois disso, o Aleixandre assentiu e, inesperadamente, afastou-se dali numa direção qualquer.

Hum… esquisito.

— Vamos aproximar-nos para ver — propus imediatamente, e como todos ficaram a olhar para mim, acrescentei. — Pode-se?

— Bem, às vezes alguém perde todo o seu dinheiro e dá para ouvir quando telefonam ao papá. — O Dash encolheu os ombros. — É divertido.

Elas trocaram olhares e aceitaram. Por um momento, a Artie hesitou, mas acabou por aceitar. No entanto, não fomos as únicas a ter essa ideia. Muitas outras pessoas acabaram por se amontoar à volta da mesa e o jogo tornou-se num espetáculo público.

A luz naquele setor do enorme terreno não era muito boa, mas aproveitei estar tão perto deles para saciar a minha curiosidade acerca dos Cash. Notei rapidamente noutras diferenças:

O nariz do Adrik era direito. O nariz do Aegan tinha uma ligeiríssima curva.

O olhar do Adrik era cauteloso, frio, difícil de decifrar. O olhar do Aegan era cintilante, astuto, trocista.

O Adrik parecia estudar os movimentos dos outros. O Aegan parecia demasiado confiante na sua vitória.

Adrik = enigma.

Aegan = desafio.

Bem, o meu cérebro alcoolizado não era capaz de descrições inteligentes, então acabei por me concentrar no jogo. Assisti em silêncio, enquanto ia bebendo do meu copo. Os participantes e os espectadores observavam as caras e olhavam de seguida para o Aegan. Não prestavam atenção a mais ninguém, porque esse era realmente o entretenimento: ver o Aegan derrotar todos os outros, o que ao mesmo tempo fazia

do jogo uma piada sem sentido. Não havia apostas arriscadas, porque todos podiam perder o que quisessem. Também não havia tensão, porque se sabia que o Aegan ia ganhar.

Ele também tinha a certeza disso. A sua cara era o espelho disso. Os seus olhos semicerrados sorriam de modo trocista e brilhava neles uma presunção insuportável, a irritante certeza do sucesso.

O Adrik e ele fizeram uma aposta moderada que os outros puderam igualar e depois houve um pouco de ação. Mãos. Apostas maiores. Notas. Gestos subtis, mas significativos. Silêncio. Um ou outro sussurro.

Até que chegou o momento do confronto final.

Última mão. Última ronda. Última aposta.

E parecia que tudo ia acabar normalmente…

Até que um dos jogadores vomitou.

Inesperadamente, o rapaz inclinou-se para um lado no momento em que tinha de fazer a sua aposta e deitou para fora tudo o que bebera. Por nervosismo? Porque atingira o seu limite? Não faço ideia, mas os que estavam atrás dele recuaram com um grito de nojo.

Ele recompôs-se, ainda com os lábios húmidos dos fluidos nojentos. Mostrou estar consciente do que fizera, olhou para ambos os lados, como se temesse ser repreendido por alguém, e desmaiou mesmo em cima da sua repugnante poça de vómito.

Toda a gente ficou em silêncio.

Os olhares alternavam entre o vómito e o corpo desmaiado.

E então explodiram gargalhadas, assobios, troças e tilintar de copos e garrafas.

— O David está fora! — gritou o Aegan, entre risos, muito divertido e relaxado na sua cadeira. Tinha uma voz enérgica, confiante, dessas que nunca vacilam, perfeitamente adequada à imagem de segurança que transmitia. — Alguém quer ocupar o lugar dele ou ficamos só nós os três?

Atirou a pergunta para o ar, para todos os que estavam a assistir ao jogo. O Aegan esperou com um odiável, mas triunfal sorriso no rosto. Os espectadores fizeram a si mesmos a grande pergunta: «Quem se atreveria a tomar o lugar do rapaz-vómito?» Era uma boa oportunidade, porque a mesa estava cheia de grandes notas verdes que substituíam as fichas. A última aposta chegava aos mil dólares e os três jogadores anteriores tinham decidido passar.

Mas também era um enorme risco, porque agora já só sobravam o Aegan, o Adrik e outro rapaz, demasiado nervoso até para falar e que não parava de suar.

Todos olhavam uns para os outros.

Esperavam por um valentão.

E a valentona fui eu.

Porquê?

Bem, posso culpar o álcool? Por enquanto, digamos que eu tive a sensação ridícula e irreal de que era poderosa, desafiadora, capaz de fazer qualquer coisa, até mesmo de esquecer as minhas prioridades, até mesmo de anular a minha própria inteligência e os meus planos. Uma sensação perigosa que, claro, gerou uma estupidez da minha parte:

— Eu — lancei-me como voluntária, ao melhor estilo da Katniss Everdeen.

Todos voltaram a cabeça para me ouvir. Até mesmo a Artie, que olhou para mim com uma dramática e evidente expressão de surpresa estampada na cara, que fazia sobressair os seus grandes olhos pintados de preto. Arrependi-me por um segundo. Por um instante, pensei comigo mesma que era uma ideia péssima e estúpida, mas ouvi risos vindos de algum lugar, como se alguém duvidasse de que eu estivesse a falar a sério, o que me encorajou a não voltar atrás.

Ainda que, na verdade, já não houvesse como voltar atrás.

Todos abriram caminho à minha frente para que me sentasse à mesa. Por isso, avancei, passei por cima do inconsciente chamado David e sentei-me na cadeira, que felizmente não apanhara com vómito.

Houve um silêncio pesado enquanto me acomodava, um silêncio de perplexidade, dúvida e intriga. Senti o peso daqueles olhares sobre mim. Da Kiana, da Artie e do Dash, perplexos, e do Aegan e do Adrik, que me observavam com muita curiosidade. Até conseguia imaginar claramente o que estavam a pensar: «Quem é ela? Como se atreve? Está louca?»

Talvez estivesse louca, sim.

Ainda assim, mantive-me firme no meu lugar.

O Aegan olhou para a minha *T-shirt* por um segundo como se fosse demasiado reles.

— Tens mil dólares? — perguntou-me, descontraído mas divertido. Tinha o canto direito do olho meio levantado, presunçosamente, como se depois daquele olhar rápido soubesse que eu era inferior.

— Não — admiti.

Ouviram-se cochichos.

— Então como é que estás a pensar pagar a aposta? — perguntou, franzindo a testa.

Bem, eu não sabia, mas mantive a boca fechada, porque às vezes o silêncio pode ser

uma estratégia.

O Aegan soltou uma risada tranquila diante da falta de resposta.

— Vou facilitar-te a vida, porque já mostraste que és corajosa ao sentares-te aqui — disse, como se fosse um ato de caridade. — Podes apostar um favor, e todos sabem como não gosto de fazer isso. Se ganhares, fico a dever-te uma, o que não é coisa pouca. Se perderes, por outro lado…

Dirigiu-me um sorriso irritante, que gritava a certeza que tinha de que tudo correria como desejava. Queria ser capaz de apagá-lo do seu rosto, e possivelmente poderia, já que em parte arriscara por ter um ás escondido na manga, e ele não fazia ideia disso... não fazia ideia...

— Está bem — aceitei, fingindo que não me preocupava minimamente com o risco. — Aposto o favor.

Oh, ia lixar o Aegan como nunca o tinham lixado, porque o Trump havia de dançar de tanga com o Obama antes de eu fazer o que quer que ele quisesse.

— Nova mão — ordenou o Aegan.

Fez-se à sua maneira, ainda que fosse a ronda final e em qualquer outro jogo sério não seriam aceites mudanças ou apostas tolas.

Quando me passaram as cartas, senti as minhas mãos a suar. Sim, estava nervosa e era ridículo. Já jogara muitíssimas vezes antes. A minha mãe ensinara-me. Eu ganhara os maiores jogos do secundário, mas a questão era que não estava no secundário. Lá estava eu diante daquele idiota autoproclamado Deus Supremo da elite de Tagus, e o medo de não ganhar, como tivera a certeza de que o faria há poucos segundos, começou a aumentar, porque se perdesse ele ia ridicularizar-me.

Não podia dar-lhe esse gosto. Caíam-me os parentes na lama se perdesse.

O Adrik, o Aegan, o outro rapaz e eu olhámos para as nossas cartas. Dei-lhes uma espreitadela rápida e escondi-as. Não tive qualquer reação. Mantive-me séria, impossível de ler.

— Vá… — murmurou o Aegan, enquanto estudava as cartas.

Pelo brilho vitorioso nos seus olhos, assumi que tinha uma boa mão. Confirmei isso um momento depois, quando fez o que temia: inclinou-se para a frente e dobrou a aposta. Agora tínhamos de igualar o que apostara. Quanto era? Dois mil?

O silêncio das pessoas à nossa volta tornou-se denso, observador.

— Vou a jogo — disse o Adrik sem duvidar, dobrando também a sua aposta.

O outro rapaz olhou para ambos os lados, nervoso. Não lhe restava nada. Nada. Tinha a carteira na borda da mesa, onde brilhavam apenas alguns cartões dourados, que não podia apostar, claro. Pensei que ia desistir, mas foi então que suspirou, com

resignação, e começou a tirar o relógio prateado que trazia no pulso direito.

— Vou a jogo — disse, e apostou o relógio.

A atenção recaiu sobre mim. Pelo canto do olho, vi que o Adrik estava a olhar para mim, ainda que não conseguisse decifrar nada nele. O Aegan, por outro lado, transbordava confiança. Lançou-me um olhar pesado, analítico. Os seus olhos brilhavam com uma emoção potente, agressiva, divertida. Aquilo estava a tornar-se um autêntico espetáculo para ele, pelos vistos.

Bem, ajeitei-me na cadeira e esbocei um sorriso trocista.

— O que posso apostar mais? — perguntei.

Sabia que soava tonta, mas era essa a ideia.

— Surpreende-me. — O Aegan encolheu os ombros.

Os rapazes à minha volta riram-se baixinho.

Fingi que estava a pensar.

— Que tal… uma surpresa? — fingi também que aquilo me ocorrera de repente. — Uma grande surpresa.

— Não é assim que se joga — disse, em tom de gozo, e esclareceu cuidadosamente. — Tem de ser alguma coisa valiosa.

— E é — assegurei, com entusiasmo. — Juro que vale os sete mil dólares.

Fiz questão de soar o mais convidativa e misteriosa possível. Parece mentira, mas o Aegan ficou a ponderar. Apostar uma surpresa não era permitido num jogo legal, só que era óbvio que aquele Cash era ambicioso e não gostava do banal. Além disso, era ele quem mandava. Se lhe apetecesse, podia apostar-se ratazanas mortas.

— Bem, entras com a surpresa — disse. — Só aceito porque está a ser divertido.

Assim chegámos ao duelo final. Era tempo de mostrar as cartas.

Os nervos e a ansiedade eram quase palpáveis. Quem tivesse a melhor mão ganhava tudo o que havia na mesa, e, senão fosse eu, ia precisar de ser engenhosa. Sabia lá o que ele me queria pedir que fizesse.

Primeiro, foi a vez do rapaz. Mostrou a mão. Tinha um trio. Três cartas iguais. Teria ganho com isso se estivesse a jogar com principiantes estúpidos.

Depois, foi a vez do Adrik. Tinha um *full-house*. Três cartas iguais e um outro par de cartas iguais. Era uma boa mão, superava o trio do rapaz, mas superaria a do Aegan?

Cocei o tecido das calças por debaixo da mesa, inquieta.

Chegou a vez dele. Durante um momento, não parou de olhar para mim com aquele sorriso presunçoso. Até conseguia imaginar o que queria dizer: «Desculpa, querida, hoje vais ter de te despir todinha.» Estava preocupada e irritada só de pensar

nisso; a sério.

Lentamente, o Aegan pousou as cartas na mesa e anunciou o que tinha na mão:

— Póquer.

Quatro cartas iguais. Quanto mais altas fossem essas cartas, melhor era a mão. O Aegan tinha números altos. Números intimidantes. Era, sem dúvida, uma mão vencedora, por isso aqueles que pareciam ser os seus amigos começaram a cantar vitória, enquanto os restantes começaram a festejar, como se também tivessem ganho uma aposta.

E foi aí que mostrei as minhas cartas.

E, como por magia, fez-se o mais espantoso silêncio.

Silêncio absoluto.

Um silêncio de te cagares.

A minha voz foi a única que se ouviu:

— *Royal Flush*.

Uma mão invencível. Um ás, um rei, uma rainha, um valete e um dez. Tudo pelo cu do Aegan Cash acima e sem lubrificante.

Foi um momento histórico. Anos mais tarde, se tivesses estudado em Tagus e te lembrasses do estatuto dos Cash, reconhecerias que foi épico: alguém ganhara ao Aegan, e esse alguém fora uma miúda que nunca estivera com ele e que sentia por ele apenas desprezo e vontade de o humilhar.

Os olhos semicerrados do Aegan pousaram sobre as cartas e depois sobre mim. Suportei aquele olhar, enquanto continha uma explosão de emoção, e foi então que aquele sorriso, aquele sorriso insuportável de triunfo com que me recebera na mesa, finalmente se desvaneceu.

Puff.

Nada.

O que foi, Aegan? De repente, já não és o único vencedor?

Todos o observavam, boquiabertos, como se tivesse havido uma avaria no sistema e não soubessem agora o que fazer. O líder fora derrotado e isso não poderia deixar de o afetar. Imaginei que ficasse histérico, prestes a gritar comigo, mas a sua reação foi a que se esperaria de alguém com a sua posição e personalidade. O seu rosto ensombrou-se imediatamente e os seus olhos reluziram como se tentasse conter uma raiva colérica.

— Surpresa, Aegan! — sussurrei-lhe então, com um grande sorriso nos lábios. — Vês? Vale mais de sete mil dólares ver a tua imbecil cara de perdedor.

Não disse mais nada e levantei-me da mesa.

Fim do jogo.

Atravessei a multidão que olhava estupefacta para mim, a sussurrar ou a examinar-me da cabeça aos sapatos. Senti-me satisfeita porque nem sequer planeara aquilo e, mesmo assim, aquela última tirada saíra-me de forma espontânea e natural, como a frase dos heróis nos filmes depois de darem o golpe de misericórdia nos vilões.

Apesar de estar mais ou menos longe, a Artie apareceu de repente e agarrou-me pelo braço. Só então senti uma necessidade repentina e nervosa de me agarrar a ela imediatamente. Um calafrio arrepiou-me a pele e fez-me aperceber do frio desconfortável daquela noite.

— Jude, lembras-te de quando me perguntaste esta manhã qual era a pior coisa que te podia acontecer aqui? — murmurou-me. A sua voz parecia meio assustada.

— Sim…

— Era isto — sussurrou num tom sério. — Acabaste de assinar a tua sentença de morte aqui em Tagus.

Vou adiar as explicações.

Só direi que tinha os meus objetivos muito claros.

Porque, a partir daquele momento, daquele erro, daquele jogo, começaram todas as confusões.

Portanto, aviso-te: nesta história, vou fazer muita merda. Vai-te habituando.

3

Tudo o que pisas é território inimigo

O meu primeiro dia oficial de aulas e...

Estava de ressaca.

Tinha olheiras parecidas com as da noiva cadáver.

Tinha cada vez mais a impressão de que o Aegan Cash me faria pagar caro pela piadinha.

A Artie avisara-me de que poderia ter um mau começo só por o ter insultado. Na vida normal, é mau insultar pessoas, seja qual for o seu estatuto social. Na vida de Tagus, só é condenável insultar os eleitos. E o Aegan era o eleito número um. Havia um grande grupo de pessoas que o seguiam com fidelidade política, que respeitavam a história do nome Cash, que admiravam essa linhagem, que estariam dispostas a virar-me as costas se acreditassem que eu poderia desafiar o *statu quo*.

Era assustador pensar nisso, mas decidi que, se a rejeição e a exclusão viessem, enfrentá-las-ia com o meu metro e sessenta de altura e de cabeça erguida, porque claro que fora uma estupidez insultar o Aegan na noite anterior, mas eu não o admitiria.

É óbvio que não estava à espera do que acabou por acontecer.

Atravessei os portões do monstro arquitetónico que era o edifício da Faculdade de Ciências e Artes Liberais. Pelos corredores, alguns grupos olharam para mim como se fosse o único ser humano que evoluíra do *Homo sapiens* para uma espécie nova e tóxica. Outros, ao passarem ao meu lado, assentiram com a cabeça, como se dissessem: «É assim mesmo, miúda.» Na primeira aula houve silêncios condenatórios e constrangedores, mas, na aula seguinte, um grupo de raparigas sorriu com ar aprovador na minha direção.

O que significava aquilo? Fizera bem ou mal? Não tinha a certeza, mas senti uma certa satisfação porque, não te vou mentir, passar despercebida pelos corredores de cabeça baixa, a morder o lábio e a apertar os livros contra o peito, definitivamente não era para mim. Pelo contrário, ser notada por ter feito o que ninguém tivera a

coragem de fazer antes de mim? Obrigada, obrigada, aceito com todo o gosto.

Ainda que… talvez não devesse cantar vitória tão cedo.

Sim, haveria consequências para os meus atos, e percebi isso na última aula, quando fui para a cadeira extra de opção livre: Literatura. As outras alternativas eram Pintura, Audiovisual, Música ou Artes Manuais, e não era nada boa em artes plásticas se não fosse para fazer figuras estúpidas ou obscenas com plasticina.

A sala era, devo dizer, impressionante, como todas as outras que visitara naquele dia. O quadro era um retângulo transparente onde se escrevia com marcadores de acrílico. As mesas eram de um branco reluzente, cada uma com dois lugares. Sentei-me na que ficava mais perto da grande janela de cristais azulados, de onde se avistavam os vastos jardins verdes de Tagus, e esperei.

A aula encheu-se rapidamente com uns vinte alunos. Uma mulher alta e magra, com um longo pescoço que me fazia lembrar um cisne parou em frente ao quadro. Tinha um ar boémio e interessante, como o de uma escritora sem grande sucesso, mas com muito talento. Disse que era a professora Lauris e deu as boas-vindas à cadeira de Literatura aos alunos do primeiro e do segundo ano.

— Vamos formar pares de leitura — começou a explicar. — Ao longo do semestre, vamos debater e tentar compreender novas perspetivas. Porque são as coisas azuis para uns e amarelas para outros? Vamos tentar perceber isso assim que escolham uma pessoa e troquem de mesa, se necessário.

Virei a cabeça para escolher alguém ou para ser escolhida, preparada para minha primeira interação social bem-sucedida, mas só vi a cadeira vazia ao meu lado porque, por estar tão distraída e confiante, não reparara num pormenorzinho: a aula estava cheia, mas ninguém se sentara ao meu lado. A minha mesa era a única só com uma pessoa.

À minha volta, os alunos andavam de um lado para o outro para se juntarem aos seus parceiros. Esperei por alguém, tentei falar com alguém, mas todos me ignoraram e evitaram o meu olhar. Agiram como se na minha cadeira não estivesse pessoa nenhuma, apenas ar.

A mensagem era muito clara: ninguém quer ser o teu par.

Fizeram-se os pares e para mim não sobrou sequer uma mosca. Se isso me chocou? Claro, mas fingi que não.

— Derry — disse-me a professora Lauris por cima das vozes dos alunos, ao aperceber-se da situação —, vais partilhar as tuas opiniões comigo.

Ótimo. Ainda por cima, o meu par ia ser a professora, como se fosse uma miúda da primária rejeitada, o que nunca me acontecera.

Alguém mandou uma piada baixinho, mas não percebi quem. Decidi não deixar que isso me afetasse. Éramos adultos, certo? Encarei a situação como uma adulta.

— Bem — continuou a professora, de novo em frente ao quadro, já com a turma mais calma e em silêncio —, vou apontar alguns…

Deteve-se de repente porque alguém bateu à porta da sala.

Todos olhámos para a entrada. Já quinze minutos depois de a aula ter começado, o Adrik Cash estava parado sob a ombreira da porta. Agarrava a mochila com uma mão e tinha um ar sonolento, com o cabelo demasiado desgrenhado. Não tinha cara de quem quisesse estar ali. Na verdade, parecia ter acabado de se levantar para ir à aula apenas para não ter falta.

Em qualquer outro caso, seria óbvio o que aconteceria agora: uma reprimenda da professora e a proibição de entrar. Mas não era assim que as coisas funcionavam com os Cash. Nunca nada era igual para eles. Naquela altura, eu ainda não sabia isso de todo. Fui descobrindo a pouco e pouco. Era como se o mundo se obrigasse a funcionar de forma diferente para acomodar o que fosse melhor para os três irmãos. Estavam isentos de qualquer castigo. Tinham portas abertas onde para os outros só havia muros. Eram superiores graças ao seu sangue e à sua história.

Assim, a professora sorriu-lhe amigavelmente, sem censuras. Até me pareceu que se alegrava por o ver ali.

— Cash, entre — disse-lhe, apontando para o interior da sala. — Já tinha estranhado que não estivesse cá. Lamento que tenha faltado à escolha dos pares; vai trabalhar com a Derry, que foi a única a ficar sozinha.

O silêncio foi sepulcral.

— É mesmo preciso? — perguntou ele, passado um momento.

— Sim, desta vez não o vou deixar trabalhar sozinho. — A professora não deu hipótese de réplica. — O trabalho em grupo é importante.

Pensei que ia dizer mais alguma coisa, mas o Adrik dirigiu-se à mesa sem dizer nada, mas quase a arrastar a mochila. Mantive-me quieta, sem deixar transparecer nada que pudesse dar que falar.

Chegou ao lugar vazio e sentou-se ao meu lado. Deixou cair a mochila, colocou os antebraços sobre a mesa e olhou em frente. Uma brisa suave com cheiro a loção para a barba atingiu-me o rosto e ameaçou causar-me uma alergia. Nota irrelevante: quase tudo me fazia espirrar e ficava irritada de tanto espirrar.

A aula prosseguiu.

— Apontem os nomes dos autores que vamos estudar este semestre — disse a professora, de costas para nós. — Entretanto, peguem numa folha e perguntem ao

vosso companheiro os seus gostos literários.

Abri o meu caderno e tirei uma folha. Peguei numa caneta, fiz duas colunas com os nossos nomes e fiquei em silêncio por um momento. A verdade é que não queria perguntar nada ao Adrik. Outro dos meus grandes defeitos: era orgulhosa, mas isso de certeza que já percebeste, eh eh.

Também não foi preciso.

— *O Retrato de Dorian Gray* — disse de repente, sem olhar para mim.

Fiquei parva. Também gostava muito desse livro. Não tinha lido todos os livros do mundo, claro, mas durante um longo período em que não tive grande vontade de socializar com ninguém, ler tinha-se convertido num dos meus refúgios, e esse tipo de histórias que refletiam os erros e a podridão humana eram as minhas favoritas.

Anotei o título numa das colunas. Depois, bati na folha com a ponta da caneta, pensativa.

— E gostas desse porquê? — não consegui evitar perguntar.

O Adrik demorou o seu tempo. Cheguei a pensar que ia ignorar-me como o resto dos alunos, mas um momento depois encolheu os ombros.

— Mostra-te que podes ser quase perfeito por fora e estares completamente podre por dentro — respondeu, sem mais. Percebi que tinha uma voz suave e ponderada. Comparada com a potente e enérgica voz do seu odiável irmão, a sua era intrigante e, por azar, era prazeroso ouvi-la.

Quanto ao livro, outra surpresa para mim, eu era da mesma opinião.

As palavras saíram sozinhas da minha boca:

— E que o poder corrompe a alma.

— Que o poder é, na verdade, uma fraqueza — assentiu ele.

Então, girou a cabeça e observou-me. Tinha olhos de um cinzento-escuro, turvo, lúgubre. Umas ténues olheiras davam-lhe um ar cansado. A comparação com o seu irmão tornou-se inevitável: se o olhar do Aegan era desafiador e cheio de altivez, o do Adrik era penetrante, um pouco misterioso, difícil de suportar, mas interessante…

Era um Cash.

Não me podia esquecer de que era um Cash. E com os Cash é preciso ter cuidado. Sempre.

— Bem — aclarei a garganta e olhei para a lista. — Outro?

— Estive a ler o *Diálogo Entre Um Padre e Um Moribundo*. É um relato curto, mas seria interessante ver o que acham.

— Lês o Marquês de Sade? — perguntei-lhe, carrancuda.

Encolheu os ombros com indiferença e recostou-se na cadeira, muito relaxado.

Distraída e aborrecidamente, começou a raspar a unha do indicador na mesa.

— E se ler?

— É repugnante — afirmei.

— Exato.

— Devia ter calculado… — murmurei, abanando a cabeça enquanto escrevia o título.

O Adrik soltou um sorriso apático que soou mais como um suspiro. Revirei os olhos. Ele, o irmão dele e tudo o que representavam estava a começar a dar-me a volta ao estômago de uma forma desagradável, mas precisava de me acalmar. Não podia estar na defensiva de maneira tão evidente. Tinha acabado de chegar, era de se supor que não tivesse razão nenhuma para os detestar tanto, certo? Portanto, tinha de me comportar.

— Diz-me só mais um livro — pedi secamente.

— *Expiação*, do Ian McEwan.

— Um que já tenhas lido — corrigi.

— Porque achas que não li esse livro? — inquiriu em resposta.

— Bem, porque não — respondi simplesmente.

O canto direito da sua boca elevou-se ligeiramente, no que dava a impressão de ser um sorrisinho, embora eu não conseguisse identificar de que tipo. Diversão? Escárnio? Nada?

— Não acreditas que eu possa ter lido um livro desse tipo só porque disse que li um livro do Marquês de Sade, não é? — respondeu, de forma calma mas ao mesmo tempo um pouco mordaz.

— Não, não é… — tentei defender-me, mas o Adrik continuou.

— Ou agora achas que eu só leio coisas do estilo do Marquês de Sade?

— Não é isso, é que…

O Adrik inclinou-se para a frente e apoiou o cotovelo na mesa para falar comigo com um ar mais confidencial. Fixou os seus olhos cinzentos em mim. Foi intimidante, e eu não me intimidava facilmente.

— Odeio o Marquês de Sade — sussurrou-me, muito sério. — É repugnante. São só perversões e fantasias frustradas escritas para se sentir aliviado, mas… ao leitor real interessa qualquer tipo de livro. Não quer dizer que vá gostar de todos, quer dizer que tem abertura de espírito, que é curioso, que dá oportunidades e sobretudo que não perde tempo a criticar sem fundamento ou a apoiar as críticas absurdas dos outros, porque forma as suas próprias opiniões e isso basta-lhe. A mim, isso basta-me. — E concluiu com: — Não conseguias imaginar que eram essas as minhas

razões ou é mais fácil para ti julgar as pessoas só porque gostam de coisas de que não gostas?

Com isso deu-me duas fortes e triunfais bofetadas mentais.

Mas recusava-me a ficar calada, porque antes morta e enterrada do que derrotada por alguém. Suspirei e sacudi a cabeça, espantada pela rapidez das suas palavras.

— Não, espera — apressei-me a dizer, tentando recompor-me para continuar a discussão. — Só achei que não lerias algo assim porque és…

— Um Cash? — completou imediatamente.

Pestanejei, incrédula.

— Bem… sim.

— Muito bem — riu-se com um sorriso quase impercetível, mas de surpresa.

Nem sequer me deu tempo de dizer mais nada. Levantou o braço para a professora Lauris e disse em voz alta:

— Professora, posso trabalhar sozinho este semestre? — Toda a atenção da aula se concentrou nele. A professora Lauris parou de escrever no quadro e olhou-o com curiosidade. — É que a minha companheira acha que o meu apelido faz de mim estúpido e que os meus gostos fazem de mim um repugnante doentio. E, na verdade, isso parece-me muito preconceituoso.

Outra bofetada.

A aula inteira olhou para mim. Alguns taparam a boca para conter o riso, mas ainda se ouviram uns quantos. A minha cara ardia de indignação e vergonha, e senti-me de novo o centro de um assunto que só poderia piorar para mim.

Apertei a caneta com força.

— Não é verdade! — defendi-me rapidamente, recusando-me a parecer estúpida. — Não foi isso. Só disse que… O que quis dizer foi…

Mas sim, passei por estúpida. Não me consegui defender. Não soube reagir porque, na verdade, não conseguia enunciar as minhas razões para considerar o Adrik um idiota, pelo menos não as mais lógicas, e todos repararam nisso.

Sim, tornara-me uma piada.

— Adrik, receio bem — disse a professora, depois de calar os alunos — que isso seja um motivo forte para que trabalhem juntos e debatam os vossos pontos de vista, que é o objetivo da aula.

E continuámos juntos, mas durante o resto da hora não voltámos a trocar palavra.

Mal tocou a campainha do final da manhã, o Adrik não esperou nem dois segundos antes de pegar na mochila e desaparecer. Fiquei aliviada por não o ter por perto, mas, no fundo, fiquei com a sensação incómoda e irritante de ter sido derrotada por ele.

Normalmente, conseguia defender-me em qualquer discussão, mas tinha de admitir que em menos de cinco minutos ele me fizera parecer estúpida de uma maneira surpreendente, quase... admirável.

Não, admirável não.

Era preciso ter muito cuidado com ele. Talvez fosse o Cash mais perigoso, ainda que calculasse que dificilmente ganhasse ao Aegan. Ou seria a crueldade menos nociva do que a inteligência?

Fui ao refeitório para almoçar, onde a Artie prometera que me esperaria. Até àquele momento, associava refeitórios a lugares barulhentos e sobrelotados, a cheirar a comida e com o chão todo sujo. Em Tagus, claro, não era assim. O refeitório era sofisticado e limpo, e as pessoas — que não eram muitas — falavam num tom moderado. A comida não era a preferida pelos exigentes paladares de estudantes habituados aos restaurantes do *campus*, mas havia quem só tivesse tempo para ir lá.

Relutantemente, pousei o meu tabuleiro com frango e puré de batata em cima da mesa. A Artie levantou os olhos do caderno. Comia e estudava ao mesmo tempo, com o portátil à sua frente. Tinha uns grandes óculos de massa que eu não sabia que usava e uma bandolete fina no seu cabelo curto. Voltei a detetar nela aquele gesto de morder o lábio inferior, como se fosse uma rapariga do *Crepúsculo.*

Analisando-a, associei isso a insegurança. Inquietação. A Artie era inquieta, mas não do tipo hiperativo, antes do tipo nervoso. A pergunta era: porquê?

— O que foi? — perguntou-me, ao ver que eu não estava muito contente.

Suspirei.

— Pensei que Literatura fosse…

— O quê? — interrompeu-me logo, repentinamente atónita. — Estás em Literatura?

— Sim — assenti, espantada com a sua reação. — Porque é que dizes isso assim?

— É a aula do Adrik — respondeu imediatamente. — É a área dele. O seu domínio.

O tom de pânico que notei na sua voz deixou-me mais espantada, mas fazia sentido. Até a professora parecia adorá-lo.

Precisei de mais informações.

— Diz-me quais são as aulas que os Cash dominam, por favor — pedi-lhe, e, para justificar o meu pedido, acrescentei: — Assim, posso garantir que não me inscrevo nelas.

A Artie não me ouviu. De facto, tinha uma espécie de urgência que me surpreendeu.

— Antes de mais, tens de desistir agora mesmo da aula de Literatura — ditou, e largou o garfo para procurar rapidamente qualquer coisa no portátil. — Sei que há um formulário para fazer alterações no currículo por aqui…

— Não — tentei impedi-la. — Não vou mudar. Posso evitar as outras cadeiras, mas já estou nesta, e sair seria como gritar: Sou uma cobarde!

Ela olhou para mim como se não me percebesse.

— No ponto em que estás, interessa-te o que possam pensar os outros se desistires da cadeira? — replicou desconcertada. — Já arranjaste problemas com o Aegan. Agora vais arranjar outro com o Adrik? O melhor é afastares-te dele antes que as coisas piorem.

Franzi as sobrancelhas, tomada por uma sensação repentina de nojo.

— Só por estar numa aula com ele estou a arranjar problemas?

— O que quero dizer é que é evidente que há um choque entre ti e eles, e só te digo isto porque…

— Tens medo deles — completei, como se fosse óbvio. — Ou achavas que ainda não me tinha apercebido?

A Artie suspirou, olhou para ambos os lados de modo a garantir que ninguém nos ouvia e inclinou-se de seguida para a frente, para diminuir o raio de alcance da sua voz. O seu olhar foi trespassado por um momento de pânico.

— Jude, sei que te fez sentir bem desafiar o Aegan — sussurrou-me com o tom de quem falava muito a sério. — Confesso-te que eu também gostei de ver a cara de surpresa dele quando ganhaste, mas, para manter uma rivalidade com ele, precisavas, no mínimo, de ter o mesmo nível social, porque, caso contrário, ele vai destruir-te num segundo.

Tinha a certeza de que aquilo era um aviso muito importante, mas não me assustou.

— Temer uma pessoa com poder só a torna mais poderosa — foi o que lhe disse.

Ela contraiu os lábios e recostou-se na cadeira. Olhou de novo para o ecrã do portátil. Havia algo de misterioso no seu silêncio, até que por fim murmurou:

— Tu não sabes aquilo de que são capazes aqui. Aquilo de que o Aegan é capaz.

— E tu sabes? — respondi-lhe de imediato. — Se sim, diz-me.

Não disse nada e o seu silêncio foi uma resposta que me deixou a olhá-la com estranheza. Talvez ela também visse os Cash como figuras que não deveriam ser incomodadas por estar profundamente enraizada no estilo de vida da elite de Tagus, onde só por terem um apelido famoso conquistavam o respeito de todos, mas não o meu. Eu sabia que tipos como o Aegan estavam cheios de uma só coisa: defeitos que

se esmeravam a ocultar.

Ainda que não devesse discutir por isso com a Artie. Ou seja, eu tinha um feitio parecido com o do Shrek e, se me provocassem, a discussão não parava, mas discutir por causa destes palermas? Não. Não era assim que queria que as coisas corressem.

Antes de conseguir dizer qualquer coisa para acabar com aquela pequena discussão, a nossa mesa foi invadida pelo Dash e pela Kiana. Ela deslizou para o lugar à minha frente, ao lado da Artie, de rosto a arder com a emoção de uma boa bisbilhotice. O Dash deslizou ao meu lado, com um sorriso largo e fascinado. Pegou na sua mochila de marca e começou a sacar de uma pilha de notas para colocar à minha frente.

— Não faz sentido que jogues se depois não recolhes o prémio — disse, e por fim depositou um relógio sobre o monte de dinheiro. — Recolhi-o todo ontem à noite antes de que lhe caíssem em cima.

Alternei o olhar entre ele e as notas.

— O que é isto?

— O que ganhaste no póquer — respondeu a Kiana, como se fosse evidente. — Ou só te lembras de enfiar um pepino pelo cu acima do Aegan?

A verdade é que me esquecera por completo do dinheiro da aposta.

— Isso pareceu-me recompensa mais do que suficiente — admiti.

— Bem, mas ganhaste essa satisfação e mais dois mil dólares — afirmou o Dash, aproximando as notas de mim.

A água que estava a beber saiu-me pelo nariz. Tive de tapar a boca para não causar nenhum acidente. Sim, também me esquecera dos valores da aposta.

— Dois mil? — disse, estupefacta.

— Não é que seja muito — respondeu o Dash com um ar de indiferença.

Parecia-lhe pouco? Não conseguia deixar de estar espantada.

— Meu Deus, Jude, deixaste o Aegan com cara de imbecil derrotado — disse a Kiana, com um enorme sorriso de alegria. — Foi lendário! Épico! Inesperado!

— Não param de falar sobre isso — assentiu o Dash, num tom mais baixo.

— Mas não é tudo — continuou a Kiana. — Ninguém vê o Aegan desde ontem à noite.

— Acho que o envergonhaste tanto que não quer dar a cara ou não sabe com que cara aparecer — acrescentou o Dash, entre risos.

— Ou pode estar muito ocupado a planear destruí-la — interveio a Artie, concentrada no seu portátil, mas de ouvido atento.

Falou de novo com demasiada segurança acerca da crueldade do Aegan. Não duvidava de que fosse verdade o que dizia e agora não duvidava de outra coisa: ela

sabia algo. A Artie sabia mais do que mostrava. Bem, isso era óbvio, mas sabia algo que a Kiana e o Dash desconheciam.

— Seja como for, acabaste de mudar as regras do jogo a todos os níveis — suspirou a Kiana, sem caber em si de felicidade.

Suspirei e olhei para o meu puré enquanto o picava com a ponta do garfo. Tinha perdido o apetite.

— Não há jogo nenhum — refutei com a cabeça.

— Tudo com os Cash é um jogo — alertou-me então o Dash, muito seguro. — E no fim só há um vencedor.

— Eles — afirmou a Artie.

Certo, era um pouco irritante que achassem que venceriam sempre. Sim, sim, era o território dos Cash. Qualquer um os preferiria a uma desconhecida com uma coragem absurda, mas eu não era assustadiça nem cobarde. Era capaz de enfrentar o que viesse. Tinha de o enfrentar. Eu chegara a Tagus disposta a atingir tudo a que me havia proposto. Sobreviver ao Aegan Cash era apenas o novo desafio.

— O que pode ele fazer? — argumentei, semicerrando os olhos. — É adulto e é um rapaz. Os rapazes não se metem em vinganças estúpidas.

Disse isso só para parecer indiferente.

— Poderia deixar passar esta — assentiu a Artie, graças a Deus, ponderando outras possibilidades. — É bastante maduro para muitas coisas e não gosta de perder tempo com parvoíces.

Perguntei-me como estava tão certa disso. Lembrei-me logo de que ali todos sabiam até as horas a que os Cash iam à casa de banho. Que conhecessem bem a personalidade do Aegan não era estranho.

— Mas há alturas em que é muito cruel — disse a Kiana. — De uma forma diabolicamente inteligente e cuidadosa. Lembram-se do que aconteceu ao Pierre?

O Dash apoiou o queixo na mão e pestanejou melancolicamente. Só então percebi que tinha os olhos delineados a azul e um ar fabuloso.

— Ah, o Pierre! — suspirou, com um ar de encanto e tristeza. — Ainda me lembro de quando o encontrei nessa festa a fumar na casa de banho e me fez coisas com a língua que eu nem sabia que se podia fazer e…

A Kiana pôs-lhe uma mão à frente da cara, para o interromper.

— Credo! — gritou. — Não queria que contasses tudo o que aconteceu. Estava a falar do que se passou entre ele e o Aegan.

O Dash assentiu e calou-se.

— Bem, o que é que aconteceu ao Pierre? — perguntei eu, a Senhora Impaciência.

— Numa aula de Relações Internacionais, corrigiu a apresentação do Aegan — revelou a Kiana. — Bem, disse-lhe que estava errado, e estava, mas ninguém lhe pode dizer isso. E a nota do Aegan foi prejudicada.

— O Aegan aceitou, mas depois… — o Dash deteve-se, mantendo o suspense.

E a Kiana completou o relato:

— Três aulas depois, quando o Pierre concluiu a apresentação, todos os alunos bombardearam o Pierre com perguntas. Perguntas muito difíceis que fizeram o pobre coitado entrar em pânico e, com a pressão, não conseguiu defender-se. Saiu a hiperventilar e a correr da aula.

Imaginei claramente a cena e o enorme sorriso presunçoso do Aegan, triunfante na última fila.

— E isso não foi tudo, claro — acrescentou o Dash, de novo com tristeza. — Dias depois, uns estudantes piratearam o sistema informático de Tagus e houve problemas com as avaliações das aulas. No fim, conseguiram recuperar todas, menos as do Pierre. Teve de repetir todos os exames no espaço de uma semana.

— E chumbou… — tentei adivinhar.

— Não, passou — explicou a Kiana, como se isso ainda fosse pior. — Mas só conseguiu isso à base de metanfetaminas. Nessa semana, viram-no a comprá-las. Depois, saiu de Tagus. Os que eram seus amigos dizem que os pais o levaram porque começou a ficar viciado. Talvez esteja numa clínica de reabilitação.

O Dash fez uma cara de tragédia de novela.

— Não voltei a encontrar uma língua igual — fingiu soluçar.

A Kiana semicerrou os olhos perante aquele melodrama.

— A questão é que o Aegan age estrategicamente — argumentou. — Os que piratearam o sistema informático foram expulsos e considerados vândalos, mas todos sabemos que o ataque foi planeado pelo Aegan.

Mais do que inteligente: deixava o trabalho sujo para os outros, de modo a manter as suas mãos limpas. Os golpes mais sujos e eficazes eram feitos por pessoas assim. Talvez devesse mesmo recear um pouco esse Cash.

— Pois, vamos ter de esperar para ver o que acontecerá… — foi o que eu disse, encolhendo os ombros.

E sim, passar-se-iam muitas coisas.

Só que não como todos esperávamos.

Nem como planeámos.

4

Quem muito desafia, o demónio porfia

Passou uma semana.

E não sei como é que não estava à espera do que aconteceu nesse dia.

Na verdade, a manhã começara muito bem. Até me atrevi a alisar o cabelo que tingira de preto, muito otimista, e vesti a minha camisa que dizia OU TE CONTROLAS OU CONTROLO-TE EU. Em frente ao espelho, disse a mim mesma que o mundo devia parar de girar em torno dos Cash, por um minuto que fosse, e... bem, sim, sim, nesta história quase tudo gira em torno deles, e eu sei que é o que mais queres saber, mas tenho de te contar estas coisas.

Depois, disse a mim mesma que devia tentar cumprir um dos meus primeiros objetivos: juntar-me à equipa do jornal de Tagus.

No perfil de Instagram do jornal, tinham posto que naquela tarde, à uma em ponto, iam examinar os novos candidatos. Como parecia que desde o meu nascimento tinha uma maldição que atrapalhava tudo, o professor da minha última aula demorou-se e à uma e dez tive de sair disparada para o edifício dos Audiovisuais. Cheguei nervosa, mas confiante, e atravessei as portas duplas da sala de imprensa, certa de que não haveria motivos para ter problemas naqueles testes.

No entanto, essa segurança morreu assim que a porta se fechou atrás de mim com um som traiçoeiro, como se tivesse querido dizer: «Olhem quem acabou de chegar!», e as vinte pessoas que estavam sentadas em frente a um quadro onde se projetava uma imagem digital da maquete de uma página de artigos desviaram a sua atenção para mim.

De entre todos os rostos, fixei-me apenas nos dois que estavam sentados à frente dos estudantes:

Aleixandre.

«E… não estavas à espera?»

Aegan.

«Parece que gostaste de ser o centro das atenções, hã?», troçou a minha mente

irritante.

Fiquei paralisada por um segundo. O Aegan não levantara a cabeça com o barulho da porta por estar muito concentrado a escrever qualquer coisa com uma caneta eletrónica num iPad, mas o momento foi absurdamente estranho porque o Aleixandre, pelo contrário, cravou os olhos em mim com uma ligeira expressão de confusão no rosto. Uma confusão estranha, como se não me percebesse a mim ou aos motivos pelos quais estava ali.

Pensei que talvez me tivesse enganado ou que tivesse chegado demasiado tarde. O meu sistema de alarme disse-me para sair dali porque, se havia dois Cash naquele sítio, o perigo era evidente. Então, dei meia-volta, mas...

— Vinhas às provas de acesso ao jornal ou…? — perguntou-me o Aleixandre, antes de que eu abrisse a porta.

Surpreendentemente, a sua voz parecia amigável, como a de alguém que te poderia ajudar no que quer que fosse. Ao olhar para ele novamente, já não vi confusão no seu rosto, que era uma mistura mais jovem, relaxada e alegre das feições do Adrik e do Aegan. Lançou-me um sorriso muito parecido com o de uma criança travessa quando pensa que as coisas estão a ficar interessantes.

Tentei parecer relaxada:

— Sim, queria falar com o presidente do clube para…

— Muito bem, sou eu o presidente do clube — disse, com um ar de «olha que coincidência!».

Oh, por Loki, a sério?

— Perfeito — fingi-me surpreendida.

Ele assentiu com entusiasmo, apontou para uma das cadeiras desocupadas e convidou-me a entrar:

— Vamos, podes sentar-te. Não tens de te ir embora.

Praguejei internamente, porque sair disparada não era uma opção se não quisesse parecer louca. Assim, dirigi-me a uma das cadeiras com o peso de todos os olhares, exceto o do Aegan, sobre mim. Assim que pousei o rabo no assento, no momento em que o Aleixandre ia continuar a falar como antes de eu o ter interrompido, uma rapariga levantou a mão.

— Sim? — O Aleixandre concedeu-lhe a palavra.

— Esta rapariga vai assistir como espectadora, certo? — perguntou, e o seu tom de voz era o de quando se tenta dissimular o ódio que na verdade se sente. — Porque já fizemos os exames.

Não me detive demasiado na pessoa que disse isso. Fez-se luz e apressei-me a sacar

o telemóvel do bolso. Mostrei o ecrã com a hora exata a todos.

— Tecnicamente, ainda não passa da hora — argumentei tranquilamente, sem vontade de criar um conflito. — O anúncio dizia que as provas seriam do meio-dia e meia até à uma e meia. É uma e um quarto.

O Aleixandre assentiu, como se dissesse: faz sentido.

Mas isto não se ficaria por aqui.

— Acho que deixá-la fazer a prova não seria justo — respondeu de novo a rapariga, vincando a sua oposição e, para me chatear, falava sem se dirigir diretamente a mim, olhando apenas para o Aleixandre. — Chegámos todos ao meio-dia e meia. Ninguém chegou atrasado.

Na verdade, o argumento dela fazia sentido. Chegar atrasada quando os outros tinham sido pontuais era desrespeitoso, mas havia uma explicação.

— Não cheguei a horas porque o professor da minha última aula acabou dez minutos mais tarde — esclareci, para que não pensassem que me atrasara de propósito.

Mas isso não convenceu ninguém. Os restantes apoiaram a opinião da rapariga: «É verdade», «Chegámos a horas», «Não pode fazer as provas quando lhe apetece»… Apesar desse pequeno tumulto, o Aegan continuou concentrado no iPad, ignorando o que se passava, ainda que talvez escutasse com atenção. O Aleixandre percorreu com um olhar semicerrado e muito divertido cada pessoa que falava até que todos se calaram. Depois, ficou em silêncio, como se ponderasse a decisão a tomar, ao estilo de um apresentador de televisão num momento decisivo.

Reparei que tinha o olhar cintilante de alguém para quem tudo não passava de uma brincadeira.

Que diabo, a minha oportunidade de entrar num jornal dependia do que poderia ser o mais imaturo dos Cash? Porque é que estas desgraças me perseguiam?!

— Proponho que submetamos isto a uma votação — soltou, com um lento dramatismo.

Pronto, perderia. Era evidente que todos iam votar contra mim. Ele sabia-o. E a rapariga também, porque virou a cara e me lançou um pequeno sorriso de dissimulada satisfação. Viste o filme *Legalmente Loura*? Pois bem, ela olhou-me da mesma forma que a Vivian Kensington olhou para a Elle Woods ao mostrar o seu anel de noivado.

Certo, seria um dia péssimo. Pensei em dar meia-volta e ir-me embora, sem fazer de Elle, mas teria sido cobarde. Portanto, acabei por decidir encarar o momento com a mesma cara séria e firme com que a Elle enfrentou as pessoas na festa a que chegou

vestida de coelhinho.

As cabeças assentiram com uma certa hesitação. A maioria aceitou a ideia.

Não, não estava de acordo, mas discutir por isso ainda seria pior.

— Tudo bem — foi o que eu disse.

— Assim será — assentiu ele. Fez uma pequena pausa e acrescentou logo de seguida algo por que ninguém esperava. — Mas vou impor algumas condições.

A rapariga franziu as sobrancelhas, meio confusa, meio chateada. Até a mim isso me apanhou desprevenida. Que tipo de condições, hã?

O Aleixandre explicou com uma voz de «isto vai ser interessante»:

— Se deixarmos que ela faça a prova, quem quer que chegue tarde no que resta do semestre, seja por que razão for, não terá quaisquer problemas. Se não deixarmos que faça a prova, será o contrário: ninguém se poderá atrasar nem um minuto para lá da hora acordada ou será expulso do jornal. Portanto, quem está contra que ela tenha uma oportunidade?

Fiquei tão atónita como aquela imitação da Vivian. Alguns trocaram olhares enquanto outros encolheram os ombros. O silêncio era denso enquanto o Aleixandre esperava que alguém votasse que eu não fizesse a prova.

Surpreendentemente, ninguém levantou a mão.

— Então está decidido? — perguntou ele.

Esperou mais uns segundos para ver se alguém levantava alguma objeção, mas todos ficaram calados. Depois, olhou para mim com um sorriso triunfal. Por alguma razão, também lhe quis sorrir, mas não abusei da minha sorte. Também não quis confiar muito, apesar de parecer que as probabilidades me eram favoráveis. Achava-me piada? Não era possível.

Mas estava decidido. Teria a minha oportunidade.

— Como é o teste? — perguntei, acendendo os motores no meu cérebro para que o fizesse bem.

— Vai ser igual ao que fizeram os outros — respondeu o Aleixandre. — Tens de escrever um artigo…

— Sobre mim — interrompeu o Aegan de repente.

Pairou um silêncio assombroso na sala. Fiquei petrificada e tive a certeza de que todos os outros também. Até o estúpido do relógio de uma das paredes tinha de paralisar.

A sério? O Aegan acabava de levantar os olhos do iPad para dizer aquilo. Agora os seus olhos cinzentos e felinos fixavam-se em mim. Sem sorrir, mas com um ar natural de gozo e superioridade.

O Aleixandre observou-o, desconcertado.

— Mas não era essa a…

— Tem de escrever um pequeno artigo acerca do presidente da associação de estudantes — especificou o Aegan, olhando para o irmão com autoridade, com um claro «Nem tentes contrariar-me». — Dirá aos novos alunos o que precisam de saber sobre mim. E vamos publicá-lo.

Isso calou o Aleixandre de uma forma interessante. Vi nele a intenção de refutar a ideia do Aegan, mas limitou-se a fechar a boca e a assentir. O seu sorriso de entusiasmo fraquejou por um segundo antes de voltar a olhar para mim e a esboçar de novo uma expressão divertida e confiante.

Pelos vistos, um irmão mandava mais do que o outro ali.

Mas o que não conseguiu foi calar a surpresa de outra pessoa:

— Publicar?! — interveio novamente a mesma rapariga de antes. — Mas isso é de mais, os candidatos não podem…

— Ainda não fizemos nenhum *post* novo no perfil do Instagram do jornal desde ontem — interrompeu-a o Aegan, ainda que num tom menos duro; sabia que tinha de prestar atenção à maneira como falava com as pessoas que o seguiam. — Vai servir para hoje. E vai ser bom, não é verdade, Jude?

Arqueei uma sobrancelha.

— Mas ao que parece não foi essa a prova que os outros fizeram — disse, alertando para a injustiça.

— É a que tens oportunidade de fazer tu — respondeu o Aegan, e o seu tom tornou claro que não ponderava mudar de opinião. — Se não estás de acordo, podes sair. Ainda que, se fores inteligente, sabes o que deves fazer.

«Sabes o que deves fazer…»

Por um momento, eu não percebera o objetivo de tudo isto, mas a frase mudou a minha perspetiva por completo. Aquilo era pessoal. Não gostava do que ele me estava a ordenar, mas já não podia voltar atrás. Se me levantasse da cadeira, seria como perder num ringue de boxe, porque o Aegan acabava de começar a luta.

Peguei na mochila para sacar a minha caneta e uma folha em que pudesse escrever, mas…

— Não, vais escrever ali, para que todos possamos ver. — O Aegan apontou para o quadro digital onde a imagem mudara, mostrando agora um quadro branco para escrever texto. — E quando acabares podes publicar.

Bastou-me ver o seu sorriso dissimulado de altivez para perceber o resto dos seus objetivos.

Escrever um artigo sobre ele. À frente de todos. Além de me dar a oportunidade de fazer o exame, o que o Aegan estava a fazer era dar-me a oportunidade de corrigir o meu erro durante o jogo de póquer. E era, de facto, uma ideia cruelmente engenhosa, porque, sabendo que a minha imagem para a maioria dos alunos era a da «rapariga que veio do nada para desafiá-lo por se achar superior», a minha única opção naquele momento era escrever algo de bom sobre ele, o que suplantaria tê-lo chamado de idiota e seria tido como um: «Estou arrependida de o ter insultado.»

O pior é que ele achava que eu ia fazer isso. A sua carantonha de idiota transmitia um: «Anda, estou a dar-te uma oportunidade para te redimires.»

A sério, Aegan, subestimar-me sempre foi o teu maior erro.

Aceitei o desafio.

Pousei a minha mochila na cadeira, fui até ao quadro e peguei no lápis digital. Como o quadro era giratório, virei-o de modo que ninguém conseguisse ver nada enquanto escrevia. E também não me conseguissem deter.

Durante todo aquele tempo, senti os olhares pesados e condenatórios sobre mim, à espera. Houve alguns sussurros. A minha mão não parou de se mexer, inspirada. Assim que acabei de escrever, carreguei no botão para publicar, rodei o quadro, fui até à minha cadeira, peguei na minha mochila e, como ato final, saí da sala sem dizer nada e sem deixar que ninguém me dissesse nada, porque uma coisa destas tinha de acabar com uma saída épica.

O que todos leriam dizia:

> A associação de estudantes de Tagus pode ser difícil de compreender a princípio, mas não é mais do que um grupo que se dedica a defender os direitos dos alunos. O seu presidente, Aegan Cash, é quem o garante. Credível e multifacetado, o seu apelido precede-o. É possível que a sua atitude intimide, mas é isso que lhe permite liderar com responsabilidade e firmeza, bem como esconder o seu principal defeito: ser um autêntico idiota que crê em tradições pré-históricas e que, ao que consta, não deves desafiar. No teu primeiro ano, tens, portanto, duas opções: ou amá-lo ou esconderes-te debaixo de uma pedra para que não te pise com a sua bota machista.

Talvez pudesse ter escrito um texto melhor, mas sentia-me muito satisfeita.

Claro, isso não seria a pior coisa que me iria acontecer nesse dia. Não era a isto que me referia no início do capítulo, porque isto foi apenas o que espoletou tudo.

Se com este artigo enviara ao Aegan uma mensagem que dizia «Não me provoques,

porque podes sempre apanhar com uma surpresa», ele replicaria com uma ainda pior, a dizer «Vou sempre responder aos teus ataques».

Comecei a reparar que algo se passava enquanto caminhava pelo corredor do segundo piso. Algumas raparigas não me prestavam a menor atenção, o que era normal, mas outras lançaram-me olhares bisbilhoteiros. Outras passaram junto a mim, olharam para os seus telemóveis, olharam para mim com desprezo e sussurraram coisas umas às outras. E as boas maneiras? Certamente reservavam-nas para as refeições importantes.

Presumi que lhes tivessem enviado o artigo, portanto, ignorei-as e desci as escadas para o piso principal. Aí, outro grupo de raparigas fez o mesmo. Desta vez não sussurraram, mas antes soltaram risadas trocistas. Um par de rapazes até olhou para mim, examinando-me de forma descarada e curiosa, como se precisassem de ver o que tinha eu a oferecer. Tudo isso me pareceu muito estranho, muito suspeito. Havia algo mais, para além do artigo, mas continuei de cabeça erguida e com a minha melhor cara de «não me interessa o que pensam».

Já quando ia a sair do edifício, umas raparigas perto do parapeito da entrada viram-me e fizeram má cara. Aproximei-me intencionalmente do grande quadro ao lado delas, onde costumavam afixar-se anúncios de eventos futuros, e fingi ler as datas das atividades da Faculdade de Belas Artes. Consegui ouvir uma delas dizer: «Não era a sério; é óbvio que ela se baba por ele.»

Certo, algo se passava. Algo que me deu a repentina e amarga sensação de que não me iria agradar. Algo que, por azar, deveria vir do Aegan ou ter a ver com ele e que não estava relacionado diretamente com o meu artigo.

Fui direita ao meu edifício. Para chegar mais rápido, apanhei uma bicicleta nos postos à disposição dos estudantes. Durante todo o percurso, tentei encontrar uma explicação para os olhares e sussurros, mas tudo me fazia suspeitar de que se tratava de algo novo.

E era.

Assim que cruzei a porta de casa, senti-me um pouquinho aliviada. Ali não havia olhares, nem comentários, nem rejeições. Era um lugar pequeno, mas seguro. Paredes brancas, uma salinha e, ao fundo, três portas, uma delas da casa de banho. Além disso, uma janela oferecia-nos a vista da rua. A Artie pusera um vaso em cima da mesa de centro porque disse que as plantas transmitiam uma boa energia. Eu não tinha posto nada porque nem sequer em mim mesma acreditava.

Bem, a Artie saiu do quarto assim que me ouviu fechar a porta. Estava com uns calções de pijama vestidos, tinha a cara coberta com uma máscara verde, o cabelo

preto apanhado em dois carrapitos laterais e umas pantufas às bolinhas. Via preocupação nos seus olhos verdes. Apertava o telemóvel nas mãos, contra o peito.

— O que se passa? — perguntei finalmente, indo direta ao assunto.

— Não sabes? — respondeu ela de imediato, algo surpreendida. — Não viste?

Ai, Zeus. Havia alguma coisa para ver.

— Não. O que foi? — quis saber, depois de respirar fundo.

— Ao que parece, alguém fez uma entrevista ao Aegan para a secção de entretenimento da revista de Tagus e pediram-lhe para nomear dez raparigas com quem quisesse sair…

Passou-me o telemóvel. Calada e com o coração acelerado por um pouco de medo de não sei o quê, vi o excerto do artigo digital da entrevista, bem ao estilo daquela revista juvenil, a *Gente Gira.* Primeiro dizia o mesmo que a Artie me dissera e logo a seguir acrescentava que, na sua perspetiva, eram estas as raparigas que o Aegan escolheria para sair consigo.

Dez números.

Dez nomes.

Dez opções a escolher.

E ali estava eu:

Jude Derry.

Candidata a sair com um Cash.

Não pude acreditar.

Bem, eu poderia acreditar que o Aegan faria algo assim, mas, seja como for, fiquei muito chocada. O lógico teria sido que, depois de lhe mostrar o meu artigo depreciativo, ele me ignorasse para sempre, mas não. Este era apenas mais um erro a somar à lista de erros que a Jude cometeu com os Cash, e também uma mensagem dele: «Não me esqueci e nem me vou esquecer do que fizeste.»

Sabia o que significava esta lista. Sabia o que significava tudo isto. Era um contra-ataque inteligente, porque assim mostrava a toda a gente que o meu insulto não o intimidara e, ao mesmo tempo, poderia até fazê-los acreditar que eu lhe pedira desculpas em privado ou que estava bem com ele. Fora esse o seu objetivo: deixar claro que «essa rapariga nova, a Jude», que se atrevera a insultá-lo, não era uma ameaça para si e que a sua reputação de rapaz cobiçável continuava intacta.

Eram assim as ridículas guerras dos rapazes da elite, e eu estava metida numa.

— Jude… — disse-me a Artie, diante do meu silêncio.

— Que foi? — respondi de forma automática.

— Diz qualquer coisa — pediu-me, inquieta. — Quando ficas calada e séria,

assustas-me.

Quando olhei para ela, apercebi-me de que me olhava com muita preocupação.

O que poderia dizer-lhe? Aqueles dias a dividir um apartamento com a Artie permitiram-me perceber que, por mais que tentasse, ela não era uma rapariga como as outras. Na verdade, era uma aluna muito boa, tinha uma preferência exagerada por coletes e não julgava as pessoas à primeira vista. Talvez o seu mal fosse temer demasiado o poder dos outros, especialmente o dos Cash, e isso fazia com que evitasse ser prejudicada por eles, mas como companheira era melhor do que eu imaginara.

O problema é que a Jude dessa altura não sabia confiar nas pessoas. Não era das que contavam os seus mais ínfimos segredos só para confraternizar. Andava pela vida muito desconfiada de todos, mesmo daqueles que pareciam dignos de confiança e, por isso, havia coisas sobre mim que naquele momento preferi manter em segredo, como, por exemplo, o que na realidade sentia ao ter a atenção do Aegan concentrada em mim. Era algo parecido com espanto, mas também com medo.

Como é evidente, ninguém podia ver esse medo.

Lembrei-me do meu artigo e presumi que por essa razão o Aegan tivesse publicado as respostas à entrevista. Procurei no meu telemóvel o perfil de Instagram do jornal para espreitar os comentários das pessoas sobre o que eu escrevera. Mas ao entrar percebi que não havia o tal *post*.

O imbecil apagara o meu artigo!

— Jude, era a isto que me referia quando disse que as coisas podiam piorar — disse a Artie ao perceber que eu não diria nada. — Porque não me dás ouvidos e te afastas deles?

Outra vez com aquele «afasta-te», que para mim significava «fugir» e para o Aegan significava «vencer». Era sensato, sim, mas eu não queria que os Cash achassem que me intimidavam! Isso só serviria para aumentar o ridículo poder do Aegan sobre Tagus.

— Achas que isto me assusta, Artie? — disse, absurdamente, sem conseguir evitá-lo.

— Deveria ao menos preocupar-te — argumentou ela.

— As crianças com fome é um assunto preocupante — disse. — Que o Aegan Cash ande a pensar que eu quero prejudicar a sua imagem, não. Isto é uma palermice de um miúdo malcriado com demasiado tempo livre.

A Artie pestanejou.

— E agora? — ergueu as sobrancelhas ao perceber que eu poderia cometer outra

imprudência. — Não me digas que lhe vais responder? Jude…

Lancei-lhe um pequeno sorriso, desses que nada revelam. A Artie sabia qualquer coisa. Não me tinha esquecido. Talvez conseguisse descobrir o quê.

— Não, não vou fazer isso — respondi-lhe.

Uma expressão de alívio desenhou-se no seu rosto.

— É o mais sensato — assegurou ela, um pouco otimista.

Fingi lembrar-me de uma coisa.

— Mas o ditado diz: Quem procura acha — acrescentei. — Se se meter comigo, não vou ficar calada.

A expressão de alívio da Artie esfumou-se, sendo substituída por uma de preocupação. Ia dizer qualquer coisa, talvez tentar fazer-me mudar de ideias, mas, na tentativa de a fazer falar, apressei-me a acrescentar:

— Porque ele com certeza também não me pode fazer nada de verdadeiramente… grave, pois não? — ergui os ombros com indiferença. — Pode destruir a minha vida social, mas a mim basta-me que tu, o Dash e a Kiana me falem. Não estou a pensar ser presidente da associação de estudantes ou assim. Portanto, isso não me afeta.

Detetei de novo aquela estranha inquietação na Artie, que mordia outra vez o lábio inferior.

— Suponho que não — murmurou ao desviar o olhar.

Sorri.

— Portanto, estou a salvo — assegurei.

Ela também se forçou a sorrir-me e entrou no quarto, para continuar a tratar das suas coisas. Mas por um momento deteve-se debaixo do umbral da porta e virou-se para olhar para mim com o que me pareceu um ar preocupado.

— Tenta só afastar-te e vais ver que ele se esquece de ti e te deixa ter uma vida normal — aconselhou-me. — Vais tentar, certo?

Que outra coisa poderia responder a algo tão vago?

— Claro.

5

O catastrófico «Não»

Para que conste, tentei afastar-me.

O problema era que o fio negro do destino (não o vermelho, porque esse é o do amor) tinha-nos presos, a mim e aos Cash, e quanto mais me tentava afastar deles mais aumentava a dimensão do que aconteceria logo a seguir: uma colisão catastrófica.

Mas eu esforcei-me, pessoal, a sério que me esforcei. Falei deles a outras pessoas e evitei sítios onde sabia que estariam. Era a isto que se referia a Artie, certo? Seja como for, os dias seguintes decorreram de forma estranhamente silenciosa, o que me fez perceber que Tagus não era nada mau. A Artie, a Kiana e o Dash levaram-me a alguns sítios do *campus* que não conhecia e não prestámos atenção aos sussurros nem aos olhares curiosos. Em alguns momentos, eles tentaram perguntar-me pela minha família ou de onde vinha, mas deixei-lhes claro que preferia não falar sobre isso. A ti, hei de falar disso mais tarde, quando chegar O Momento.

Por outro lado, recolhi informações úteis, porque era boa nisso.

Vou contar-te ao estilo de *sabias que?*

Sabias que o pai dos Cash, Adrien, doava muito dinheiro a Tagus, tal como três famílias importantes da região: os Denver, os Watson e os Santors?

Sabias que havia um corredor repleto de troféus num dos edifícios e que, na sua maioria, pertenciam a algum Cash vivo ou morto?

Tudo me correu bem, portanto.

Até que chegou sexta-feira.

Era o intervalo antes da minha última aula e eu estava sentada numa das mesas do refeitório em frente à Artie. Ela estava a dizer que queria integrar a equipa de planeamento da feira de homenagem ao aniversário dos fundadores, que seria dali a uns meses, e eu só ouvia «Blá, blá, blá, discurso blá, blá, blá, roda gigante blá, blá, blá, créditos extra...» enquanto comia as minhas batatas fritas. Ao ver por cima do ombro o que se avizinhava, detive-me com uma batata a meio caminho da minha

boca.

Aegan.

Avançava pelo refeitório onde a Artie me garantira que nunca punha os pés e o pior de tudo era eu não poder negar a mim mesma que aquele grande idiota tinha estilo. Trazia um casaco castanho com uma camisa branca por baixo, umas calças de ganga e umas botas com atacadores. Um relógio caríssimo adornava o seu pulso direito e tinha o cabelo preto impecavelmente desgrenhado.

De onde desencantara aquele visual? Do Pinterest?

O pior é que lhe ficava bem. Porque tinha a maldade de andar de mãos dadas com a atração? Que injustiça.

Chegou à mesa mais rápido do que eu teria desejado e foi apenas quando se sentou ao lado da Artie, com o ar de um rei certo de que cada centímetro do terreno que pisava era seu, que ela se apercebeu da sua presença.

— Credo, Aegan… — sobressaltou-se um pouco e os óculos resvalaram até à pontinha do nariz.

Ele cumprimentou-a apenas com um movimento dos dedos. De seguida, olhou para mim com um ar divertido e brincalhão.

— Há anos que não entrava aqui — comentou, sem se dar ao trabalho de dizer «olá». — Continuam a servir esse puré de batata que parece cimento?

Semicerrei os olhos, tão desconfiada como um soldado que acabasse de ser forçado a se sentar em frente ao inimigo. Porque falava ele connosco como se estivéssemos a ter uma conversa longa e amigável e houvesse muitíssima confiança entre nós?

Também não o cumprimentei.

— O que é que tu queres? — soltei, sem mais.

O Aegan estendeu as mãos, fingindo incredulidade.

— Desta comida? — respondeu e franziu o nariz. — Nada, nunca gostei de vir cá.

— O que estás a fazer aqui na nossa mesa, Aegan? — voltei a perguntar, agora de maneira mais concreta.

Pestanejou.

— Porque perguntas isso assim? — questionou, fingindo estar desconcertado. — Tanto quanto sei, qualquer pessoa é livre de se sentar aqui.

Qualquer pessoa…? Os meus ovários!

— Sim, mas em todo o caso nós reservamo-nos o direito de admissão — disse, e alterei a minha voz para soar falsamente amável.

— Não podes — assegurou, abanando a cabeça em negação. — Além disso, tu sentaste-te na minha mesa, eu agora sento-me na tua; não vejo que haja nenhuma

diferença.

— A diferença é que tu pediste um voluntário naquela noite — expliquei ao seu pequeno cerebrozinho. — Nós não pedimos que alguém se juntasse a nós.

O Aegan pestanejou com falso assombro e a seguir inclinou-se um pouco para a Artie.

— Bolas, ela é sempre assim tão agressiva? — perguntou-lhe, num tom mais baixo, sem deixar de olhar para mim.

A Artie não disse nada. Estava incomodada e atónita com a situação.

Afastei o tabuleiro, para lhe mostrar que me estragara a refeição e que continuaria a estragá-la com a sua presença. Lancei-lhe um olhar duro de aviso.

— Bem, indo direto ao assunto — suspirou ele, compadecendo-se da minha impaciência. — Passo para te apanhar esta noite às sete.

Só um momento.

— Hã? — disse, com cara de quem ouvira algo estranhíssimo.

— Disse que te apanhava às sete, estou a informar-te para que estejas pronta — repetiu lentamente.

Pareceu-me estar a ouvir uma dessas piadas desagradáveis que geravam incómodo e não sorrisos.

— E vais fazer isso porque…

— Porque vamos sair… — Respondeu com uma convicção tranquila. — Precisas de saber mais o quê? Vamos jantar, conversar e logo se vê como corre a partir daí.

Pestanejei, muito confusa. Até inclinei a cabeça para o lado, como um cachorrinho diante de um som desconhecido.

— Tu e eu vamos sair? — repeti, para ter a certeza de que ouvira bem.

Ele assentiu.

Fiz um falso ar pensativo, entrelacei os dedos por cima da mesa e olhei para ele ainda mais confusa.

— Desculpa — esbocei um falso sorriso amável para adocicar a pergunta seguinte com uma voz exageradamente suave. — Mas em que parte desta conversa é que me perguntaste e eu aceitei? Porque não me estou a lembrar.

O Aegan riu sem separar os lábios, muito confiante.

— Já ficou claro para mim que é isso que queres, portanto, é isso que terás.

O seu nível de confiança era impressionante. Impressionantemente estúpido.

— Quando é que isso ficou claro? — voltei a perguntar, desconcertada. — No momento em que te disse que eras um imbecil ou depois da partida de póquer quando me levantei da cadeira e me vim embora para não continuar a ver a tua cara

de idiota?

— Quando te sentaste nessa mesa e me desafiaste — explicou, agora semicerrando os olhos. — Querias a minha atenção, não era? Pois bem, já a tens.

Não podia acreditar. Internamente, comecei a rir-me. Por fora, só conseguia fazer um ar de «a sério?». «É mesmo a sério o que sai daquela boca insuportável?»

— Estás a dizer-me que preferes ver no que aconteceu na noite dos jogos um pedido de atenção em vez de o que de facto aconteceu? — soltei.

O Aegan ergueu as sobrancelhas, dando a entender que aquilo lhe parecia divertido.

— E o que aconteceu, então?

— Uma prova de que não podes ganhar sempre — esclareci, séria.

O seu sorriso aumentou. Umas fendas apareceram em redor dos cantos da boca. Tinha uma boca larga, masculina e maliciosa que me lembrava a do ator Michael Fassbender, só que o Fassbender era tudo o que havia de certo na vida e o Aegan tudo o que havia de errado.

— Seja como for, vemo-nos às sete — limitou-se a dizer, colocando um ponto final no assunto.

Deu uma pancadinha na mesa com os nós dos dedos e levantou-se, disposto a sair.

Então, disparei alto e bom som:

— Não.

O Aegan deteve-se e virou-se de novo para a mesa. As suas sobrancelhas grossas curvaram-se, ainda que com o seu sorriso de vencedor estampado na cara.

— O quê? — perguntou-me, como se tivesse ouvido uma piada sem sentido.

Dei a mesma pancadinha que ele dera na mesa e pus-me de pé para o encarar. Frente a frente, eu era vários centímetros mais baixa, mas ainda assim consegui aguentar bem aquele olhar.

— Não vou sair contigo porque não quero — repeti, com uma firmeza decidida.

E várias pessoas ouviram-me. De repente, senti muitos olhares sobre mim, pesados, curiosos, críticos, mas não olhei em redor nem lhes fiz caso. Mantive-me concentrada nos olhos cinzentos, trocistas e brilhantes do Aegan para dar peso às minhas palavras, de modo que ele percebesse que eu estava a falar muito a sério.

Ele percebeu.

Os cantos da sua boca perderam força da mesma maneira que na noite de jogos, e a sua expressão passou a ser séria, quase severa.

Ao ver isso, presenteei-o com um sorriso triunfal e dei-lhe uma palmadinha no ombro.

— É melhor tentares com as outras nove da tua lista.

Agarrei na minha mochila e no meu tabuleiro e avancei pelo corredor do refeitório sem olhar para trás. Cheguei ao fim, despejei o tabuleiro, deixei-o ali e atravessei as portas numa saída que não consegui perceber se fora triunfal, mas que pelo menos assim parecera.

Juntei-me ao fluxo de alunos no corredor principal. Andava, mas nem sequer sentia as pernas. Nem sequer me apercebi de que a Artie me seguira até ela aparecer ao meu lado, ofegante por ter vindo a correr.

— Jude, tens uns ovários de titânio! — exclamou, tentando acompanhar o meu passo, falar e respirar, tudo ao mesmo tempo. — Deixaste-o de cu na água!

— De quê? — perguntei, a rir-me nervosamente com aquela expressão. — O que quer isso dizer?

— Surpreendido, afogado, em estado de choque, sem saber o que dizer — esclareceu ela, sem ligar ao assunto. — O que importa é que foi épico que o tenhas rejeitado, embora seja óbvio que vai esquecer isto assim que outra rapariga lhe disser que sim.

É certo que deixara o Aegan sem palavras, mas isso equivalia a fazer-lhe um mau corte de cabelo. No final de contas, não teria grande importância. Ia sentir-se envergonhado e zangado um tempo, mas o cabelo cresceria logo a seguir e o corte não seria nada mais do que uma memória engraçada que gradualmente esqueceria.

— Fi-lo sem pensar — confessei. — Só lhe queria partir o nariz.

— Bem, não importa — suspirou ela. — Basta que pelo menos uma vez na vida uma rapariga o tenha metido no lugar. Garanto-te que ninguém se vai esquecer do que fizeste.

Claro que não. Em Tagus, nada se esquecia.

Exceto o que fosse conveniente esquecer.

Para me ajudar a relaxar, a Artie convidou-me a ir com ela beber um desses batidos saudáveis muito bizarros no seu café preferido: o Bat-Fit, um sítio para quem queria retardar o processo natural da morte e ia ao ginásio. Já ninguém propõe um café depois de acontecimentos dramáticos e stressantes?!

Ainda que o lugar não fosse nada mau. Tinha muitas janelas e as mesas estavam ao ar livre, rodeadas por um jardim. Obviamente, era tudo ecológico, até o papel higiénico das casas de banho. Numa dessas mesas estavam o Dash e a Kiana, portanto fomos sentar-nos ao seu lado. Ao fazê-lo, pousei o meu rabo com força contra a cadeira e respirei pesadamente.

— Ui, noto uma certa irritação por aqui — comentou a Kiana, enquanto levava

um copo ecológico aos lábios.

— Estava capaz de arrancar a Estátua da Liberdade do sítio e espetá-la em Tombuctu — disse entre dentes. Pousei a mochila no chão, junto a mim.

Tentava reprimir o nojo que o Aegan me provocara, mas sentia que ainda me saía um pouco dos poros. O descaramento de dizer que eu queria a sua atenção era o que mais me deixava o sangue ferver.

— O que se passou? — quis saber a Kiana, ao perceber que a minha zanga era séria e tinha um motivo.

Não queria contar, pelo que tentei mudar de assunto.

— De onde é essa chave? — perguntei-lhe, apontando para a grande chave prateada que trazia num colar a combinar com a sua roupa. Era um pouco estranha, não tinha a forma de uma chave normal.

— É a minha chave-mestra das salas de Tagus — disse, sem prestar grande importância ao assunto. — Deram-ma por ser a presidente do clube de pintura. Mas agora a sério, passou-se alguma coisa?

A Artie anunciou finalmente, incapaz de se conter:

— Ah, sim, o Aegan convidou a Jude para sair com ele há uns vinte minutos.

A Kiana e o Dash ficaram em choque. Os seus copos ecológicos detiveram-se a meio caminho das suas bocas. Quase pestanejaram ao mesmo tempo. Olhavam ora para a Artie ora para mim à espera de que uma de nós desmentisse isso. Lá perceberam que era mesmo verdade.

— O quê? — disparou o Dash, espantado. — E o que é que lhe disseste?!

— Que não — respondi, como se fosse evidente.

Voltaram a ficar atónitos. Trocaram olhares e depois olharam para mim. A sua reação fez-me perceber que o meu «não» fora quase uma proeza, algo de extraordinário.

— Ai, mulher! De que planeta revolucionário vieste? — exclamou o Dash, entre o fascínio e a estupefação.

— Admito que não estava à espera — confessou a Artie, também ainda chocada. — Estava à espera de que o Aegan fizesse tudo menos isto.

O Dash suspirou, como se ela não percebesse nada da vida. Ou do trio de irmãos.

— Foi por isso mesmo que o fez — assegurou. — Porque esperávamos o pior, não que a convidasse para sair. Mudou totalmente de tática.

Uma rapariga com um uniforme de calças e camisa branca com o logótipo da Bat-Fit chegou à mesa nesse instante. Olhou para nós com uma cara estranha, talvez por já ter ouvido qualquer coisa, mas apressou-se a parecer serviçal e perguntou-nos o

que queríamos tomar. A Artie pediu dois batidos de proteína e chocolate e a empregada afastou-se, embora tenha lançado um olhar rápido para trás, dando a impressão de querer ficar por perto para perceber o que estávamos a fazer.

A história que me tinham contado daquele pobre rapaz chamado Pierre e dos alunos que o bombardearam com perguntas no debate fez-me pensar numa teoria da conspiração. E se o Aegan tivesse espiões e servos espalhados por Tagus? E se os alunos e as alunas, para além de seus seguidores, fossem também seus serventes? Ele tinha todas as possibilidades de lhes dar algo muito bom em troca…

Deveríamos falar mais baixo. Estava prestes a propor isso quando reparei que a Kiana tapara a boca com as mãos e tinha os olhos esbugalhados, como se acabasse de ter uma grande revelação. Olhava para mim, mas ao mesmo tempo não.

— O que foi? — perguntei-lhe, sisuda. — O teu cérebro congelou com o batido?

Ela regressou a si e passeou o seu olhar por nós, subitamente acelerada.

— Rápido, digam-me uma só rapariga que tenha aceitado namorar com o Aegan sem que o quisesse — pediu-nos.

O Dash pestanejou sem nenhuma resposta. A Artie abanou a cabeça em silêncio, sem também dizer nenhum nome.

— Não há, não existe — disse o Dash.

— E alguma rapariga com que tenha ficado menos ou mais do que os noventa dias do costume? — perguntou a Kiana, imparável.

O Dash fez um ar pensativo, abriu a boca para soltar um nome, mas fechou-a de seguida, descartando-o. Voltou a abrir a boca com outra ideia, mas, no fim de contas, não lhe pareceu boa. Acabou a abanar a cabeça.

— Também não há.

A Kiana assentiu e estendeu as mãos, como se fosse óbvio, como se acabasse de nos dar a chave para algo, mas fizemos cara de quem não estava a perceber. Mais paciência com os lentos, por favor.

— Isto nunca aconteceu porque é o Aegan quem costuma determinar o dia exato do fim das relações das raparigas com quem sai — tentou ajudar-nos a entender. — Nenhuma rapariga acabou com ele. Nunca foi rejeitado.

Voltou a olhar para nós à espera de um sinal de compreensão da nossa parte, mas…

— Pelas rugas da Donatella Versace, vai direta ao assunto que me estás a deixar nervoso e isso parece interessante! — exigiu o Dash com impaciência.

A Kiana entrelaçou os dedos sobre a mesa, inclinou-se para a frente e respirou fundo para se acalmar e nos poder explicar.

— A Jude ter tido a coragem de rejeitar o Aegan fez-me pensar que… — mordeu

os lábios, como se tentasse conter um sorriso cruel. — E se a Jude tivesse aceitado sair com ele, se o tivesse convencido de que gostava dele a sério e em algum momento, publicamente, tivesse terminado a relação? Rejeitando-o como ele fez com todas as raparigas com que saiu. Não teria sido épico?

Fez-se um silêncio pesado na mesa. A Artie parecia impressionada, como se jamais tivesse pensado que algo assim fosse possível e agora se apercebesse de que, se acontecesse, poderia ser não apenas épico, mas também perigoso.

— Não consigo imaginar isso, quer dizer… — hesitou.

— Eu consigo — afirmou a Kiana, e os seus olhos brilharam com uma emoção divertida e malévola, que, para dizer a verdade, teria inspirado qualquer um a apoiá-la. — Seria catastrófico para ele, porque está sempre a mostrar que precisa de controlar e dominar tudo para se sentir em paz. Se alguém alterasse o seu sistema, se alguém quebrasse as suas regras, atentaria contra o seu mundo de poder absoluto. E todos os atentados destroem qualquer coisa.

A mesa envolveu-se noutro silêncio depois dessa frase. O Dash assentiu lentamente com a cabeça, olhando para a Kiana como se ela acabasse de lhe revelar perspetivas novas e fascinantes.

— Parece-me incrível — admitiu, mas logo encolheu os ombros. — Só que não foi isso que aconteceu. A Jude deixou claro que ele a repugna.

— Sim, mas… — insistiu a Kiana, tentando que aprofundássemos a sua fantasia. — Imaginem por um momento, por um breve momento, a cara do Aegan ao ser rejeitado em público, ao aperceber-se de que ela nunca gostou dele, ao descobrir que a Jude brincou com ele… — Esboçou este cenário com ambas as mãos no ar. — Um ato de revolução feminina contra a machista tirania Cash.

A boca do Dash encurvou-se para baixo, aceitando a criatividade e o impacto daquela ideia.

— Bem, a minha mente está sempre ocupada a fantasiar em como conhecer o Timothée Chalamet, mas, agora que penso nisso, desfrutaria muito de algo desse género… — admitiu, dando de seguida uma palmadinha no ombro da Kiana. — Ainda que, génio do mal, se se trata de uma rebelião, a Jude pode aceitar sair com ele uma noite e rejeitá-lo logo ali. Feriria o seu ego. Mais simples e menos perigoso, não?

Piscou-me um olho, como se me sugerisse a ideia.

— A Jude não é assim — comentou a Artie, abanando a cabeça com uma segurança que vacilou ao ver-me. — Não és assim, pois não?

Ai, Artie. Eu era tudo o que não deveria ser.

Na minha opinião, a Kiana tinha razão em certas coisas. Emanava do Aegan uma segurança impenetrável. Os alunos de Tagus tinham feito dele uma estatueta sobre um altar. Com a sua adoração, imunizaram-no contra o que os rapazes normais não estavam imunizados: as rejeições e os fracassos. Era evidente que ao Aegan ninguém dizia que não. Ao Aegan ninguém deixava de parte. O Aegan nunca era o número dois em nada. Estava catalogado como um espécime superior.

Mas só era assim porque todos os outros queriam vê-lo assim, já que na verdade ele era uma pessoa normal, com órgãos normais. O que a Kiana estava a dizer era que se todos vissem que uma rapariga podia terminar uma relação com o Aegan Cash, sem medo ou vergonha, antes de que ele o fizesse, todos perceberiam que ele podia ser rejeitado como qualquer ser humano.

E, pronto, já não seria um deus/guru/líder, apenas mais um rapaz entre muitos.

— A Jude pode ser como quiser — suspirou a Kiana, interrompendo os meus pensamentos para responder à Artie. — Porque não estamos a falar de rapazes inocentes e bons. De resto, sabem o que sempre achei? — inclinou-se para a frente e sussurrou: — Os três devem ter um segredo obscuro. Tem de haver uma mancha e, no caso deles, deve ser muito grande.

Agora que leio este diálogo, só posso dizer que tudo esteve sempre ali à nossa frente, mas fora muito bem ocultado.

— Pode ser, Nancy Drew — concordou o Dash. — Mas seria impossível descobrir isso. Se eles cometerem algum erro, basta fazerem uma chamada ou estalarem os dedos para que o emendem.

A empregada bisbilhoteira trouxe-nos os batidos nesse momento. De novo, ao virar-se de costas, olhou-nos de esguelha para ver se apanhava alguma coisa. Dessa vez, dirigi-lhe um olhar furioso que serviu para que se concentrasse no balcão repleto de sandes saudáveis. Enquanto a seguia com o olhar, para lhe deixar claro que não deveria meter o nariz onde não era chamada, vi a porta do Bat-Fit abrir-se para que entrasse nada mais nada menos do que o Aleixandre, o sonho adolescente.

Estava mais uma vez vestido impecavelmente, com o cabelo preto perfeitamente penteado para trás e as roupas sem qualquer vinco. Segurava o telemóvel a uma certa distância do rosto e falava animadamente para a câmara. Fazia certamente um direto para os seus seguidores.

Então, fixei-me numa coisa um pouco estranha. Pediu alguma coisa ao balcão. Deram-lhe um copo muito rápido, como se o tivessem pronto para ele, mas, em vez de o segurar com a mão, sacou um lenço do bolso e bebeu, agarrando-o assim. A seguir, foi-se embora.

Não podia tocar no copo com a mão ou quê?

Um pouco confusa, devolvi a atenção à mesa precisamente quando a Kiana estava a falar de todas as vezes em que vira uma rapariga a chorar por causa do Aegan. Não reparara na minha distração.

— Imagina só, Jude — sugeriu-me, recostando-se no encosto da cadeira, com o batido na mão.

— Nem que ela fosse a Katniss Everdeen ou assim — replicou o Dash. — Deixa a Jude em paz. Com sorte, o Aegan não voltará a olhar para ela e as coisas acalmarão.

Mas quem disse que eu tinha sorte?

Ou vontade de que as coisas se acalmassem.

6

Cada um pior do que o outro

Segunda-feira. Chegou mais uma vez a hora de Literatura, a aula que, por azar, partilhava com o Adrik.

Vi-o mal entrei na sala, já sentado na nossa mesa. Perguntei-me o que iria ele dizer nesse dia. Que eu atentara contra a sua integridade? Que o ameaçara de morte? Que lhe tinha espetado uma seringa contaminada debaixo da mesa?

Pousei a mochila no chão e sentei-me no meu lugar. Foi então que me apercebi de um cheiro a chocolate e vi que aquele grande idiota estava a cortar uma barrita em pedaços debaixo da mesa para comer devagar, ignorando claramente a placa ao lado do quadro que dizia: NÃO COMER NA SALA DE AULA.

O Cash anarquista, claro.

A professora chegou uns minutos mais tarde e, depois de dizer umas coisas irrelevantes, parou em frente à turma e avançou com o tema do dia.

— Aqui estão quatro géneros literários — disse, apontando para o que escrevera uns segundos antes no quadro com um marcador azul. — Ficção científica, *thriller*, romance e literatura fantástica. Escolham um. Depois, vamos ouvir as escolhas dos vossos companheiros e os seus motivos, e no final cada par deverá chegar a um acordo e escolher um género.

A professora foi perguntando de mesa em mesa. Em parte, foi aborrecido porque todos escolhiam os mesmos géneros: romance e ficção científica. Ninguém teve de tentar convencer ninguém a nada.

Quando chegou à nossa mesa, fui a primeira a falar:

— *Thriller* — elegi, muito entusiasmada.

— Literatura fantástica — escolheu o Adrik.

Não me surpreendeu que discordasse. Já era evidente que tínhamos perspetivas que chocavam. E, por amor de Deus, será que podia deixar de mastigar o chocolate?

— Porquê a literatura fantástica, senhor Cash? — perguntou a professora Lauris, interessada. E porque não lhe chamava a atenção por estar a comer durante a aula?

Encolheu os ombros num gesto de simplicidade.

— Gosto das batalhas, dos dragões e essas coisas — limitou-se a responder, sem dar mais explicações.

A mim pareceu-me uma razão estúpida.

— Porquê *thrillers*, senhorita Derry? — perguntou-me a professora.

Recostei-me na cadeira, preparada para responder de forma magistral.

— É um género muito real e, além disso, a intriga mantém o leitor interessado, foge ao convencional, e os *clichés* podem sofrer reviravoltas inesperadas — argumentei, inspirada, e logo a seguir, com um sorrisinho astuto, acrescentei: — Mas se tivesse de responder de forma tão simples como o meu colega, diria que gosto dos assassinatos.

Ouviu-se uma pequena risada vinda de algum lado. Desta vez, não me ia deixar ficar mal. Por minha (questionável) honra que não.

A professora assentiu. Ia prosseguir para a mesa seguinte, mas o Adrik soltou um sorriso/suspiro de escárnio face à minha resposta, como se tivesse sido ridícula. Voltou a captar toda a atenção.

— Muito real? — repetiu as minhas palavras. Depois, abanou a cabeça. — A leitura é aventura, escape, entretenimento, infinito. A realidade é dura, crua, asfixiante, fechada e limitativa. Para quê procurar realidade num livro se já lidamos todos os dias com ela? Está aí, a ditar que algo azul só pode ser azul, a exigir que algo redondo seja apenas redondo. Qual é o problema se eu quiser que a cor seja verde ou a forma triangular? E qual é o problema se eu quiser que não haja cor nenhuma nem forma nenhuma? Não, não há nada de interessante no real. Se leio é porque me quero esquecer durante um bocado desta humanidade aborrecida e quadrada.

Depois da última palavra, um par de miúdas mordiscou os lábios, arrebatadas. Os rapazes, por outro lado, assentiram, numa concordância ponderada, como se nunca tivessem ouvido nada mais certo. Até a professora parecia fascinada.

E eu? Pois bem, a minha cara expressou um grande «mas que raio?».

— Opinião interessante — disse a professora Lauris, aprovando o que o Adrik dissera. — Suponho que, se a senhorita Derry lê sempre o mesmo, deveria dar uma oportunidade ao estilo literário do seu colega. Deixaremos a literatura fantástica como o género deste grupo.

Poderia ter partido a caneta ao meio se a tivesse na mão e não pousada no caderno. Outra vez. Outra vez! Mas o que raio tinha o Adrik para triunfar em tudo naquela maldita cadeira?

A professora continuou e falou de maneira geral:

— Discutam qual o livro do género escolhido gostariam de ler enquanto escrevo a citação final do dia no quadro.

Relutantemente, abri o caderno e comecei a apontar a citação. Não propus nenhum livro. Fiquei completamente calada durante o resto da aula porque não queria ser a colega colaboradora. Não estava habituada a ser superada assim numa área que acreditava dominar.

Quando terminou a aula, agarrei na mochila e levantei-me para sair, mas, antes de dar um passo, o Adrik perguntou-me, enquanto guardava o caderno:

— Que livro vamos ler?

— Não sei. Não és tu o especialista em literatura fantástica? — repliquei, sem vontade de parecer agradável.

— Posso recomendar-te alguns — encolheu os ombros. — Isso se preferires ler em vez de ficar irritada.

— Não estou irritada — defendi-me, franzindo a testa. Claro que estava, mas não lhe queria dar razão. Já todos os outros alunos da turma lha davam. Era suficiente.

Virei-lhe as costas e passei junto à sua cadeira enquanto repetia mentalmente: «Vai-te embora, não digas nada que não devas. Vai-te embora, Jude, não digas nada que não devas. Vai-te embora, Ju…»

— Só te falta mostrar as garras para me arranhares a cara — disse ele de repente.

Raios.

Detive-me. Assim que me virei, vi que tinha o canto direito da boca um pouco levantado num sorrisinho astuto. Mas ele achava que era quem? O deus da literatura só por a professora engraçar consigo? O misterioso rapaz obscuro que não podia ser ignorado porque, apesar de não ter intenções de parecer genial, parecia detestavelmente genial? Pois bem, eu achava-me a rapariga que não tinha de ficar calada e deslumbrada com ele. E… a incapaz de controlar a ira.

— Estás a comparar-me a um animal? — perguntei-lhe demoradamente, num tom desafiador.

— Até agora te vejo eriçada — acrescentou, pousando a alça da mochila no ombro.

Semicerrei os olhos.

— Cuidado com o que dizes, porque acho que és tudo o que os outros não admitem — soltei entre dentes.

— E tu pareces-me mais vaidosa do que é razoável tolerar — replicou, sem mudar de feições.

Não me consegui calar:

— Imbecil.

— Que falta de engenho para insultos — troçou descaradamente.

— Tenho mais, mas vou usar esse para não te deixar pior do que o teu irmão me deixou à frente de toda a gente — corrigi, num tom tranquilo.

O Adrik assentiu, como se finalmente percebesse qualquer coisa. O seu sorriso adquiriu um ar amargo.

— Ah, claro. O Aegan caga e eu fico salpicado de merda — suspirou. — É bastante justo detestares-me por isso, claro.

Assumia que eu o detestava. O meu lado mais sensato pediu-me que me acalmasse um pouco para deixar de transmitir ódio de modo tão evidente. Afinal, ele não era o Aegan, a quem queria dirigir toda a minha ira sem compaixão. Era preciso aguentar-me sem ceder a provocações. Isso dava-lhe uma vantagem.

— Que livros tens? — decidi ceder, ainda que não muito satisfeita, para acalmar a ideia de que «o detestava».

— Deixo-tos e tu escolhes — encolheu os ombros.

— Muito bem — aceitei. O meu maxilar estava tenso. — Edifício F, piso cinco, apartamento dois.

O Adrik assentiu levemente e contornou-me para avançar por entre a fila de mesas. Quis deixar que saísse primeiro, mas ele virou-se como se se tivesse esquecido de me dizer qualquer coisa. E disse-o, olhando-me fixa e friamente com os seus olhos intimidantes:

— É bom que ponhas os pés na terra, Jude Derry. Estás a voar perigosamente alto.

Saiu da sala e deixou-me com a furiosa sensação de que acabara de me ameaçar, sobretudo pelo tom baixo e arrastado em que dissera aquilo. Só nesse momento me apercebi de que o convidara para o sítio onde morava! Para o meu espaço de segurança!

Meio ofuscada por esse erro estúpido, saí da sala para regressar a casa. Não prestei atenção a nada até chegar à minha bicicleta de aluguer. Em Tagus, toda a gente tinha carro, ainda que não o usassem para quase nada porque se podia ir a pé para todos os sítios centrais e importantes. Talvez os ecologistas e eu fossemos os únicos que não tínhamos quase nada.

Quando abri a porta, deparei-me com a Artie a andar de um lado para o outro enquanto memorizava algo para um exame qualquer. Disparei:

— O Adrik vem cá deixar uns livros.

Fez-se um silêncio estranho, com a Artie em choque, a boca a formar um «O» e os olhos arregalados.

— Vem mesmo? — perguntou um momento depois, com uma voz surpreendida.

Respirei fundo e fui pousar a mochila no sofá.

— Acho que sim. Ele disse que vinha.

— A esta casa? — perguntou ainda.

— Não é aqui que estamos?

— Hoje?

— Sim, mas não sei a que horas.

— Santo Deus!!! — gritou de repente.

Foi a correr para o quarto como se tivesse de resolver uma emergência e comecei a ouvi-la abrir as gavetas com violência, desesperadamente à procura de coisas numa e noutra, enquanto dizia:

— Não posso estar assim! O que visto? Ontem usei o quê? Meu Deus, tenho tão pouca roupa!

Vasculhou cada canto do quarto a tentar decidir o que vestir. Entretanto, atendi o telemóvel, que tocou de repente. No ecrã, vi que era uma chamada da Tina, a ligar de casa, onde também estava a minha mãe. Quer dizer, perto dela.

— Olá, Tina — disse com alegria ao atender.

— Como estás, linda? — respondeu ela. — Como é a espantosa Tagus?

A Tina falava como se fosse uma grande amiga e não uma madrasta. Nunca se punha com rodeios se precisasse de te dizer alguma coisa. A melhor coisa que acontecera à minha mãe foi tê-la conhecido no seu grupo de apoio e apaixonar-se por ela. Ambas tinham sofrido muito e, ainda assim, a Tina deixara a sua vida, mudara-se para nossa casa e reunira a paciência necessária para tomar conta da minha mãe.

— Incrível, é tudo deslumbrante por aqui — admiti enquanto brincava com a minha caneta. — Podemos andar nos carrinhos de golfe.

— Tenta não atropelar ninguém que não mereça, se faz favor.

Ri-me daquele comentário.

— Como tens andado? Como está a mãe? — perguntei, entrando no tema em que, por mais que não quiséssemos, tínhamos sempre de entrar. — Está… melhor?

— Sim, está bem e tem melhorado; mais do que imaginarias. — Na sua voz, ouvia-se uma certa alegria. — Fizemos do teu quarto uma sala de cinema e esta noite vamos fazer uma maratona de Rocky.

Gostava disso. Gostava de qualquer ideia que a ajudasse.

— Ainda tem reservas? — perguntei, indo direta ao que queria saber.

— Sim, não te preocupes com isso.

— Claro que me preocupo — respondi num suspiro.

Depois de um pequeno silêncio, acrescentou:

— Não mudaste de ideias? Ainda podes…

— Não.

Fui até à janela, para me afastar o mais possível do quarto da Artie antes de continuar a falar:

— Não vou voltar a explicar porquê, está bem?

Atrás de mim, a Artie gritou com entusiasmo:

— Encontrei um colete que não uso há imenso tempo!

A Tina suspirou do outro lado.

— Vou desligar para que vás à tua vida — despediu-se, mais uma vez dececionada. — Manda-me uma mensagem quando puderes. E volta a pensar nisso, está bem? A tua mãe e eu… vamos estar sempre à tua espera.

— Adeus.

À minha espera? Era a última coisa que deveriam fazer.

Fiquei a pensar que devia guardar muito bem os dois mil dólares e o relógio que ganhei a jogar póquer, porque me iriam ser muito úteis mais tarde, até que a Artie saiu do quarto, agitada.

— Pronto! — exclamou com entusiasmo, mostrando-me o visual de *skinny jeans*, camisa branca e colete azul. — Agora vou dar um jeito ao cabelo.

Bem, ao menos ela não tinha problemas em receber um Cash em casa.

Dediquei-me às minhas tarefas, porque precisava mesmo de ocupar a cabeça. Funcionou. Passei a tarde toda à volta de um trabalho. Quando tocaram à porta, ao contrário da Artie, eu estava uma bagunça. Tinha uma caneta apoiada na orelha e umas *leggings* pretas. Estava descalça e não parecia uma pessoa de que alguém em Tagus quisesse ser amigo.

Ou uma pessoa preparada para o que vi ao abrir a porta.

O Adrik, com a sua cara obstinada e sonolenta.

E, ao seu lado, o Aegan, alto, imponente, cheio de energia e carisma.

Nem sequer tive tempo de processar a sua aparição obviamente inesperada, porque ambos entraram em nossa casa como se uma voz odiável que só eles ouviram tivesse gritado: «Entrem, rapazes, sejam bem-vindos!»

— Não sei porque tinha a ideia de que todos os apartamentos em Tagus eram iguais — comentou o Aegan enquanto andava pela sala e olhava para tudo com curiosidade. — Já vi que não.

Além de ninguém o ter convidado, estava a criticar a minha casa. Que descaramento.

— O que fazes aqui? — disparei, sem o cumprimentar. Queria tornar-lhe claro que

mais cedo esperava o apocalipse do que a sua presença em minha casa.

— Soube que o Driki vinha trazer-te uns livros e decidi acompanhá-lo — respondeu tranquilamente, como se não precisasse de explicar mais nada.

Driki? Por amor de Deus. Chamava Driki ao Adrik? Ao desviar a atenção para o Adrik e ao comprovar que ele não vacilara, tive a minha confirmação. Deu-me vontade de rir com lágrimas, ranho e tudo, mas isso teria arruinado a minha postura de «baza», então mantive-me séria. O único som que se ouviu foi a pilha de livros que o Adrik, também conhecido como Driki, deixou cair sobre a secretária. Aterraram de forma odiável.

— Aqui estão — disse.

— Isso é tudo? — respondi, porque, na verdade, imaginara mais opções do mestre da literatura fantástica, mas só havia três livros.

— Escolhi os mais ligeiros para ti — respondeu.

Isso apanhou-me de surpresa. Muita surpresa. Tanta surpresa que balbuciei:

— Ah… a sério? Bem, obrigada, acho eu. Não estava à espe…

— Escolhi-os porque os outros são muito valiosos e não quero que lhes toques — interrompeu-me, de olhos semicerrados, ao aperceber-se de que eu o interpretara mal. — Não gosto de os emprestar a ninguém. Além disso, aqui qualquer pessoa pode comprar os seus próprios livros.

E a surpresa desapareceu.

Claro, assim fazia sentido. Obviamente. O Adrik não ia selecionar livros de forma especial para uma desconhecida. O que estava eu a pensar?

Para acabar com aquele momento tão estranho, a Artie saiu do seu quarto. Foi engraçado porque começou a avançar até nós muito entusiasmada, mas de repente parou. Como não trazia óculos, a expressão de assombro com o que viu diante de si foi notável.

— Olá, Adrik — disse, num tom perplexo. — Olá…, Aegan.

Logo a seguir, olhou para mim como quem diz: «Merda, não me disseste que vinham dois.»

Os irmãos fizeram um gesto muito parecido e indiferente para a cumprimentar. Apercebi-me de que eram curiosamente diferentes, porque os traços do Aegan não se pareciam muito com os do Adrik, exceto em alguns pormenores básicos que partilhavam: o cabelo preto, a altura, os olhos cinzentos e o tom de pele. Em tudo o resto, passariam facilmente por apenas primos. Mas a genética é estranha, não é? Às vezes, não nos parecemos com os nossos irmãos.

O Aegan olhou para o relógio caro que trazia no pulso direito.

— Bem, feita a entrega, temos de ir jantar — disse, animado, e levantou os olhos para mim. — Estás pronta?

Era incrível. Porque queria que saíssemos juntos? Devia ter um plano. Tinha a certeza de que ele não se sentia mesmo atraído por mim. Na verdade, tinha a certeza de que ele era um falso. O Aegan real ainda não se revelara. O papel do Aegan sorridente, cavalheiro e perfeito fazia parte de um estratagema.

— Eu disse-te que não queria sair contigo — lembrei-lhe.

— Sozinhos — sublinhou ele, de forma inteligente. — E eu respeito isso.

— Então, porquê tanta insistência? — atrevi-me a perguntar e cruzei os braços com um sorriso astuto e desconfiado. — Será que por acaso te impressionei?

O Aegan fez o seu sorriso de Grinch. Nada lhe retirava aquele ar de personagem malvada com planos perversos e ocultos. A sério.

Esquivou-se de forma suspeita a responder à última pergunta.

— Vai ser só para limar arestas — disse. — Por alguma razão, todos acham que nos odiamos, e eu não tenho nada contra ti e tu não tens nada contra mim, certo?

O silêncio em torno destas palavras foi tenso, desse que oculta verdades.

— Claro que não, isso seria estúpido — menti, com um sorriso.

— Então… — O Aegan abriu os braços, no gesto de quem sugere algo evidente, e lançou a sua proposta. — Porque não vamos jantar tu, eu, o Adrik e a Artemis?

— Eu e quem? — perguntou o Adrik, subitamente confuso.

Distraíra-se a pensar na morte da bezerra e só agora prestara atenção à conversa ou quê?

— Hã, eu sou a Artemis — esclareceu a Artie, um pouco deslocada.

Artie era o diminutivo de Artemis, mas o Adrik não sabia isso, portanto observou-a como se não tivesse reparado nela até àquele momento. Assentiu lentamente num gesto cordial, tão forçado como o meu sorriso. Logo a seguir, olhou para o Aegan e para mim.

— Não me parece — disse ele, aborrecido.

Avançou em direção à porta com a intenção de sair da mesma forma que sairia alguém que não se importasse um caracol com o resto da humanidade.

E… já sabes que todos temos um lado cruel, não é? Só que nem sempre deixamos que ele nos domine. Mas naquela altura o meu lado cruel e eu simpatizávamos muito um com o outro por razões que te explicarei mais tarde. Portanto, enquanto o Adrik se ia embora em câmara lenta, as palavras do Dash soaram na minha cabeça: «Se se trata de uma rebelião, a Jude pode aceitar sair com ele uma noite e rejeitá-lo logo ali. Feriria o seu ego. Mais simples e menos perigoso, não?»

Aceitar e rejeitar. Ferir o seu ego. Eram razões muito válidas, e pareceu-me a oportunidade perfeita para uma pequena vingança.

Intercetei o Adrik e parei-o à minha frente. A sua altura sombria intimidou-me um pouco, mas não o mostrei.

— Não sejas tonto, Driki, sairmos não é assim tão má ideia — disse, dando uma ênfase trocista ao seu diminutivo.

— Não me chames Driki — respondeu ele, com o seu talento para soar sereno e odiável ao mesmo tempo.

E deslizou o seu olhar obstinado de mim para o seu irmão. Transmitiu-lhe reprovação, quem sabe por ter revelado o diminutivo.

— Podes escolher a comida — tentei mediar.

— Não, não pode — disse o Aegan a rir, dissimulando a sua necessidade de controlo.

— Tenho coisas para fazer — disse o Adrik, com um tom de «rotundo NÃO».

— Ninguém tem coisas para fazer a estas horas — rebati, como se o que acabara de dizer fosse ridículo.

— Eu tenho — enfatizou ele de maneira odiável. — Tenho de ir espetar um garfo numa tomada. Em poucas palavras, tenho mais do que fazer.

— Mas podes deixar o garfo para depois — rebati. — Vamos todos jantar.

Encaminhei-me para a porta, mas o Aegan disparou a pergunta de forma a travar-me antes de levar a mão à maçaneta:

— Espera, vais assim? — disse, incrédulo. Não entendi o que era «assim» até ele me inspecionar com um olhar sério e analítico.

— Assim como? — quis saber.

Voltou a observar-me de alto a baixo, franzindo ligeiramente a testa. Tinha uma faísca crítica nos olhos que dissimulou com uma inocente estranheza.

— Como se tivesses acabado de sair de um caixote do lixo — soltou, muito direto, mas com uma voz falsa e sabida de confusão inocente.

Lancei-lhe um olhar capaz de perfurar o cérebro de alguém como uma bala.

Bem, na verdade, tinha-me esquecido dos sapatos, mas dava-me a impressão de que para o Aegan isso era o menos. O que o surpreendia era as minhas roupas não condizerem com o que as raparigas de Tagus usavam para sair, elas que iam sempre bem arranjadas, maquilhadas e muito aprumadas, sobretudo se saíssem com ele. Além disso, até o próprio Aegan se vestia exageradamente bem e mostrava que a aparência era muito importante no seu estilo de vida. Roupas de estilistas, sapatos à medida, corte de cabelo impecável. Um rapaz com um estilo vincado e masculino,

hã? Achava-se quem? O Chuck Bass de 2019?

— Esperem um momento — disse, e corri para o quarto.

Peguei nas botas com atacadores e calcei-as. Olhei-me ao espelho e soltei o cabelo. Não me parecia que estivesse mal, isto é, ao menos aquela roupa não estava velha e gasta. Mas o Aegan estava habituado a ver saltos altos, cabelos penteados, bolsas penduradas no braço e perfumes caros. E eu não lhe ia dar nada disso. Não tinha qualquer interesse em agradar-lhe ou em obedecer a estereótipos.

E se queria fazer algo mais do que apenas incomodá-lo, tinha de me empenhar a fundo. Na verdade, ia atingi-lo com tanta força que partiria aquela concha de menino perfeito e revelaria o verdadeiro animal dentro de si, aquele que eu suspeitava que ele se esmerava para esconder.

Voltei à sala.

— Agora, sim — anunciei.

O Aegan quase torceu a cabeça e voltou a inspecionar-me, tentando descobrir o que mudara na minha roupa. Aproximei-me dele e franzi a testa. Nesse instante, ocorreu-me uma ideia para tornar a noite mais divertida: entraria no seu falso joguito no meu modo sarcástico.

— Há algum problema? — perguntei, com falsa incredulidade.

O Aegan semicerrou os olhos, mas imediatamente relaxou o rosto.

— Não. Vamos.

A Artie, que permanecera em estado de choque todo aquele tempo, seguiu-me quando saí. Começámos a descer as escadas vários passos à frente deles. Dissimuladamente, ela aproximou-se e perguntou-me entre dentes:

— O que estás a fazer? O que se passa?

— Faz só o que eu fizer — respondi num sussurro.

O Aegan queria um encontro, não era?

A minha resposta mental era:

«Aceito, e vamo-nos conhecer, Aegan, mesmo a sério.»

7

Um encontro com um Cash é um sonho de magia e amor… até acordares

Fomos a um restaurante japonês do *campus*, e não parei de analisar o Aegan ao longo de todo o caminho.

Primeiro traço detetado: controlador.

A sério, aquilo não podia ser normal. Tinha de ser patológico, porque eu não encontrava outra explicação. Adorava comandar. Primeiro, disse que iríamos todos no seu carro, e não, não o propôs: deu uma ordem irrefutável, o que obrigou o Adrik a deixar estacionada em frente ao nosso edifício a carrinha em que viera.

Depois, escolheu o que íamos comer. Ao chegar ao restaurante, depois de nos sentarmos à volta de um elegante balcão em forma de U que rodeava uma grelha reluzente onde um *chef* cozinharia para nós, o Aegan disse:

— O mesmo de sempre.

Não nos deram a ementa nem hipótese de escolher. A Artie não se incomodou e o Adrik também não, mas, agora que falo do Adrik, quão estranho era aquele tipo, hã? Passara o caminho todo dentro do carro com cara de cu. Sabes o que é cara de cu? Cara de enjoo, meio enrugada, como a de um miúdo obrigado a ir a um sítio a que não queria.

Enfim, a minha intenção com aquela saída era que o verdadeiro Aegan se manifestasse. Não queria ver o cavalheiro sorridente de covinhas encantadoras e cara de póster político. Para conseguir o meu objetivo, ocorreu-me que, além de fingir que gostava de estar ali com eles, poderia recusar inteligentemente cada uma das suas ordens.

O inferno para um controlador, não achas?

— O mesmo de sempre é o quê? — perguntei com a minha voz mais agradável ao *chef*.

— *Noodles*, rolos de salmão e caranguejo — respondeu o Aegan, sem desviar o olhar

de mim.

Raios, soava tão bom que ponderei mudar de estratégia e aceitar alegremente a sua proposta.

Mas a Artie salvou-me sem saber.

— Sou alérgica a salmão — disse, e a sua voz soou estranha, afetada e até receosa.

Achei que o Aegan diria ao *chef* para não cozinhar salmão porque não queríamos ver a Artie inchar até explodir, mas limitou-se a olhar para ela, meio sisudo, com uma cara de «E queres que eu faça o quê?», porque as suas alergias não o preocupavam minimamente.

Outro traço revelado: o Aegan não era empático.

— Escolhe outra coisa — sugeriu o Adrik com a simplicidade preguiçosa de alguém que resolvia as coisas da maneira mais rápida, sem se incomodar. Fiquei um pouco surpreendida que tivesse dito isso.

— Não importa, os *noodles* e o caranguejo estão bem para mim — assentiu ela num tom mais baixo.

A Artie desviou o olhar e apercebi-me de que ainda há umas horas ela estava preocupada com as roupas em que o Adrik a veria e agora parecia querer enterrar-se num buraco com um ar de angústia e desânimo. Suspeitei que também tivesse reparado na indiferença do Aegan.

Pensei que, por um lado, era bom que ela se tivesse apercebido de que ele não era o tipo perfeito que todos diziam que era, mas, por outro lado, não gostei de que ele a tratasse assim.

Portanto, liguei a Jude que sabia lixar as coisas. A minha favorita.

— Espera, era caranguejo? — disparei, falsamente confusa. Todos, incluindo o *chef*, olharam para mim. — Acho que ouvi mal. Sou muito alérgica ao caranguejo. Dá-me uma hemorragia estomacal horrível. É melhor escolhermos outra coisa. Posso ver a ementa?

O *chef* inclinou-se para um lado, pegou numa ementa e ofereceu-ma.

Naquela noite, o Aegan não ia controlar a comida. *Sorry not sorry.*

— Artie, por favor, ajuda-me a escolher — pedi-lhe, sorrindo, e a sua cara iluminou-se.

O *chef* pegou noutra ementa e passou-lha. Demorei a decidir-me, procurando escolher de forma totalmente propositada. Não percebia muito de comida japonesa, portanto guiei-me pela regra básica de «nome mais interessante com o preço mais exagerado». A Artie escolheu uns *noodles* com frango e molho teriyaki, e eu escolhi…

— Quero o *Karashi Renkon* e o *Tantanmen* — pedi, com orgulho e entusiasmo.

— Jude, não — interveio o Aegan.

Disse-o com calma, mas tinha uma maneira muito natural de fazer tudo soar a uma proibição, a uma ordem que não podias desafiar. Obviamente, ia desafiá-lo.

— Aegan, vou escolher a minha comida. Consegues respeitar isso sem que te rebente uma veia da testa? — pedi-lhe, com uma voz suave, mas firme.

Notei alguma tensão no seu maxilar. Até olhou para mim fixamente, como se me estivesse a insultar na sua cabeça.

— Acho que… — o Adrik tentou dizer-me qualquer coisa, mas o Aegan interrompeu-o, sem deixar de olhar para mim.

— Adrik — disse, num claro: «Não digas nada.» — Deixa. Se é isso que quer, é isso que terá.

Dirigi-lhes um sorriso falso.

Senti-me satisfeita quando acabaram de registar o pedido para começar a preparar tudo. Fez-se um breve silêncio na mesa. O Adrik desapareceu na sua apatia, que devia ser a sua outra cara, para além da de cu. Manteve-se ausente, dando a entender que não se importava absolutamente com nada, porque dentro da sua cabeça as coisas eram mais divertidas. Questionei-me acerca do que me quisera dizer antes, mas só Deusinho saberia. O seu irmão calara-o. Outro sinal de que detinha o poder.

O Aegan fez-me uma pergunta:

— De onde vens, Jude…? É só Jude ou tens um segundo nome?

Fez com que soasse naturalmente, mas isto foi uma coisa que aprendi logo: o Aegan não pergunta nada para fazer conversa. Faz perguntas para avaliar as respostas.

— É uma história engraçada — confessei. — Sou de muitos sítios. E não, não tenho segundo nome.

— De muitos sítios? Explica-nos isso, por favor — pediu, interessado.

Não me incomodou contar:

— Bem, desde muito jovens que os meus pais viajavam bastante devido à sua religião. Viveram em vários países como missionários, portanto nunca fiquei só com uma cultura ou nacionalidade. Vieram para cá quando tinha dez anos e ficámos aqui porque a igreja deles enfrentou um escândalo, com algumas acusações graves, e foi extinta.

A Artie ficou surpreendida e perturbada ao mesmo tempo.

— Uau — disse.

O Aegan, pelo contrário, não parecia nem um pouco surpreendido com a minha história.

— Parece que passaram por muitas dificuldades, não? — assentiu, meio

analiticamente. — Mas aqui estás, anos mais tarde, numa das universidades mais caras do país.

Soltei um largo sorriso.

— Sim, aqui estou — assenti também.

O quê? Estava à espera de que lhe explicasse como pagara a matrícula em Tagus? Não fora com uma bolsa, que não era assim tão empenhada, lamento muito. Pagara o primeiro trimestre com algumas poupanças que mais tarde vos digo de onde vieram, mas ele não precisava de saber isso. Tagus tinha várias maneiras de processar a entrada dos seus alunos.

Antes de ele conseguir fazer-me outra pergunta, apareceu o Aleixandre. Vinha muito relaxado, como se apressar-se para chegar à mesa fosse o último dos seus objetivos.

— Atrasei-me porque pus-me a jogar basquetebol com uns amigos e não dei pelas horas — explicou quando chegou e se sentou junto ao Aegan.

Basquetebol? E não tinha uma gota de suor na cara? E vinha de calças de ganga e camisola? E não tinha um cabelo fora do sítio e vinha todo bem penteado para trás como sempre? É certo que tinha uma ligeira vermelhidão nas bochechas, que indicava que talvez tivesse feito algum tipo de esforço em algum momento e que mais tarde parara, mas... teria sido mesmo isso que estivera a fazer? Por algum motivo, suspeitei que não.

O Aegan olhou para ele ligeiramente incomodado, mas o Aleixandre não reparou nisso porque estava a olhar para a Artie e para mim com uma curiosidade divertida, que não era completamente trocista, como a do Aegan. A sua era agradável, como se desfrutasse verdadeiramente da vida.

— Aquela é a Artemis — apresentou o Aegan, para esclarecer os nomes. — E já sabes que esta é a Jude — acrescentou, apontando também para mim.

— Jude, impossível de esquecer — confirmou o Aleixandre, e foi impressão minha ou reprimiu um sorriso?

Além disso, a forma como pronunciou o meu nome pareceu-me estranha e incomodou-me um pouco.

— Quanto à Artemis, tenho dúvidas — acrescentou, olhando-a com uma certa hesitação.

— Ando no segundo ano — respondeu ela. A sua voz ainda soava algo desanimada. — Em Biologia.

O Aleixandre semicerrou os olhos e estudou-a da mesma forma que alguém examina um rosto desconhecido, mas familiar, tentando encontrá-lo nos recantos das

suas memórias.

— Fomos colegas em alguma cadeira ou assim? — perguntou-lhe ele.

— Não fomos, não — negou ela, coçando o nariz.

— É que me dá a impressão de que já nos vimos antes — insistiu.

— Quem sabe tenha sido nos corredores ou no *campus* — sugeriu a Artie convictamente.

O Aleixandre formou uma linha com os lábios, estalou a língua e abanou a cabeça.

— Não, não é daí…

— Ela já te disse que talvez a tenhas visto por aí — interveio o Aegan, tratando de resolver o assunto. — Conta-me lá como está a correr o evento de beneficência.

O Aleixandre concentrou imediatamente a sua atenção em responder à pergunta do irmão e começou a explicar-lhe tudo com grande entusiasmo. Tinha piada reparar que ninguém partilhava daquela excitação. O Aegan ouvia-o com um ar sério, assentindo. O Adrik…, bem, parecia estar a cagar-se para o resto do mundo, com aquele ar distante e impassível, olhando para o vazio como se não estivesse ali, connosco, mas antes num universo em que nos poderia mutilar a todos. A Artie continuava extremamente pensativa.

— Devias pedir as medidas da Jude — disse o Aegan, o que aguçou a minha curiosidade em relação ao tema.

— O quê? — perguntei para me meter na conversa. — Porquê?

— Porque vens comigo ao evento de beneficência — respondeu o Aegan e pegou no copo de água para beber um pouco. Os seus movimentos eram elegantes, não o podia negar.

«Eu iria com ele a um evento.» Mais uma vez, decidira por mim.

Fiquei com cara de «como assim, bro?».

— É daqui a duas semanas — esclareceu o Aleixandre. — Não será aqui no *campus* porque é organizado em nome do nosso pai, será na casa de campo que temos na aldeia. É um grande evento que vai aparecer em algumas revistas, portanto, queremos que as nossas namoradas vistam qualquer coisa a combinar connosco.

— Como se vocês fossem o Hugh Hefner e elas as vossas coelhinhas? — disparei, surpreendida com o quão ridículo aquilo soava.

— Sim, mas mais elegantes — disse o Aleixandre a rir, agradavelmente surpreendido.

Olhei-o como se ele estivesse a gozar, mas não havia qualquer sinal disso no seu rosto, antes pelo contrário. Só conseguia ver o entusiasmo de uma criança pronta a brilhar. Olhei então para o Aegan no momento em que voltava a pousar o copo na

mesa e passava a língua pelos lábios. Acendeu-se dentro de mim uma chamazita que precisava de pouco para se converter num fogo arrasador. Talvez os eventos da elite fossem mesmo assim. Talvez os rapazes e as raparigas tentassem combinar as roupas para se destacarem, mas não gostei de que ele tivesse tomado uma decisão que me envolvia mesmo à minha frente.

— O problema é que não sou a tua namorada — disse-lhe, sem me conseguir aguentar.

— Não é preciso que sejas para vires comigo — assegurou-me, com completa tranquilidade.

— O outro problema é que talvez não queira ir contigo — rebati.

O Aleixandre reprimiu o riso e a comida salvou o momento. De repente, trouxeram-na. Puseram à minha frente dois pratinhos que nunca tinha visto nem provado. Um era uma tigela de *noodles* e pedaços de alguma coisa que parecia carne. No outro, havia várias rodelas amarelas ligeiramente grossas com uns pontinhos de um creme qualquer ao centro. Pensando que o tema de irmos juntos ao evento já se esgotara, peguei nos pauzinhos e saquei uma dessas rodelas.

Sentia que o Adrik me olhava fixamente, mas chegara o momento de comer, de desfrutar, de encher a barriga sem ouvir a insuportável voz do Aeg…

— Quando quiseres rejeitar alguma coisa, não digas «talvez» — disparou ele, mesmo quando eu estava prestes a meter a rodela à boca —, porque deixas a porta aberta.

E no seu rosto de demónio atraente que, por azar, a genética lhe concedera, surgiu um sorriso que só poderia emanar malícia. Encontrei de novo aquele brilho selvagem e desafiador no seu olhar semicerrado. Estava a gozar comigo sem dizer a merda de uma palavra, hã? Pois bem, não ia ficar sem resposta. Já irritada, preparei uma resposta monumental para lhe dar, uma maravilha que o ia deixar calado, mas antes comi a rodela e mastiguei-a e engoli rapidamente para poder falar.

Obviamente, correu-me tudo mal.

Só sei que, primeiro, as palavras não me saíam e que quando ele viu que não saíam, aproveitou para acrescentar com divertida malevolência:

— Tenho a certeza de que vais ficar muito bonita com o vestido no evento.

Enquanto isso, um cataclismo rebentara na minha boca e na minha garganta. Tudo e todos desapareceram em meu redor. O sabor daquela rodela que engolira a toda a velocidade detonou com o mesmo impacto de uma bomba nuclear. Senti o picante, o ardor e, logo a seguir, um vapor quente que me subiu ao nariz e me picou com maldade. Então, todo o meu rosto se transformou. De boca aberta, olhos muito

saídos e a cara vermelhíssima, só consegui pensar: «Mas que raio é isto?! Porque é tão picante?!! Preciso de água agora mesmo!!!»

— Ai, Jude, o que foi? Estás bem? — ouvi a Artie perguntar-me.

— Água!!! — gritei.

Atirei-me a ela. Como se fosse o último copo de água do mundo, agarrei-o e inclinei a cabeça para trás, para que o líquido entrasse melhor na minha boca e pudesse bebê-la sem parar. Mas o picante não desapareceu! Portanto, lancei-me ao copo da Artie, atirando com isso os talheres ao chão. Bebi outra vez, desesperada, sem estar consciente de que os outros me observavam, porque fazia tudo de forma urgente e angustiada.

Só ouvi vozes a discutirem muito rapidamente à minha volta.

O Aleixandre:

— Pediu comida picante?

A Artie, preocupada:

— Acho que sim…

O Aleixandre, confuso:

— Mas porque é que comeu assim se sabia que era picante?

A Artie, assustada:

— Acho que ela não sabia!

O Aegan:

— Eu disse-lhe para não pedir aquilo.

A Artie, mais assustada:

— Não foste nada específico!

O Aegan, ofendido:

— Estás-me a culpar, é?

A Artie, triplamente assustada:

— Podias ter dito!

O Aegan, desafiante:

— Tem cuidadinho com o que dizes, Artemis.

A Artie, chateada:

— Não sei se sabes que ela podia ter morrido!

O Aegan, imbecil:

— Queres processar-me então?! É melhor calares-te. Não ajudas nada.

O Aleixandre, o único sensato:

— Tragam leite, por favor! Corta mais rapidamente o picante!

Atacando todos os copos de água da mesa e inclusivamente o jarro da mesa,

provoquei um desastre. Por um lado, sabia o que estava a fazer, mas, por outro, que era o lado do meu corpo a tentar sobreviver ao fogo do picante ainda na minha garganta, não me importava. Os meus olhos choravam, o nariz ardia-me, a minha língua parecia estar a passar por um autêntico inferno. Desesperada, cheguei a beber água e a cuspi-la para limpar as minhas papilas gustativas. Os pratos caíram, as cadeiras arrastaram-se para trás. Ouvi o Aegan a dizer-me para parar, a Artie a tentar ajudar-me de alguma maneira, o Aleixandre a pedir que trouxessem rapidamente o leite…

Quando vi o leite na mão do empregado de mesa, roubei-o como imagino que um homem das cavernas roubasse um pedaço de carne a outro homem das cavernas. Nem sequer respirei enquanto o bebia. Pouco a pouco, o pior foi desaparecendo. Não foi tão rápido quanto esperava, mas o leite ajudou. O meu peito convulsivo acalmou-se e começou a diminuir o seu ritmo desvairado.

O fogo foi-se reduzindo…

No fim, soltei um suspiro forte e caí sentada na cadeira. O mundo voltou a surgir diante de mim e a fazer sentido, e percorri aquele sítio com o meu olhar. Havia um silêncio geral. Os irmãos estavam de pé à volta da mesa, a olharem para mim, atónitos. O empregado de mesa pestanejava com perplexidade. Nas outras mesas, as pessoas olhavam para mim, surpreendidas. A Artie estava ao meu lado com as mãos à frente da boca e as sobrancelhas arqueadas de medo e preocupação.

Ai, meu Deus…

Acabara de fazer uma figura ridícula.

O que não era novidade.

— Desculpem — disse o Adrik, quebrando o silêncio e dirigindo-se a um empregado de mesa imaginário. — Podem servir-me um copo de cloro com umas gotas de ácido?

Para dizer a verdade, a mim também me teria caído bem essa mistura num copinho.

O jantar estava arruinado, evidentemente. O meu plano para chatear o Aegan, arruinado. Ele pagou pelos pratos e copos destruídos e pediu comida para levar. Depois, o Aleixandre foi-se embora e nós, os quatro que tínhamos chegado juntos, tivemos de voltar para casa da mesma forma, no mesmo carro, com o mesmo silêncio denso.

O que descobrira naquele jantar?

Que não devia pedir comida pelo nome.

Que o Aegan precisava de controlar tudo.

Que o Aleixandre era uma cópia do seu irmão mais velho.

E que o Adrik era tão indecifrável como um manuscrito escrito no ano 1 antes de Cristo.

Demonstrou-o no preciso momento em que o Aegan estacionou à frente do edifício, porque abriu a porta, saiu e dirigiu-se ao seu carro para arrancar e ir embora. Não disse nada nem se despediu.

A Artie, por seu lado, falou num tom cordial:

— Adeus, Aegan.

Ele não lhe respondeu e ela entrou no edifício. Eu não pensara em despedir-me. A minha intenção era abrir a porta para também sair e virar-lhe as costas, mas o Aegan tocou-me no cotovelo.

— Espera um momento — pediu-me.

— Olha, não sabia que a comida era picante, *OK*? — apressei-me a esclarecer. Recusava-me a receber qualquer tipo de censura. — E estava demasiado picante, não exagerei. Sentia que…

— Não é isso… — deteve-me, semicerrando os olhos.

— Ah.

Voltei a acomodar-me no assento, interessada em saber que idiotice diria. Estávamos a sós, não havia ninguém em redor, não estava a Artie nem os seus irmãos. Esperei que deixasse de fingir, porque eu queria ver o verdadeiro Aegan, o que eu sabia que estava ali dentro, não a personagem que ele usava para proteger a sua imagem.

O que esperava não aconteceu.

— Quero sair contigo — disse por fim. — Como já saberás, será só durante noventa dias. Nesse intervalo de tempo, há algumas instruções que deves respeitar. Não são demasiadas, mas cada uma é importante para…

— Não perturbar o macho dominante que evidentemente há em ti? — completei, com uma sobrancelha arqueada.

— Para mantermos um equilíbrio entre mim e ti — corrigiu-me.

Soltei um riso extravagante, sem qualquer indício de diversão.

Instruções? Algumas instruções como se ele tivesse o direito de impor uma pauta aos outros? Não consegui evitar, essa ficou-me atravessada até ao tutano, e a chamazinha que mencionei anteriormente transformou-se num fogo que prometia arder no desejo de o consumir.

— E se eu não quiser nenhum equilíbrio? — refutei.

O Aegan disse simplesmente:

— Íamos dar-nos muito mal.

— Já nos damos mal — disparei sem rodeios. — Não acredito no teu teatrito de rapaz cavalheiro. Estás a fingir.

Os cantos da sua boca expandiram-se ligeiramente num sorriso malicioso, mas misterioso. Podia ser um «Ups, fui descoberto» ou um «Hum, achas mesmo isso?», mas não tinha a certeza. Esperei que dissesse algo, mas não o fez e isso foi a confirmação das minhas palavras. Fingia. Agora a pergunta era: porquê?

— Porque é que estás a fazer isto? — perguntei-lhe.

— Porque gosto de respeitar certas regras nas minhas relações — respondeu, mostrando-se surpreendido com a minha incompreensão. — Qual é o problema?

— Não estou a falar dessa estupidez das regras e instruções ao estilo do Christian Grey. Refiro-me a escolheres-me, a quereres sair comigo.

— Queres que te diga que és especial e isso?

— Não, quero que me digas qual é o teu plano — exigi. — Porque sei que tens um.

Estávamos sentados de lado nos assentos, de frente um para o outro. O Aegan semicerrou os olhos. E vi neles um brilho astuto e perigoso.

— Já ouviste a frase: «Mantém os teus amigos por perto e os teus inimigos ainda mais perto?» — sussurrou. — Faz parte da minha filosofia de vida, querida.

— O «querida» podes usar como supositório — respondi.

Suspirou de alívio.

— Que bom, já me estava a cansar de ter de usar uma palavra que não combina contigo.

Ali estava. Aquele era o Aegan real: cruel, odiável, como uma versão menos sangrenta do Joker.

— Por fim! — disse, num tom trocista. — Não és o Aegan cavalheiro e bondoso que queres parecer.

Ele endureceu o rosto.

— E tu quem és? — respondeu, desafiante e ao mesmo tempo gozão. — Porque vieste do nada e desataste a insultar o meu nome? Pensei que estava a perceber mal as coisas, mas cada vez é mais claro que queres começar uma guerra e preocupa-me como isso possa acabar para ti.

Para mim? A sério? Oh, céus… O Aegan estava confiante de que, acontecesse o que acontecesse entre nós, ele iria ganhar.

— Se achas que me assustas, estás enganado — senti que devia esclarecer. — Tipos como tu não me intimidam.

Sacudiu a cabeça e de seguida sorriu com uma satisfação macabra.

— Não estou a tentar assustar-te. Estou a tentar dizer-te a verdade — disse lentamente e num tom ameaçador. — Não comeces uma guerra que não vais ganhar, Jude Derry.

— Tens a certeza disso? — devolvi.

— Eu tenho os meios para lutar e tu, pelo que vejo, não tens nada.

Analisou-me subtilmente com um olhar desdenhoso e superior, talvez numa estratégia para me acobardar. Usaria esta tática com toda a gente? Talvez com os outros funcionasse. Comigo, não.

— Tenho algo que basta para que esteja ao teu nível — garanti-lhe, com um sorriso amargo. — Chama-se coragem. Foi o que me fez sentar naquela mesa na noite de jogos para te deixar com um ar de imbecil e é o que usarei para enfrentar qualquer um dos teus ataques se te atreveres a levá-los a cabo, porque se vieres à minha procura, vais encontrar-me. Sempre.

Abri a porta, saí do carro e afastei-me a passos largos pelo passeiozinho. Enquanto avançava, ouvi atrás de mim:

— Vou passar a apanhar-te de manhã para te levar às aulas. Boa noite, querida!

Quando cheguei a casa, fechei a porta e encostei-me a ela. Respirei bem fundo.

Oh, por todos os deuses… O meu coração batia nervosamente, mas era uma adrenalina de coragem. Acabara de dizer ao Aegan Cash que enfrentaria qualquer ataque seu; que se queria guerra era isso que ia ter, como se de facto tivesse os mesmos meios que ele, o que obviamente não era verdade. Porque sim, a coragem é importante, mas o Harry Potter não destruiu o Voldemort só com coragem. Foi preciso bem mais do que isso.

Ainda assim, não estava arrependida. Deixara-lhe claro que não me intimidava. Isso serviria para que ao menos percebesse que eu lhe ia dar luta.

No meio do meu caos mental, lembrei-me da Artie. Bati à porta do seu quarto porque estava fechada. Lembrava-me de a ouvir discutir com o Aegan e de como ele a mandara calar-se. No carro, ele não lhe devolvera a despedida e esteve a marimbar-se para se ela morria ou não com a sua alergia ao salmão. Era evidente que passara um mau bocado. O pior era que eu não me levantara da mesa nesse momento, trazendo-a comigo, só por achar que era mais esperta do que eles.

A verdade era que nunca tinha tido mais do que conhecidas, jamais tentara ser amiga de alguém ou deixara que alguém fosse minha amiga. Não sabia exatamente como abordar o assunto, portanto, voltei a bater à porta e tentei ser sincera.

— Artie — disse, sabendo que ela me estava a ouvir —, peço muita desculpa.

Devia ter dito para nos irmos embora. Não, na verdade, devia ter-te perguntado se querias ir ao jantar antes de ter decidido. Foi estúpido da minha parte.

Não tive resposta.

— Sinto muito, a sério — acrescentei num suspiro. — Se estás chateada, tens todo o direito de não aceitar as minhas desculpas, e se deixares de me falar, eu vou perceber.

Nenhuma resposta.

— Bem, obrigada por te teres preocupado comigo — concluí. — Prometo não te chatear a partir de amanhã. Por favor, não te sintas mal por causa daquele imbecil. Boa noite.

Virei costas para ir para o meu quarto recriminar-me pelas minhas ações.

Mas de repente a porta do quarto da Artie abriu-se.

Apareceu à minha frente com os olhos vermelhos e chorosos e com a maquilhagem esborratada. Sim, tinha estado a chorar, mas o mais importante era isto: longe de parecer triste ou angustiada como a Artie do restaurante, parecia zangada, ressentida e acima de tudo decidida a algo.

Foi aí que soltou a bomba que mudaria tudo:

— Jude, há uma coisa que precisas de saber.

— Acerca do quê?

— Acerca do Aegan.

O meu coração acelerou. Tive um pressentimento esquisito.

— Pelo teu tom, parece mau.

Ela assentiu.

— É mau.

Oh.

Meu Deus.

Isto acabava de ficar bom.

8

Os segredos do Aegan Cash têm mais segredos

A minha cara revelou um «O quê?».

E a minha boca soltou um:

— O quê?

A Artie enxugou o nariz com o pulso e voltou para o quarto, deixando desta vez a porta aberta para que eu passasse. Vi-a dirigir-se à cama. Pensei que se sentaria ou se atiraria para cima dela para começar a chorar como uma princesa da Disney, mas já te deves ter apercebido de que nesta história não há princesas nem acontecem coisas boas como nas das princesas.

A Artie inclinou-se, levantou ligeiramente o colchão e apanhou algo debaixo dele. Quando soltou o colchão e vi que era um maço de tabaco e um isqueiro, encarei-a com olhos muito abertos devido à surpresa.

— Fumas? — perguntei, e fi-lo com um tom de surpresa porque, enfim, desde o primeiro dia que a Artie tinha todo o ar de ser uma rapariga bem-comportada que evitava problemas. Agora tinha cigarros debaixo da cama?

Definitivamente, as minhas suspeitas de que não era a rapariga que aparentava estavam certas.

— Quando fico muito stressada por causa dos exames — suspirou enquanto acendia um —, ou por coisas… assim.

Deu uma passa como se fosse a única coisa de que precisava, sentou-se na cama e encostou-se à cabeceira, de pernas contra o peito. Aproximei-me para me sentar na borda, na expectativa, ansiosa por ouvir o que tinha para me dizer.

— E então? — incentivei-a a contar-me. — O que preciso de saber?

Não disse nada logo. Olhou para o vazio por um momento, de olhos humedecidos, e imediatamente a seguir, como se já o tivesse decidido, encarou-me e juro que, de alguma forma, o seu aspeto naquele momento nada tinha a ver com a rapariga medrosa e nervosa que costumava ser. Parecia alguém que guardara muita dor e que finalmente rebentava, mas, sobretudo, era óbvio que estava disposta a falar de algo de

que não falara com mais ninguém.

— Já ouviste o nome Eli Denvers? — perguntou-me.

Procurei nos meus registos mentais.

— Lembro-me do que disse o Dash, que os Denvers são uma das grandes famílias que fazem doações anuais a Tagus — respondi. — Mas a Eli em concreto não sei quem é.

— Estudou cá o ano passado e era a namorada do Aegan — revelou-me. — A namorada oficial, a que conhecia desde o colégio, com quem não tinha tempo limite.

Ao ouvir isto, fiquei assarapantada (acho piada a esta palavra e queria usá-la).

Consegues imaginar o Aegan que te apresentei até agora a ter uma relação séria? Eu não conseguia conceber isso naquele momento, primeiro porque: que rapariga teria a paciência e a falta de dignidade necessárias para amar aquele troglodita? E segundo porque: poderia aquele troglodita querer alguém?

— Muito bem, e o que aconteceu? — perguntei, sentindo muita curiosidade. — Porque estando aqui já a teria visto ou ao menos ouvido falar dela.

A Artie expeliu o fumo do tabaco um momento antes de me responder:

— Passou-se que um dia a Eli desapareceu.

— De Tagus? — perguntei, confusa.

— De todo o lado.

— Foram os pais dela que a levaram ou…?

— Não, simplesmente um dia não foi mais às aulas e ninguém a voltou a ver.

A Artie observou a minha reação com curiosidade. Certamente pensava que um icebergue pareceria menos congelado do que eu estava naquele momento perante esta revelação tão inesperada. E ainda não vais entender o que te vou dizer, mas perguntei-me se seria o destino a atirar-me à cara algo que não podia ser um mero acaso, algo como um sinal, como uma mensagem do tipo: «por esta não esperavas, sua fraca?»

Um monte de perguntas surgiu na minha cabeça, mas senti que a primeira que deveria fazer era:

— Ninguém sabe para onde foi?

Ela abanou a cabeça.

— Não, foi tudo muito estranho. — As suas sobrancelhas um pouco arqueadas e o nervosismo com que tremiam os dedos que seguravam o cigarro mostraram-me que o tema a perturbava. — Um dia, a Eli passeava pelos corredores da faculdade e no seguinte já não. Uma semana depois, as redes sociais dela desapareceram. Todos os perfis em que costumava estar ativa foram apagados. Se procurares agora, não há

qualquer rasto da Eli Denvers desde o ano passado. Dos familiares sim, mas sobre ela, nada.

A minha cara revelava mais confusão que não tentei esconder.

— É muito esquisito — admiti.

— A mim também me pareceu muito esquisito — concordou comigo. — Mas acho que fui a única que o mostrou, porque só se falou dela durante um par de dias. Depois, aconteceu o que costuma acontecer com tudo por aqui: surgiu uma bisbilhotice nova e melhor e as pessoas foram-se esquecendo do que aconteceu.

Levantei-me da cama e fiz um gesto de «espera lá, Artemis».

— E se tiver ido para outra universidade ou se tiver mudado de país? — sugeri. — Às vezes, as pessoas vão assim sem…

— Não fez nada disso — interrompeu-me. — Eu investiguei.

— Investigaste?! — disparei, atónita, muito surpreendida por ela, a rapariga medrosa, ter feito algo assim.

— Sim, porque…

Interrompeu-se bruscamente. Vi-a comprimir os lábios como se hesitasse em dizer-me o que quisera dizer ao começar a frase, como se uma parte de si lhe dissesse: «Não, cala-te. Pensa melhor…» Mas, por amor de Deus, não podia deixar-me naquele suspense.

— O quê? — incentivei-a a concluir.

A Artie comprimiu ainda mais os lábios e recusou em silêncio, aflita. Impaciente, pus-me em frente a ela, agarrei-a pelos ombros e olhei-a nos olhos. Tentei que o meu olhar exprimisse apoio e cumplicidade, queria que entendesse que o que me contara marcava um antes e um depois na nossa relação de colegas de casa.

— O quê, Artie? — insisti. — Diz-me.

Suspirou sonoramente e a sua expressão misturava preocupação e coragem.

Sussurrou:

— Acho que o Aegan a fez desaparecer.

Santa madre das santas madres. Aquilo estava mesmo a acontecer? A sério que a Artie acabara de dizer isso? Também não vais perceber isto já, mas o meu coração acelerou de forma esquisita, como se essas palavras me emocionassem, assustassem, surpreendessem e confundissem: tudo ao mesmo tempo, tudo ao mesmo nível.

— É uma acusação muito grave… — foi o que saiu da minha boca.

A Artie assentiu com aflição e voltou a dar uma passa ansiosa no cigarro, para evitar desatar a chorar outra vez.

— Eu sei, eu sei, mas…

E então contou-me.

Um dia, no ano anterior, saiu do *campus* com um rapaz. Foram ao restaurante de um hotel popular fora de Tagus. Mesmo antes de entrar, a Artie viu o Aegan a sair do hotel com uma rapariga desconhecida. Sair de um hotel com alguém pode não ser suspeito, mas vê-los beijarem-se, que foi o que ela presenciou, foi uma confirmação de que não estavam ali só à conversa. No dia anterior, a Eli deixou de ser vista na universidade. Não voltou às suas aulas habituais. Desapareceu de Tagus e não voltou a ser vista em sítio nenhum.

— Pois, não me surpreende que o Aegan lhe fosse infiel — admiti, porque, bem, tu imagina-lo fiel? Eu não. — É possível que a Eli tenha desaparecido ao descobrir essa traição.

— Que saísse de Tagus por isso, sim, é possível. Mas que desaparecesse completamente? — enfatizou a Artie. — Porque podes ficar chateada, mas apagar as tuas redes e não aparecer nada sobre ti, mesmo sendo a tua família socialmente muito ativa? Eles nunca sequer te mencionarem? Como… como se estivesses morta.

«Morta.»

A palavra causou-me um calafrio.

Fez-se um silêncio no quarto que permitia ouvir o fumo do cigarro.

A Artie fumou de sobrancelhas arqueadas, presa pelo medo e pela dúvida. Eu via-a a continuar a lutar com as suas emoções, e isso mostrava-me que podia continuar a explorar, o que era bom porque, mais do que nunca, estava certa de que tinha mais coisas a revelar. E haver mais coisas nesse novo e intrigante tema da Eli estava a aumentar o meu nível de adrenalina… Ah, sim… Ah, sim…

Era errado, mas precisava de saber o resto. Dali não saía ninguém até que me contasse tudo.

Pressionei-a.

— Mas não há nenhum indício de que seja verdade isso que tu achas, de que o Aegan lhe fez algum mal… — encolhi os ombros. — Portanto, só podemos achar que se foi embora chateada ao descobrir que foi enganada, não?

Os dedos da Artie que seguravam o cigarro tremeram mais enquanto dava outra passa.

— Ou há mais? — atrevi-me a perguntar-lhe, com cuidado.

Hesitou, assustada. Pousei uma mão na sua perna para que se sentisse apoiada.

— Podes contar comigo — acrescentei. — Sabes que nunca vou estar do lado deles. Além disso, se se trata de segredos, acredita que sei guardá-los muito bem.

Depois de um silêncio que me fez pensar que não diria mais nada e que não ia ter

sucesso, ela apagou com raiva o cigarro num cinzeiro da mesinha de cabeceira. Parecia novamente decidida. Levantou-se da cama e mais uma vez levantou o colchão. Mas, por Voldemort, quantas coisas guardava ali? Sacou algo diferente dos cigarros: uma *pen.*

Fiquei algo confusa com o rumo que aquele assunto ia tomar. No entanto, esperei enquanto pegava no computador pousado na mesinha de cabeceira, o ligava e conectava ao dispositivo.

— Vou mostrar-te um vídeo — disse-me. — É uma gravação de uma câmara de vigilância instalada na biblioteca de Tagus, mas não da atual que todos conhecem, da biblioteca antiga, que o ano passado foi fechada aos estudantes normais para que só fosse utilizada por professores, pessoal administrativo ou estudantes pertencentes à associação de estudantes.

Enquanto procurava o arquivo, a Artie pediu-me que nos sentássemos juntas para ver as imagens. Intrigada a um ponto que me deixava o pé a tremer compulsivamente no chão, observei.

A gravação apareceu no ecrã. Via-se a cores, mas com a qualidade característica das câmaras de vigilância. Apontava para uma fila de mesas com computadores algo ultrapassados e para uma impressora. Em frente a um dos computadores, estava sentada uma rapariga. Tinha o cabelo avermelhado, encaracolado e muito comprido. Os seus traços faciais não eram completamente claros, mas captava-se um rosto em forma de coração, um nariz pequeno e lábios carnudos. Suspeitei que o Dash tivesse dito: «É uma deusa de pele de caramelo.» No entanto, o que mais se destacava era a expressão do rosto, porque parecia muito nervosa. Esteve algum tempo a mexer ansiosamente o rato, depois levantou-se da cadeira e, com pressa, foi até à impressora. Esperou um instante para que a impressora lhe desse uma folha e então foi de novo para a cadeira, fez qualquer coisa no computador e pegou na mochila. Meteu-a aos ombros muito rapidamente enquanto olhava em redor. Por fim, foi-se embora.

A Artie fechou a janela do vídeo e tirou a *pen* do portátil.

— Aquela era a Eli no dia antes de desaparecer — informou-me, olhando inquietamente para mim. — Reparaste em alguma coisa importante?

— Bem, tinha a cara assustada, estava muito nervosa quando imprimiu qualquer coisa e saiu logo disparada — resumi. Olhei para a Artie com uma certa confusão. — Mas onde é que arranjaste isso?

Ela coçou a nuca com um ar aflito.

— Há um rapaz com quem me tenho divertido desde o ano passado — a sua voz mostrava que não se orgulhava particularmente disso. — Estuda Informática. É dos

poucos que entrou com bolsa e trabalha na área da vigilância de Tagus durante a noite.

Contou-me também:

Três dias depois do desaparecimento da Eli, a Artie foi à zona de vigilância para, digamos, passar um bom bocado com esse rapaz, já sabes, a tocarem-se, a beijarem-se, a deixarem-se levar pelo calor… Bem, a Artie passional chegou de surpresa quando o rapaz estava a inspecionar a gravação da biblioteca. Subiu para a cadeira giratória, em frente aos ecrãs, e começaram a beijar-se. A Artie afastou-se do beijo por um momento para tirar a camisa e foi então que os seus olhos se depararam com o momento exato em que a Eli estava a imprimir qualquer coisa.

— E roubei a gravação — explicou-me, pouco orgulhosa disso. — Não a ia denunciar. Escondi o vídeo porque achei que a Eli estava a fazer alguma partida ou qualquer coisa para melhorar as notas. Não sabia que ia desaparecer a seguir e que a gravação me faria achar o que já te disse que acho acerca do Aegan.

Estava surpreendida a sério por a Artie ter tanta informação, mas a minha mente estava mais ocupada naquele momento com a Eli.

Já percebia o que levava a Artie a achar que o Aegan tivera algo a ver com o seu desaparecimento ou com o que quer que se tivesse passado. Poderia supor-se muitas coisas ao se ver aquela rapariga assustada na gravação, mas era fácil associar o seu comportamento ao Aegan se nos lembrássemos de que uma das coisas que ele inspirava era medo, e nem sequer de forma intencional. A sua postura, a voz ditatorial, a confiança, a reputação da família, a capacidade de conseguir o que queria, tudo em si levava a que o víssemos como uma pessoa que não podia ser desafiada, uma pessoa superior a qualquer outra. Uma pessoa com um lado obscuro.

Tivera a Eli medo do Aegan naquele momento?

— O que fez o Aegan quando ela desapareceu? — quis saber.

— Nada — respondeu a Artie. — No dia seguinte, assistiu normalmente a todas as aulas. E nunca o viram afetado ou preocupado, andava por aí, igual a sempre, confiante e feliz. Ninguém lhe fez perguntas e ele também não deu justificações. Foi como se nunca tivesse namorado com uma rapariga chamada Eli. Achas normal? Ignorares o facto de a rapariga a quem davas a mão todos os dias desaparecer de repente?

Não, não era.

Nada do que estava a ver e a ouvir era normal.

Havia algo de muito estranho no desaparecimento da Eli, na gravação, no facto de a Artie ter visto o Aegan a beijar outra rapariga… Eram pedaços dispersos de um

acontecimento que ninguém se encarregara de unir. Pedaços intrigantes, tentadores…

— Mais alguém sabe disto? — perguntei.

— Não, e ninguém mais pode saber — disse a Artie, nervosa. — Ainda que esta gravação exista, não prova nada, e os Cash têm meios de sobra para encobrir qualquer escândalo e para fazer com que tudo jogue a seu favor.

— Mas…

Foi ela quem nesse momento se pôs à minha frente e me olhou com seriedade. Com o *eyeliner* esborratado pelas lágrimas e os olhos vermelhos, parecia-me uma rapariga profundamente afetada por coisas que ninguém imaginava.

— Eu não disse nada nem direi nada — afirmou, segura da sua decisão. — E sim, é porque sou uma cobarde.

Tentei animá-la.

— Não és cobarde, só te falta mais coragem.

— Isso é uma maneira simpática de chamar cobarde a alguém — suspirou ela, revirando os olhos. — Mas, seja como for, Jude, decidi contar-te tudo isto porque ele está cada vez mais perto de ti, vê-se que lhe interessas e tenho a preocupante sensação de que não é porque goste de ti.

Eu também a tinha. O Aegan não gostava de mim, disso tinha a certeza, mas as suas razões para sair comigo continuavam a ser um mistério. Talvez fosse apenas por o ter desafiado?

— Não tenho medo dele — disse. Queria deixar isso claro.

— Bem, eu tenho — respondeu ela imediatamente, e com as seguintes palavras a voz da Artie ameaçou ceder: — Não quero que um dia desapareças como a Eli. Tens de te afastar dos Cash.

Percebia a sua preocupação. Era genuína. No entanto, não podia fingir que, depois de me revelar todas aquelas bombas, eu, a pessoa mais antipassividade do mundo, ficara tranquila. Não, Artie, não.

— Olha, só aqui estou há duas semana e acredito no que dizes sobre o Aegan — disse-lhe, antes de mais. — Não é preciso conhecê-lo a fundo para se perceber que é tudo menos o que as pessoas julgam.

A Artie deixou cair os braços, vencida, sentou-se de novo na cama, com um ar derrotado, e olhou para o chão. Os seus olhos ameaçaram voltar a humedecer-se.

— Não é só o Aegan — disse, controlando o seu nervosismo por mais um momento. — Os três Cash são um poço de mentiras que enche e enche sem nunca transbordar. — A sua coragem, no entanto, não durou muito tempo. — Ainda que

eu esteja a exagerar e o Aegan não tenha nada que ver…

— Sentes que estás a exagerar? — perguntei-lhe, cruzando os braços.

Ela roeu a unha do indicador, pensou um momento e, de seguida, mostrou-se frustrada.

— Não sei o que sinto! — soltou, desatando a andar inquieta pelo quarto. — Não quero que te aconteça nada a ti nem a mim, mas também… Também queria ter a certeza de que ele fez alguma coisa à Eli para que pague por isso e nunca mais volte a poder tratar as pessoas como lixo!

O meu radar disse-me que a Artie sabia mais do que mostrava e isso podia ser perigoso, mas não era ninguém para a julgar naquele momento em que só importava uma coisa: o mistério em torno do Aegan. Um mistério que se esmerara a ocultar, porque isso de não falar sobre a Eli no dia seguinte ao seu desaparecimento era sem dúvida suspeito.

Meu Deus, a sério, tudo isso não podia ser uma coincidência.

E adorei que não fosse.

A Artie deteve-se abruptamente, pálida.

— Jude, promete-me que não vais contar isto a ninguém — pediu-me de pronto, como se acabasse de se aperceber de que me revelara algo de muito grave. — Jura-me que, por mais irritada que estejas com o Aegan, não vais deixar escapar isto.

Claro que não contaria nada a ninguém, muito menos a ele.

Porque faria algo melhor: estava a pensar investigar o que se passara.

Adotei uma postura séria.

— Juro que não direi nada a ninguém — assenti.

A Artie recuperou um pouco de cor.

Mas lembra-te sempre disto: fazer promessas é muito fácil se souberes como fazê-las estrategicamente.

— O que não posso prometer é que não farei nada contra ele — acrescentei.

Voltou a ficar pálida.

— Estás a falar do quê? — perguntou com uma voz sumida.

A minha cabecinha forjara um plano.

— Lembras-te da ideia da Kiana? — disse. — Essa de eu sair com o Aegan para acabar com ele antes dos noventa dias passarem e o humilhar?

A Artie ergueu as sobrancelhas, subitamente assustada porque percebeu logo onde queria chegar.

— Ai, Jude, não estás a pensar que…

— Posso fazê-lo? — completei. — Sim, é isso que estou a pensar.

Bem, isso e várias outras coisas, mas ela não tinha de saber essa parte, muito menos com aquela cara de cachorrinho assustado que parecia hesitar até para respirar.

— Mas porquê?!

Agarrei-a pelos ombros e expliquei-lhe:

— Porque te tratou mal, enganou a Eli e me pôs numa lista como se fosse gado. Só aí atacou-me a mim e ao meu género, portanto vou atacá-lo a ele.

Quantas vezes funcionara este plano? Cady Heron contra Regina George. Blair Waldorf contra quem quer que a tentasse ofuscar. Veronica Sawyer contra Heather Chandler (esse exemplo é o pior). Estas raparigas tinham agido (mal, Jude, mal, confessemos), mas tinham conseguido qualquer coisa, pelo menos uma troca. Só precisava de ponderar bem os passos a dar; se o fizesse, estava certa de conseguir atentar contra o império Cash.

— É uma missão suicida — a Artie abanou a cabeça. — Não vais conseguir nada sozinha. Só vais conseguir enfurecer ainda mais o Aegan, e aí talvez tenhas de sair de Tagus. Queres isso?

— Mas não vou fazer isso sozinha — sorri, com confiança. — Conto contigo, com a Kiana e o Dash.

A Artie sentiu que precisava de voltar a fumar e começou a puxar, nervosa, outro cigarro.

— Não sei, Jude, somos só raparigas comuns…

Pronunciei lentamente cada palavra para que ela percebesse de uma vez:

— Somos raparigas, sim, mas raparigas de hoje, das que já estão fartas. Ou não estás?

— Sim… — admitiu num sussurro enquanto tentava acender o cigarro com as mãos tão trémulas.

— Chateou-te a maneira como o Aegan te tratou, não foi? — lembrei-lhe.

— Sim…

Então, o que havia a perder?

Claro, muitas coisas, mas que sabia o meu eu de dezoito anos que fantasiava com a Capitã Marvel?

A Artie deixou-se cair na cama, a fumar. Suspirou com aflição.

— Isto pode correr muito mal — murmurou.

— Imagina só a cara do Aegan humilhado — disparei, para lhe mostrar outras perspetivas. — Como tu própria disseste, há de deixar de achar que pode tratar as pessoas como bem lhe apetecer.

Para minha surpresa, o canto direito da sua boca ergueu-se ligeiramente. Estava

sem dúvida a imaginar isso. Emitiu de seguida um sorriso nervoso e sacudiu a cabeça enquanto olhava para mim.

— És mesmo a rapariga que não tem medo de que o Aegan a destrua — disse-me.

Devolvi-lhe o sorriso com malícia e adrenalina.

— E por isso sou a pessoa certa para o destruir.

O nosso plano pareceu tão extraordinário e infalível naquele momento.

Pareceu.

9

Tenho um plano na sopa

Vou ser sincera, depois do que acontecera na noite anterior no carro, não achei que o Aegan e eu nos voltássemos a falar.

Mas ele apareceu no dia seguinte.

Às sete da manhã.

Como a dor de cu que era.

Abriu a porta de minha casa e entrou com aquela segurança irritante que o caracterizava, como se dissesse: «Sou o rei disto tudo.» Além disso, vinha vestido à gângster dos anos vinte: com suspensórios, camisa branca de manga curta dentro de umas calças de linho cinzentas que iam até aos tornozelos, sapatos de fato de ponta reluzente e óculos escuros. O largo sorriso evidenciava as covinhas. E não, as suas covinhas não eram angelicais. Eram as covinhas do demónio em pessoa. Eu, de pijama, ainda com remelas, e prestes a entrar no banho, fiquei a olhá-lo de olhos arregalados.

— O que raio estás a fazer?! — gritei.

Ele inclinou um pouco a cabeça, como um cachorro que não percebesse algum barulho.

— Entrei pela porta.

— Já sei que entraste pela porta, Stephen Hawking! — disparei ainda mais alto, com alguma exasperação. — Mas porque é que entraste tão despreocupadamente pela minha porta adentro?

— Será que foi por ser a única maneira de entrar numa casa? — respondeu, igualmente incrédulo. Só faltou fazer aquele gesto da rapariga do «*Reatziona, Justin, reatziona*», lembras-te? Aquela rapariga que ficou viral há uns anos por dedicar um vídeo ao Justin Bieber a pedir-lhe que reagisse. Se não te lembras, googla. É um clássico.

— Que chatice, sabes muito bem o que quero dizer, Aegan — suspirei entre dentes.

— Não é nenhum segredo que posso entrar onde quiser em Tagus — explicou-me, como se fosse a coisa mais normal do mundo. De seguida, fixou os seus olhos cativantes em mim com um ar trocista e cruel. — Não há exceções.

Na sua candidatura às universidades devia vir assinalado a vermelho o seu «talento especial»: lixar vidas sem motivo aparente.

— Se vais falar de em quantas coisas ou pessoas entraste, podes ter a certeza de que deixo esta conversa mais rápido do que tu a consegues acabar — respondi decididamente.

O seu riso foi tranquilo, mas enérgico.

— Vim apanhar-te para te levar às aulas — esclareceu com naturalidade. — Como te prometi.

— Não vou às aulas — menti.

O Aegan olhou para mim como se eu fosse uma pobre coisita iludida que não percebesse nada da vida.

— E em que universo da Marvel é que tu decides se vais ou não às aulas? — rebateu ele, com aquele tonzinho que se usa com alguém que tem grandes dificuldades para perceber as coisas.

— É que estou com o período — menti de novo, encolhendo os ombros. — Parece um jato. Estou a deitar tanto sangue que dava para fazer um caminho tão grande como o dos ladrilhos amarelos de *O Feiticeiro de Oz.*

Era óbvio que não queria ir de carro com ele, mas o meu período não lhe parecia um problema.

— Podemos comprar tampões — respondeu sem hesitar.

— Não uso tampões. Li que uma modelo ficou sem pernas por usá-los — respondi. Na verdade, qualquer desculpa servia naquele momento, ainda que fosse mentira. Mas isso da modelo não era mentira, a sério.

O Aegan encolheu os ombros como se ainda não tivesse percebido o inconveniente.

— Bem, podemos processar a empresa dos tampões — disse, como se fosse a solução óbvia. A seguir, dedicou-me um sorriso largo e triunfal que me causava três tipos de dores de cabeça. — Porquê tanta negatividade perante a vida? Não há nada impossível para um Cash e menos ainda para a namorada de um Cash, portanto, vá, vai vestir-te, espero por ti aqui.

Não se ia embora. O Aegan não aceitava o raio de um «não» como resposta quando se tratava de algo que queria para si. Quanto mais desculpas lhe desse mais soluções arranjaria. Parecia capaz de me tirar do apartamento em pijama só para levar a sua em diante.

— És cá uma dor de cu — disparei, contendo um monte de palavrões.

— Espero que seja o cu da Kylie Jenner — cantarolou com um entusiasmo perverso.

Não, era mais o cu peludo de um macaco.

Portanto, levou-me às aulas. A viagem de carro foi esquisita. Durante quase todo o percurso fomos em silêncio. Não foi um silêncio incómodo, mas denso, como o de dois rivais. Para o aligeirar, decidi pôr música a tocar. Liguei a *playlist* e fui passando as músicas de *rap*, *rock* e *reggaeton*, até que por milagre encontrei uma da Adele.

Pu-la a tocar, mas o Aegan passou-a imediatamente.

— Não gosto — disse.

— Mas está na tua lista de reprodução — rebati, voltando a pô-la.

Ele carregou no botão para que tocasse a seguinte.

— Deve ter sido o Adrik que a pôs aí.

O Adrik ouvia Adele? *Ohmaigá.*

Tanto me fazia, pu-la outra vez.

— É boa, vou deixar.

E ele mudou outra vez.

— Não gosto. De manhã, prefiro sempre ouvir o Mick Jagger, dos Rolling Stones. Dá-me energia. É o meu favorito.

Voltei a pôr a Adele.

— Podemos ouvi-los quando acabar esta música.

O Aegan voltou a passá-la.

— Não. Ponto final.

Recusei continuar com aquela guerra ridícula, portanto desliguei a *playlist* e olhei pela janela.

A história da Eli veio-me imediatamente à cabeça porque, na verdade, não saíra de lá durante toda a noite. Peço desculpa, mas, sim, era esquisito. Não, era muito esquisito. Não, era tão esquisito que passava a ser também interessante.

A que conclusões chegara sobre essa história? Que Tagus tinha tantos segredos quanto extintores. Um em cada corredor. À vista, mas ao mesmo tempo invisíveis. E faço esta comparação porque, diz lá, quem é que presta atenção aos extintores? Ninguém, até precisares deles.

A Artie precisou de um extintor na noite anterior e usara-o para apagar a chama da sua ira.

Mas, sem que o soubesse, acendera a chama da minha curiosidade.

O que se passara com a Eli? Como era possível que um dia tivesse deixado de andar

em Tagus e ninguém a voltasse a ver? Estaria eu agora no seu lugar? Estaria sentada onde ela se sentara antes? E mais importante: teria o injustamente atraente espécime que ia ao meu lado a morder distraidamente o interior do lábio alguma coisa a ver com o seu desaparecimento?

Queria saber. Queria saber tudo. O meu corpo exigia que ao menos tentasse descobrir uma pista. Se o vídeo que a Artie guardara não existisse, teria sido muito difícil, mas aquela gravação dava-me um ponto de partida: a antiga biblioteca.

Essa era a outra parte do plano que não contara à Artie para não a assustar. Se não podia contar a ninguém que havia algo de esquisito em relação ao Aegan e ao súbito desaparecimento da sua ex-namorada, investigaria tudo por minha conta. Procuraria pistas, qualquer coisa que me pudesse ajudar a perceber se a Artie tinha razões para pensar que o Aegan fizera algo à Eli. Por outro lado, o Dash e a Kiana acharem que eu só queria humilhar o Aegan servir-me-ia para recolher informação adicional sobre ele. Estava tudo planeado.

A única dificuldade era que só teria os noventa dias que duravam os seus namoros para o conseguir.

O Aegan parou o carro em frente ao edifício da minha faculdade, e interrompi o encadeamento dos meus pensamentos e comecei a abrir a porta para sair sem me despedir, mas…

— Lembra-te de me dizeres onde vais estar — disse-me.

Soltei uma risada e não o levei a sério.

— Claro.

— Basta uma mensagem: vou a tal sítio — insistiu.

Certo, virei-me para ele, ainda a rir.

— Adorava que uma turba feminista te ouvisse dizer isso.

A sua cara impassível mostrava que não dissera aquilo apenas para me chatear.

— Estou a falar a sério.

— Eu também.

— Isso faz parte das indicações para a nossa relação que não me deixaste dizer-te. — recordou-me.

— E que não penso deixar que me digas agora, porque não me interessam — sorri.

Não teve mais paciência. Cravou o seu olhar intimidante em mim, esse que provavelmente usava para assustar os outros que cumpriam as suas ordens, esse olhar que não era do Aegan, mas antes do «Aegan Cash, membro da lendária e poderosa família Cash».

— Ouve, Jude — pronunciou cada palavra muito devagar, com um tom

ameaçador. — Podes fazer todos os comentários sarcásticos que quiseres e ostentar o teu lado de rapariga superpoderosa, mas respeita as minhas regras, porque são a única coisa que importa entre nós.

Olhei-o por um momento com os olhos semicerrados. Ele não desviou o olhar. Se naquele momento tivéssemos cinco anos (e talvez parecesse que assim era), aquilo seria um estúpido jogo do sério.

Finalmente, recorri a todas as minhas forças, esbocei-lhe um sorriso «doce» e assenti. Abri a porta do carro e, mal saí e a fechei, ele arrancou e foi-se embora. Fiquei um momento no passeio, vendo-o afastar-se. Apercebi-me de que estava a apertar a mochila com demasiada força contra o meu corpo.

As suas regras?

As suas regras?!

Já ia ver o que eu fazia com as suas regras.

Era hora de começar a agir.

Antes, claro, tive de assistir às minhas aulas como uma boa estudante, para poder manter o meu lugar na universidade. Já sabes, primeiro os estudos e só depois os planos macabros. Não, não, mentira. Esta história é o exemplo de tudo o que não deves fazer na vida. Não quero ensinar-te nada além disso, portanto, não sigas os meus conselhos.

Depois das aulas, reuni-me com a minha equipa.

Porque sabemos que nenhum vilão foi derrotado sem a ajuda de uma equipa, não é? O Harry tinha o Ron e a Hermione. Eu tinha a Kiana, o Dash e a Artie, que não eram tão inteligentes como a Hermione nem tão… o Ron servia para quê? Bem, não eram um quarteto fantástico, mas ajudavam muito, porque tinham algo de valioso: informação. Sabiam tudo sobre Tagus e, mais importante ainda, sabiam tudo sobre as pessoas de Tagus.

Encontrámo-nos nos jardins do *campus*, essa área verde e desafogada onde os estudantes podiam pousar as suas mantas e estudar, fazer piqueniques, reuniões ou, no nosso caso, engendrar planos. Ali, não corríamos o risco de ser escutados por ouvidos indiscretos, já que neste tema era preciso uma discrição ao estilo da CIA.

Uma vez ali, a informação começou a fluir:

— O Aegan é o que tem o controlo — declarou a Kiana.

— O Aleixandre é o mais frágil — assinalou o Dash. — É como aquele robô de limpeza, no filme do *Wall-E,* que vai aspirar no fim. Esforça-se demasiado para manter a reputação dos irmãos e ao mesmo tempo por ser como o Aegan, mas não se sai muito bem nisso. Se reparares, não tem nem opinião nem voto na matéria quando

estão juntos.

Sim, já tinha percebido isso naquele dia das provas de acesso ao jornal.

Quanto ao Adrik…

— É muito difícil saber algo sobre ele — admitiu o Dash, pensativo. — Parece um fantasma. Raramente o vês em festas ou ouves boatos que o envolvam.

O Adrik, de novo, esse grande mistério.

— Olha, para que isto funcione, vais ter de convencer o Aegan e o resto das pessoas de que estás mesmo apanhadinha por ele — resumiu a Kiana. — Isto é, vais ter de entrar no papel da rapariga apaixonada como o Joaquin Phoenix entrou no do Joker: magistralmente. E eu já reparei que, quando o Aegan tem uma namorada nova, ela deixa de pensar por si e passa a pensar como ele, e andam sempre juntos.

— Exceto no clube — lembrou-se o Dash de repente.

Alternei o olhar entre ambos, sisuda.

— Qual clube?

O Dash inclinou a cabeça, incrédulo.

— Nunca ouviste falar do clube?

— Por algum motivo vos estou a pedir informações — enfatizei, como se fosse óbvio.

Eles explicaram-me.

Pelos vistos, o clube era um sítio tão velho como a história de Tagus, onde já os trisavós dos atuais alunos passavam os tempos livres. Qualquer coisa do género da sala comum das casas de Hogwarts, mas maior, muitíssimo maior. Ironicamente, era um espaço exclusivo dentro daquele espaço exclusivo. Ao clube só podiam aceder os Cash e alguns rapazes das famílias mais importantes. Lembras-te de que te falei delas? Pois bem, essas.

Lá dentro, havia uma regra fundamental ao estilo de Las Vegas: «O que acontece no clube fica no clube», portanto, para além dos membros, ninguém sabia o que lá se passava.

O que parecia? O sítio perfeito para esconder mais segredos.

— Quase ninguém pode entrar — complementou a Artie, que estivera calada até aí. — E para teres acesso precisas de ser membro permanente ou temporário. Para seres membro permanente, alguém tem de propor o teu nome, e, para seres membro temporário, algum membro tem de te levar pelo menos um dia.

Interessante. Muito interessante. Os Cash tinham um covil.

— Então, esse será o sítio a que devo aceder se realmente quiser integrar o seu círculo? — quis assegurar-me.

A Kiana e o Dash assentiram ao mesmo tempo.

— Acho que devias fazer a separação publicamente na feira de aniversário dos fundadores — sugeriu a Kiana. — Ninguém vai faltar, vai lá estar toda a gente. Será o lugar e o momento perfeito.

— Certo! — exclamou o Dash, iluminado pela genialidade da ideia. — No palco!

A Kiana assentiu, ansiosa por presenciar esse sucesso.

— Subir a um palco parece-me demasiado dramático — opinou —, mas o Aegan adora notícias e escândalos barulhentos.

Tinha ouvido o Aegan falar dessa feira várias vezes. Era grande.

— Quanto tempo falta para esse dia?

— Dois meses — disse a Kiana.

Bem, se me esforçasse, era tempo suficiente.

Tinha de começar.

Passo 1: entrar no clube.

Parece fácil, não é?

Pois, mas convencer o Aegan a levar-me a esse clube não foi tão simples como poderia parecer; não, não, não, amigos e amigas.

Referi isso pela primeira vez no dia seguinte, depois de sair das aulas, enquanto íamos para o seu carro. Uma coisa irritante no Aegan era que não dizia para onde nos dirigíamos porque achava suficiente que ele o soubesse. Isso mostrava que, ainda que à primeira vista parecesse apenas um tipo giro, na verdade, ser o líder dos três irmãos, o que construíra a reputação que os precedia, fizera-o desenvolver um talento notável para ser um extraordinário idiota.

— Bem, onde vamos? — perguntei, com o meu falso entusiasmo de namorada feliz por estar ao seu lado.

— Comer qualquer coisa — decidiu ele, sem direito a réplica. — Nada picante, claro.

Que engraçadinho. Claro que eu não sentia vontade de comer nada picante. A minha pobre boca estava traumatizada.

— Não era suposto seres um cavalheiro? — perguntei-lhe. — Porque é que nunca me perguntas aonde quero ir?

Ele forçou um sorriso com um tom suave:

— Onde queres ir, Derry?

— E que tal irmos a esse clube a que vais com os teus amigos?

Com a mesma voz suave, disse:

— Não.

Assim passámos quatro dias. Ele aparecia no seu carro, buzinava umas vintes vezes para me apressar, eu entrava, ele conduzia e não trocávamos mais de três palavras. O curioso era que os silêncios entre o Aegan e eu não eram incómodos. Nem sequer queríamos falar um com o outro, era tão simples quanto isso, e cada um percebia e aceitava isso. Ao chegar ao nosso destino, eu saía do carro muito rápido e só para o irritar despedia-me com um «Obrigado, amorzinho». O Aegan sorria com uma certa malícia e respondia: «Sempre ao dispor, querida.»

Sobre o clube era sempre: não, não e não. Era óbvio que não queria que eu fosse, mas o Aegan não me conhecia nem um bocadinho. Recusar-me alguma coisa só fazia com que tivesse mais vontade de a conseguir, sobretudo porque a sua recusa a convidar-me para o clube me fazia pensar: «Por acaso há alguma coisa que não queres que veja, Aegan? Pois bem, vou vê-la.»

Mas primeiro queria saber mais sobre a Eli, portanto, fui ao lugar onde talvez pudesse haver uma pista: a antiga biblioteca.

Perguntar-te-ás como entrei se agora só podiam ir a essa biblioteca os alunos pertencentes à associação de estudantes ou os líderes de grupos estudantis. Bem, lembras-te de quando estávamos no Bat-Fit e perguntei à Kiana o que era aquela chave tão estranha que trazia pendurada ao pescoço? Ela disse que era uma chave-mestra para as salas especiais de Tagus.

Então, o que foi que tive de fazer?

Poderia dizer-te que a pedi emprestada, mas pensa nisto: a Kiana teria feito demasiadas perguntas. Não seria bom que alguém soubesse o que quer que fosse do que tinha de fazer para averiguar mais coisas sobre o desaparecimento da Eli ou, aí sim, correria um verdadeiro perigo. Portanto, roubei-a na tarde anterior enquanto visitava a sua casa. Depois arranjaria maneira de a devolver ao seu lugar.

Fui na hora a seguir ao almoço. Tive de ir de bicicleta até à outra ponta das faculdades de Tagus, a um edifício que era reservado quase exclusivamente a professores. Ao atravessar as portas, apercebi-me de que aquela biblioteca era mesmo muito diferente da que se usava atualmente. Ali, tudo era feito de uma madeira que se notava a léguas que fora polida durante muitos anos. As estantes dos livros estavam dispostas de maneira clássica e os candeeiros pendiam dramaticamente do teto. Ao centro, havia cinco filas de mesas largas com secções de computadores já algo ultrapassados e numa esquina ficava a área das impressoras.

Para fazer o que pretendia, precisava de duas coisas:

Ativar ao máximo o meu instinto de investigação, desenvolvido graças a séries como o *Mentes Criminosas*, o *CSI* e o *Lei e Ordem: Unidade Especial*, que te dão mesmo

uma outra perspetiva da vida e te conferem muita criatividade investigativa.

E… consultar uns quantos tutoriais no YouTube.

A Artie vira a Eli a imprimir algo nervosamente e a sair logo depois muito rápido, certo? Portanto, tinha de descobrir o que imprimira.

Como aqueles computadores e impressoras eram do corpo docente e da administração, deviam ter instalado algum programa que registasse o que quer que saísse deles. E como só tinham acesso àqueles aparelhos certos alunos e, ainda assim, uma parte deles preferia usar a outra biblioteca, não eram formatados durante largos períodos, portanto, talvez ainda desse para aceder ao histórico do dia em que a Eli imprimira algo.

Claro, também existia a hipótese de não haver nada, de que tivessem apagado tudo.

Teria sorte?

Sentei-me em frente a um dos computadores. A primeira coisa que procurei foi a lista de programas instalados. Encontrei o registo de impressões e abri-o. Consegui ver tudo o que saíra da impressora desde a última formatação. Filtrei por data: 25 de fevereiro. Demorou a carregar. Demorou tanto que a minha perna começou a tremer devido à impaciência.

Quando finalmente apareceu a lista, havia seis impressões daquele dia.

Eureka!

Bem, isso é para os cientistas.

O mal daquele programa é que não me dizia quais os ficheiros impressos. Mostrava-me a data, o formato, se houve algum erro ou se a impressão fora bem-sucedida e também o computador a partir do qual fora feita a impressão, com a página *web* associada ao arquivo. Era mesmo isso que eu queria. A sério, obrigada aos tutoriais do YouTube por me ensinarem, porque para ser sincera o meu cérebro não era assim tão tecnológico.

Muito bem, inclinei-me para a frente, totalmente imersa na minha investigação, e comecei a aceder a todos os *links* de cada impressão daquele dia, para poder perceber do que se tratava. Três eram páginas da universidade, dois eram arquivos sacados de uma *pen* e a última impressão fora feita a partir do *site*: www.agencyride.com.

Que era nada mais nada menos do que uma empresa de aluguer de automóveis.

Hum…

Talvez…

A Eli imprimira um comprovativo de pagamento para alugar um carro? Precisamente no dia antes de desaparecer? Se fora a algum lugar por algum motivo, porque se deslocara num veículo alugado? Deduzi (sim, como o Sherlock Holmes)

que não queria que se soubesse aonde se dirigia, o que me levou a uma pergunta preocupante: porquê?

Então não tinha desaparecido, mas antes partido por sua vontade.

Ou assim parecia…

— Olá, Jude Derry — ouvi de repente.

Ao ver o rosto que surgira surpreendentemente atrás da tela do computador no qual eu estava quase enfiada, o meu corpo reagiu muito rapidamente e realizou diferentes ações: dei um salto com o susto, juntamente com um pequeno grito, enquanto tentava desesperadamente fechar todas as janelas que abrira. Tudo isso quase me fez cair da cadeira, deixando-me a tremer.

O motivo: Aleixandre Cash.

Soltou uma gargalhada. Olhei para ele como se estivesse louco.

— Estás doido?! — queixei-me, com o susto ainda na voz e o coração acelerado pelo temor de que tivesse visto alguma coisa. — Porque é que apareces assim?!

O Aleixandre continuou a rir-se de mim como um miúdo orgulhoso da sua partida. Contornou a mesa e, com um salto, sentou-se na borda, junto ao meu computador. Tinha o cabelo preto penteado para trás com um ar sensual, mas relaxado e, como sempre, parecia extremamente aprumado, sem vincos, como se tivesse sido recortado de uma página de revista de moda.

— Em minha defesa, diria que não entrei secretamente, longe disso. Mas estavas tão concentrada que não me viste — esclareceu quando conseguiu parar de rir.

Levei uma mão ao peito.

— Meu Deus, vai sair-me um pulmão — suspirei.

Ele semicerrou ligeiramente os olhos com uma suspeita divertida.

— O que te assustou? — quis saber. — Estavas por acaso a fazer algo de errado?

Só me restava uma opção: mentir.

— Estava a ler histórias de terror — disse com naturalidade, exigindo ao meu coração que se acalmasse.

— Está bem — assentiu ele num tonzinho de «mente-me que eu gosto».

Pensei que tentaria apurar a verdade, que insistiria, mas não perguntou mais nada. Limitou-se a olhar para o relógio caro que trazia no pulso e depois lançou um olhar para a porta, como se estivesse à espera de alguém.

— O que fazes aqui? — atrevi-me a perguntar-lhe.

Esperei uma resposta odiável, como as do Adrik e do Aegan, mas respondeu abertamente:

— Combinei encontrar-me com uma rapariga que me vai ajudar com uns

relatórios. Deve estar mesmo a chegar.

Nem sequer trazia mochila ou cadernos ou uma mísera caneta para fazer qualquer coisa.

— Porque não combinaram na biblioteca principal?

Olhou para mim de relance, outra vez com aquele sorriso de «a vida é o meu parque de diversões».

— Queres que te faça a mesma pergunta?

Inteligente. Muito inteligente. O que fazia eu a usar um computador da biblioteca reservada a professores e estudantes da associação de estudantes? Bastante suspeito, também.

— Bem, já ia sair — avisei.

Comecei a recolher as minhas coisas e a guardá-las na mochila. Entretanto, o Aleixandre sacou do telemóvel porque recebera uma notificação. Não percebi do que se tratava, mas reparei numa coisa estranha. Houve uma ligeira mudança entre o instante em que desbloqueou o telemóvel e o instante em que viu o que era. Ficou petrificado por um momento e depois levou a mão ao cabelo e penteou-se para trás, ainda que já estivesse bem penteado.

Hum… um gesto de nervosismo. O que recebera?

Imaginando as hipóteses mais loucas, tive de repente uma ideia. Tão rápido e tão de repente que não percebi como não me lembrara disso antes.

Claro!

O Aleixandre. O mais novo. O que, segundo o que a Kiana me contara, socializava com mais facilidade. O que andava de festa em festa e se dedicava a desfrutar. O de sorriso largo e divertido que parecia um convite a falar com ele, a relaxar e a rir do que ele te dizia. Todo ele transmitia uma mensagem clara: «Aproxima-te, eu sei como passar um bom bocado.» Com ele, sim, dava para se ter uma conversa, mas, mais importante: dava para se conseguir o que com o Aegan não se conseguia.

Jude tonta e mentirosa: ativada.

— Suponho que, no fim de contas, não tenha sido admitida para a equipa do jornal, não? — disse de repente.

O Aleixandre não levantou a cabeça do telemóvel e começou a escrever qualquer coisa.

— A lista com os escolhidos foi publicada no perfil oficial — respondeu-me com uma certa indiferença. — Não viste?

Sim.

Mas menti:

— Não.

— Pois, desta vez não foste selecionada — disse, num tom suave para não tornar mais dura a rejeição. — Mas talvez possas entrar no próximo semestre. Candidata-te.

Agradou-me que ao menos não fosse cruel. Com isso, apercebi-me de uma coisa: era verdade que não se dava bem a tentar parecer-se com o Aegan, mas talvez isso se devesse à sua personalidade, que, mesmo que não se apercebesse, vinha à tona por entre os traços dos seus irmãos.

— Já calculava — suspirei, e recorri a um tom de voz algo doloroso. — O Aegan não queria que eu entrasse. Apercebi-me disso logo no dia das provas, e sei que é ele quem toma as decisões.

— É ele o melhor a tomá-las e por isso confiamos no que decide — assegurou.

Deu uma entoação relaxada a essa declaração, o que me confirmou que não havia maneira de alguém mandar mais do que o Aegan.

Mostrei-me igualmente de acordo. Falsamente, como é óbvio.

— Dá-me a impressão de que essa maturidade é uma das melhores coisas do Aegan — fingi concordar. — O único problema é que…

Fiz uma pausa dramática e intencional.

— O quê? — quis ele saber, ainda atento ao telemóvel.

— É um problema parvo — estalei a língua e tratei de não dar importância.

Encolheu os ombros.

— Não tenho pressa.

— Ele não quer passar tempo comigo — disse, afetada. — E ao que consta estamos a sair juntos, não é?

— Pois, é isso que parece — assentiu o Aleixandre.

Ainda que não estivesse a olhar para mim, fiz uma cara de dúvida, já sabes, para transmitir emoção à minha personagem.

— Não sei, estou a começar a pensar que…

Com isso, o Aleixandre desviou a atenção do telemóvel para mim, curioso. Viu uma rapariga nervosa e angustiada pela relação com o seu namorado.

— O quê? — incentivou-me a contar.

Muito bem, era o meu momento. Se tivesse razão, o que ia dizer deveria funcionar e alarmar o Aleixandre. Se lhe importasse muito a reputação dos seus irmãos, interviria para evitar quaisquer boatos ou bisbilhotices.

— Que não é como todos dizem, tu sabes, sincero, cavalheiro… — dramatizei, preocupada. — Está sempre no clube, e não sei o que faz lá nem com quem está, ou se me quer evitar. Achas que me quer evitar?

O Aleixandre fez um ar despreocupado e nem sequer pensou muito.

— Não, o que acho é que estás a fazer um filme — respondeu com simplicidade — Não te devia preocupar que esteja no clube.

Essa frase deixou-me algumas dúvidas. Pareceu-me muito ambígua.

Recorri a algo mais.

— Bem, talvez seja essa a sua personalidade — aceitei, pensativa. Então, fingi pensar melhor no assunto. — Talvez devesse perguntar a alguma rapariga com quem ele tenha saído antes se se passava o mesmo, se ele também não a levava a certos sítios. Acho que a Artie sabe quem foi a sua…

O Aleixandre interrompeu-me com um gesto de «espera, espera, reduz lá o nível de intensidade». Soltou ainda um sorriso algo forçado.

— Olha, se achas que está com outra rapariga, enganas-te — tentou convencer-me. — Nós não fazemos isso.

Não? E a rapariga do hotel com quem o Aegan esteve enquanto namorava com a Eli? E a rapariga que ele mesmo esperava naquela biblioteca solitária quando se supunha que tivesse uma namorada? Ai, Aleixandre, foste um menino muito habituado a persuadir com as mentiras que saem da tua boca perfeita.

— Mas o clube… — disse, hesitante, ao que ele me respondeu de olhos semicerrados:

— Não achei que fosses das que precisam de ver para crer.

Lancei-lhe um desses sorrisos indecifráveis. Eh eh.

—Ah, mas sou, Aleix, mas sou — admiti.

Observou-me um pouco desconcertado. Até me pareceu que olhava não para mim, mas para os seus pensamentos. Uns segundos depois, baixou o olhar e engoliu em seco.

— Aleix… — pronunciou, num tom mais baixo, distante, que me despertou curiosidade. — Há muito tempo que não me chamavam assim.

Ia perguntar-lhe quem o chamava assim, mas aquela reação esquisita desapareceu tão depressa quanto surgiu, dando lugar ao seu sorriso habitual e sedutor.

— Eu posso levar-te ao clube — disse-me, entusiasmado.

Nem soube o que dizer de tão inesperada que foi aquela oferta.

— A sério? — pestanejei, surpreendida.

— Sim. Assim podes ver por ti mesma que não há nada com que te preocupares — assentiu, com simplicidade. — Não precisas de imaginar coisas esquisitas.

— Boa, Aleix. Obrigado, a sério…

— Só que… — interrompeu-me, como se acabasse de se lembrar. — Ficas a dever-

me um favor, combinado?

Arqueei uma sobrancelha, nada surpreendida com aquilo.

— Ah, não podia ser um gesto desinteressado.

O Aleixandre encolheu os ombros e as mãos, num gesto de «o que queres que diga?».

— Nenhum gesto é desinteressado, por muito que pareça — assegurou com engenho. — E então, aceitas?

— Que tipo de favor te fico a dever? — quis saber primeiro.

O seu sorriso de lábios apertados foi misterioso, mas ao mesmo tempo fez-me suspeitar de uma intenção dupla.

— Não será nada que não deva pedir à miúda do meu irmão — disse por fim, como se prometesse que não havia nenhuma artimanha.

Provavelmente, havia, sim. Provavelmente, era perigoso aceitar aquilo, mas precisava de entrar naquele clube. Depois lidava com o Aleixandre.

— Bem, aceito.

Ele assentiu.

— Amanhã. Às duas. Passo a apanhar-te.

Feito o acordo, ajustei a mochila e avancei em direção à saída para o deixar a sós com o que quer que ia fazer com a rapariga que o esperava.

Mesmo antes de sair, ele disparou:

— Ouve, a parte do favor fica só entre nós.

O quê? O Aegan não quereria inteirar-se daquilo? Talvez o Aleix fosse mesmo o Cash mais estúpido. Fosse como fosse, descobriria isso quando me dissesse que favor lhe devia.

— Obrigada — recorri às minhas boas maneiras para confirmar que não diria nada a ninguém.

— De nada — fez um gesto para retirar importância e depois dedicou-me um sorriso que mais uma vez emanava duplas intenções. — Acho-te piada, Jude. — E enfatizou de forma bastante estranha: — Muita mesmo.

Depois disso, saí.

Anota isto: nunca devas um favor a um Cash.

10

Se o Aegan quiseres irritar, com as consequências terás de arcar

O Aleixandre cumpriu a promessa.

O clube ficava na zona conhecida como «as colinas de Tagus», perto dos limites da universidade.

Notava-se que começara por ser uma casa vitoriana de três andares com janelas amplas, a que rapidamente acrescentaram áreas novas e mais modernas em ambos os lados. Junto à porta de entrada havia uma placa com uma gravação que dizia: IRMANDADE DE 1974. Tinha um terraço rodeado por árvores e altos muros de arbustos. Talvez para proteger os segredos do interior?

Ou… talvez não.

Imaginava que entrar me causasse um maior impacto, mas na verdade não parecia um lugar onde se escondesse qualquer coisa.

Mal entrámos no *hall*, apercebi-me de que tudo tinha o mesmo estilo clássico da fachada. O soalho era de uma madeira qualquer, reluzente e escura. Havia quadros em praticamente todas as paredes a retratar pessoas com caras velhas ou lugares de Tagus. Os móveis eram de madeira, o teto era muito alto e era de lá que pendiam os candeeiros. Pairava um odor a lenha e a perfume de homem. Era muito… acolhedor.

E o estranho? E o misterioso? Podia ficar ali a tricotar.

Estávamos enganadas.

— Bem-vinda — disse-me o Aleixandre como um guia turístico, apontando para tudo de braços estendidos. — Este *hall*, a sala de estar e os dois pisos superiores são os únicos lugares em Tagus inteira que estão tal e qual como foram construídos. O resto começou a ser acrescentado e remodelado quando o meu pai estudava cá. O que achas?

— É interessante — foi o que consegui opinar, dececionada por não ver nada misterioso. — Porque é que já não se chama Irmandade de 1974?

— Só porque o meu pai achava que soava a seita — foi a sua resposta. — Agora acompanha-me, por favor.

Começou a guiar-me por um corredor onde também não vi nada de suspeito, só quadros e diplomas emoldurados, talvez de membros anteriores.

— Nunca pensaste em juntar-te a um clube? — perguntou-me. — Há muitos em Tagus.

— Depois de ter visto a série *Scream Queens*, não me parece que seja boa ideia. — respondi.

Soltou uma gargalhada.

— Tens piada, Jude.

Voltou a virar-se quando atravessámos outro corredor. Reparei que era uma casa com bastantes portas. Isso dececionou-me por um momento, ainda que não soubesse o que raio esperar. Descobrir que eram uma seita? Encontrar uma cabeça decepada pousada em cima de uma lareira? Só me pareceu que era um bom sítio para explorar e descobrir coisas, mas não vi nada que me parecesse suspeito.

— Bem, o Aegan deve estar lá fora — comentou o Aleix e ia acrescentar qualquer coisa, mas de repente apercebeu-se de algo e deteve-se.

Quase choquei com ele porque ficou a olhar para um lado onde havia outro corredor. Olhei com curiosidade e percebi que havia uma porta entreaberta lá ao fundo. Nela estava pendurado um letreiro a proibir a passagem.

Não percebi porque estávamos a olhar para ela até que…

— Esta porta não devia estar aberta — murmurou ele, tão baixo que mal o ouvi.

— Porquê? — perguntei curiosa.

Esperei com tanta confiança por uma explicação que fiquei surpreendida quando se virou para mim e me lançou aquele sorriso que eu já sabia que ele usava com toda a gente e que, de alguma forma, era sempre tão radiante e acessível. O estranho era que o esboçava com brusquidão, como se lhe custasse fazê-lo.

Eu reparava nestas coisas porque andava há dias a analisar os Cash muito detidamente. Outra pessoa não teria dado por nada.

— Segue até ao fim do corredor, por favor, e vais dar ao sítio onde está o Aegan — foi o que me respondeu, mais uma vez como se fosse um guia. — Eu já lá vou ter.

E pôs uma mão atrás do meu ombro, impelindo-me gentilmente a caminhar ao longo do corredor onde estávamos.

Não tive outra hipótese para além de obedecer. Prossegui sozinha. Por um momento, olhei para trás e vi-o perder-se por outro corredor. Fiquei com a sensação de que aquilo fora esquisito.

Ao pisar o espaço exterior da casa, a inquietação causada pelo Aleixandre desvanecera-se e só conseguia pensar: uau.

O terreno em torno da casa era enorme. Metros e metros de relva cuidadosamente cortada pela altura perfeita estendiam-se sob o sol da tarde. Havia muito terreno, mas apreendi o que o meu campo visual abarcava. Uma pequena estrebaria, um lago, um círculo de troncos com os restos de uma fogueira apagada e alguns caminhos assinalados com pedras.

O Aegan estava perto da estrebaria. Por azar, não estava sozinho. Acompanhavam-no um par de rapazes e um trio de raparigas que já vira várias vezes ao seu lado. Não se podia dizer que fossem seus amigos, mas eram sempre os mesmos, sendo por isso vistos como as pessoas que o Aegan preferia para fazer algumas atividades, talvez por serem mais importantes do que os restantes. Certamente teriam conhecido a Eli, falado com ela, ido às mesmas festas, mas tinham narizes tão empinados que sabia que deles não obteria mais do que cumprimentos hipócritas e críticas mal lhes voltasse as costas, portanto, os seus nomes não me interessavam e socializar com eles ainda menos.

Caminhei em direção ao Aegan, muito descontraidamente. Assim que reparou na minha fabulosa figura a ir na sua direção, o sorriso enorme com que contava uma coisa qualquer começou a diminuir lentamente enquanto o seu rosto se alterava, formando uma expressão que evidenciava que não percebia o que raio estava eu a fazer ali. Foi um semblante tão épico que gostaria de o ter gravado para poder guardá-lo como um acontecimento histórico.

Levantou uma mão para se desculpar e aproximou-se de mim com uma passada vigorosa antes de que eu chegasse.

— O que estás aqui a fazer? — soltou, nada contente, mal parei diante de si.

— Vim com o Aleixandre — defendi-me rapidamente.

Ele olhou em todas as direções, como se procurasse alguma coisa, para a seguir voltar a olhar severamente para mim, com os olhos de um cinzento quase transparente, intensos e ameaçadores.

— E ele ficou invisível ou guardaste-o no bolso?

— Disse-me que já cá vinha ter — respondi, confiante.

Olhei para trás, para a porta por onde acabara de sair, esperando que o Aleix aparecesse a qualquer momento tal como dissera, mas…

Nada. Ninguém. E passado mais uns segundos, nem uma alma penada.

— Deve ter ficado lá dentro… — murmurei feita estúpida.

O Aegan tinha agora os braços cruzados e uma assustadora cara de raiva a que eu

não achava piada nenhuma. Só lhe faltava desatar a repisar a relva.

— Entraste aqui sozinha? — soltou, perdendo a paciência. — Isto é um sítio privado, Jude.

— Não, não; a sério. Vim com o Aleixandre — disse, defendendo de novo a minha verdade. — Mas não sei onde ele está.

Espera. Ele enganara-me? O Aleixandre mentira-me?

— Posso denunciar-te por isto — ameaçou-me e logo decidiu não ter piedade. — Não, vou mesmo denunciar-te.

Bem, o Aleixandre não apareceria, e eu não tinha a certeza de que fosse verdade que pudesse denunciar a minha aparição ali, pelo que deveria recorrer a algum estratagema para me salvar.

E ocorreu-me um rapidamente.

Havia pessoas ali perto, não era? Pessoas que podiam espalhar boatos. Pessoas diante das quais o Aegan precisava de manter a sua postura e reputação.

— Mas porque é que te incomoda tanto que eu esteja aqui?! — soltei num tom bastante alto, recorrendo aos meus dotes de atriz para fingir indignação. — Só vim porque queria passar tempo contigo!

Apanhei-o desprevenido. Acreditou que me assustara e franziu as sobrancelhas, meio perplexo e meio horrorizado pelo meu comportamento brusco.

— Fala mais baixo. O que te deu? — disse, irritado.

— É que… qual é o problema de eu saber o que fazes aqui?! — acrescentei ao meu falso drama.

E a sério que tive de me esforçar para não me rir na sua cara.

— Jude… — tentou silenciar-me com uma voz de ultimato, mas disse o seguinte ainda mais alto e com uma maior convicção de namorada tóxica:

— Quero ir onde fores, portanto fico aqui!

Ia perder a paciência. Esperei que a perdesse. Só que, a sério, às vezes eu subestimava o Aegan.

Manteve o maxilar e todo o corpo tenso com uma vontade evidente de me tapar a boca com uma almofada até que eu deixasse de respirar, mas forçou um sorriso.

— Sabes que mais? Até é uma boa ideia que fiques — disse, para minha surpresa, e a sua voz regressou à simpatia habitual. — Estava prestes a fazer uma coisa divertida com o grupo e gostava muito de te incluir.

— A sério? — respondi, como uma namorada emocionada e intrigada. — O que é?

— Vamos montar a cavalo.

Fiquei petrificada.

Essa não vinha no guião.

Santo Deus.

Montar a cavalo.

Eu não sabia montar a cavalo! Mal sabia aguentar-me em pé!

Respirei fundo e fiz um gesto para que ele não desse importância àquilo.

— Ah, não te preocupes. Eu posso esperar…

— Querias estar aqui, não era? — interrompeu-me, ainda com aquele sorriso que me começou a parecer mais perigoso do que a sua irritação. — Isto é o tipo de coisas que fazemos aqui e ninguém fica de fora.

Dissimuladamente, tentei rejeitar a ideia:

— Não, Aegan.

Mas ele virou-se para o seu círculo e gritou:

— Oiçam, mudei de ideias! Não vai ser um passeio a cavalo, vai ser uma corrida!

E uma corrida.

Muito bem, tentei acalmar-me para não entrar pela porta do pânico que o meu eu mental acabara de me abrir, dizendo: «Passe e sinta-se à vontade.» Não fazia ideia de como montar a cavalo, nunca andara em cima de um e era desajeitada, mas ia permitir que o Aegan descobrisse que não sabia fazer uma coisa? Não. Diante daquela situação inesperada, só me restavam duas opções: consegui-lo de alguma forma ou deixar que o Aegan acrescentasse um ponto ao nosso quadro de batalha imaginário.

Sabemos que não escolheria a segunda.

— Mexe esse rabo, Jude — disse-me o Aegan, que sem que eu me apercebesse começara a caminhar em direção à estrebaria. — Tens de escolher um cavalo.

Com a respiração cortada, mexi as pernas para a frente. Os outros rapazes seguiram-nos com o olhar, mas ignorei-os. Atravessámos a entrada e o Aegan abrangeu as opções de braços estendidos. Fez-me lembrar o gesto que o mentiroso do Aleixandre fizera ao entrar no clube.

— Que cavalo queres montar? — perguntou-me.

Havia tantos compartimentos como cavalos dentro deles. Não fazia ideia de qual escolher ou se deveria escolher de acordo com alguma característica específica.

— Bem, não sei, tu conhece-los melhor… — Atrevi-me a dizer, ainda que não tivesse a certeza de que aquilo que dissera fosse correto.

Mas correu bem, porque o Aegan olhou pensativamente para os animais. Depois, avançou dois compartimentos para a direita e eu segui-o. Deteve-se em frente a uma impressionante égua branca com um pelo brilhante que parecia um unicórnio, só que

sem o corno.

— Esta é a Nuvem — disse e acariciou-lhe a cabeça com afeto. — Ficas bem com ela. É muito especial.

Com uma certa hesitação, estendi a mão e a Nuvem espirrou e eu afastei-me, nervosa. Gostava de cavalos, o que não sabia era se eles gostavam de mim.

— Especial porquê?

— É a égua do meu cavalo Hades. — Isso soou bem, até ele ter aclarado a garganta e, com malícia, acrescentado: — Mas só se o Hades não gostar da principal. Nesse caso, juntamo-lo a esta querida, porque temos a certeza de que esta ele há de cobrir. Há uma certa semelhança connosco, agora que penso nisso…

Cruzei os braços e encarei-o de olhos semicerrados, pronta para o enfrentar.

— A sério? Semelhanças entre a Nuvem e o Hades e nós os dois? — atrevi-me a rir, trocista. — Não me parece. Ao menos o teu cavalo tem uma mínima possibilidade de, digamos, «ir para a cama» com a Nuvem, já tu comigo…

Ainda com o seu sorriso irritante de poder e maldade, olhou-me de cima a baixo.

— Jude, já viste a tua roupa? — disse, usando um tom de falsa vergonha. — Nem consigo perceber onde acabam as costas e começa o rabo.

Lancei-lhe um olhar que teria decapitado o Hitler a quilómetros de distância.

Ainda que fosse bom saber que ele também não tinha vontade de fazer comigo as *outras* coisas que fazem os namorados.

Escolhi a Nuvem, portanto. Depois de ele mesmo a preparar com um carinho e uma dedicação que não pareciam possíveis que tivesse, voltámos à zona onde se podia montar. Todos, tanto o Aegan como os seus amigos, pareciam muito confiantes e tranquilos com aquela situação. Já eu… estava tão nervosa que possivelmente se notava. Claro que tentei dissimular, mas era difícil. Porque era tudo tão grande? Porque me parecia a égua tão alta?

Aquilo certamente não seria como o jogo de póquer.

Antes de que pudesse engendrar alguma maneira de não passar por uma vergonha épica, todos subiram para os seus cavalos com uma agilidade impressionante. Eu mantive-me no chão, como é evidente.

— Vamos, Jude. Estás à espera do quê? De uma foto? — troçou o Aegan de cima da sua sela.

Merda.

Estava à espera do quê? Bem, de qualquer coisa como a terra abrir-se miraculosamente para engolir aquele idiota, mas isso nunca aconteceria, porque ele era o Aegan Cash. Se por acaso se abrisse, de certeza que me engoliria a mim.

Dei um passo em frente, mas foi demasiado hesitante e curto. Observei a sela sobre a égua, depois para onde calculava que deveria colocar o pé, depois para os amigos do Aegan, que me observavam com um brilho maldoso nos olhos, e finalmente para o próprio Aegan.

Ele sabia. Sabia que eu não fazia ideia de como montar a cavalo. Por vingança, quis ver-me falhar, desfrutar e rir-se com os seus amigos empinados. E isso fez-me logo sentir muito furiosa. Não ia permiti-lo.

Dei outro passo, este já mais confiante. Depois, sem pensar em demasia, com uma determinação e uma confiança que parecia concedida pelos deuses do Olimpo para que me vissem triunfar, coloquei o pé esquerdo no estribo e projetei-me para cima.

Tu consegues, *Judezinha*, tu consegues!

Ou melhor dizendo: «Não consegues, Judezinha, não consegues!»

Em vez de acabar lá em cima, sentada triunfalmente, acabei caída de boca para baixo em cima da sela.

Fail total.

Não só falhei, como falhei de uma maneira muito estúpida.

Os risos soltaram-se nesse preciso momento. Uns «ahahahs» tão intensos que ressoaram na minha cabeça e pioraram a situação. Como não consegui estabilizar-me ou acomodar-me ou fazer a merda de uma coisa de jeito, não me restou outra alternativa que não fosse voltar ao chão, onde quase perdi o equilíbrio.

Já de pé, só ouvi como gozavam comigo. Nem sequer me incomodei a olhar para os amigos do Aegan. Olhei diretamente para ele e deparei-me com uma expressão tão cruel e tão gozona que o meu estômago ficou tão apertado como uma fruta esmagada por uma mão maldosa.

Senti-me furiosa e humilhada ao mesmo tempo.

— A Jude não vem — disse o Aegan, entre risos. — Fica para a próxima.

E cavalgaram todos quase ao mesmo tempo, com o Aegan na dianteira, como se ao me deixarem para trás mostrassem ser melhores do que eu.

Respirei fundo e fui-me embora dali a passos largos. Entrei novamente na casa, andando rápida e furiosamente, como um camião sem travões, rumo à saída para voltar para o meu apartamento. Entretanto, não parava de me perguntar: «Porque é que nunca montei a cavalo para evitar isto? Porque é que quando acho que sou mais esperta do que o Aegan, ele me supera?»

Tive de parar de repente mal atravessei o corredor porque quase atropelava alguém.

— Adrik — disse ao reconhecê-lo.

Também se deteve, mas, ao contrário de mim, não pareceu surpreendido ao ver-me.

Tinha a mesma expressão de sempre: imperturbável, como se a vida o aborrecesse, sem que ele se importasse por estar aborrecido. Notei que até a forma das suas sobrancelhas, mais espessas e negras do que as dos seus irmãos, ajudava a deixar transparecer as suas emoções, por darem aos seus olhos um ar de indiferença natural.

— Antes havia uma cozinheira lá em casa que fazia todos os pratos com pimentos — disse, sem motivo aparente.

Fiz cara de quem não entendia a que propósito vinha aquilo.

— O quê?

Prosseguiu com o relato, apesar da minha pergunta e do meu tom confuso:

— Cada vez que me sentava para comer, encontrava um pimento no meu prato. Em todas as comidas, até nas sandes. Era sempre assim, de forma inesperada, e eu não percebia porquê se era evidente que eu não os podia ver à frente. Tu és como esses pimentos. Apareces até onde não podes.

Fiz a minha *poker face.*

Acabara de me comparar a um pimento. À minha frente. Como se não fosse nada!

— Também não gosto que nos cruzemos — soltei, mal-humorada.

— Os pimentos são péssimos — murmurou ele, mais para si mesmo do que para mim. — Têm aquele sabor esquisito…

Olhei para ele espantada. A sério que era esquisito.

— Já percebi — disse eu lentamente para que ele largasse o tema.

O Adrik finalmente reagiu e fixou o olhar em mim. Perdera-se a pensar em pimentos ou quê?

— A estrebaria, que é onde está o Aegan, é para ali — indicou, e com o dedo apontou para o corredor do fundo.

— Venho de lá, de fazer figuras tristes, obrigada — suspirei.

Formou uma fina linha com os lábios, quase como numa expressão de pesar.

— Como fui perder isso?

— Não te preocupes, talvez o Aegan tenha mandado gravar para depois ver enquanto se masturba — disse, ainda algo chateada. — É óbvio que se excita ao ser cruel. Não vejo outra razão.

O Adrik encolheu os ombros, meio pensativo.

— Bom, isso não sei. Sempre tivemos quartos separados, mas no histórico dele havia coisas muito estranhas…

Não consegui evitar soltar uma gargalhada que até a mim me surpreendeu, mas fiquei séria logo de seguida, uma vez que o Adrik não estava a sorrir, mas antes a olhar-me com neutralidade, como um inimigo inteligente.

Sabia que o facto de serem irmãos não significava que fossem iguais, mas era-me impossível não desconfiar ou sentir receio diante dos três. Terem cérebros separados não os isentava de partilharem a mesma genética cruel dos Cash nem de serem insuportáveis ao menos em alguma coisa, pois não?

Na minha análise, apercebi-me de que trazia calçadas umas botas algo sujas e sobre as calças de ganga e a camisa branca um equipamento de proteção. Um par de luvas saía de um dos bolsos. Isso ficava-lhe bastante bem, para ser sincera. Dava-lhe um ar descomposto, sim, mas ficava perfeito a combinar com o cabelo desgrenhado. Quase como se tivesse estado a dormir e acabasse de acordar para enfrentar o mundo e…

Exato. Voltando ao assunto:

— Tu também montas a cavalo — disse.

— A sério? Como adivinhaste? — respondeu com sarcasmo, sem desviar os olhos do telemóvel.

Levantei uma sobrancelha.

— Vives para o sarcasmo, não é?

— Não há nada mais que me faça respirar — assegurou-me, mostrando-se falsamente animado.

Bem, o sarcasmo era divertido.

— Muito bem. Tu conheces Tagus melhor do que eu — suspirei. — Sabes onde posso encontrar um instrutor? Preciso de aprender a montar a cavalo.

Era a única maneira de não voltar a ser humilhada.

Ergueu a vista e semicerrou os olhos. Pareceu-me logo que o canto direito da sua boca se elevara ligeiramente para criar uma pequeníssima, maliciosa e divertida curva. Uma das primeiras emoções que lhe via, vá lá.

— Eu sou instrutor.

— Ai! — suspirei, semicerrando os olhos. — A sério. Quero aprender.

Ele franziu a testa e analisou-me.

— Não acreditas em mim?

— Não.

— Porquê? — perguntou com tranquilidade, mas ainda assim num tom desafiador. — Porque não acreditas que seja instrutor?

— Bem, porque…

— Porque…?

— Porque… hum…

— Sou um Cash?

Raios.

Sim, era por isso.

— Não — menti, com o queixo levantado.

— Pensei sinceramente que a discriminação social fosse coisa do passado. — Estalou a língua, abanando a cabeça. — Mas olha, aqui está a Jude a discriminar alguém por causa de um apelido.

Bem, mas que culpa tinha eu de que não me entrasse na cabeça a ideia de que os Cash servissem para algo bom?

O Adrik passou ao meu lado e avançou pelo corredor.

— Então, queres aprender ou não? — perguntou, enquanto se afastava.

Hesitei um momento por se tratar dele, mas eu não era das que se rendiam facilmente. Era das que, se não conseguiam fazer uma coisa, arranjavam uma maneira de aprender. Se o Adrik sabia como montar a cavalo, servir-me-ia para não voltar a ser envergonhada pelo Aegan.

Acompanhei-o de novo ao exterior do clube em direção à estrebaria. Os seus passos eram muito calmos e meio preguiçosos. Quase me desesperaram.

— Basta-me aprender ao menos a subir ao cavalo — disse-lhe, enquanto ele sacava um dos cavalos.

Não me respondeu. Entreteve-se a aparelhar o cavalo. Fê-lo com a mesma dedicação e carinho que o Aegan. Acompanhou o processo com algumas carícias, e o animal respondeu muito bem. Talvez essa fosse uma das poucas coisas que partilhavam, ainda que, vou ser sincera, os movimentos e a naturalidade do Adrik fossem mais cativantes. Transmitiam uma conexão profunda, como se conhecesse aquele belo cavalo de toda a vida, como se aparelhá-lo fosse uma arte e ao mesmo tempo uma técnica de relaxamento na qual adorasse desaparecer.

Quando terminou, guiou-o para fora.

— Talvez tenhas feito uma figura ridícula por achares que se trata apenas de subir ao cavalo e já está — comentou de repente, tranquilizando o animal, que não parava de andar em círculos.

— Não percebo nada de cavalos, portanto não me chateia que digam o quão má sou — disse, de má vontade, mas disse.

— Não tem piada dizer-te uma coisa que já sabes — encolheu os ombros. Depois, estendeu-me uma mão e fez um gesto com os dedos. — Aproxima-te — pediu-me.

Os meus passos foram hesitantes, quase nervosos, porque aquilo era uma novidade para mim.

— É muito manso e tranquilo — acrescentou o Adrik ao reparar na minha insegurança. — Não tenhas medo dele.

— Não tenho — confessei, enquanto tentava respirar com calma. — Só tenho medo de que ele não goste de mim.

O Adrik soltou uma gargalhada tranquila sem descolar os lábios. E começou a acariciar o cavalo que, passado uns segundos, começou a mexer-se menos inquietamente, reagindo ao toque.

— Os cavalos não são como as pessoas — explicou-me, sem deixar de acariciar o animal. — Não te julgam, não gozam contigo, não te odeiam. São puros e sensíveis. Podem estar de mau humor, mas se te rejeitam não é por seres quem és ou como és, mas antes pelas intenções com que te aproximas deles.

Olhei-o com uma certa admiração, mas com a desconfiança sempre diante de mim. Era como se o Batman se sentasse a jantar com o Joker. Nenhum baixaria a guarda perante o outro.

Muito bem, era preciso que fosse valente. Tinha de ser valente.

— Sabes bastante sobre cavalos — concedi, dando mais uns passos.

— Gosto deles — admitiu com simplicidade. — Gosto de todos os animais, mas conheço melhor os cavalos porque monto desde criança.

Imaginei um pequeno Adrik muito *dark* em cima de um pónei preto.

Não faço ideia porquê.

Passado uns segundos, ele lançou-me um olhar aprovador.

— Olha, já está.

Nem sequer me apercebera. Graças às palavras do Adrik, estava junto ao cavalo e o animal estava quieto e tranquilo. Atrevi-me então a acariciá-lo e o cavalo permitiu-o. Foi tão agradável, tão incrível, que esqueci a humilhação e a raiva.

— Agora vais subir — disse o Adrik.

Primeiro explicou-me onde devia meter o pé e como me impulsionar lá para cima. Depois, ao tentar, falhei e automaticamente fiquei mais defensiva, pronta para enfrentar o seu gozo. Só que ele não gozou, o que foi inusual para mim. Respirou fundo e voltou a repetir-me os passos. Ia falhar a minha terceira tentativa, mas ele acabou por me empurrar pela cintura (porque senti um formigueiro esquisito?) e, quando menos esperava, consegui subir ao cavalo.

Aquele triunfo emocionou-me e surpreendeu-me ao mesmo tempo.

— Oh, meu Deus, estou cá em cima — disse, olhando para ambos os lados com um sorriso de satisfação na cara.

O Adrik assentiu a partir da sua posição, como um professor satisfeito com os seus ensinamentos. O cabelo preto desgrenhado brilhava e os seus olhos cinzentos devido à genética Cash não pareciam tão obstinados.

— O resto é simples.

— Obrigada, eu… — tentei dizer, ainda entusiasmada, mas ele interrompeu-me.

— Estou aqui para ensinar quem quer que precise de aprender. Não fiques com ideias erradas — explicou, num tom neutro.

Por algum motivo, isso deixou-me calada.

Bem, conseguira o que precisava. Agora, queria aprender a cavalgar. Preparei-me para essa parte, mas ouvi uns relinchares e o Hades entrou a toda a brida no campo de treino. Parou numa estúpida e irreal pose imperiosa com o Aegan sobre si, que desceu de maneira ágil, mostrando ser mais do que bom naquilo.

No seu rosto resplandecia um insuportável sorriso de superioridade.

— Parece que o Driki faz milagres — disse, ao ver-me em cima do cavalo. — Pode fazer com que um cato aprenda a sobreviver no frio, se quiser.

Abri a boca para lhe dar uma resposta épica, mas o Adrik interveio e fez algo que nunca esperaria.

— Acabei de chegar — mentiu com indiferença. — Não tenho nada que ver com isto.

E, sem mais, afastou-se, de novo em direção à estrebaria.

Enquanto o Aegan e eu estivemos juntos, fiz a minha cara mais séria e desci do cavalo. Passei junto a ele, ignorando-o, e avancei em direção à porta traseira da casa do clube, prestes a sair dali. Ouvi os seus passos rápidos atrás de mim. Tentei não lhe dirigir a palavra, mas ele teve o descaramento de me perguntar com uma certa diversão e incredulidade:

— O que foi? Estás zangada?

Se estava zangada?

SE ESTAVA ZANGADA?

A minha fúria poderia alimentar três países em crise.

Mas não o podia demonstrar. Era suposto eu gostar dele. Uma namorada apaixonada é paciente.

— Não — menti-lhe, tensa, contendo a minha ira.

Ele deteve-me no *hall* para me sorrir numa promessa de caos.

— Que bom — exclamou. — Porque agora que fazes parte do clube podemos fazer muitas coisas juntos. Vem cá amanhã.

A minha irritação fez-me unir um pouco as sobrancelhas.

— Qual é o plano para amanhã? — perguntei, num tom repleto de ódio.

O Aegan piscou-me o olho.

— Logo verás.

Despediu-se de mim, virando-me as costas e avançando pelo corredor, rumo a sabe Deus que parte do clube, confiante, triunfal, orgulhoso de si mesmo. Não tive outro remédio a não ser ir-me embora.

Certo, apesar daquele momento horrível em que não consegui subir à égua, não me renderia porque, no fim de contas, o dia não fora assim tão mau. Na verdade, descobrira algo: *a porta*, essa que o Aleixandre dissera que devia estar fechada.

Tinha de ver o que havia por trás dela.

E tinha também de encontrar maneiras mais inteligentes de irritar o Aegan enquanto durassem as minhas investigações sobre a Eli e sobretudo antes de que o meu tempo como sua namorada terminasse.

11

Trim, trim… Sim? Quem é?

Confesso, não parei de pensar naquele «logo verás».

Deu voltas trocistas na minha cabeça, inquietando-me. O que iria acontecer? Teria um plano? Maldito Aegan, até com duas simples palavras conseguia deixar qualquer pessoa nervosa. Mas seria possível que nada o deixasse nervoso? Claro que não. Não deixava de ser humano. Tinha debilidades, pontos a atacar. Talvez o assunto da Eli fosse um desses pontos.

Teria mesmo ido embora num carro alugado? Mas para onde? Se tivesse partido por vontade própria, porque estava tão assustada na gravação? Queria averiguar mais coisas sobre ela, e depressa…

A Kiana cruzou-se de repente comigo num dos corredores: parecia um pouco agitada, como se estivesse à minha procura em todo o lado. Naquele dia, os seus longos cabelos estavam entrançados ao estilo da Daenerys Targaryen, o que combinava bem com o seu lado durão, mas não tão bem com a sua roupa de artista pacífica.

— Há um boato — disparou com gravidade.

— Qual? — semicerrei os olhos.

O Dash apareceu também, bem arranjado e a resplandecer com uma écharpe de lantejoulas verdes.

— A Artie disse-me que conseguiste ir ao clube! — exclamou, ignorando o que a Kiana dissera. — Como é? O que fazem lá? Conta, conta!

Sem me darem tempo para decidir a quem responderia primeiro, agarraram em mim para me levarem para uma sala vizinha que estava vazia e fecharam a porta.

— Dizem que o Aegan tem medo de ti porque és agressiva e não consegues controlar a tua raiva — informou a Kiana imediatamente.

— Muito à Emma Roberts… — complementou o Dash.

Fiquei boquiaberta.

— A sério?

— Sim, e que fizeste uma cena no clube e quase lhe bateste — continuou a Kiana.

Mas que diabo?! Era evidente que investiram demasiada criatividade na transformação do boato. Eu não era a Emma Roberts! E o Aegan de certeza que não tinha a inocência do Evan Peters, pessoal!

— Isso não foi assim — esclareci. — Não tentei bater-lhe nem fui agressiva.

— Então foi como? — exigiu saber o Dash, fazendo um gesto de «conta tudo!». — E como é aquilo? É verdade que há um quadro do Aleixandre nu?

Contei-lhes como fora a minha suposta «cena». Acrescentei a parte dos cavalos e lá cheguei ao mais importante, que se tratava de um sítio normalíssimo. Sem quadros de ninguém nu. Sem objetos suspeitos. A única coisa estranha fora aquilo da porta e a atitude do Aleixandre ao fechá-la, e isso eu não ia contar a ninguém. A minha investigação sobre a Eli e qualquer outra situação estranha era um segredo.

O Dash fez uma cara de total desencanto.

— Que deceção… — suspirou dramaticamente. — Pensei que seria uma sociedade secreta onde fizessem orgias e tomassem vinhos esquisitos.

A Kiana e eu olhámos para ele com estranheza. Hã…

Por outro lado, aquilo era a gota de água.

— Não acredito que fizeram do Aegan a vítima — desabafei. — O que dirão amanhã? Que fez um milagre e o vão beatificar vivo?

A Kiana ficou pensativa. Pela primeira vez, reparei que as suas unhas eram pequenas e irregulares. Unhas assim indicavam que ela as roía, o que por sua vez indicava que era uma pessoa nervosa. Ainda que não o parecesse. A Kiana era segura e ousada, alguém que não temia dar a sua opinião e que quando falava captava a atenção das pessoas pela sensatez das suas palavras. Mas o que é que eu já aprendera? Que em Tagus todos eram o contrário do que aparentavam.

O que poderia causar ansiedade a uma rapariga como a Kiana?

— Acho que me estou a aperceber de uma coisa… — murmurou, feita a sua análise. — E se tiver razão, ele não é idiota nenhum. É um tipo inteligente que se faz passar por idiota.

— Bem, conta — disse, curiosa.

— O Aegan acha-te forte e decidida e, como não te pode atacar diretamente, vai tentar colocar-te em situações com que não consigas lidar para te mandar abaixo e para que deixes de ser um obstáculo — teorizou. — Sair contigo e ter-te por perto ajuda-o porque pode estudar-te e procurar os teus pontos fracos.

Era possível que o Aegan estivesse a fazer comigo algo parecido com o que eu estava a fazer com ele? Seria por isso que queria que fosse sua namorada?

Surpreendeu-me achar que fazia sentido. No clube, fizera uma figura ridícula por não saber montar a cavalo. E de quem era a culpa, afinal? Minha, por nunca ter aprendido a montar. Só eu passara vergonhas. Ele não.

— Oh, é como roubar um banco a partir de dentro — disse o Dash, espantado.

— Talvez tenhas de te empenhar mais no teu papel de namorada — sugeriu a Kiana. — O Aegan pode suspeitar de que não gostas dele. Tenta outras coisas.

— Tipo o quê? — perguntei, à procura de outras opções.

Ambos esboçaram um sorrisinho malandro.

— Tu sabes… — disseram em uníssono.

Oh, claro que sabia, mas não queria sequer pensar nisso.

Achei que talvez o Aegan não prestasse atenção àqueles boatos, mas não aprendera nada? Em Tagus, a maior responsabilidade dos alunos era não envergonhar as suas famílias. Tinham tudo pensado: as contas, o transporte, a vida. As suas prioridades eram exclusivamente eles próprios, e quando só queres saber de ti, as desgraças alheias ou não te importam ou servem apenas para te divertir.

Em Tagus, apenas te divertiam.

E, ainda que soubesse isso, não fazia ideia do que me esperava naquela tarde.

Fui ao clube depois das aulas. Surpreendentemente, o Aegan recebeu-me no *hall*. Trazia uns calções e uns chinelos de praia e vinha sem camisa. As tatuagens do seu antebraço destacavam-se como obras de arte, dando-lhe um ar rude que de certeza ele apreciava muito. Tinha uns óculos de aviador sobre a cabeça e trazia na mão um copo com um *cocktail* qualquer. Não me cumprimentou e disse logo:

— Tenho uma coisa para ti.

Entregou-me uma caixa branca. Meio desconfiada, abri a tampa, tirei o que estava lá dentro e vi: um biquíni que tinha estampados uns desenhos de pequenas bananas.

— Não foi difícil adivinhar o teu tamanho — comentou ele, divertido.

Pelo olhar trocista que me lançou, percebi que se referia às minhas curvas inexistentes.

Sim, eu era meio uma tábua.

— Para que é isto? — perguntei, ignorando aquele comentário e olhando alternadamente para ele e para a prenda. — Agora queres um desfile em cima de cavalos?

— Para a piscina — soltou uma gargalhada muito tranquila.

— Aqui não há nenhuma piscina.

— Claro que há — disse, como se fosse evidente. — Bem, antes não havia. Construímos uma no ano passado quando remodelámos o terraço. Podes usar a casa

de banho para trocar de roupa.

— Não o quero vestir — recusei imediatamente.

Ele deu um passo em frente. Levantou a mão e beliscou-me a bochecha com «carinho».

— Vais ficar muito gira — assegurou-me com um sorriso trocista. — Espero por ti lá em cima.

Piscou-me o olho e afastou-se com o seu copo estúpido na mão.

Entrei na casa de banho, que tinha um espelho que permitia que te visses até abaixo da cintura. Vi-me nele com uma peça do biquíni em cada mão, segurando-as como se fossem uma coisa estranha. No meu reflexo, a minha cara de «não posso acreditar» parecia saída de uma cena de comédia.

Um biquíni.

Com bananas.

Para ir a uma piscina.

Mas porquê bananas?

Era horrível!

Enquanto mudava de roupa, imaginei o Aegan a rir com maldade por me ter apanhado de surpresa, mas respirei fundo, porque não, Aegan, eu não era das que foge a correr. Se achava que com isto me intimidava, estava muito enganado.

Despi a minha roupa, vesti o biquíni e os chinelos e deixei o cabelo solto. Olhei de novo para o meu reflexo e gostei do que vi. Outra das minhas características: não prestar muita atenção aos meus complexos. Claro que os tinha, como todas as pessoas, mas, não sei, a minha capacidade de minimizar os problemas ajudava-me a dizer a mim própria: «Isto é quem tu és, aguenta-te.» Mais simples e menos tortuoso.

Por fim, saí da casa de banho. Umas escadas acrescentadas à parte traseira da casa levaram-me ao terraço, que parecia uma zona muito diferente da de baixo.

Ali tudo era mais moderno. A piscina era grande, muito azul, e vários rapazes, entre os quais o Aleixandre, estavam a jogar vólei aquático. Mal me viu, com os braços esticados para cima, o cabelo molhado para trás e um grande sorriso, gritou-me:

— Jude! Atira-me uma banana que tenho fome!

Ignorei-o e fui em frente. Também havia uma zona de espreguiçadeiras para apanhar sol, um balcão para o bar e uma casinha do DJ de onde vinha música. Em redor, umas cabaninhas, candeeiros, alguns sofás e chapéus de sol. O mais importante: estavam umas cinquenta pessoas.

E pareciam ter sido escolhidas estrategicamente. Na sua maioria eram do círculo próximo dos Cash. O resto era de círculos importantes em Tagus. Eram mais raparigas do que rapazes. Raparigas com corpos tão bem feitos que me davam fome, cabelos longos e perfeitos, algumas com uns lábios volumosos incríveis, unhas pintadas de cores foscas e bronzeados delicados. Em resumo: comparada com elas, parecia um espeto, uma aberração, um ranho preso ao lábio superior de alguém feio.

Um ranho com um biquíni de bananas ridículo e estúpido.

Nem sequer demorei dois minutos a perceber o que se passava. Toda aquela gente ali, todas aquelas raparigas, estavam à conversa, curiosas, com vontade de inventar uma boa história…

O boato.

O Aegan queria testemunhos que pudessem confirmar o boato de que eu era agressiva e lhe podia bater. Mas… para isso eu tinha de armar alguma cena ou comportar-me como no dia anterior quando apareci no clube. O Aegan devia estar certo de que isso aconteceria.

Ou certo de que faria com que isso acontecesse.

Pois bem, ele ia ver.

Avancei de cabeça erguida e fui direta ao sítio onde se encontrava o Aegan, junto à borda da piscina. Estava a conversar com o seu grupinho de sempre e com algumas raparigas e rapazes presunçosos que não reconheci. Enquanto me aproximava, tive de admitir que o maldito do Aegan se destacava, que emanava qualquer coisa que impedia que deixasses de reparar nele. Perguntei-me: «Porquê, meu Deus? Porque fazes com que às vezes a maldade pareça tão bonita?»

— Ah, Jude! — exclamou ele quando parei ao seu lado e logo perguntou a todo o seu círculo. — Já a conhecem, certo?

— Claro, é uma grande personagem — disse uma das raparigas.

E com um sorriso, olhou-me lentamente de alto a baixo. Reparei no brilho julgador ao fixar-se nas bananas do meu biquíni.

Ativei a Jude com que o Aegan não contava.

— Olá! — saudei muito afavelmente os presentes. — E olá, querido. — Tive de pôr-me em pontas dos pés para conseguir dar um beijo carinhoso na bochecha do Aegan.

Num toque adicional, entrelacei a minha mão na sua e dei-lhe o braço, sorrindo amplamente, com um ar feliz. Ao olhar-me com os olhos meio semicerrados, apercebi-me de que o surpreendera com esse gesto doce, ainda que não o tenha demonstrado.

Seja como for, mantive-me assim, agarrada a ele. A sua mão era muito grande junto à minha.

Disseram que eu era agressiva, não foi? Mostrar-lhes-ia exatamente o oposto.

— É surpreendente que estejam juntos — comentou, divertido, um rapaz do círculo ao ver-nos assim — porque parecia que se odiavam.

Oh, nós odiamo-nos muito, sim.

— É que o Aegan não queria admitir que gostou de que eu o desafiasse — sorri, com doçura.

Ele esboçou um sorriso falso, de lábios colados.

— Claro, e tu não querias admitir que me desafiaste porque gostaste de mim quando me viste — respondeu.

Ambos demos uma gargalhada estúpida. Que bonita era a nossa relação artificial, não é verdade?

Acrescentei um comentário para todos.

— Acreditem que uma vida não é suficiente para vos descrever a minha sorte — parecia a vencedora de um Óscar ao dizer coisas ridículas como esta, a sério. — Todos os dias, quando acordo de manhã, digo: «Hoje sou a namorada do Aegan Cash. Será que Deus não me deu já tudo de que preciso?»

Suspirei para acrescentar drama ao momento e tentei de seguida fazer o que sabia que, por azar, tinha de fazer.

Beijá-lo.

Sim, tinha de o fazer. Se queria convencer toda a gente de que gostava do Aegan, tinha de me sacrificar.

Encostei-me muito mais a ele e pus as mãos sobre o seu peito para me encaixar melhor. A essa curta distância, apercebi-me de que cheirava a perfume caro e que se podia perceber o calor energético que emanava da sua pele. Por azar, o Aegan era um desses tipos que tem o inferno nos olhos e que, ainda assim, qualquer rapariga desejava como uma estúpida queimar-se nele.

Fiz um esforço enorme para não lhe dar um empurrão e afastá-lo de mim. De facto, até tentei encontrar nele algo que me agradasse um pouco, algo que fizesse com que aquele momento não fosse tão desagradável.

Ia beijá-lo.

Ia beijá-lo.

Ia…

Ai, não, que nojo, que nojo!

Não queria!

Não queria!

O senhor destino salvou-me.

— Ouve — disse-me alguém de repente, pousando uma mão no meu ombro.

Não houve beijo graças a essa inesperada, mas bendita interrupção. O Aegan soltou-me e afastou-se enquanto eu me virei para olhar para a pessoa que me falara. Era uma rapariga que não conhecia, que trazia uma bebida a meio e que, um aspeto importante, tinha os olhos reluzentes da bebedeira. Trazia uma expressão de curiosidade e tentava procurar qualquer coisa na minha cara.

— Isto vai parecer uma loucura, mas a tua cara lembra-me imenso a de uma rapariga que me atendeu no Starbucks da minha terra — acrescentou.

Senti que todos os olhares daquele círculo e, sobretudo, o do Aegan deslizaram até mim.

— Hum, eu nunca trabalhei num Starbucks — respondi, desconcertada.

Ela semicerrou os olhos e baloiçou sem se aperceber, ao perder um pouco o equilíbrio.

— Sim, devo estar a fazer confusão — esboçou um sorriso divertido e incoerente. — Tinha o cabelo vermelho, mas pareces-te muito com ela…

Estava quase a dizer-lhe que não era mesmo eu quando, de repente, levei com o impacto de uma bola de vólei na bochecha.

Sim, é isso mesmo que estás a ler: uma bola de vólei acertou-me na cara.

Mas não podia eu ter um pouco de sorte?!

Demorei alguns segundos a perceber que fora atingida porque a bola com que estavam a jogar na piscina fora lançada com tanta força que foi impossível pará-la e, como se a minha carinha fosse um íman de azar, acertou nela. Teve piada visto de fora. A bola acertou-me na bochecha e, com a força da pancada, caí no chão.

Senti uma pontada de dor quente e intensa no maxilar. Algumas pessoas concentraram-se em meu redor. Ouvi vozes e perguntas. Por um segundo, vi-os desfocados com o atordoamento, mas, quando tudo se acalmou um pouco, apercebi-me de que todos olhavam para mim como se eu fosse o melhor assunto para bisbilhotar, que os rapazes da piscina, incluindo o Aleixandre, tinham saído para ver se não me tinham matado. Apesar disso, estava apenas atenta ao facto de o Aegan estar a tentar aguentar o riso com todas as suas forças.

Um instante depois, desatou a rir às gargalhadas e, como se com isso autorizasse o resto dos presentes, todos os restantes se riram também.

— Jude, posso ajudar a levantares-te? — perguntou-me o Aleixandre, por entre as risadas, sem se juntar a elas, e esticou-me a mão.

A minha reação natural foi aceitar a sua mão para me levantar. A dor estendeu-se até à minha testa e nariz. Soltei um queixume.

O ataque de riso do Aegan continuava; ria-se tanto que parecia que se ia mijar. Desejei que se engasgasse na sua própria saliva e morresse ali mesmo.

— A tua cara… — soltou entre gargalhadas. — Tu… Foi… Ficaste com a marca… Deixa-me… tirar… tirar-te uma…

Sacou do telemóvel para me fotografar. Enquanto o teve na mão, fui atingida por uma raiva tão intensa, tão vingativa, que só me queria atirar a ele e tirá-lo da mão com um insulto, mas a minha mente gritava: «Não! Não!!!» Porque fazer isso serviria para que o Aegan mostrasse como eu era uma rapariga violenta. Com toda a gente a olhar para mim, seria ainda pior.

Contendo a raiva, a minha única opção era sair dali antes de que não quisesse saber do que diriam de mim e tentasse afogar o Aegan na piscina.

Dirigi-me a passos largos para as escadas para abandonar o terraço. Doía-me o nariz, a bochecha, parte da boca e estava até um pouco enjoada, mas a raiva causada pelos risos e pela hipocrisia fez com que me metesse no primeiro sítio que encontrei: a estrabaria.

Comecei a pontapear o feno como uma louca furiosa.

— Maldito Aegan! — gritei. — Odeio-te!

Os cavalos assistiam ao meu espetáculo. Alguns relincharam, como se dissessem: «Ei, louca, porque é que estás a armar este escândalo em nossa casa?» A verdade é que parecia uma histérica, mas se não desabafasse ia dar-me um enfarte. Tinha de me livrar da raiva ou desmaiava. Portanto, libertei-me durante uns minutos, soltando palavrões e insultos, até que o senhor destino deixou de estar do meu lado, prendeu-me um pé no feno e caí no chão feita estúpida.

Enchi o rabo de feno, terra e pedrinhas. Meio a tremer e meio enjoada, levantei-me, sacudi-me e, quando me virei para sair, deparei-me com o Adrik, que estava ali a ver-me.

Trazia vestida uma roupa que o fazia parecer um moço da estrebaria.

— Se destróis o feno só tornas o meu trabalho mais difícil — disse-me, sisudo.

Quis dizer-lhe: «O que fazes aqui? Não posso ter um pouco de privacidade para explodir?» Mas fazia mais sentido a sua presença na estrebaria do que a minha.

— Desculpa — disse, tentando recuperar um pouco de calma. — Não sabia que eras tu quem limpava este sítio.

Nesse momento pareceu aperceber-se de que eu estava de biquíni e feita um caco, porque me olhou de cima a baixo com uma expressão incrédula. Senti a necessidade

de me tapar, porque quando o Adrik nos olhava daquela maneira, tão fixamente e com tanta atenção, dava a impressão de que nos estava a ver até os órgãos.

— Não acho que isto seja o que estou a pensar — comentou ele, hesitante, referindo-se à minha situação.

— Depende. Estás a pensar que eu sou uma estúpida, ridícula, seminua que faz tudo mal?

— Em parte — admitiu, com um ar de dúvida.

— Então, sim. Estás certo — concedi.

Não ligou muito a isso. Continuou a empilhar o feno, depois sacudiu as mãos e pegou num ancinho que estava encostado à parede. Começou a recolher o feno que eu espalhara. Tive a impressão de que ele era o único que se dedicava a manter a estrebaria em ordem.

Calculei que me devia ir embora, mas…

— O que quer que se tenha passado é culpa tua — atreveu-se a dizer-me.

Abri e fechei a boca para dizer qualquer coisa incisiva, mas só me saiu:

— Porquê?

— Porque namoras com ele se o odeias? — perguntou, numa resposta inteligente.

Recorri a mentiras.

— Eu não o…

— Odeio-te, Aegan — interrompeu, imitando-me. — Maldito sejas, és um imbecil. Quem me dera que a tua cara fosse este feno para ta poder pontapear.

OKKKK, tinha-me ouvido. Isso sim, fora estúpido da minha parte.

Achei que arruinara a minha imagem de namorada apaixonada até que ele ergueu o canto direito da boca num sorriso amargo, mas divertido.

— Foi praticamente uma declaração de homicídio — comentou.

— Oh, não estava a falar a sério — tentei corrigir o meu erro. — Só estava chateada, mas já me passou.

Não acreditou em mim. Abanou a cabeça, e um dos cavalos pareceu entusiasmado por o Adrik estar ali perto a limpar o chão.

— Queres um conselho, Jude? — disse inesperadamente. — Não és tão parva como gostas de parecer. Se quiseres fazer algo de bom, se não quiseres continuar a passar por estas coisas, afasta-te de nós e dedica-te aos teus estudos. Não faz sentido que estejas com o Aegan se ele te deixa assim.

Fiquei estupefacta… estava a dar-me um bom conselho? Ele? A mim?

Deveria acreditar naquilo ou não?

— É… complicado — decidi dizer. Recuperei imediatamente alguma firmeza. —

E também não vou falar disto contigo. Sei que vocês os três podem conspirar para…

Interrompeu-me:

— A última vez que conspirámos tínhamos nove anos e foi para decidir se fechávamos o Aleixandre no armário ou no sótão — parou o que estava a fazer e apoiou-se no ancinho. Semicerrou os olhos e fitou-me. — Ou tu achas que nos reunimos os três para planear de que modo te vamos lixar a vida?

O que eu achava é que eram cruéis, muito cruéis.

— É que…

— O mundo não gira à tua volta, Jude — voltou a interromper-me, desta vez enfastiado.

— Mas gira à volta dos Cash? — rebati, arqueando uma sobrancelha.

— De ninguém, muito menos do Aegan — riu-se tranquilamente e voltou à sua tarefa de empilhar o feno. — Mas não vou falar disto contigo. Tu achas que somos o inimigo, não é? É melhor vermo-nos na tua próxima cena triste.

Muito astuto.

Bem, não podia ficar a falar com o mais inteligente dos Cash e menos ainda com a raiva que ainda fervilhava no meu corpo.

Comecei a afastar-me para sair dali sem dizer mais nada. Queria estar longe daquele clube durante uns dias.

— Jude — o Adrik chamou-me mesmo antes de eu sair da estrebaria.

Voltei-me. Por um momento, pensei que tinha algo importante a dizer. Não faço ideia porque pensei isso, mas foi o que pensei.

— O que foi?

— Tens um ramo preso no rabo — disse-me com toda a naturalidade, como se ter ramos no rabo fosse muito comum.

Ótimo.

Virei-me para ver, como um cão quando se volta para olhar para a cauda, e soltei o ramo do biquíni. O Adrik arqueou uma sobrancelha e, por fim, voltou ao trabalho.

Espera, ele olhara para o meu rabo enquanto me afastava e por isso vira o ramo?

Fosse como fosse, saí dali entre suspiros e fui à casa de banho mudar de roupa. Tinha muitas coisas na cabeça e precisava de respirar bem longe daquele clube, caso contrário não conseguiria continuar com aquela mentira. Apressei-me a vestir, saí da casa de banho e fui direta à porta de entrada, ainda a discutir mentalmente comigo mesma.

Precisamente quando estava a passar pelo *hall*, como se estivesse combinado com o destino que o meu ouvido curioso o escutaria, o telemóvel que estava numa das

mesinhas da sala comum começou a tocar.

Poderia ter saído, mas como não conseguia evitar meter-me onde não era chamada, aproximei-me e atendi.

— Estou?

— Sascha? — perguntou uma voz masculina do outro lado. Tinha um tom divertido e meio embriagado. — Onde está o Aegan?

Não sabia quem raio era a Sascha, talvez uma das raparigas do círculo do Aegan, mas, como pequena vingança, não disse àquela pessoa que não era a Sascha. Enfim, se não era capaz de reconhecer uma voz diferente…

— Está na casa de banho com diarreia — respondi. — Liga-lhe para o telemóvel.

Ia desligar, mas ele disse:

— É que perdi o telemóvel porque… — soltou uma gargalhada malandra. — Não interessa. Dá-lhe o meu recado, pode ser? Vou chegar mais tarde porque o meu voo atrasou. Sei que devia enviar o código para a festa desta noite no clube, mas não vou conseguir. Ele que peça ao Aleixandre para o fazer, que ele já sabe que o código é «magumbos» — outra gargalhada. — Não perguntei onde foram desencantar isso. Vejo-te mais tarde, querida.

E desligou.

Um código para usar no clube? Um código que ainda por cima era uma referência a um episódio dos Simpsons? Mas em que zona do clube? Não vira nada naquele sítio onde fosse preciso meter um código. Parecia-me absurdo; naquele momento não consegui associar esta informação a nada porque a minha cabeça ainda estava um pouco baralhada à conta da bolada.

Mas, de repente, a minha mente iluminou-se e juntei as pontas…

A porta que o Aleixandre dissera que deveria estar fechada…

Um código…

E se se tivesse de meter um código a seguir àquela porta?

Ai, meu Deus.

Ai, meu Zeus.

Ai, Son Goku.

Haveria um segredo oculto naquele clube? Seria aquela a noite perfeita para o descobrir?

Tinha de voltar nessa noite para ver a que se referia o rapaz do telemóvel. O problema: não podia fazer isso sozinha e só havia uma pessoa que me poderia ajudar.

Fui logo para casa numa das bicicletas de aluguer disponíveis para os alunos, a sonhar com um analgésico para a minha pobre cara. Quando cheguei a casa, abri a

porta entusiasmada. A Artie estava imersa nas suas tarefas, com o portátil ao colo e os óculos na ponta do nariz. Olhou-me surpreendida pela minha agitação.

— Preciso de que sejas o meu botão de emergência — disparei.

Tinha um ar de dúvida, nervos e medo que já me stressava um bocado.

— O quê?!

— Vou ao clube esta noite porque suspeito de que o Aegan vai levar uma rapariga — menti. — Vou ter sempre o telemóvel à mão e se tiver algum problema ou me acontecer qualquer coisa…

— Porque é que te pode acontecer alguma coisa? — interrompeu-me, horrorizada.

— É que o Aegan não sabe que eu vou — disse, como se fosse evidente. — E precisamente por tudo o que me contaste acerca da Eli, tenho de tomar precauções. Portanto, se vier a acontecer alguma coisa estranha, carrego num número e vais receber uma chamada minha. Saberás onde estou e que preciso de que me venhas buscar com a Kiana e o Dash.

Tinha um ar de dúvida. De muita dúvida.

— Mas não vai acontecer nada porque não vou fazer nada perigoso — quis assegurar-lhe, para que não se assustasse. — Só quero que ativemos esse botão de emergência para ambas a partir de agora.

O botão de emergência é muito benéfico, hã? Sobretudo se tiveres tendência para te meteres em problemas, como eu.

— *OK*, tudo bem — aceitou por fim.

Agora tinha de organizar o meu plano.

Detetive Jude: ativada.

12

Sim, os Cash controlam até a tua menstruação

Noite. Espaço exterior do clube.

Eu estava clandestinamente escondida atrás de uma das árvores do outro lado da rua do edifício. Via que tudo estava calmo. À primeira vista, não parecia que lá dentro estivesse a acontecer nada de importante. Não havia sinais de festa nem de qualquer evento. Nem sequer se via gente a entrar ou sair. Só silêncio. A noite estava tranquila e um pouco fria, e o céu estrelado parecia feliz por não me ter acobardado.

Talvez por isso não contasse com o que se passou.

— Jude — disse de repente alguém atrás de mim.

Quase soltei um grito. Virei-me tão violentamente que lhe poderia ter batido. Mas reconheci logo quem era.

— O que estás aqui a fazer?! — exclamei num sussurro.

— Fiquei preocupada quando saíste — respondeu a Artie, nervosa. — Pensei que seria melhor acompanhar-te. Ele… — e o resto disse tão baixinho que quase não ouvi. — Não pode fazer-te nada se estiveres com alguém.

Uau, ela achava mesmo que o Aegan era muito perigoso.

Mas, ao estar ali, arruinava a minha mentira e deixava-me sem botão de emergência. Por isso, tive vontade de lhe dar uma estalada, mas não quis ser dura. Talvez devesse tentar confiar nela. Ao menos preocupava-se. Nunca ninguém se preocupara comigo desde…

Bem, já lá vamos.

— Muito bem, mas fica calada — disse-lhe num suspiro. — Porque vamos entrar.

Não tinha outro remédio que não fosse contar-lhe da porta. Achei que ia servir de prova de amizade.

Entrámos no clube. O *hall*, vazio. Nenhum ruído em parte nenhuma. Nenhuma voz. A Artie olhou para tudo fascinada. Primeiro, explorámos um pouco as zonas mais frequentadas, para ver se estava lá alguém que pudesse suspeitar de que tivéssemos ido por uma razão em concreto, mas descobrimos que não havia ninguém

em lado nenhum.

Fomos então até *à porta*.

Naquela noite, ao girar a maçaneta, pensei que estaria fechada, mas não. Abri-a e o que vi diante de nós foi um corredor silencioso com uma escada para um andar inferior lá ao fundo.

— Onde vamos? — perguntou-me a Artie com um sussurro inquieto.

— Quero ver o que mais há ali — respondi-lhe. — Suspeito de que possa ser algo esquisito.

— Esquisito tipo o quê? — perguntou imediatamente.

— Esquisito, Artie — limitei-me a dizer.

Tentei andar, mas ela agarrou-me pelo braço. As suas sobrancelhas arqueadas revelavam o medo que tinha.

— Jude, vamos voltar — tentou convencer-me. — Não gosto nada disto.

Olhei-a com confiança.

— Da primeira vez que cá estive, o Aleixandre teve um comportamento esquisito ao ver esta porta aberta, e agora preciso de descobrir o que esconde — expliquei-lhe. — Se vamos ser amigas, tens de saber que eu não paro quando quero alguma coisa e que às vezes faço coisas estúpidas que é melhor manter em segredo. Portanto, aqui é a parte em que te pergunto: vais acompanhar-me nesta estupidez ou não?

Houve um silêncio de suspense. A Artie parecia demasiado indecisa. Naquele momento, tinha a opção de se ir embora e contar ao Aegan que eu estava a bisbilhotar no seu clube ou ficar.

Surpreendentemente, decidiu ficar.

— Muito bem — suspirou. — Mas preparei uma mensagem para a Kiana, pronta a enviar caso seja preciso.

— Perfeito — assenti.

Com a nossa equipa formada (na verdade, logo veria se a Artie era ou não de se fiar), descemos as escadas. Enquanto descíamos, vimos que as paredes eram diferentes, pelo que concluímos que aquelas divisões tinham sido acrescentadas. Aquela zona subterrânea era cada vez mais silenciosa e o seu aspeto não se parecia em nada com o estilo clássico do clube.

Estaríamos a descer as escadas secretas que conduzem aos túneis do Vaticano?

Deparámo-nos finalmente com uma porta que, para minha surpresa, tinha um painel para introduzir letras e números.

A Artie e eu olhámos uma para a outra, chocadas.

Encostei o ouvido à porta um momento, por precaução. Como não ouvi nada,

marquei o código no painel. A porta desbloqueou e abri-a lentamente. Espreitei pela fresta com um olho e, ao confirmar que não se via ninguém, a Artie e eu entrámos.

O que raio era aquele sítio?

Quatro paredes, duas das quais com espelhos enormes. Outra porta dava para um outro sítio qualquer e, em ambos os lados dela, havia duas grandes caixas transparentes. Quando me aproximei, vi que havia lá dentro um monte de máscaras de todo o tipo: de Carnaval, de animais, de rostos de bonecas e bonecos, de personagens de desenhos animados, algumas sem identidade específica, e as restantes com um estilo sensual e perturbador.

— Para que é isto? — perguntou a Artie, atónita, com uma máscara em cada mão.

Não fazia ideia, mas estávamos prestes a descobrir.

— Mete uma.

Ela escolheu uma de Carnaval e eu uma de doninha. Graças ao espelho, pudemos assegurar-nos de que os nossos rostos ficavam bem escondidos. Então, abri a porta seguinte.

Oh, por todos os segredos…

Diante de nós surgiu um lugar completamente diferente do de cima. Um lugar que a princípio me fez recordar uma discoteca. Do teto, vários candeeiros banhavam tudo de uma cor púrpura artificial que dava àquele local um ar proibido e clandestino, como o que tinham aqueles sítios da cidade onde as pessoas iam dançar, suar e fazer o que não podiam fazer em nenhum outro sítio. Além disso, estava dividido em andares e naquele em que eu e a Artie estávamos paradas (e perplexas) havia um mezanino e duas largas escadarias em cada uma das pontas que conduziam a um andar inferior.

Avancei e detive-me em frente ao limite do mezanino, observando tudo. Vi que ao centro havia um bar retangular rodeado de muitas mesas de casino, compartimentos de acesso reservado e sofás. Em redor, tanto acima como abaixo, estavam pessoas, todas elas mascaradas.

Por um lado, claro, senti-me confusa e, por outro, emocionada. Emocionada porque tínhamos descoberto algo e confusa porque… o que era aquilo ao certo? Um submundo oculto por baixo do chão do clube? Uma espécie de «lugar secreto para as pessoas da elite»? Uma coisa do género do quarto recreativo do Christian Grey, mas em maior?

Por causa das máscaras, não havia nenhum rosto reconhecível, nenhuma identidade revelada…

Agarrei na Artie, que continuava ao meu lado, tão boquiaberta como eu. Descemos

as escadas, desviando-nos das pessoas que estavam paradas nos degraus. De repente, um casal cruzou-se connosco e atiraram-se contra a parede enquanto se beijavam efusiva e asquerosamente, como se estivessem a limpar a garganta um do outro.

Era impossível perceber quem eram, porque com aquelas máscaras e a pouca luz que havia não conseguíamos captar pormenores. Era preciso conhecer muito bem as formas de um rosto para que o pudéssemos identificar. Foi isso que se passou quando vi, numa das secções com sofás, alguém com uma máscara de lobo que o tapava até acima da boca.

Não precisei de lhe ver o rosto. Aquele cabelo negro, aquele estilo de roupa elegante, mas jovem e, sobretudo, aquele sorriso largo, fino e acentuado por duas covinhas maliciosas e extraordinárias eram inconfundíveis. Aegan.

Primeira pergunta: o que fazia o Cash, cuja reputação deveria ser impecável, naquele lugar tão estranho?

Estava a falar com um rapaz que tinha uma máscara de… Espera. Era uma máscara da cara do Ernesto de la Cruz, a personagem do *Coco*, o filme da Disney? Inesperado.

Naquele momento, teria gostado de saber ler lábios para saber do que falavam. De facto, esforcei-me um pouco por me aproximar muito dissimuladamente, para tentar captar alguma coisa. Obviamente, só consegui que, de repente, o Aegan olhasse na nossa direção. Esqueci-me de que tinha a máscara e, numa reação automática, recuei para me misturar com o resto das pessoas. Como foi tudo tão rápido, a minha falta de jeito ativou-se e tropecei numa rapariga que estava de costas.

— Ei! — queixou-se ela devido ao impacto. — Estás parva?

Virei-me. A rapariga ficou a olhar para o chão, onde vi que estava um copo partido com o líquido derramado por minha culpa. Pensei em pedir desculpa, mas logo reparei numa coisa muito esquisita: tinha os olhos avermelhados e as pupilas muito dilatadas.

Oh, santo Bob Marley. Isso na minha terra chamava-se estar pedrado, isto é, não contar com todos os sentidos ou, dito de outra forma, ter consumido ou fumado uma substância ilegal.

Decidi que era melhor guardar as minhas desculpas, porque não ia servir de nada pedir perdão a uma pessoa naquele estado. Peguei na Artie pelo braço e arrastei-a para que saíssemos dali.

Obviamente, a rapariga não me desculpou por ter entornado a sua bebida.

— Onde é que vais? — protestou, e agarrou-me no braço bruscamente para impedir que saísse dali. — Vai pedir-me outra bebida, lembra-te das regras.

Não sabia nada sobre nenhumas regras, pelo que respondi àquele agarrão afastando-

me.

E… péssima ideia.

A rapariga voltou a segurar-me para exigir outra bebida, mas dessa vez agarrou-me pela camisa e rasgou-a com as suas unhas enormes. Os meus pés desequilibraram-se e as minhas costas embateram noutra pessoa. A sua bebida entornou-se sobre mim; estava fria. Essa pessoa reagiu muito mais rápido e deu-me um empurrão.

Desencadeou-se um efeito de dominó.

Mais bebidas se entornaram. Houve mais empurrões. Virou tudo um caos. Senti um puxão, mas dei uma estalada a alguém e largaram-me. Perdi o equilíbrio e bati contra um grupo de corpos. Os corpos empurraram-me para outro sítio. Recusando tornar-me numa bola humana, percebi que tinha de arranjar alguma forma de sair dali ou acabava desfeita. Portanto, desatei a empurrar e a passar por entre as pessoas à procura da Artie…

Até que uns braços mais fortes do que eu me agarraram.

— Chega! — ouvi gritar com um tom autoritário uma voz masculina perto do meu ouvido. — Já chega!

Reconheci-o com um calafrio: era o Aegan.

Um medo esquisito percorreu o meu corpo porque, além de me estar a agarrar, as luzes deixaram de piscar de repente, a música parou de tocar e só se ouvia um grande burburinho. Vi que reinava o caos, que já ninguém dançava, que montes de rostos tapados com máscaras se entreolhavam e que olhavam também para mim. Agradeci por ter a cara também oculta, mas ao não conseguir ver a Artie em lado nenhum fiquei preocupada.

Saberiam que era eu?

Reconheceriam o meu talento para criar problemas?

O Aegan, ainda sem me largar, não esperou que isso acontecesse. Começou a arrastar-me para longe do centro do salão, para longe de toda a gente. Não sabia para onde me levaria, mas não quis piorar as coisas e não tentei resistir. Atravessámos uma porta num pequeno corredor e entrámos numa espécie de sala privada, com um sofá grande e um escritório.

Ali estava a Artie, ainda mascarada. Também estava o Aleixandre, com o rosto destapado e a máscara de Ernesto de la Cruz sobre a cabeça. Identidade revelada!

O Aegan largou-me. A Artie e eu pusemo-nos automaticamente ao lado uma da outra, como recém-capturadas em flagrante delito prestes a serem encarceradas.

— As regras proíbem qualquer tipo de lutas entre os membros, sob pena de expulsão! — disparou o Aegan, numa repreensão firme e furiosa e, num movimento

rápido, tirou-me a máscara da cara.

Ao ver o meu rosto, ficou tão surpreendido que perdeu o pio e deixou-se de repreensões. Tirou então também a máscara da Artie e olhou-nos fixamente de testa franzida e maxilar tenso, muito incomodado.

— Mas que raio fazem aqui? — quis saber.

Não sabia o que dizer. O meu coração acelerou um pouco. Não tive nenhuma boa resposta, apesar de ter engendrado um plano de antemão. As minhas ideias desapareceram como se uma borracha invisível tivesse passado sobre elas. Fiquei nervosa como uma mentirosa amadora. Achei que não ia conseguir livrar-me daquela; tinham-nos descoberto.

Então, aconteceu algo inesperado.

— Convidaram-nos — disse a Artie.

O quê?

— Quem? — perguntou o Aegan.

— Não sabemos — disse ela, completamente controlada. — Só recebemos uma mensagem que dizia: «Sexta-feira, oito da noite, clube.»

— Quero ver a mensagem — ordenou ele.

Muito bem, e agora? Olhei para a Artie, calada. Como é evidente, para se enganar o Aegan não bastava falar com tranquilidade e ter uma boa mentira.

Perante a falta de respostas, perdeu a paciência.

— Eu disse que quero ver a mensagem! — repetiu bruscamente.

— Para começar, não nos grites! — disse imediatamente, utilizando o mesmo tom para nos defender.

— Não é preciso discutirmos… — interveio o Aleixandre no meio daqueles gritos.

— Ah pois não! — soltámos o Aegan e eu ao mesmo tempo.

O Aleixandre olhou para nós, sisudo.

— Quero ver a mensagem e o número que a enviou — repetiu o Aegan, muito lentamente e sem gritar.

Decidi agir para nos tentar salvar.

— Ai é? — disparei, chateada. — E nós queremos saber que raio de sítio é este, porque não me parece muito normal, nem muito menos um lugar onde alguém como tu devesse estar.

Acertei em cheio. O Aegan contraiu o maxilar, enraivecido. Ia dizer qualquer coisa, mas a porta daquela salinha abriu-se nesse momento e entrou um tipo que eu nunca vira, mas que, ao que parecia, eles conheciam muito bem.

— Já consegui que toda a gente se acalmasse lá fora e voltei a baixar as luzes —

disse aquele estranho. — O que se passou?

Quando levantou a máscara, a primeira coisa que me chamou à atenção foi que tinha uns olhos cor de âmbar impressionantes. Tinha ar de ser um rapaz com poucas preocupações, um rapaz que poderia juntar-se a uma caravana *hippie* ou fazer de Dorian Gray num filme. Uma madeixa de cabelo louro caía-lhe de um lado da cara, até ao topo do maxilar, enquanto a outra permanecia por detrás da orelha. O resto do cabelo, que lhe ficava por cima da nuca, estava apanhado num rabo de cavalo. Usava umas calças com a bainha dobrada acima dos tornozelos e uma camisa branca folgada.

No entanto, o que me deixou perplexa foi que reconheci a sua voz, apesar de agora não estar bêbedo.

Era o rapaz que ligara para o clube. Fora ele quem me dera o código por achar que eu era essa tal Sascha.

Perguntei-me quem seria ele. E porque nunca o vira antes? Reconheceria a minha voz? Devia tentar alterá-la um pouco.

— Esta é a Jude e anda a sair com o Aegan — informou-o o Aleixandre, apontando para nós. — E esta é a Artie e é amiga da Jude.

— E nem uma nem outra deveria estar aqui porque não são membros do clube — completou o Aegan, rispidamente.

O louro ergueu as sobrancelhas, revelando estar divertidamente surpreendido e alternou o seu olhar faiscante entre o Aegan e eu. Acabou a olhar para o Aleixandre.

— Perdi alguma coisa interessante, não foi? — perguntou, desfrutando da situação.

— Aegan, acho que lhe devíamos explicar — disse o Aleixandre, mas o seu irmão estava a entrar em modo fúria e, como seria de esperar, ignorou-o.

— Vamos lá fora falar um segundo — ordenou-lhes, mas antes advertiu-nos: — Vocês ficam aqui.

Saíram daquela sala e deixaram-nos a sós. A Artie e eu olhámos uma para a outra imediatamente. O seu rosto deixou fluir todo o temor que estava a sentir. Faltava pouco para desatar a chorar. Talvez até me odiasse por a ter feito sentir que tinha de me acompanhar.

— Ai, Jude, o que fazemos? — choramingou.

— De onde veio essa mentira da mensagem?! — perguntei-lhe, admirada. — Porque foi incrível a maneira como mentiste.

Ponto importante: celebrar mentiras é mau. Não o faças.

— Senti que precisava de fazer qualquer coisa — tremia e estava a morder o lábio

inferior, talvez para conter a vontade que tinha de gritar. — Mas tenho medo, Jude! O Aegan parece estar muito furioso! E este sítio… — olhou em redor, aflita. — Oh, não fazes ideia do que isto significa.

Passei com firmeza as minhas mãos sobre as suas.

— Calma, vamos sair daqui — prometi-lhe, sem saber exatamente como o faríamos. — Tenta não mostrar que estás assustada.

Depois de dizer isso, os três voltaram a entrar. O Aleixandre fechou a porta. Não lhes dei sequer tempo para dizer absolutamente nada. Disparei de repente um discurso em defesa dos meus direitos:

— Olhem, se o que vos preocupa é que falemos a alguém disto, podem estar descansados. Este sítio pouco nos interessa. Agora, a Artie e eu vamos embora porque não nos sentimos confortáveis aqui.

Agarrei a Artie pelo braço, para a trazer dali para fora, mas o Aegan meteu-se entre nós como um indestrutível muro de pedra.

— Não.

— Desculpa? — disse, indignada. Ao meu lado, a Artie soltou um gritinho de medo, com os lábios colados.

O Aleixandre deu uns passos em frente. Juntou-se ao Aegan ou pelo menos assim me pareceu.

— Vocês vêm connosco — sentenciou.

Senti a Artie tremer nas minhas mãos. Quis gritar-lhe: «Para, que me estás a deixar nervosa!!!»

— Claro que não — respondi-lhe, porque em casos destes não podemos mostrar-nos fracas.

— Então nunca vão sair daqui — sentenciou o Aegan, sem misericórdia.

Ah, merda.

Não havia uma janela por onde fugir?

13

O mundo não gira em torno dos Cash, mas antes em torno dos seus segredos

Bem, sim, assustei-me.

Mas a minha reação foi ativar a minha selvagem interna para lançar socos e pontapés caso tivesse de fugir. Num microssegundo, calculei se conseguia chegar à porta se desse um chuto no meio das pernas do Aegan e um soco na cara do Aleixandre. Pareceu-me que seria difícil sair, porque não teria tempo de bater no louro, mas…

Talvez estivesse a exagerar.

— Aegan, assim assusta-las — interveio o rapaz louro, como se fosse um mediador pacífico.

— E deviam estar assustadas — resmungou o Aegan, implacável.

Enchi o peito e desafiei-o.

— Do quê? — soltei, sem temer. — De ti?

O louro intrometeu-se ao reparar que até as nossas energias queriam lutar.

— Olhem — disse, afastando ligeiramente o Aegan, mas olhando para nós as duas. — O que se passa é que nem toda a gente sabe que este lugar existe. Tem de se ser convidado para se poder entrar e tem de se assinar um acordo de confidencialidade. Não estávamos a pensar aceitar ninguém este ano e por isso não temos aqui os documentos.

Portanto, aquele sítio era deles. Muito bem.

— Há umas cópias no nosso apartamento — acrescentou o Aleixandre. — Vamos levá-las para lá para que as assinem.

— Custava muito explicar assim? — perguntou o louro, rindo-se enquanto olhava para o Aegan.

Passei o olhar pelos três, desconfiada. Apesar de o Aleixandre não ser tão cruel como o Aegan, sempre era um Cash e o meu lado desconfiado não conseguia

acreditar cegamente em nenhum deles. O pior era que lhes ficava a dever um favor. Quanto a esse louro, deixara uma boa impressão, mas não o conhecia e, sabendo da história da Eli, tinha de estar alerta.

Não, não tinha certezas nenhumas.

— Para começar, quem é ele? — exigi saber, apontando para o louro.

— O Owen — apresentou-o o Aleixandre. — É um amigo chegado.

O melhor amigo. Já sabia que estivera a viajar. Tinham-no autorizado a faltar às aulas? Devia ser muito importante.

— E porque não podemos dizer nada? — perguntei, de braços cruzados. — Porquê tanto secretismo?

O Aegan não desviou o seu olhar assassino de mim.

Falou quem eu menos esperava.

— Não se preocupem — disse a Artie imediatamente. — Nós assinamos o contrato.

Olhei bruscamente para ela. Ela olhou também para mim e, com a minha expressão simultaneamente horrorizada e desconcertada, transmiti-lhe um: «Como tomas essa decisão sem que conversemos antes?!» Devolveu-me um sussurro: «Vamos com eles e já te explico.»

O louro assentiu e avançou para abrir a porta. Depois encostou-se a um lado para nos deixar sair primeiro. Sem hesitar, a Artie obedeceu.

Que deceção, que traição, amiga.

Não me restou outra alternativa que não fosse segui-la.

Antes de sairmos daquele sítio, o Aegan disse-nos com uma voz implacável:

— Não têm autorização para voltar a entrar aqui.

Nem sequer quis lançar-lhe um dos meus olhares desafiadores. Ele não me ia proibir de entrar onde quer que fosse, mas não tinha de saber isso para já.

Saímos do clube, seguidas e vigiadas pelo Aleixandre e pelo louro. Não gostava da sensação de estarmos a ser conduzidas como se nos levassem para uma cela, mas aguentei-me. Atravessámos o parque de estacionamento e entrámos no carro do Aleixandre. Durante todo o percurso, não dissemos nada. Estava zangada com a Artie, apesar de ela parecer saber muito bem o que se iria passar. Se conseguíssemos ficar a sós em algum momento, teria muitas perguntas para lhe fazer.

Passado pouco tempo, entrámos numa zona onde os edifícios eram maiores do que os do resto do *campus*. O Dash dissera-me que havia um quarteirão com apartamentos maiores e melhores que os alunos podiam alugar durante o semestre. Pois bem, era aquele e notava-se a diferença. Tinha mais andares, mais janelas e pareciam mais

urbanos do que estudantis. Também por dentro, claro, eram melhores.

Ao subir ao último andar e entrar, a primeira coisa em que reparei foi na enorme janela, na cozinha ligada à sala de estar e no corredor que conduzia a quatro quartos. Estava um pouco desarrumado e cheirava tudo a loção para a barba, mas isso era normal tendo em conta que viviam lá três rapazes. E não estou a dizer que todos os rapazes são desarrumados, mas aqueles eram.

O meu olhar deteve-se na cozinha porque estava lá uma pessoa. Só quando fechou a porta do frigorífico vi que era o Adrik. Olhou-nos de testa franzida enquanto agarrava uma lata de *Coca-Cola* e, a seguir, muito lentamente, a sua boca expandiu-se até formar um pequeno sorriso.

A filha sinistra da família Addams e ele tinham o mesmo espírito.

— Deixem-me criar a minha própria história mental sobre isto — pediu, com o que poderia ser a forma que o Adrik tinha de mostrar entusiasmo.

O Aleixandre pediu-nos que esperássemos na sala e perdeu-se pelo corredor.

O Adrik, por outro lado, apoiou-se na ilha da cozinha, bebeu um gole da *Coca-Cola* e observou-nos de olhos semicerrados, em silêncio. O espelho sobre o pequeno bar perto da janela fez-me aperceber de que estava despenteada, tinha a roupa rasgada e que ainda se via a marca avermelhada da bola de vólei na minha cara. Estava um desastre.

— Suspeito de que tenha havido uma luta — comentou o Adrik, como se estivesse imerso nas suas teorias. — Mas não faço ideia porquê.

— Entraram no clube — revelou o louro, encostado à porta, de mãos nos bolsos.

O Adrik pestanejou, incrédulo.

— Bem, ganharam — aceitou. — Com essa não contava.

Assim como o Adrik não contava que fizéssemos isso, eu também não contava com o que recebi no meu telemóvel, que acabara de vibrar. Tirei-o do bolso para ver a notificação. Um número desconhecido enviara-me uma mensagem. Dizia:

«Fica com eles esta noite.»

Respondi automaticamente:

«Quem és?»

A resposta foi a mesma:

«Fica com eles esta noite.»

Tentei mais uma vez:

«Diz-me quem és primeiro.»

Insistiu:

«Fica com eles esta noite.»

Hum, demasiado estranho. Porque deveria ficar com os Cash naquela noite? E quem era a pessoa que mandava as mensagens? Conheceria as minhas intenções? Tive tanto medo que fiquei com pele de galinha.

O Aleixandre apareceu de novo com um par de papéis na mão e interrompeu-me os pensamentos. Guardei o telemóvel e ele entregou-nos uma folha a cada uma juntamente com uma caneta, fixando em nós os seus olhos cinzentos mais atenciosos, como se quisesse retirar peso ao facto de aquilo não ser uma simples ementa de restaurante, mas antes algo muito importante.

— Temos de ler tudo — disse eu secamente. — E de preferência com um advogado.

— Sem advogados — respondeu o Aleixandre, com um ar sério.

— Tenho direito a um advogado — defendi-me.

— É que é só uma folha com cláusulas simples que podem perceber à primeira leitura — assegurou ele.

Olhei para o Adrik, porque queria ver a cara que fazia em resposta àquilo. Ele não estivera naquele sítio escondido debaixo do clube, mas ali em casa, a comer. Porquê?

Mas ele limitou-se a meter uns fones que tirou do bolso para ouvir música e ignorar tudo o resto.

— Se precisarem de privacidade, podem ir para o meu quarto — ofereceu o Aleixandre em resposta ao meu silêncio.

Muito bem, precisava de um momento a sós com a Artie para que tivéssemos uma conversa muito séria.

— *OK*, onde fica? — aceitei.

O Aleixandre acompanhou-nos ao quarto, o penúltimo do corredor. E, antes de mais nada, senti-me perturbada ao entrar. Oh, nem a Monica Geller dos *Friends* conseguia um nível de limpeza daqueles, porque não estava apenas limpo, mas antes maniacamente arrumado, meus senhores.

Um cheiro a desinfetante pairava no ar ao passo que cada coisa, suspeitei que até as micropartículas, ocupava o seu lugar específico. Cada objeto (desodorizante, relógio, candeeiro, etc.) estava perfeitamente colocado. Até a porta de madeira do armário reluzia como se tivesse sido limpa há uma hora.

Uauuu, o quarto estava tão arranjado como ele. Cada vez me parecia mais estranha essa sua característica.

Ele não reparou no meu espanto e deixou-nos a sós.

— Porque aceitaste tão rápido? — perguntei à Artie, num tom ligeiramente baixo, mal o Aleixandre fechou a porta.

Ela parou à minha frente, preocupada.

— Jude, já viste alguma discoteca no *campus*? — perguntou como resposta.

Agora que pensava nisso, não. Havia um bar, mas fechava às seis da tarde.

Abanei a cabeça.

— Isso é porque o regulamento oficial da universidade diz que estão proibidos! — revelou-me ela, dando grande ênfase à palavra «proibido». — O clube noturno dos Cash é secreto porque não pode existir nos terrenos de Tagus!

Oh…

Oh!

— Então é por isso que há este contrato de confidencialidade?

— Sim, porque se a reitora soubesse, eles eram expulsos.

Não soube como me sentir. O Aegan estava a fazer uma coisa ilegal, estava a desrespeitar as normas da universidade. Talvez achasse que o facto de aquele clube ser um símbolo cultural da história de Tagus não levantaria suspeitas de que pudesse haver algo escondido debaixo dele.

Tive de admitir:

— Não estava à espera disto.

A preocupação da Artie transformou-se em medo, como sempre.

— Não nos podemos envolver mais; isto é grave — disparou. — Não se trata da reputação dele, mas do seu sítio em Tagus. Imagina o que o Aegan faria se aquela discoteca viesse a ser descoberta por nossa culpa.

— Muito bem, mas agora a sério, tens de deixar de temer tanto o Aegan — semicerrei os olhos.

Mas ela já tomara a sua decisão e deixou-ma bem clara, algo chateada:

— Não vou dizer nada sobre aquele sítio.

— *OK* — disse eu, diante da sua atitude. — Não estou a pensar obrigar-te.

— *OK* — assentiu.

Sem mais, foi até à secretária exageradamente arrumada do Aleixandre, sentou-se e assinou o contrato com uma rapidez irrefutável. Incomodou-me um pouco, mas era verdade que não podia obrigá-la a nada, por muito que os seus medos me parecessem estúpidos. Bem, ao menos não me atirara à cara que fora eu quem planeara ir lá. Era uma pessoa em quem se podia confiar, mas era demasiado assustadiça. Tinha coragem, já o provara, o mal é que lhe faltava ousadia.

Fosse como fosse, preocupar-me com a Artie era o menos. A mensagem a dizer «fica com eles esta noite» era um assunto mais importante. Era um pouco aterrador tentar decifrar o motivo pelo qual a recebera, mas ao mesmo tempo era intrigante.

Quem queria que eu passasse a noite ali? Porquê? Para quê? Alguém queria que eu visse alguma coisa? Queria conversar? Queria desmascarar-me? Queria apanhar-me?

Demasiadas perguntas e só havia uma maneira de lhes responder.

Saí do quarto e voltei à sala. O Adrik já se fechara no seu quarto e o Aleixandre e o Owen estavam à espera sentados no sofá. Apanhei-os a falar baixinho, mas pararam mal me viram.

— Acho que já é muito tarde — disse-lhes, com a minha voz mais tranquila. — Se voltarmos a esta hora para o nosso apartamento, vão-nos castigar. Acham que a Artie e eu podemos dormir cá esta noite?

Era verdade que chegar depois da hora limite aos apartamentos da minha secção tinha um castigo, mas não era assim tão grave. A minha intenção ao ficar ali era desvendar o mistério daquela mensagem.

O Aleixandre partilhou um olhar com o Owen que não consegui identificar. Algo fora comunicado, mas não percebi o quê. Depois sorriu-me.

— Claro, podem ficar no meu quarto. — aceitou amavelmente. — Eu fico no do Aegan. Acho que ele já não volta esta noite.

— Mas não desarrumem nada — recomendou o Owen com uma pitada de gozo. — Senão ele desmaia.

O Aleixandre tinha um grave problema com as arrumações, estava confirmado. Talvez um TOC?

Fosse como fosse, mostrou o dedo do meio ao Owen.

Na minha cabeça: «Muito bem, vou passar a noite em casa dos Cash.»

*

As horas passaram e todos os que estavam no apartamento foram dormir. A Artie adormecera muito rápido. Estava encostada ao outro lado da cama, já na fase REM, de boca meio aberta. Eu não conseguia pregar olho. Passei algum tempo a mandar mensagens ao número desconhecido: «Quem és?», «Porque me escreves?», «O que quer esta mensagem dizer?» «E agora, que faço?». Até lhe liguei, mas ninguém atendeu. O número nem sequer estava registado no WhatsApp. Que misterioso…

Chegou uma mensagem de repente:

«Vai ao quarto do fundo. Não faças barulho.»

Por um momento, achei que seria o próprio Aegan a pregar-me uma partida, portanto, disposta a enfrentá-lo, levantei-me da cama, aproximei-me da porta, abri-a com cuidado e olhei para o pequeno corredor. Não estava lá ninguém. Não se ouvia

nada.

Caminhei descalça com muito cuidado pelo corredor. Cheguei até à porta misteriosa, que era a última. Insere uma música misteriosa — chan, chan, chaaan! — porque estava entreaberta, como se esperasse que alguém a atravessasse.

Fiquei a observá-la por um momento. O silêncio da noite à minha volta, a escuridão da sala de estar do outro lado e a solidão do corredor fizeram-me sentir um pouco de medo, mas não podia fazer outra coisa que não fosse arriscar.

Entrei. No interior, escuro, silencioso, sombrio, não estava ninguém. Nem rasto do Aegan. Então não era uma partida? Procurei um interruptor na parede. A luz permitiu-me ver que uma cortina tapava a janela e que a disposição se parecia com a do quarto do Aleixandre. A cama estava feita e as coisas bem organizadas. À primeira vista, não havia ali nada de estranho, mas, por algum motivo, senti um calafrio, como se aquele quarto não fizesse parte do apartamento, como se houvesse qualquer coisa menos acolhedora lá, talvez um ar frio ou essa gelidez que deixa uma pessoa ao desaparecer por razões trágicas.

Bem, pessoa desconhecida das mensagens, já aqui estava. E agora o que faço?

Depois de enviar uma mensagem a perguntar isso mesmo, a sua resposta foi:

«Procura.»

Ah, tinha de procurar qualquer coisa. Muito bem, que arrepio. Mesmo assim, comecei a vasculhar o quarto com curiosidade, ainda que não houvesse lá muitas coisas. Uma cómoda sob a qual havia um par de sapatos com umas meias. Eram de homem. Não fui capaz de identificar a qual dos irmãos pertenciam. Podiam ser de qualquer um dos três, mas se estavam ali era porque algum deles ia lá frequentemente. Ia lá dormir? Estudar? O que ia lá fazer?

Havia ainda um armário.

Mal o abri, recuei.

Lá dentro havia roupa de rapariga.

Estava impecavelmente pendurada e parecia que não lhe tocavam há muito tempo. O coração disparou-me com tanta força que o conseguia ouvir. Sim, era só roupa feminina, mas foi como se um vento gélido saísse dela e me envolvesse. Assustei-me.

E se por acaso fosse roupa da Eli? E se ela tivesse vivido com o Aegan? Os Cash sempre tiveram o mesmo apartamento, isso o Dash já me dissera. No ano anterior, a Eli poderia ter vivido ali com o namorado.

«Acabei de encontrar roupa de rapariga», escrevi ao desconhecido das mensagens.

«Procura», respondeu.

Achas que podias ser mais claro, por favor? Eu não tinha o cérebro do Sherlock

Holmes. Se não era isso que devia ver, então era o quê?

Com medo de ser apanhada, comecei a procurar com maior nervosismo. Abri gavetas, espreitei debaixo da cama, procurei no meio da roupa, até olhei para dentro dos sapatos.

A resposta estava no espaço entre o colchão e o estrado da cama. Essa fina fenda escondia nada mais nada menos do que uma faca e uma pequena lata de gás pimenta, ambas perto da cabeceira da cama.

Olhei para as duas coisas com estranheza. Faca, gás pimenta, escondidos…

Oh, meu Deus. E se a Eli tivesse isso escondido na cama para se proteger? E se se quisesse proteger do… Aegan?

Enviei uma mensagem ao desconhecido a dizer o que encontrara. Esperei, mas não me respondeu. Supus que tivesse acertado no alvo.

Voltei a deixar tudo no lugar, mais assustada do que antes, e saí do quarto rapidamente. Tudo fazia sentido para mim. A Eli tivera medo de alguém (possivelmente do Aegan) e alugara um carro para escapar. Seria ele violento? Será que alguma vez lhe batera? Ela devia estar escondida em algum sítio.

Levei uma mão ao peito, um pouco agitada. Tudo era demasiado intenso e interessante ao mesmo tempo.

Ao voltar ao quarto do Aleixandre para continuar a pensar, reparei que outra das portas estava aberta sem ninguém lá dentro…

A ideia dançou sensualmente na minha cabeça até me convencer e aproximei-me para dar uma espreitadela, porque, tendo encontrado algo no quarto anterior, talvez pudesse encontrar algo também naquele.

Bem, não faço ideia porque o fiz, mas era o quarto do Adrik. Demorei menos de um minuto a perceber isso. Havia um armário com portas de correr, uma estante cheia de livros encostada à parede e uma secretária, mas tudo estava desarrumado de uma maneira interessante: repleto de folhas velhas, novas e amassadas; livros abertos, fechados, empilhados, ordenados, acumulados… havia ainda lápis, utensílios para desenhar, revistas, objetos de exploração, um mapa do mundo, um enorme póster com informação acerca de criaturas marinhas e roupa de equitação por todos os lados.

Parecia a divisão privada de um filósofo com mais de cem anos repletos de experiências infinitas e aflitivas, até pairava um ligeiro odor a ele e talvez a peido…, mas, bom, nada é perfeito no universo dos rapazes.

Uma coisa em específico captou a minha atenção enquanto bisbilhotava. Sobre uma pilha de livros na secretária, havia uma fotografia. Não tinha moldura, só estava pousada ali como se ele a tivesse ido buscar para a ver. Mostrava uma rapariga a usar

um *hula hoop*. Era, de facto, uma rapariga muito bonita. Tinha o cabelo comprido e castanho, os olhos de uma cor escura qualquer e sorria tanto que parecia absolutamente feliz. Houve qualquer coisa no seu rosto que me pareceu familiar, mas não conseguia lembrar-me porquê.

Perguntei-me se seria a sua namorada, mas ela também andava em Tagus? Nunca sequer a vira.

De repente, ouvi passos e alguns murmúrios. Alguém se aproximava no corredor. Larguei a fotografia e não soube o que fazer, porque caso saísse ver-me-iam e podia meter-me em grandes apuros por bisbilhotar. Olhei para todos os lados desesperadamente e o armário pareceu-me ser o único sítio suficientemente grande para me esconder, portanto, deslizei a porta e meti-me lá dentro ao mesmo tempo que ouvi o Adrik dizer:

— Falamos sobre isso amanhã, Aleixandre, não te preocupes a uma hora destas.

O bom disto era que de onde estava, por entre a roupa pendurada e uma fila de sapatos, conseguia ver o que ocorria lá fora através das finas fendas da porta de madeira.

O Adrik fechou a porta do quarto e foi até à mesinha de cabeceira. Pegou no telemóvel e deu-lhe uma espreitadela. Passou cerca de um minuto, durante o qual assumi que estivesse a ver o Instagram, até que começou a tirar os sapatos, ainda sem largar o telemóvel. Logo a seguir, atirou os sapatos para longe e despiu a camisa.

Só conseguia pensar: «Meu Deus, vai-se despir. Vai-se despir e eu estou escondida no armário dele, feita uma autêntica psicopata.»

Apertei ainda mais a boca, mas continuei a olhar. De facto, surpreendi-me ao reparar nos detalhes: ao contrário do Aegan, não tinha tatuagens. A sua pele estava limpa e tinha uma musculatura moderadamente tonificada. Sim, sim, tinha um ótimo aspeto, admito. E… sendo sincera, era até mais atraente do que o Aegan, talvez por essa mistura de *mistério + obscuridade*, mas estava na verdade a comparar um demónio a outro. A diferença não era muita.

Desabotoou as calças enquanto continuava a olhar para o telemóvel. Quis fechar os olhos porque sabia o que vinha a seguir. Sabia que ia ficar de cuecas. Também sabia que se o visse assim continuaria a achar que aquele filho do diabo era giro e precisava de continuar a ser objetiva a todo o momento.

Ainda que, bem… de qualquer forma, vê-lo de cuecas não significava que fosse mudar de opinião sobre ele, não é verdade? Portanto, agarrei-me a essa ideia e mantive os olhos bem abertos.

O Adrik pousou o telemóvel de novo sobre a mesinha de cabeceira e, ato contínuo,

tirou as calças. Pronto. Os seus boxers eram cinzentos e ficavam-lhe justos. Não, na verdade, ficavam-lhe incrivelmente bem. Acomodou o material e foi até à secretária. Pegou num livro e num marcador e deitou-se na cama para lê-lo.

Do sítio onde eu estava, a imagem era interessante. Para rematar, pegou num cigarro da mesa de cabeceira, acendeu-o e relaxou. Leu e fumou ao mesmo tempo.

Tive de me lembrar de que era um Cash, que era odiável, que não podia achá-lo atraente…

O Adrik leu durante uma hora. A certa altura, girou a cabeça e achei que estava a olhar para mim, mas estava na verdade a olhar para a porta do armário. Então percebi que se continuasse a olhar especada, ele talvez tivesse a estranha sensação de estar a ser observado, portanto era melhor deixar de olhar para ele, tinha de parar de o fazer. Quando ele voltou a dar atenção ao livro, sentei-me no chão do armário e comecei a brincar com os atacadores de uns sapatos para matar tempo.

O Adrik adormeceu com o livro no peito passado muito tempo, quando já me doía o osso do rabo de estar encolhida no armário. Assegurei-me de que não fazia qualquer ruído e abri a porta para sair. O quarto cheirava a cigarro e a peido. Avancei pé ante pé e saí vitoriosa.

Ao menos não me vira.

Mas eu sim, vira-o muito bem.

E, ainda que eu não o quisesse aceitar, tinha gostado.

14

«M» de mentiroso ou «M» de mistérios?

Durante uns segundos, ao acordar, nem sequer me apercebi de que não estava na minha cama.

Quando me orientei, voltei a olhar para o contrato. Não tinha nenhuma outra opção se quisesse continuar próxima do Aegan e se quisesse que ele acreditasse que gostava dele, portanto, assinei-o de má vontade. Claro que aquela assinatura não me silenciaria nem me travaria, ainda menos agora que sabia que a Eli receara pela sua vida e que os irmãos Cash tinham um segredinho que lhes podia custar a permanência em Tagus. Ai, Aegan, porque fazias coisas destas?

Saí do quarto e fui até à cozinha. O Aleixandre, que já tinha o cabelo bem penteado para trás e o seu sorriso carismático desenhado na cara, estava a servir ovos mexidos de uma frigideira para vários pratos. O Aegan, sem deixar de olhar para o seu portátil que estava na ilha da cozinha, recolheu as torradas que naquele momento saltaram da torradeira e atirou agilmente uma para o Adrik. Este, com a sua habitual cara de «espero que morram todos hoje», sentado num banco alto de cozinha, recolheu a torrada, prendeu-a na boca e continuou a escrever num caderno, enquanto certamente acabava alguma tarefa pendente para uma cadeira.

Aquele trabalho em equipa para o pequeno-almoço fazia-os parecer irmãos unidos, bondosos, que não tivessem um clube secreto sob o chão de Tagus.

Aproximei-me, sentei-me e deixei a folha ali, à vista de todos. A Artie também estava sentada, a barrar manteiga numa torrada. O ambiente era um pouco esquisito, evidentemente nenhum de nós esperara ter aquele grupo reunido numa manhã.

Pensei que o Aegan estivesse zangado comigo pelo que acontecera na noite anterior, mas não me disse nada, limitou-se a pegar na folha e a ignorar-me.

— O champanhe tem de ser importado — acrescentou o Aegan ao que estava a dizer, que eu não ouvira por ter chegado tarde.

— Já tratei disso — assegurou o Aleixandre, e aproximou-se da ilha com uns pratos para distribuir. — Não falta nada, está tudo pronto.

Peguei numa torrada. Calculei que estivessem a falar do tal evento de beneficência.

O Aegan olhou para o Aleixandre e em tom de exigência perguntou:

— Quando chega a tua miúda?

Já com os pratos distribuídos, o Aleixandre sentou-se para comer.

— Ela vai à festa, não te preocupes — respondeu, muito tranquilamente. — Ah, temos de ir experimentar as roupas hoje.

— Vou lá quando tiver tempo — disse o Aegan.

Os olhares de ambos recaíram no Adrik. Ele nem sequer olhou para os irmãos. Enquanto mastigava o *bacon*, disse num tom apático:

— Tenho coisas para fazer.

O Aegan observou-o, sisudo.

— Tipo o quê?

— Tipo arrancar a pele, centímetro a centímetro, com uma lâmina de barbear — disse com indiferença. — O que ainda assim seria melhor do que ir experimentar um fato que sei que me fica bem, mas que me é igual se não ficar.

Para concluir, levantou-se e foi-se embora.

Aquela resposta chocou o Aegan; foi evidente. A mim, até me divertiu, mas tive de reprimir o riso.

Pensei que o Aegan diria qualquer coisa, mas sacudiu as mãos, fechou o portátil, soltou um «Vemo-nos mais logo» e também saiu. Íamos juntos para as aulas? Bem, calculei que não.

— Sempre foi assim tão intenso? — atrevi-me a perguntar ao Aleixandre.

— A nossa mãe disse-nos uma vez que o Aegan já era intenso quando estava no útero — desmanchou-se a rir. — Dava-lhe muitos pontapés. Quando nasceu, chorava o tempo todo para irritar e chamar à atenção.

Isso fazia todo o sentido. De facto, bem vistas as coisas, o Aegan não mudara muito. A diferença estava em que agora o seu choro eram as ordens que distribuía e o útero que pontapeava era agora o mundo inteiro.

— Dá-te ordens para que trates de tudo, hã? — referi. — Isso não te incomoda?

— Sou o único com paciência para fazer este tipo de coisas — respondeu, encolhendo os ombros. — E o Aegan é assim. Deves gostar imenso dele para o suportares.

O Aegan fascinava-me, adorava-o. De facto, adoraria vê-lo assar numa fogueira enquanto gritasse de agonia até que a pele se chamuscasse e…

— Acho que me estou a apaixonar — disse, com uma entoação de palerma iludida.

Era mentira, como é óbvio, mas era divertido fazer-me de parva.

— Isso podia correr mal, Jude… — opinou, quase como um conselho.

— O quê? Não acreditas que o Aegan se possa apaixonar por mim? — perguntei com uma certa inquietação, como se na verdade temesse a resposta.

O sorriso do Aleixandre foi um pouco… misterioso, daqueles que querem dizer qualquer coisa, mas ao mesmo tempo não. Intrigou-me.

— Não sei — concluiu, encolhendo os ombros. — Depende de quantas vezes uma pessoa se puder apaixonar na vida.

Referia-se… à Eli?

Ter-se-ia o Aegan apaixonado por ela?

O Aleixandre começou a abotoar a camisa. Diria que ia muito pouco ao ginásio, talvez apenas para garantir que não perdia músculo. Permiti-me observá-lo enquanto comia. Então passou os dedos pela borda dos *boxers* como se os quisesse ajeitar. Mal o tecido levantou um pouco, vi algo. Na linha das ancas que costuma parecer um «V», algo sobressaía…

— O que é isso? — perguntei de repente, apontando para lá.

O Aleixandre baixou o olhar e com o polegar afastou uns centímetros a borda dos boxers. Era um pequeno «M» tatuado a tinta preta.

— Fiz aos dezasseis, gostas? — respondeu e olhou para mim com os seus olhos doces, mas ao mesmo tempo malandros e divertidos.

— O que significa?

— O que tu quiseres — respondeu, com um ar trocista.

Não explicou mais e eu não perguntei, mas fiquei curiosa. «M» de quê?

Mal o Aleixandre foi buscar os seus sapatos, virei-me para a Artie. A verdade é que não precisava de estar chateada com ela. A ira deveria concentrar-se nos Cash, não em nós. Queria dizer-lhe isso, mas, para mim, esta coisa da amizade era um pouco difícil. Já disse que nunca tivera nada parecido com uma amiga? A Artie era a rapariga com quem eu convivera durante mais tempo. Além disso, não me convinha fazer mais inimigos e ela conhecia o meu plano contra o Aegan. Precisava de a manter do meu lado.

— Ouve, não devíamos ficar chateadas — consegui dizer. — Respeito a tua decisão: não volto a incluir-te em nada parecido com o que se passou ontem.

Ela olhou pensativa para a torrada.

— Tens uma certa razão, sabes?

— Em quê? — arqueei as sobrancelhas.

— Devia deixar de ter medo…

Suspirei.

— Deixar de ter medo de uma coisa é difícil, Artie — disse. — Às vezes esqueço-me disso.

Sorriu-me e perguntei-me se se teria passado alguma coisa na sua vida que a fizera ser tão medrosa, mas não era o momento para lhe perguntar isso. Se ela quisesse, contar-me-ia. Todos tínhamos os nossos segredos. O importante era que tínhamos esclarecido as coisas entre nós e que ainda partilhávamos o mesmo objetivo: lixar o Aegan.

Nesse dia, o Adrik chegou tarde à aula de Literatura. Sentou-se ao meu lado e não falou comigo a não ser quando foi estritamente necessário. A certa altura, a professora pediu-lhe que se pusesse à frente de todos a ler duas páginas do romance *Correios*, do Charles Bukowski, e, para minha desgraça, aqueles acabaram por ser os minutos mais interessantes do dia.

As palavras cruas do autor, a saírem da sua boca com aquele tom amargo e indiferente, arrebataram toda a turma, eu incluída. De repente, veio-me à cabeça a imagem do Adrik no seu quarto, seminu, a fumar e a ler, alheado da vida. E foi… foi tudo tão atraente que até me fixei no bem que lhe ficava o cabelo tão desgrenhado e o agradável que fora quando ele me ensinara a montar a cavalo e…

Abandonei os meus pensamentos quando ele fechou o livro e acabou de falar.

A professora tinha um ar extasiado. Até estava capaz de jurar que, se ela pudesse, lhe daria um beliscão na nádega.

O Adrik voltou a sentar-se ao meu lado e tratei de ocultar que também a mim ele hipnotizara por um momento.

— Adrik — disse quando a aula acabou, enquanto ele guardava os livros na mochila.

— Hum? — soltou com a indiferença que o caracterizava.

Assegurei-me de que não perguntava muito alto.

— Não vais ao…? — não soube como lhe chamar, portanto disse apenas: — Àquela parte do clube?

— Não te obrigaram a assinar qualquer coisa ontem à noite? — perguntou em resposta.

— Sim.

Fechou a mochila e inclinou-se um pouco para mim com a mão apoiada na mesa.

— Bem, uma das cláusulas diz que não podes referir esse sítio a ninguém fora dele, nem sequer a outro membro — sussurrou-me. — Se isso acontecer, a outra parte deve reportar a situação.

— E vais fazer isso? — perguntei, surpreendentemente algo nervosa. — Vais

denunciar-me?

Durante um segundo não disse nada, só olhou para mim tão fixamente que eu já só queria afastar a sua cara com uma palmada porque… por que raio era o seu olhar tão intenso? E porque achava eu tão severo esse olhar? Meteu uma mão no bolso das calças.

— Só uma coisa, não voltes a entrar no meu quarto — disse, de forma taxativa, e subitamente frio. — Respeita os limites.

E pousou em cima da mesa nada mais nada menos do que o meu telemóvel, que seguramente eu deixara no armário na noite anterior:

Mer-da.

Depois pegou na mochila, virou-me as costas e saiu.

Fiquei com uma sensação de vergonha e de estupidez por não me lembrar do meu próprio telemóvel. Além disso, temia que pensasse que eu era uma mirone louca que se escondia para ver as pessoas, o que na verdade não me deveria incomodar, mas que me incomodara um pouco, ainda que me tenha obrigado a acreditar que não.

Tinha algo mais importante a fazer: ir à agência de aluguer de carros.

Tive de apanhar o autocarro que ia de Tagus para o centro da povoação mais próxima à universidade, por ser óbvio que não podia pedir a ninguém que me levasse e muito menos alugar uma bicicleta do *campus*. Pus uns óculos escuros e um lenço na cabeça ao estilo da Audrey Hepburn só para jogar pelo seguro e para que ninguém me visse.

Demorei vinte minutos a chegar. Era um sítio pequeno entre duas lojas muito maiores. Ao entrar, dirigi-me à receção. Uma jovem com uns vinte anos, com o nome Rita Roman cosido à camisa, perguntou se me podia ajudar.

Ativei a minha Super Saiyan das mentiras.

— Sou aluna de jornalismo na Universidade de Tagus — apresentei-me e mostrei o meu cartão com a rapidez suficiente para que não visse o meu nome completo. — Estou a escrever um artigo sobre carros que foram alugados e que depois não foram devolvidos às agências. Podias dar-me algumas informações?

Ela apontou com o polegar para um escritório ao fundo e disse:

— Nesse caso, tenho de avisar o meu…

Eu insisti porque precisava era dela.

— São só três perguntas rápidas. Não demora mais de três minutos.

Hesitou por um momento, mas sorri muito amavelmente para fazer pressão. Parecia uma dessas pessoas inseguras por tudo e por nada e que por isso cediam com facilidade.

— Bem, acho que não há problema — aceitou. — Diz-me o que queres saber.

Comecei com as minhas perguntas de despiste.

— O que acontece quando alguém não devolve um carro?

— Depende, se apresentar uma justificação, paga uma multa. Caso contrário, denunciamos como veículo roubado.

— Têm uma percentagem de carros não devolvidos por ano?

— Não é muito alta. Pedimos sempre informações específicas acerca da pessoa que aluga um carro e há certos requisitos. Podes ver aqui.

— Vou apontar.

Fingi que escrevia isso, mas o que apontei no meu caderninho foi: «O Aegan Cash come macacos do nariz e brinca com o seu próprio cuspo.»

— Uma amiga minha alugou um carro aqui o ano passado. Foi ela quem me recomendou que viesse cá — comentei entretanto.

A rapariga sorriu.

— Ah, ótimo.

Disparei então o que queria no fundo saber.

— Bem, por último, gostaria de alugar o mesmo carro que a minha amiga alugou dessa vez. É possível?

— Só se o tivermos disponível — hesitou a jovem. — Deixa-me ver. Como se chama a tua amiga e em que dia alugou o carro?

— Eli Denver. A 25 de fevereiro.

Escreveu no computador com o olhar fixo no ecrã. Aproveitei para olhar em redor. Do escritório ao fundo não saía ninguém e as cabines dos outros funcionários estavam ocupadas com clientes.

— Aqui está — disse por fim. — Bem, alugou em seu nome, mas quem veio buscar foi outra pessoa.

— Isso é possível?

— Em casos especiais e com uma tarifa extra — assentiu. — Ela teve de assinar uma autorização para que outra pessoa pudesse apanhá-lo.

— Ah, mas foi devolvido?

— Sim.

Hum…

— Talvez tenha sido o namorado dela e ela não mo disse — respondi, fingindo que sabia que devia ter sido isso, mas com o tom de «confirmas?».

Ela assim fez.

— Bem, aqui diz que foi levantado por um tal Mick Jagger — informou-me,

soltando uma gargalhada. — Que engraçado.

Fiquei tão atónita que nem me apercebi de que saíra alguém do escritório ao fundo e que se juntara rapidamente à rapariga do outro lado da mesa. Era um homem com manchas de suor debaixo das axilas. A sua camisa dizia Ryan Tompson. E não me parecia muito amigável.

— O que se passa? — quis saber, exigente como qualquer superior hierárquico.

— Esta rapariga está a fazer um artigo sobre carros alugados e escolheu a nossa agência — explicou ela imediatamente, muito entusiasmada.

Mas o seu entusiasmo desapareceu quando o homem lhe disse duramente:

— Devias tê-la encaminhado para mim. Entregou-te uma autorização assinada pela universidade para solicitar as informações?

— Não…

Lançou-me um olhar severo. Senti que era um desses homens capazes de desatar à pancada pela mais pequena coisa.

— Posso ver o teu cartão? — solicitou.

Fiz a única coisa que me restava: sair dali muito rápido.

— Já tenho tudo o que queria — disse e apressei-me em direção à porta, soltando um «Obrigada!».

Mal saí dali, assegurei-me de que atravessava a rua para o caso de o homem vir atrás de mim. Entrei numa loja de roupa só para despistar.

Se eu estava a perceber e a ligar tudo bem, a Eli não se fora embora no carro que alugara, uma vez que outra pessoa o viera apanhar. Somando a isso o medo que tivera de que a atacassem e a necessidade que sentira de se proteger, talvez… tivesse mesmo sido atacada? Talvez… não tivesse conseguido escapar àquilo que temia? A ser assim, não estaria nem escondida nem a salvo.

Talvez estivesse…

Morta?

E quem raio era o Mick Jagger?! Porque tinha a certeza de que não se tratava do cantor.

15

Um Cash consegue tudo o que quer, mas quais os seus recursos mais cruéis?

Saímos do *campus* no sábado de manhã.

Tagus ficava nos arredores do estado da Pensilvânia, rodeada de uma área de zonas residenciais para pessoas influentes. Os Cash eram proprietários de uma casa de campo aí, o sítio favorito do Aegan para celebrar eventos que não tivessem fins universitários. Era preferível porque não havia regras a respeitar.

O trajeto de duas horas foi bastante normal. Ao menos ninguém discutiu dentro do carro e com «ninguém» refiro-me ao Aegan e a mim, eh eh. Ele estava de bom humor, tal como o Aleix e a Artie. Quem obviamente parecia ter sido obrigado a ir era o Adrik, que ia com umas trombas do outro mundo, sério e com as sobrancelhas algo franzidas, dando a impressão de que não gostava nada da festa ou de ter de ir com toda a gente. Ou de existir.

Mas, bem, lá chegámos. Tudo em nosso redor era bosque. Cheirava a madeira, a árvores e a terra. A casa de campo mais parecia uma mansão de campo. Tinha o ar rústico de uma cabana, mas era gigante vista de fora; perfeita para festas. Nela, entravam e saíam pessoas a decorá-la, a preparar a comida, as bebidas, o som e tudo o que fosse preciso. No meio de toda essa gente, apercebi-me de que havia uma pessoa muito estranha em frente à entrada.

Era um homem não muito alto, vestido com umas calças pretas e uma camisa de fato branca. Tinha o cabelo grisalho, mas escuro em algumas partes e devia andar na casa dos cinquenta anos. Transparecia retidão e força, como se fosse uma mistura de mordomo saído de um filme e guarda-costas capaz de rebentar uns joelhos. Usava óculos de sol pretos.

Abriu-nos a porta do carro para que saíssemos. Antes disso, surpreendentemente, saíram o Owen e o Aleixandre a toda a velocidade e saltaram-lhe para cima, dando-lhe um abraço carinhoso.

— Tropeço! — saudou-o o Aleixandre enquanto o abraçava todo contente.

Tropeço? O quê? Estava quase a morrer de riso.

— Aleixandre, Owen, também tinha saudades vossas — respondeu o homem, dando-lhes palmadinhas nas costas.

O Aleixandre soltou-o e virou-se para nós, que observávamos a cena.

Com todo o entusiasmo do mundo, apresentou-nos:

— É o Tropeço. Foi o nosso *chauffeur* desde que nascemos, mas depois passou a ser o braço direito do nosso pai. Conhecemo-lo de toda a vida.

— Muito prazer — disse o Tropeço, cordialmente.

Por um momento, o homem olhou fixamente para mim. Não detetei nenhuma expressão em específico. Só senti que não conseguia conter a pergunta e soltei:

— Porquê Tropeço?

— É o nome do mordomo da família Addams — respondeu, divertido, o Owen, como se fosse evidente. — E a piada do nome é que não se parecem em nada, para além de ambos servirem uma família de loucos.

Certo, aquele Tropeço não se parecia com o Tropeço da família Addams.

O Aegan aproximou-se do Tropeço e não houve qualquer troca de palavras, apenas uma palmadinha no ombro. Ah, sim, que homem tão sério e maduro.

— O teu pai pediu-me que te dissesse que esperava o melhor de ti neste evento — informou-o o Tropeço. — Foi por isso que me mandou vir cá.

O Aegan acatou o peso da responsabilidade e virou-se na nossa direção para nos dar uma ordem clara.

— Bem, vão arranjar-se.

A Artie e eu tivemos de subir para um dos quartos a todo o gás. Tomámos um banho e esperámos com as toalhas postas como se estivéssemos num *spa.* Entretanto, a Artie contou-me todas as táticas que preparara para que o Adrik lhe prestasse atenção, uma vez que, como íamos passar tempo com eles, queria tentar divertir-se com ele.

— Porque admitamos que é *sexy* — opinou. — Certo?

— Confirmo — aceitei, recordando o que vira dentro daquele armário. Eu não tinha estado bem, mas o que se há de fazer?

— Portanto, porque não? — encolheu os ombros, um pouco entusiasmada. — Quero comprovar o que dizem as raparigas que estiveram com ele.

Ergui as sobrancelhas, surpreendida.

— O que dizem?

A Artie mordeu o lábio inferior com uma gargalhada, resistindo a partilhar comigo

o que eu insistia que me contasse.

— Bem, que… — soltou um risinho irreprimível que quase me desesperou. — Que é toda uma experiência.

O meu eu mais curioso, essa rapariga de dezoito anos que só estivera com um rapaz em toda a sua vida e que recordava isso como normal e não muito maravilhoso, ficou intrigado. Era toda uma experiência estar com o obstinado e apático Adrik? Isso significava que havia um Adrik oculto por aí, um que talvez só se revelasse quando andava com uma rapariga…

Não me pareceu má ideia que a Artie tentasse alguma coisa desse género. Estávamos a tentar chateá-los, não era?

De repente, a porta abriu-se de maneira abrupta e a nossa conversa tão interessante morreu.

— São vocês?! — perguntou-nos uma mulher num tom exigente e demasiado agudo.

A Artie e eu ficámos imóveis. A desconhecida entrou e a minha mente associou-a imediatamente a uma caricatura. Era muito magra e alta, uma dessas mulheres em que tudo é grande: o pescoço, os dedos, as pernas e até o nariz. Tinha uns olhos pequenos, mas atentos e críticos. A sua pele luzia num tom bronzeado e o cabelo ruivo caía-lhe numa cascata bem penteada.

Olhou-nos de cima abaixo. Tive vontade de me tapar com qualquer coisa que estivesse por perto.

— Por amor de Deus, as do ano passado eram mais bonitas — comentou, suspirando.

Franzi a testa. Ou seja, acabara de dizer que éramos feias. Quis dizer à Artie: «Segura a minha fealdade, um segundo» para a seguir fazer um gesto como o das *Louras à Força* quando estão prestes a discutir.

— Você é a estilista? — perguntei-lhe, em resposta ao seu comentário.

Ela olhou para mim como se eu fosse uma criatura a mais no mundo.

— Sou a Francheska Vienna — apresentou-se. Engoli em seco uma gargalhada ao ouvir o nome. Como ela reparou, acrescentou: — A estilista pessoal e de confiança das mulheres da família Cash desde há muitíssimos anos.

— Bem, nós somos a Jude e a Artie — informei-a, com uma amabilidade fingida. — Simples mortais sob a proteção dos homens Cash desde há, não sei bem, umas semanas.

A mulher soltou um «ahah» odiável e cínico.

— Os nomes são o que menos importa — estalou os dedos e gritou para fora: —

Entrem!

Uma fila de mulheres entrou no quarto. Traziam de tudo: *kits* de maquilhagem, cadeiras, instrumentos para pentear, carrinhos com fixadores de cabelos, secadores, ferros e gavetas com coisas que eu nem sabia o que eram. A última rapariga arrastava um enorme cabide com rodas, que trazia pendurados os vestidos escolhidos para aquela noite. Havia três ao todo, mas a rapariga do Aleixandre não estava ali.

— Esperem, e a terceira rapariga? — perguntou a Francheska, rodando sobre os seus calcanhares como se a desconhecida lhe tivesse apalpado o rabo e a tentasse encontrar.

— Nem sequer a conhecemos — atreveu-se a dizer a Artie.

A Francheska suspirou.

— Então começo por vocês. Sentem-se, vá.

A Artie e eu sentámo-nos nas cadeiras almofadadas. Olhámos uma para a outra sem sabermos se devíamos rir ou desatar a tremer de medo.

— Não quero nada demasiado elaborado — avisei.

A Francheska interrompeu bruscamente a sua busca por pincéis e pentes, um pouco ofendida.

— Tenho ordens do Aegan e são essas as únicas que cumprirei.

Ótimo, ia parecer uma palhaça naquela festa.

Decidi não a contradizer para não prolongar aquele momento. A Francheska começou a arranjar-nos, sem permitir que nos víssemos ao espelho. Para ser sincera, passados três segundos já me queria levantar. Sentia puxões nas sobrancelhas, nos lábios e na cabeça. Não paravam os comentários sobre o meu cabelo precisar de uma hidratação extrema.

Quando começaram os comentários sobre o quanto a minha cara precisava da intervenção de um cirurgião, levantei as mãos em sinal de «Basta». As mulheres ficaram paralisadas, curiosas.

— Preciso de apanhar ar por uns minutos — disse, com um tom e uma firmeza que o Aegan teria usado. Talvez por isso não tenham respondido.

O meu falso namorado ficaria orgulhoso de mim!

Levantei-me e saí do quarto. Mais do que de ar, precisava de água ou de alguma bebida, porque estava a morrer de sede. Lembrei-me de ir buscar qualquer coisa à cozinha. Devia haver muitas coisas preparadas, certo? Talvez conseguisse sacar alguma coisa com álcool.

Desci as escadas com essa intenção, mas tive de me esconder atrás de uma parede ao ouvir a voz do Aegan no corredor pelo qual tinha de passar para chegar à cozinha.

— Vão tirar fotos importantes para um artigo na festa — rugiu. — Importas-te de cooperar por uma vez na tua vida e mudar de cara?

— Importo — respondeu o Adrik que, pelo que ouvia, também estava furioso. — Achei que não farias esta estúpida festa, mas às vezes tenho demasiada fé em ti, não é?

Ohmaigá, estavam a discutir?

— Isto é para a associação de beneficência que o Adrien…

— Não — interrompeu-o o Adrik, ainda mais chateado. — Este espetáculo é para ti. Sabes que podias mandar o dinheiro para o hospital diretamente em seu nome, mas não consegues passar três segundos sem que te tirem a merda de uma fotografia.

Suspeitei que o Adrik tivesse dado alguns passos para se ir embora, mas o Aegan disparou:

— Adoras complicar as coisas porque caso contrário não te sentes em paz, não é?

Quis espreitar para os ver, mas era provável que me descobrissem se o fizesse, portanto fiquei apenas à escuta.

— Paz… — disparou o Adrik como se essa palavra fosse demasiado absurda. — Nós não temos paz, Aegan, e nunca vamos ter porque continuas com esta estupidez.

— Então fazemos o quê? — disparou o Aegan, num tom meio trocista meio irritado. — O que tu dissesses? Se fosse assim já nos tínhamos atirado de uma ponte.

— Não me interessa o que queres fazer com a tua vida — esclareceu o Adrik. — Mas deixa de me incluir nela.

— Continuas a fazer parte desta família — lembrou-lhe o Aegan, com violência. — Continuas a ser filho do Adrien e continuas a ter a responsabilidade de enfrentar o teu apelido. Aceita isso de uma vez! Já passou um ano!

— Não te atrevas a dizer nada sobre ela! — gritou o Adrik imediatamente. — Não tens direito a isso!

Soava tão cheio de raiva que me surpreendeu.

Aquele «ela» só me fez pensar na… Eli? Referia-se à Eli?

— O que quero que percebas é que…

— O que precisas de perceber — interrompeu-o o Adrik, cheio de raiva — é que talvez o Aleixandre tenha medo de ti, se calhar acha que fazer tudo o que lhe pedires pode mudar alguma coisa ou apagar o que se passou, mas eu não. Deixa-me em paz, estás a ouvir? Deixa-me em paz.

Ouvi uns passos furiosos a afastarem-se e logo a seguir uma porta a bater com estrondo. Afastei-me rapidamente da parede e, por um momento, não soube para onde ir, portanto, rodei sobre os meus calcanhares sem conseguir ligar dois neurónios

que fosse para me esconder. O Aegan apareceu mais rápido do que esperava e, ao deparar comigo, lançou-me o pior olhar do mundo.

Sim, estava zangado. Não, mais do que zangado. Estava tão, mas tão furioso que o seu maxilar estava tenso e as mãos muito fechadas.

— E tu, que merda fazes aqui? — rugiu-me.

— Estava só a ir à casa de banho — tive de mentir.

— Há uma casa de banho ao pé do terraço — soltou, com uma exasperação colérica.

— Eh eh — soltei, alargando o sorriso. — Sim, já sabia.

Atirei-lhe um beijo parvo com a mão e saí a correr mais rápido do que uma flatulência antes de que descarregasse a sua raiva para cima de mim.

«O que se passou.» O que se passara? E aquilo do Aleixandre…? Talvez o irmão mais novo não obedecesse ao mais velho por admiração, mas antes por receio e dever. Mais uma vez, alguém temia o Aegan por alguma coisa em específico, como a Artie e sobretudo como a Eli. Mais setas a indicar que era um monstro e que podia fazer coisas horríveis como…

Matar?

Além disso, os irmãos escondiam qualquer coisa. Esta discussão entre o Aegan e o Adrik deixara isso bem claro. Tinham problemas entre si, não eram os irmãos unidos que todos imaginavam. Sempre fora assim ou, em algum momento, *algo* destruíra a irmandade?

As pontas começavam a unir-se. Era cada vez maior a minha suspeita de que o Aegan fizera qualquer coisa à Eli, tal como a Artie dissera. Precisava de continuar a investigar para o poder confirmar, porque se essa rapariga estivesse morta, tinha de haver alguma prova. Encontrá-la-ia.

Primeiro, claro, tinha de sobreviver àquela festa e à versão feminina do Paolo, d'*O Diário da Princesa*.

Regressei ao quarto sem os benefícios do álcool. Quando a Francheska acabou de me arranjar, disse-me que já podia vestir o vestido. As suas sequazes ajudaram-me com os sapatos de salto alto e borrifaram-me com um perfume que pelo menos cheirava muito bem. Para terminar, a Francheska parou à nossa frente e olhou-nos durante um longo minuto como se procurasse falhas no nosso aspeto. Ao que parece, não as encontrou, porque, de repente, assentiu e estalou os dedos.

— Espelho — exigiu.

Uma das suas sequazes correu e arrastou um espelho móvel de corpo inteiro que estava tapado por uma manta. Pô-lo à nossa frente e destapou-o com dramatismo.

A Artie e eu vimos os nossos reflexos. A reação da Artie foi meter a boca em «O», espantada e fascinada ao mesmo tempo. Eu olhei para mim, séria, porque não sabia se odiava ou gostava do que via.

O que se via no espelho era uma versão Cash de mim. Tinha aquele brilho elegante e luxuoso que os caracterizava. O vestido dourado era impressionante e dava-me um ar aceitável. O colar, que era caro, dava-me um toque distintivo. O cabelo, muito liso e esticado, juntamente com a maquilhagem, fazia-me parecer madura e sensual.

Certo, a Francheska era estranha, mas sabia fazer o seu trabalho. Eu não tinha um ar de palhaça. Nada era demasiado exagerado. De um ponto de vista objetivo, eu via que estava espantosa. Ou, melhor dito, via-me do ponto de vista do Aegan, do ponto de vista do que ele gostava numa rapariga. E, bem, eu não era assim.

A Artie, por outro lado, estava fascinada connosco. O seu estilo era mais selvagem: o cabelo, em ondas soltas e abundantes, e a maquilhagem evidenciavam as suas feições delicadas.

— Obrigada, Francheska — disse-lhe com toda a sinceridade. — Estamos incríveis.

A mulher assentiu e, sem dizer nada, saiu com o seu séquito de beleza atrás. Quando voltei a olhar-me ao espelho, disse a mim mesma: «Consegues lidar com isto.»

E sim, conseguia lidar com o vestido, o penteado e a maquilhagem, e até conseguia fingir que adorava aquela festa, mas não conseguiria lidar com o que se passaria a seguir.

Ao fim de uma hora, encontrámo-nos todos no corredor dos quartos, porque tínhamos de ouvir umas instruções para depois descermos juntos.

Mal vi o Aegan, o Adrik, o Aleixandre e o Owen com os seus fatos…

Bem, acho que, para que percebas o quão incríveis estavam, tenho de os descrever um a um, através de comparações poéticas, porque era isso que eles eram naquele momento: arte. Malvada, mas arte.

O Aegan parecia pronto a desfilar na passadeira vermelha dos Óscares. Tinham-lhe penteado o cabelo preto para trás e uns anéis de prata muito viris reluziam nos seus poderosos dedos. Com os seus olhos claros e demoníacos, parecia um felino, dando a impressão de que, apenas com uma palavra, seria capaz de fazer o mundo girar de acordo com a sua vontade. Era poder, luxuria, vaidade e malícia ao mesmo tempo.

O Aegan era uma personagem escrita pelo Oscar Wilde.

O Aleixandre emanava um estilo mais romântico, como o do rapaz com que esperavas dar o teu primeiro beijo, perder a virgindade e ir a todas as festas, ao baile

de finalistas e até ao fim do mundo. Pela primeira vez, do seu cabelo alisado caía uma madeixa que lhe pendia sobre a testa, dando-lhe um ar juvenil. Tudo nele gritava sorrisos e amor, mas também provocações e jogos.

O Aleixandre era um cavalheiro criado pela Jane Austen.

Ao Owen, o fato ficava mais informal. Trazia os primeiros botões da camisa desabotoados e duas madeixas louras emolduravam-lhe o rosto, enquanto o resto do cabelo estava preso num rabo de cavalo pouco saliente. Não se deixara pentear, nem sequer precisara disso. Mas ao vê-lo ali parado, com as mãos afundadas nos bolsos, não restavam dúvidas de que, se lhe tirassem uma fotografia para uma revista, ficaria perfeito.

Era o miúdo deslumbrante do romance juvenil que tanto nos derrete.

E, por último, o Adrik. Sério, impassível, mas mais misterioso do que nunca, como se todo ele te convidasse a descobri-lo. Vestia um fato preto, muito informal e não usava gravata. Tinham-no penteado como ao Aegan, mas tive a suspeita de que ele mesmo se despenteara ligeiramente para se diferenciar. E claro que se diferenciava, sobretudo pela centelha de amargura que lhe davam as suas sobrancelhas.

O Adrik era uma personagem obscura e atraente de um conto do Edgar Allan Poe.

— Sabia que a Francheska faria milagres — disse-me o Aegan, analisando-me com um sorriso quase trocista. — É a primeira vez que gosto do teu aspeto.

— Também gostava de ter tido essa primeira vez — opinei, olhando-o de cima a baixo. — Mas… *meh.*

Não ponderava dizer-lhe que estava desgraçadamente bonito, portanto o seu sorriso esfumou-se e passou a contemplar a Artie. Olhou-a de alto a baixo. Ela ficou corada. Depois, virou-se para o Adrik, como se esperasse qualquer coisa. O Adrik estava tão alheado que demorou uns segundos até perceber que todos esperavam que dissesse qualquer coisa. Lá voltou à terra.

— Estás bonita — disse à Artie, curto e grosso.

Aquele elogio pareceu-me forçado, nada sincero.

De repente, uma porta do corredor abriu-se e de lá saíram duas raparigas. Uma parou ao lado do Owen e a outra, surpreendentemente, ao lado do Aleix. Fixei-me mais nesta última, porque já vira a outra no círculo do Aegan. Esta era desconhecida para mim, exageradamente bonita e loura e com um ar angelical.

— É a Laila, a minha namorada — disse o Aleixandre.

A rapariga sorriu-nos, com doçura. Lembrou-me a protagonista do *Candy Candy.*

O Owen não se deu ao trabalho de nos apresentar a sua namorada e ela não pareceu ficar muito incomodada com isso.

Passámos às instruções.

— Bem, vai ser assim — começou a dizer o Aleixandre. — As pessoas já estão a chegar à zona da piscina. A qualquer momento, vamos lá ter com os nossos pares porque vai haver jornalistas a querer fotografar-nos. Depois, por volta da meia-noite, o Aegan vai propor um brinde e fará um anúncio especial, portanto não estejam longe nessa altura.

Um anúncio especial? Seria com certeza uma parvoíce qualquer.

Antes de irmos, o Aleixandre ajeitou a gravata do Aegan, dando-lhe um último retoque.

— Jude, tira-me uma fotografia, se faz favor — pediu-me a Artie, aproveitando o momento que nos restava.

— Não é melhor tirares com o Adrik? — perguntei, alternando o olhar entre ela e ele, imaginando que seria uma ótima ideia.

Sabia que era isso que ela queria, mas que não diria nada por não ter a certeza de que ele também quisesse. E nem sequer dava vontade de lhe perguntar. O Adrik continuava em silêncio, com aquela cara de repelente humano que o caracterizava. Emanava repúdio. A sua presença gritava: «Se falares comigo, levas com ácido.»

Mas ela atreveu-se.

— Eu… não sei… Adrik, queres…?

— Não gosto de fotografias — respondeu.

Foi seco e odiável. A Artie ficou petrificada. Eu fiquei boquiaberta.

Os nossos respetivos pares ofereceram-nos o braço, portanto dei o braço ao Aegan e fomos para as traseiras da casa. A noite estava bonita, cheia de estrelas, e a decoração era bastante subtil, mas elegante. Mal aparecemos junto dos convidados, todos eles com fatos e vestidos caros, começou a sessão de cumprimentos e de pose para as fotografias.

O Aegan desatou a dar apertos de mãos e a falar com toda a gente. Foi cansativo ter de sorrir e tolerar que me agarrasse pela cintura como se fosse sua propriedade. A festa nem sequer era muito divertida. Era uns setenta porcento igual a todas as festas aborrecidas das pessoas importantes em que tens de falar com este e aquele, bebendo um copo e comportando-te de forma adequada e não como uma louca; os trinta porcento restantes safavam-se graças à boa música, ao álcool e ao facto de, para fazer as doações, os convidados poderem provar vinhos de países diferentes e comprá-los.

Seja como for, comecei a aborrecer-me porque só ouvia coisas como:

— Ouvi dizer que o teu pai se vai candidatar à presidência.

— Estou a pensar votar nele.

— Nem precisa de ganhar, que já são importantes…

— Esta festa está incrível, Aegan. Quanto dinheiro precisam de angariar?

— Estás giríssimo!

O Aegan respondia a tudo com eloquência. Falava com tanto orgulho da sua família que dava a impressão de que nascera só com aquele apelido. Adorava a sua linhagem, isso era evidente. Ser um Cash era tudo para si.

A certa altura, enquanto passava um *slow* aborrecido, apercebi-me de que a Artie estava ao pé de uma mesa com bebida e que não parecia estar muito bem porque dava goles rápidos enquanto olhava para todos os lados com preocupação. Pedi licença:

— Vou à casa de banho. Já volto.

O Aegan nem me ouviu, de tão imerso que estava na sua conversa, portanto aproximei-me da Artie.

— O que se passa? — perguntei-lhe baixinho.

— O Adrik começou a beber e desapareceu — disse, com um certo enfado. — Não o encontro em lado nenhum, portanto estou para aqui sozinha na festa e todos olham para mim com um ar estranhíssimo.

Hum, depois da discussão que escutara entre ele e o Aegan, imaginei que estivesse algures por aí, ainda muito chateado.

— Alguma vez te perguntaste se o Aegan e ele seriam verdadeiramente próximos? — perguntei.

— É isso que parece, não é? — hesitou ela, fazendo de seguida um ar de frustração. — No entanto, o Adrik… Não o percebo. Ninguém o percebe.

Eu percebia o que era estar cansada da vida. Sabia que era isso que se passava com ele. Algo se passara que o enfurecia muito. Algo que tinha a ver com o Aegan, mas não conseguia perceber de que maneira se relacionava com a Eli.

O meu fabuloso namorado aproximou-se subitamente de nós, portanto não disse mais nada. Trazia um copo de *whisky* na mão e o seu anel tinha um aspeto poderoso, capaz de dar cabo de uma cara. Era diabolicamente giro, claro que sim. E ele sabia isso. Gostava de o saber.

— Deixas-nos a sós? — pediu à Artie de forma inesperada.

Soou bem-educado, mas foi igualmente muito feio da sua parte dizer aquilo, considerando que a Artie era minha amiga. Eu ia responder-lhe, mas ela lançou-lhe um olhar duro e desapareceu imediatamente por entre as pessoas. A verdade é que o Aegan se comportava de uma maneira odiável com ela; isso já ficara claro.

— Gostas de a tratar mal, hum? — queixei-me. — Não voltes a fazer isso.

— Quem dá ordens aqui sou eu — disse, sem hesitar. — E…

Pousou o copo sobre a mesa mais próxima e, para minha surpresa, estendeu-me a sua mão. Com uma sobrancelha arqueada, alternei o olhar entre a palma da mão e a sua cara.

— O que foi?

— Vamos dançar.

Pestanejei. Queria que eu dançasse? Com ele? O Aegan? Estávamos no mundo real ou tinha morrido de tédio há uns minutos e não me apercebera?

— Queres prender-me um papel nas costas a dizer «pontapeia-me» ou assim? — desconfiei.

Ele revirou os olhos e, sem esperar que lhe desse permissão, pegou na minha mão e levou-me consigo para um pouco mais longe da mesa, até ao sítio onde estavam outras pessoas a dançar. Sem aviso, colocou uma mão na minha cintura e encostou-me a ele, tanto que o meu peito ficou colado ao peito duro do Aegan e a minha testa ficou à altura do seu nariz. O cheiro a água-de-colónia cara entrou-me pelas narinas e foi então que a sua boca se aproximou da minha orelha.

— Não — respondeu contra o meu ouvido à minha pergunta anterior. — Mas se tivesse um papel fazia isso.

Como por artes mágicas (ou por ordem sua), o DJ pôs a versão do *Quando Quando*, do Michael Bublé. E então começou a dançar comigo.

Bem… uau, Aegan, uau. Os seus passos e a sua forma de marcar o ritmo da música eram experientes, seguros, elegantes. Claro que ele se destacou e, portanto, eu também, pelo que em menos de um segundo nos tornámos alvo de muitos olhares. Isso a ele não o incomodou nada. A mim, pelo contrário, que ao menos sabia dançar (não te assustes, não fiz figuras tristes), custava-me a acreditar que estivéssemos a fazer uma coisa tão cliché. A sério que estávamos a dançar como um casal apaixonado? Aquela canção tão foleira? Porquê? Só porque sim? Não era possível…

— Ouve — sussurrou-me de repente ao ouvido, tendo cuidado com o movimento dos seus lábios para que ninguém os conseguisse ler. — As fotos que nos vão tirar agora são muito importantes. Faz a tua cara mais apaixonada.

Enquanto isso, reparei que um fotógrafo que estava no meio das pessoas olhava para nós com curiosidade, sem ainda nos tirar fotografias, enquanto seguíamos o movimento da música.

Tudo fez sentido para mim. Deixei de me sentir surpreendida.

— Ah, precisas de mim — respondi com um sorriso, aliviada ao perceber as suas verdadeiras razões para me convidar a dançar, mas quis irritá-lo. — E eu a pensar que

me convidavas para dançar porque querias um momento romântico comigo e para me poderes tocar.

O seu sorriso roçou a minha orelha. Senti a sua respiração, era a respiração tranquila de quem tem a segurança de controlar o mundo.

— Será que percebi bem? — perguntou, divertido e gozão. — Queres que eu te toque, Derry, é isso? Queres passar uma noite comigo? Mas não sei se isso seria muito romântico, não é o meu género…

— Então e qual é o teu género? — entrei no seu jogo, falsamente intrigada. — Deixa-me adivinhar: «fazeres-te difícil.»

— Melhor dito: fazer-me inesquecível — corrigiu-me.

Boa resposta. Teria certamente derretido qualquer outra rapariga, sobretudo devido àquela confiança natural e magnética que conferia às suas palavras. Ninguém conseguiria duvidar de que isso fosse verdade. Fosse eu outra pessoa e teria achado que o Aegan era capaz de levar uma mulher à loucura apenas com um piscar de olho.

— Confesso, és tudo o que desejo hoje — menti, impressionada.

— Bem, com o teu aspeto esta noite, isso não me parece má ideia — replicou.

Ergui as sobrancelhas e procurei os seus olhos. O brilho astuto, orgulhoso e malicioso estava lá, naquelas íris de um cinzento quase transparente. Era impressionante como os seus olhos semicerrados pareciam rir-se de tudo com naturalidade. Teria sido o vilão encantador e perfeito de um filme.

— Percebi bem, Cash? — recorri à mesma estratégia dele, com a mesma astúcia. — Será que por acaso gostas de mim?

— Gosto de como estás agora mesmo — encolheu ligeiramente os ombros.

— Isso não responde à minha pergunta — esclareci, e voltei a repetir, agora mais devagar: — Não gostas de mim nem um bocadinho, Aegan?

Estava com muita vontade de ouvir a sua resposta.

Mas ele tinha formas mais astutas de desviar o assunto.

Nesse momento, fez-me rodar com habilidade. Agarrou-me com os seus braços à volta da minha cintura e obrigou os nossos corpos a mexerem-se, com ligeireza, da esquerda para a direita. Um passo muito delicado, doce, ainda que eu só conseguisse pensar que as minhas costas estavam encostadas ao seu peito, a sua pélvis encostada ao meu rabo e a sua boca à minha orelha. Senti-me estranhamente pequena, enredada nos seus braços, como se ele me pudesse rasgar caso me apertasse com um pouco mais de força.

Em frente a nós, vi o fotógrafo, inspirado, com a câmara à altura do rosto.

— Sorri para a fotografia — ordenou-me o Aegan com um sorriso.

O *flash* disparou, cegando-me por um momento. Pensei que ele me faria então rodar, para continuarmos a dançar, mas nessa mesma posição sussurrou-me ao ouvido com uma voz tão baixa que soou perigosa:

— Adorava passar a noite contigo, se depois da festa ainda quiseres, claro…

Voltou a fazer-me rodar com agilidade, fez uma vénia cavalheiresca para se despedir e foi buscar o seu copo de *whiskey* para continuar a sua sessão de conversas na festa. Claro, eu já lhe dera o que ele precisava, portanto deixou-me ali parada, demasiado intrigada com a última coisa que dissera. Se ainda me apetecesse? O que significava isso?

Ah, realmente não sabia o que me esperava.

Passadas umas horas de puro aborrecimento a ouvir o quão maravilhoso era o pai dos Cash, chegou o momento do brinde.

Todos se concentraram no pátio. Não via o Adrik em sítio nenhum, mas via a Artie, frustrada; o Owen, de braço dado à sua miúda, e o Aleixandre, com a sua loura Laila, muito melosos. Os empregados distribuíram copos de champanhe. No céu, ainda brilhavam as estrelas, prometendo, como numa mentira, uma bela noite.

O DJ baixou o volume da música e o Aegan esperou pelo momento em que todos estivessem concentrados para o ouvir, e pôs-se no meio das pessoas que esperavam, ansiosas e atentas.

Ofereci o meu sorriso mais largo e perfeito ao mundo hipócrita e cruel de Tagus.

— A noite ainda é uma criança, mas queria fazer uma pequena pausa para anunciar uma coisa muito importante — começou por dizer o Aegan com aquela voz poderosa, eloquente e arrebatadora. Os seus olhos brilhavam com malícia, mas como ele era sempre assim não dei importância e fiquei inchada como uma namorada orgulhosa de estar a seu lado. As pessoas ouviam, expectantes, ansiosas. — Esta festa serve para angariar fundos para a fundação dirigida pelo meu pai, que ajuda os sem-abrigo, mas há pouco decidi que beberíamos e nos divertiríamos juntos para ajudar também uma outra causa. Por isso, trouxe várias garrafas da minha coleção de vinhos pessoal para vender nesta festa. Não foi fácil tomar esta decisão, mas fico feliz por saber que o dinheiro angariado com cada uma destas garrafas irá para uma nova causa que já considero muito especial para mim.

Todos desataram a aplaudir. Até a mim me surpreendeu. Ele a fazer caridade com os seus valiosos objetos pessoais? Bom, muito bem. Tendo em conta que era um imbecil, doar era o mínimo que podia fazer pelo mundo.

O Aegan pediu que os aplausos diminuíssem. Em poucos segundos pararam e ele soltou a bomba:

— Esse dinheiro beneficiará o Hospital San Francis e servirá para pagar todos os tratamentos da minha sogra, Elein Derry, a mãe da minha namorada, Jude Derry. Esse assunto toca-me muito profundamente porque a Elein padece de HIV.

Quando o Aegan se virou para mim com o copo no ar, eu estava paralisada.

Fora a isso que se referira com aquele «se depois da festa ainda quiseres». Insinuara que tinha algo preparado. Algo tão cruel que ultrapassou de longe o que esperava.

A princípio, foi como se tudo tivesse parado no segundo em que ele dissera «HIV». Tudo em meu redor desapareceu. Pausa. Uma pausa causada pelo impacto. E imediatamente, de forma abrupta, tudo recomeçou. Voltou tudo a ter movimento e entendi o que o Aegan acabara de fazer.

Acabara de dizer a Tagus inteira, aos que se riam de mim, aos que comentariam aquilo como um boato amanhã e depois, que era verdade, que em casa a minha mãe estava doente há seis anos. Era um assunto sério, privado, doloroso e, ainda assim, o Aegan partilhara-o despreocupadamente diante de toda a gente, como se não fosse mais do que uma bisbilhotice.

Quando me atrevi a olhar em redor, vi que todos estavam num silêncio expectante, mas os seus rostos evidenciavam expressões e olhares que não dissimulavam o que estavam a pensar sobre a minha mãe, sobre como se contagiara, sobre se eu nascera já com a doença ou não…

— Saúde! — disse o Aegan imediatamente, e todos se uniram num coro:

— Saúde!

Eu não ergui o copo. Continuei imóvel porque tudo petrificara, inclusivamente a minha vida.

O Aegan bebeu do seu copo, depois saboreou, franziu a testa num gesto fingido e disse-me:

— Jude, queres dizer alguma coisa? Queres contar-nos como está a Elein?

Entreabri os lábios. Na verdade, tentei dizer alguma coisa para não fazer pior, mas nada saiu da minha garganta. Algo quente percorreu o meu corpo e cercou os meus olhos, derrotando toda a minha dureza e valentia. Quis… quis chorar feita estúpida, mas contive-me e gastei todas as forças nisso. Nem sequer me sentia capaz de lhe responder como merecia, de me mostrar forte.

Todos aguardavam.

Olhavam para mim.

Murmuravam.

— E-eu… — consegui dizer. O mundo andava às voltas. Tinha a boca seca, queria vomitar. — Bem, ela…

— Ela…? — incentivou-me o Aegan, cheio de descaramento.

— É que… ela… bem…

Então, antes de que me saísse outra palavra ou, quem sabe, tivesse um ataque de vómitos, de forma inesperada um grito interrompeu-me:

— Chupa-mos, Aegan!!!

Foi tão repentino que a atenção de todos se dirigiu para o terraço da casa. Quando o vi, não podia acreditar. O Adrik estava em pé sob o parapeito. Tinha uma garrafa de *whisky* na mão. Que diabo estava ele a fazer? Nem sequer nos deu tempo para responder, porque saltou de cabeça para a piscina. Voou no ar até que a queda fez com que a água da piscina se agitasse. Foi ao fundo, voltou à tona e respirou. Depois, de garrafa na mão, soltou um grito potente:

— AHHUUUUU!!!

Num segundo, a música voltou a tocar, mais alta e animada do que nunca. E toda a gente desatou a gritar AHHHUUUU para que a festa finalmente se tornasse divertida.

Ao virar-me para o Aegan, percebi que ele estava a olhar para o Adrik com uma fúria incontrolável. O Adrik, por seu turno, boiava na piscina com os olhos semicerrados, desafiantes e fixos no seu irmão.

Para melhorar a noite, mais gente mergulhou na piscina, entusiasmada, esquecidas do brinde pelo menos durante umas horas.

Senti uma mão no ombro. Era a Artie. Dedicou-me um olhar que até me parecia de pena. Não sabia. Talvez me quisesse apoiar, mas não era disso que precisava naquele momento. Não precisava de nada dessas merdas.

Afastei-me e saí dali o mais rapidamente possível, humilhada, mas sobretudo a tentar conter o mar de pranto e raiva que prometia derrubar-me.

Achei que estava um passo à frente do Aegan Cash, mas acabara de cair num poço.

Até conseguia ouvir na minha cabeça: «Vou ter sempre um plano melhor.»

16

A escuridão pode ser um bom refúgio, mas cuidado com o monstro que lá vive

Afastei-me da festa até ouvir a música suficientemente longe. E aí tive o meu ataque de fúria.

Tirei os estúpidos saltos altos e atirei-os para longe, enfurecida. Passei a mão pela cara, como se assim pudesse tirar toda aquela ridícula maquilhagem. Até soltei um estranho grito/palavrão/grunhido de raiva. Foi tudo tão explosivo, tão cheio de raiva, que no fim fiquei quieta, agitada e derrotada, a pensar, a processar que o que acabara de acontecer fora perigoso e inesperado.

Como se atrevera a contar a toda a gente que a minha mãe estava doente? Esse tema sempre fora delicado para nós e deixava-nos constantemente preocupados. A minha mãe estava bem num dia e no outro já não. Era imprevisível: dores, infeções repentinas, fraqueza, depressão… A sua doença destruíra-me por dentro. Ao falar dela diante de todos, num tom trocista, como se fosse mais um dos seus jogos, o Aegan tornara claro para mim que era o tipo mais miserável do mundo, o mais desprezível que jamais conhecera.

E que não ficaria por aí. Enquanto eu o desafiasse, enquanto continuasse a atacar a sua imagem, continuaria a ser cruel e a mandar-me abaixo. Escavaria a minha vida, à espera do momento em que me apanhasse em falso. O pior era que eu não temera nada do que me pudesse fazer, apesar de naquela noite, no carro, me ter avisado que contava com todos os recursos necessários para uma guerra.

Nesse momento, quando mostrou que não queria saber de quão maldosas seriam as suas medidas para me deitar abaixo, perguntei-me se deveria avançar com o plano.

E não consegui dar-me uma resposta clara, porque a minha cabeça andava às voltas. Arrependia-me muito de não ter pegado numa garrafa antes de fugir da festa.

Fiquei no meio da escuridão, sentada em cima de uma pedra. Chorei um pouco para me libertar daquilo tudo e não guardar nada que pudesse querer sair mais

tarde… Ouve, chorar é bom. Se queres chorar como as protagonistas dos romances históricos, chora, mas depois vem em todas as constituições que tens de secar as lágrimas e de te levantar.

Sequei as lágrimas com determinação, mas fiquei imóvel, a olhar para o vazio enquanto tentava balançar a minha raiva. A irritação era normal, mas demasiada irritação conduz a erros. Precisava de me acalmar.

A única coisa que sabia era que não voltaria àquela maldita festa no que restava da noite. Ocorreu-me que talvez pudesse entrar às escondidas no quarto e atirar-me para cima da cama, portanto, comecei a andar sem me aproximar muito, tentando encontrar entradas alternativas onde não me cruzasse com ninguém.

A certa altura, já nem sabia onde estava, porque tudo à minha volta eram árvores e escuridão. Mas, de repente, vi uma casita em cima dos galhos grossos de uma árvore enorme. A casa na árvore parecia bastante grande e, mais importante do que isso, parecia estar vazia.

Talvez pudesse passar ali a noite. Estava disposta a qualquer coisa para ficar longe dos Cash durante umas horas.

Subi as tábuas de madeira. Mas, ao espreitar lá para dentro, quase caía lá de cima ao ver uma silhueta lá dentro. Não gritei porque reconheci quem era, apesar da escuridão.

Era o Adrik e tinha uma garrafa na mão.

Estar um tempo longe dos Cash?

Nem pensar, amiga, isso aqui era impossível.

Pensei em descer e ir-me embora, mas lembrei-me de que ele mergulhara para a piscina no momento em que o Aegan mais me queria humilhar. Não sabia se fora um acaso ou intencional, mas salvara-me.

— Posso? — perguntei, depois de aclarar a garganta.

Ele, que estava a olhar para o vazio, voltou a cabeça e apercebeu-se da minha presença.

— Aproveita que estou com álcool no sistema e não estou tão idiota — disse, com alguma indiferença.

Acabei de subir e tentei pôr-me de pé, mas não me consegui levantar completamente. A casinha fora feita para crianças e, bem, já nenhum de nós o era, portanto sentei-me ao seu lado, derrotada.

— Aqui estou, como previste, imediatamente a seguir a um momento ridículo — disse-lhe, após um suspiro cansado. — E tu, o que fazes aqui?

— Não gosto de me misturar com muita gente — respondeu.

Apoiei a cabeça na madeira e fiquei calada durante um bocado. Só se ouviam os goles que o Adrik dava na garrafa e a sua respiração tranquila. Por uns instantes, soube-me bem sentir-me acompanhada, ainda que, em teoria, ele não me estivesse a acompanhar por consideração.

— Obrigado — disse, por fim. — Por teres interrompido aquilo na altura certa.

— Não o fiz por ti — esclareceu.

Pois claro, ele fazia sempre questão de atirar baldes de água fria.

— Cla…

— Fi-lo por mim — revelou.

Ergui as sobrancelhas, com uma certa surpresa.

— Quiseste ter toda a atenção do público?

— Quis que por uma vez não fosse tudo à maneira do Aegan.

Franzi a testa. O Adrik estava na minha lista de pessoas que diziam coisas que eu não esperava ouvir, mas por um momento fui atacada por uma enorme dúvida.

— Tu já sabias que ele ia dizer aquilo no brinde? — perguntei-lhe.

— Jude — pronunciou o meu nome com um ar tão sério que achei que me ia repreender —, ainda achas que nós os três fazemos planos para te humilhar?

Olha, vou acreditar. Já reparara que os três tinham atitudes diferentes, como a indiferença do Adrik em relação às coisas de que o Aegan gostava ou a amabilidade do Aleixandre ao lidar comigo, mas era-me difícil separá-los. No final de contas, eram irmãos, tinham crescido juntos, obedeciam ao Aegan, encobriam qualquer um dos seus erros… Em poucas palavras, estavam obrigados a obedecer ao seu sangue, não se podia confiar muito neles.

— Não importa o que eu penso — suspirei, para não entrar em detalhes.

Ele inspirou fundo e expirou, resignadamente.

— Suspeitei de que estivesse a tramar alguma quando começou a falar de um brinde especial — confessou, como se estivesse obrigado a responder à minha pergunta anterior. — Para o Aegan, «algo especial» significa sempre «algo que planeei cuidadosamente», portanto, quando começou o seu espetáculo, ocorreu-me fazer o que fiz. E é tudo. Agora toma, isto vai ajudar.

Para minha surpresa, ofereceu-me a sua garrafa. Hesitei um momento só por reação automática, mas estava mesmo a precisar, portanto, acabei por aceitar e dei um grande gole. Desceu-me pela garganta como fogo, mas funcionou simultaneamente como uma injeção de coragem.

Devolvi-a.

— Posso perguntar se também sabes como descobriu aquilo da minha mãe? —

disse, ainda a saborear a potência do álcool.

O Adrik encolheu os ombros.

— Não, mas sei que tem os seus métodos para se inteirar das coisas. Não devia ter feito aquilo em frente a toda a gente.

Surpreendeu-me que estivesse consciente de quão mau fora aquilo que o Aegan fizera.

Mas isso já não se podia apagar.

— Bem — suspirei —, como disseste uma vez, o que quer que me tenha acontecido é minha culpa.

Depois disso, ficámos ambos calados. O Adrik deu um gole e a seguir passou-me a garrafa para que também eu bebesse. E estivemos assim durante um bocado, a beber em silêncio. Quando se bebe, passa-se sempre por diferentes etapas: a princípio, estás lúcido e o álcool anima-te; vários goles depois, ficas relaxado, a desfrutar; mais uns quantos goles e entras num estado a que chamo «a alegre vertigem» porque o mundo começa a ficar pouco estável, a bebida tem um sabor delicioso e podem acontecer duas coisas:

Ou tudo te faz rir porque a tua lucidez foi dar uma curva.

Ou tudo te afeta mais do que o normal.

Comigo aconteceu a primeira. Já sentia a alegre vertigem, já sentia a casinha a andar às voltas, quando comecei a rir-me sem motivo. E foi divertido porque, contagiado pelo meu riso, o Adrik também se começou a rir. As suas gargalhadas não eram tão desenfreadas como as minhas, mas, considerando a sua personalidade, dava para perceber que já não estava de todo sóbrio.

— Gritaste: «Chupa-mos, Aegan!» — lembrei-lhe, entre risadas. — Já alguma vez lhe tinham dito isso?

O Adrik suspirou, mas aquele suspiro transformou-se num sorriso apático.

— Não na cara dele.

Continuei a rir ao lembrar como mergulhara para a piscina. A figura do Adrik a voar pelos ares de repente pareceu-me demasiado divertida.

— Nunca imaginei que logo tu fosses capaz de uma coisa dessas — confessei-lhe. — És sempre tão sério e parece que odeias tudo…

Ele estalou a língua.

— Tive de dar vários goles antes, mas já dá para perceberes que até a pessoa mais séria tem os seus momentos de loucura.

Continuámos a partilhar a garrafa. E não sei se sabes, mas quando divides uma garrafa com alguém, forma-se uma espécie de pequeno vínculo amigável. Não sou eu

quem o diz, é a «ciência alcoólica».

Tinha de aproveitar as portas que este vínculo abria enquanto durava.

— Tenho de te perguntar uma coisa — disse de repente.

O Adrik bebeu outro gole e limpou a boca com as costas da mão.

— Chuta.

— Porque é que és tão duro com a Artie?

— Não sou duro com ela — assegurou ele, com uma nota de cansaço. — Só não gosto dela e não quero que pense o contrário.

— Mas…

— Eu fui ao teu apartamento naquele dia para te dar os livros — interrompeu. — E o Aegan e tu decidiram que sairíamos os quatro nessa noite. A partir daí, foi ele quem a quis juntar comigo. Em nenhum momento aceitei. Ou lembras-te de alguma vez em que o tenha feito?

Não, não me lembrava de que tivesse aceitado o que quer que fosse.

Bebeu outro gole. Soava bastante normal, mas era evidente que respondia às minhas perguntas porque estava meio bêbedo.

— O Aegan, o Aleixandre e eu só partilhamos duas coisas: o apelido e o sangue, porque de resto somos diferentes em tudo — disse, e até soou amargo, como se aquele assunto o incomodasse muito. — O mundo inteiro acha o contrário, porque o Aegan se esforça para que assim seja. Ele quer que sejamos uma cópia sua.

Meu Deus, seria verdade o que ouvia?

Acendeu-se em mim uma centelha de entusiasmo e curiosidade. Aquilo era como atravessar uma das barreiras do silencioso, reservado e sério Adrik Cash.

— E tu não te queres parecer com ele — assumi, num tom de «Vá lá, conta-me mais».

Ele soltou um riso ácido.

— Preferia amputar um testículo — deu um longo gole, lambendo de seguida os seus finos lábios. — Não sei porque te digo tudo isto sabendo que podes depois ir contar a toda a gente.

Arranquei-lhe a garrafa da mão e bebi. Depois disse-lhe com uma nota de desgosto:

— Achas que eu, que fui humilhada pelo Aegan mais do que gostaria de admitir, ia contar a toda a gente que és o único Cash que se deu ao trabalho de ser sincero comigo? Devia era agradecer-te.

Tive a ligeira suspeita de que o Adrik sorrira.

— Bem, não és assim tão parva — admitiu.

— Ai, obrigada. Não ser assim tanto é bem melhor do que ser completamente —

respondi, semicerrando os olhos.

— Queria dizer que me apercebi do que eras capaz no dia em que te sentaste naquela mesa e desafiaste o Aegan — acrescentou, assustando-me mais uma vez. Hesitou uns segundos, mas logo acrescentou: — Foi interessante. Ainda foi melhor quando no refeitório lhe disseste que não querias sair com ele. Pensei que tinhas um cérebro, até que vos comecei a ver juntos.

Muito bem, fazer-me de estúpida diante do Adrik acabara de deixar de ser divertido, porque se apercebera de que eu no fundo não o era.

— Não sei o que é pior: que nunca fales ou que desates a soltar tudo — desabafei e tirei-lhe a garrafa quando parou de a beber. — Lamento ter-te desiludido, então, idiota.

— As pessoas estão cá para isso.

Inclinei a cabeça para trás e rodei-a para olhar para ele. Assustei-me a mim mesma ao admitir que gostava das opiniões do Adrik. Eram realistas.

— Há ao menos alguma coisa que gostemos um no outro? — não sabia porque perguntara isso.

O Adrik também inclinou a cabeça para trás e olhou para mim. Senti o peso daqueles olhos que pareciam nostálgicos. Tinha um sorriso tímido.

— Diz-me tu.

— Bem, sabes deixar-me calada e isso é bastante difícil — confessei. Foi como: «Oh, nãããão, acabei de entrar na fase da sinceridade e já não consigo parar.» — Tens uns argumentos muito bons.

— Devo ter nascido com um talento qualquer — respondeu, e levantou a garrafa como se se tratasse de um brinde.

Rimo-nos, eu com mais confiança e ele mostrando apenas que se ria um pouco.

— Agora diz-me tu — exigi-lhe, ajeitando-me no meu lugar, ansiosa por ouvi-lo.

O Adrik passou a mão pelo cabelo e despenteou-se de propósito. Ficou um momento a olhar para o vazio, talvez a pensar, talvez a perguntar-se porque girava a Terra ou talvez apenas a existir, e depois disse:

— É complicado, porque não tens nada de que eu devesse gostar.

— O quêêêê? — soltei num tom agudo, afetada. — Porque não?

Encolheu os ombros.

— Porque não és bonita, não chamas à atenção quando chegas a um sítio, não és doce nem amigável e também não tens nenhuma qualidade que se destaque. Na verdade, és desajeitada, intrometida, insuportável, apareces nas alturas menos indicadas, achas que sabes tudo quando não sabes nada e às vezes és mal-educada e

chata. Sem esquecer que tens um péssimo gosto para a leitura e que parece sempre que tens uma vassoura em vez de cabelo.

Disse tudo isso com tanta naturalidade e simplicidade que nem sequer pareciam insultos. Fiquei boquiaberta, mas fui incapaz de me sentir irritada, só me sentia mal. Sabia que ele estava a dizer a verdade. Eu era tudo isso e ainda mais, portanto, não tive outra hipótese a não ser fechar a boca, beber um gole e calar-me.

Não esperava o que ele acrescentou de repente:

— Mas é disso que eu gosto.

Olhei imediatamente para ele, estupefacta.

Ele prosseguiu:

— Que não sejas nada do que deverias ser, nada do que este sítio exige que sejas. És só como és, e ainda que toda a tua existência seja insuportável, não tentas escondê-la. És uma espécie de desastre interessante. Por isso, continuo sem perceber o que fazes com um bruto, mal-intencionado e idiota como o Aegan.

A sério que ele achava que eu gostava mesmo do Aegan? Uauu, então a minha atuação era bastante boa.

De qualquer forma, concentrei-me no que dissera. Era a primeira vez que enunciavam as minhas verdades com tanta naturalidade e sem vontade de me ofender. Isso fez-me sentir como o Ralph dos Simpsons: feliz e enjoada.

— Adrik — comecei a dizer, piscando os olhos como uma tonta devido ao espanto —, se tinha um pouco de autoestima acabaste de a fulminar.

Para minha surpresa, achou piada ao meu comentário e desatou a rir. Então, escapou-lhe um arroto grotesco e sonoro por entre as risadas, que desencadeou em mim um ataque de gargalhadas.

Rimo-nos como dois estúpidos até que passei à fase seguinte do álcool: a raiva.

— Não, foda-se, não sei por que raio me estou a rir — disparei, abanando a cabeça de um lado para o outro, irritada e bêbeda. — Odeio isto. Odeio o que fingi ser nesta maldita festa! Odeio esta estúpida maquilhagem! Odeio este vestido de merda!

O Adrik acabara de dar um gole. Mal afastou a garrafa da boca, disse, sem mais:

— Queima-o.

Detive-me. O cabelo ficou-me preso à cara.

— O quê? — disse, num tom instável.

— Não falo chinês, Jude. Tu ouviste-me.

— Sim, mas vou queimá-lo como?

O Adrik tentou levantar-se. Olhei para ele meio confusa e meio desorientada. Custou-lhe um pouco e até se desequilibrou, mas os seus ombros chegaram enfim ao

teto. Ficou encurvado, mas, ainda a segurar na garrafa, conseguiu aproximar-se da entrada e meter um pé na tábua das escadas.

— Vem — disse-me.

Como o meu cérebro estava queimado pelo álcool, não apliquei nem a lógica nem o senso comum a nada e também tentei descer as escadas. Ambos estivemos quase a cair como merda ao chão, mas por sorte conseguimos chegar lá abaixo ilesos.

O Adrik contornou a enorme árvore. Só quando a ténue e distante iluminação da casa e da lua me permitiu ver melhor é que me apercebi de que ele estivera todo aquele tempo sem camisa. Só tinha vestidos a gravata branca do fato e as calças com que saltara para a piscina, agora húmidas, amassadas e sujas.

Engoli em seco que nem uma parva, e ele desapareceu por trás da árvore.

— Vem, Jude, não fiques aí — disse desde um sítio qualquer.

A minhas pernas mexeram-se sem que eu as comandasse. Contornei a árvore e vi que o Adrik começara a juntar um monte de ramos junto a algumas tábuas velhas que tinham sobrado da construção da casinha na árvore e que nunca ninguém se preocupara em tirar dali.

Enquanto ele fazia isso, estive a observá-lo. Vi-o com uns olhos mais adolescentes e vulneráveis. Estava muito bonito com o cabelo desgrenhado e com aquele tronco bem tonificado despido. O melhor era que se esquecêssemos o facto de estar com tão bom aspeto, se notava que estava diferente.

O Adrik não falava de maneira pretensiosa, não erguia a cara presunçosamente, não se ria como se estivesse a segurar o mundo pelo pescoço. Estava simples, natural. Sim, um pouco chocante. Sim, um pouco odiável. Sim, continuava muito sarcástico e indiferente; mas suspeitei de que tivesse boas razões para agir com tanta frieza diante dos outros.

Cheguei a perguntar-me o que seria que lhe causava tanta repulsa? Seria mesmo o Aegan? Seria só isso?

Pestanejei com força e abandonei os meus pensamentos estranhos quando esguichou algum álcool da garrafa sobre os ramos, as madeiras e as folhas. Depois levou a mão ao bolso das calças e sacou de um isqueiro. Pegou fogo a uma folha e pousou-a sobre o monte.

Pouco a pouco, formou-se uma fogueira. Ele ajudou-a a crescer e crescer até que as chamas se tornaram suficientemente grandes para… para quê?

— Bem, despe-o — ordenou-me o Adrik.

— Hã? — disse sem perceber, alternando o olhar entre ele e as chamas.

— O vestido — contestou. — Tira-o para que o queimemos.

— Vou queimá-lo como?! — perguntei, estupefacta.

— Não acabaste de dizer que o detestavas? Bem, eu também não gosto deste maldito fato, portanto…

Pousou a garrafa no chão e começou a desabotoar as calças. De um momento para o outro despira-as e estava apenas com uns boxers brancos. Nunca vira uns boxers ficarem tão bem a ninguém. Até então, nunca uns boxers me tinham parecido tão mais do que uns boxers. Não sei, era como se o tivessem feito para ser modelo da *Calvin Klein*.

Abandonei os meus pensamentos quando ele atirou as calças para a fogueira. E a seguir despiu a gravata e atirou-a também. Depois, descalçou os sapatos e as meias e atirou-os para as chamas, que crepitavam e cresciam.

Já não tinha mais nada para tirar. Estava em roupa interior. Por um momento cheguei a pensar que também isso despiria, mas não o fez.

— Só te digo que te vais sentir melhor — acrescentou no fim.

Acreditei nele. A verdade era que no estado em que estava teria acreditado até num cachorro que decidisse falar comigo. Aproximei-me um pouco, ponderei a ideia durante menos de um segundo e comecei a tirar o vestido. Senti o peso do olhar do Adrik, mas não me importei. Deslizei o vestido pela cintura abaixo e tirei-o, sacudindo as pernas.

Respirei fundo e atirei-o ao fogo. Não pude evitar sorrir. Fez-me sentir mesmo bem. Era como se mandasse à merda tudo o que acontecera naquela noite, como se me libertasse da festa.

— Vá, o colar também — propôs o Adrik.

— Mas deve ser caro… — disse com uma certa hesitação.

— Estou-me a cagar para quanto custa — soltou, sem a mais pequena preocupação ou sentimento de culpa.

Bem, se ele o dizia… Despi-o e atirei-o para as chamas. Ficámos a olhar para a fogueira. À medida que crescia e estremecia com força, a roupa ia-se aos poucos queimando. Não sabia se desapareceria completamente, mas o facto de estar envolta pelo fogo já era suficiente para mim.

Quando me atrevi a rodar a cabeça, a pele do Adrik estava banhada pelo laranja e amarelo das chamas. O reflexo balouçava sobre a sua silhueta, como sombras. O seu cabelo apontava em todas as direções. Os seus lábios pareciam frescos e tinham um leve tom rosado devido ao contacto com a garrafa. Os seus olhos pareciam mais escuros e brilhantes, talvez devido ao álcool, mas estavam hipnotizantes.

Percebeu que estava a ser observado e desviou as atenções para mim. Durante um

instante, a minha pele ardeu e não foi pelo fogo. O Adrik tinha uma maneira de olhar que mexia por dentro. Parecia tão indecifrável, tão enigmático, que até cheguei a acreditar que lhe fora concedido o dom de saber o que eu pensava. E eu estava a pensar umas coisas novas sobre ele… Coisas que não devia… Coisas…

— Jude — disse, quebrando o silêncio.

O estúpido do meu coração acelerou e perguntei-me se iria ter um enfarte ou assim…

— Sim? — perguntei, sem fôlego, nervosa com o que ele ia dizer.

— Agora tenho frio — disparou, com uma certa aflição.

Ri-me. A gargalhada saiu-me de repente, esquisita, nervosa, e sentia-me aliviada ao mesmo tempo. O que esperara que dissesse? O quê?

— Não pensámos nisso — admiti, coçando a cabeça. — Não devíamos voltar?

Ambos olhámos para longe. As luzes e a música pareciam ecos a que pelo menos eu não pertencia. Estava mais do que certa de que estar ali, no meio da escuridão, quase nua, era muitíssimo melhor. E poder ver o Adrik de boxers, claro, era ainda melhor.

— Se te atreves a passar assim para que todos te vejam… — respondeu ele, encolhendo os ombros.

— Não há outra entrada?

Abanou a cabeça.

— Só pela frente e pela cozinha. Mas em ambos os lados está muita gente. Não saem antes de amanhã.

Suspirei.

— A verdade é que neste momento não tenho o que é preciso para ver a cara de alguns desses hipócritas — admiti. Pensar no que acontecera enchia-me de raiva, mas decidi afastar essas recordações. — Muito menos a do Aegan.

— É melhor subirmos à casinha outra vez — propôs ele.

Deixei que o Adrik subisse primeiro porque tinha vergonha. Só tinha vestidas as cuecas (que na verdade não eram muito atraentes, mas antes daquelas que usas quando tens a menstruação) e o sutiã. E não combinavam. Bem, não combinas a roupa interior se ninguém te for ver com ela vestida, e para ser sincera nunca imaginei ver-me naquela situação. Confiei na escuridão e na bebedeira do Adrik para que não se apercebesse desses detalhes.

Já na casinha, foi agachado de um lado para o outro. Desapareceu na escuridão e depois chamou-me. Tentei seguir a sua voz até que bati com a testa numa parede de madeira. Soltei um gemido alto conjugado com um palavrão, enquanto passava com a mão na zona de impacto.

— Tenta não partir a cabeça — comentou o Adrik.

— Ah ah, imbecil.

Mal os meus olhos se acostumaram de novo à escuridão, descobri que havia um monte de almofadas a um canto. Havia também uns posters de super-heróis nas paredes, um baú com vários jogos velhos e alguns cabos e coisas espalhadas pelo chão.

— Podemos ficar aqui — disse, apontando para as almofadas.

Juntámo-las para fazer uma cama. Havia almofadas suficientes para formar um enorme quadrado onde cabíamos os dois, um ao lado do outro. Ele deitou-se de cabeça para cima e eu de cabeça para baixo.

Passámos uns minutos em silêncio, mas como não conseguia adormecer (e ficar calada não é uma coisa que saiba fazer durante muito tempo), fiz uma pergunta:

— Esta casa era tua?

— Minha e do Aleixandre — respondeu com uma voz baixa e apática.

— Imagino que o Aegan não gostasse disto.

— Fez sempre coisas mais sérias. Enquanto o Aleixandre e eu brincávamos, ele queira estar com o nosso pai a aprender as coisas do seu trabalho.

— O Aegan sempre foi distante convosco?

Ouvi-o soltar um suspiro.

— Jude, estou a entrar naquela fase em que não te quero ouvir — disse, para me cortar a conversa.

— Estás sempre nessa fase — sussurrei, semicerrando os olhos. — Vou-me calar, então.

Queria que o Adrik continuasse a responder-me, mas estava ciente de que já me dissera muitas coisas nessa noite e que não o deveria pressionar mais. Então de repente perguntei-me: até que ponto estava o Adrik envolvido naquela discoteca? Aprovava as coisas ilegais que faziam em Tagus? Ia à discoteca e fazia o mesmo que os outros?

Revirei-me inquieta sobre as almofadas e apoiei a cabeça de lado, de tal maneira que conseguia ver o perfil do Adrik. Tinha os olhos fechados e uma expressão tranquila. O seu peito nu subia e descia numa respiração pacífica. Admiti que era capaz de olhar para ele durante um bom bocado. Até podia… até podia…

«Merda, em que raio estou eu a pensar?»

Bem, não fazia ideia. Estava ainda sob o efeito do álcool. Fiquei assim, tentando não fazer nada que não devesse. A certa altura, comecei a sentir frio outra vez e perguntei-me, feita tonta, porque não ficáramos lá em baixo, ao lado da fogueira.

A verdade era que éramos mesmo estúpidos…

— Para de olhar para mim — rugiu o Adrik de repente.

— Não estou a olhar para ti! — defendi-me, rugindo também. — Estou a olhar para o nada e acontece que tu estás no meio desse nada. Além disso, tenho… tenho frio.

— Procura naquele baú — apontou para o baú da esquina sem abrir os olhos, como se soubesse exatamente onde ficava cada coisa lá dentro. — Deve haver lá uma manta ou assim.

Levantei-me contrariada, abri o baú e procurei. Havia jogos, revistas de carros, bandas desenhadas e… algo que parecia saído de um filme. Peguei nessa coisa, estendi-a e descobri que era bastante grande, como uma manta. Cheirei-a. Bem, não tinha um cheiro esquisito.

— Há quanto tempo está isto aqui? — perguntei, desconfiada.

— Não sei, sacode e já está.

Sacudi tanto quanto conseguia até já não sair pó. Depois voltei a deitar-me sobre as almofadas e, ligeiramente incómoda, tapei-me.

— Espero que isto não esteja cheio de pulgas, Adrik, porque senão… — avisei-o.

— Cala-te e dorme — disse.

Bem, pelo menos aquecia. Não fui picada, não fui atacada… Tentei acomodar-me e fechei os olhos, mas disparei o seguinte sem pensar:

— Está decidido, vou acabar com ele. Não quero mais aguentar isto.

Passou bastante tempo. Entrei num estado de sonolência, mas ainda não adormecera completamente. Ou melhor, o meu cérebro estava a mil, a pensar em muitas coisas: no Aegan, em como usar toda a informação que obtivera, em como agir, em quais seriam as consequências…

E então senti algo a tremer ao meu lado. Rodei a cabeça, carrancuda. Durante uns segundos, não soube o que era até que percebi que se tratava do Adrik, que estava a tiritar. Tremia de frio e não dizia nada. Apercebi-me de que não podia. Devia estar a dormir profundamente e a morrer de frio.

Hesitei um momento: deveria oferecer parte da minha manta ao meu inimigo?

Bem, agora já não era evidente que fosse meu inimigo. As coisas pareciam um pouco diferentes. Com tudo o que dissera, com aquilo da fogueira… Não sei. Desde o início, o Adrik parecera-me muito diferente dos seus irmãos, mas não queria aceitar. No entanto, era bastante evidente por muitos motivos: o seu aspeto, o seu comportamento, o que fazia e dizia nas aulas de Literatura, a maneira como evitava as coisas que o Aegan adorava…

Mas também não podia confiar nele.

Não podia confiar em ninguém.

Não podia garantir que um dos Perfeitos Mentirosos não era na verdade tão mentiroso assim…

Contudo, salvara-me da dupla humilhação do Aegan, ajudara-me a queimar aquele maldito vestido, partilháramos o nosso desejo de estar longe da festa, acompanhara-me no meio daquela escuridão e não se comportara como um idiota apesar de estar bêbedo…

E por tudo isso tomei a atitude certa.

Deslizei com muito cuidado até ele e tapei-o com a manta. Remexeu-se, mas não abriu os olhos. Soltou um leve rosno, mas logo a seguir ficou quieto. Não consegui evitar que a minha pele entrasse em contacto com a sua. Foi um contacto quente e suave. Deixou-me paralisada e transmitiu uma corrente estranha ao meu corpo. Surpreendeu-me tanto que me obriguei a adormecer de uma vez.

E então ele virou-se. Foi um movimento rápido, produzido pelo seu sonho e pela sua busca por conforto. Ficou de lado e atirou o seu enorme braço por cima de mim. Fiquei de olhos esbugalhados porque em menos de um segundo fiquei com o seu rosto a escassos centímetros do meu. A minha rigidez acentuou-se. Aquela proximidade era uma novidade tão abrupta que o meu cérebro quase deu erro.

— Adrik, mas que diabo…?! — gritei.

Ele disse algo incompreensível, ainda a dormir. O álcool dera cabo dele. Nem sequer se afastou. Nem sequer sabia que era a mim que estava a esmagar como uma sandes. Não soube que raio fazer. Tentei tirar o seu braço de cima de mim, mas ele apertou-me com mais força, incomodado.

Visto de longe, pareceria que me abraçava, mas a verdade era que estava exausto, aquele pobre coitado. Senti o cheiro da sua água-de-colónia misturada com o álcool. A mistura era agradável, nem que fosse por os meus sentidos também não estarem muito apurados.

Expirei pelo nariz. Observei cada centímetro da sua cara com uma perplexidade nervosa. Os seus lábios ligeiramente entreabertos, o maxilar barbeado, as suas pestanas másculas, as madeixas de cabelo sobre a testa… Por uma fração de segundo, até quis pousar a mão sobre a sua bochecha, para confirmar que tudo o que me contara graças ao álcool era verdade.

Mas não fui capaz. Os nossos corpos estavam demasiado próximos. Se mexesse uma perna, nem que fosse só um pouco, tocaria na sua. O meu maior medo, no entanto, foi entrar em contacto com… com uma certa parte do seu corpo que só estava tapada

por um certo tecido branco…

Merda.

Fechei os olhos. Fixei como objetivo não me mexer, mas aquilo contra o que lutei mais durante toda a noite foi a sensação perigosa de que era agradável ter o Adrik Cash ao meu lado.

E de ter vontade de o beijar.

Mau, muito mau.

17

Nem todas as mensagens são de texto

Quando acordei, sentia-me como se alguém me tivesse perfurado a cabeça. Tinha os olhos cheios de ramelas, o corpo cansado e a ressaca a latejar nas minhas têmporas. Soltei uns gemidos, pestanejei muito até que a minha visão se tornou mais nítida e compreendi o mundo em meu redor.

Estava deitada sobre as almofadas dentro da casinha na árvore.

O sol brilhava com uma intensidade cansativa.

E o Adrik não estava em lado nenhum.

Durante um segundo, perguntei-me se teria sonhado o que acontecera na noite anterior, mas as provas diziam tudo: continuava em roupa interior; e quando desci pelas tábuas tentando não cair de bruços no chão, vi os restos da fogueira.

Os sapatos do Adrik e uma parte do resto da roupa nem sequer se tinham desintegrado, o que me deu uma certa vontade de rir. Provavelmente, o vento e o frio tinham apagado as chamas mais rápido do que pensáramos. Também restava um bocado da gravata, queimada nas bordas, mas de um branco acetinado no centro. Talvez todos os meus neurónios tivessem sido queimados pelo álcool, mas peguei nela e decidi guardá-la.

Depois, respirei fundo e reuni coragem. Assim, descalça e seminua, caminhei de volta à casa de campo dos Cash.

Come on, girl!

Atravessei a porta das traseiras e descobri que os que ainda sobravam da festa tinham decidido tomar o pequeno-almoço no jardim. Numa mesita perfeita para piqueniques, estavam sentados o Aegan, o Aleixandre, o seu disfarce/acompanhante Laila, a Artie, o Owen e a rapariga que fora o seu par na festa.

Detive-me um momento e olhei para eles com a minha cara de pau mais esplendorosa. Eles observavam-me fixamente, meio surpreendidos, meio desconcertados. O Aegan examinava-me, surpreendido. Até o Aleixandre mastigava lentamente, como se estivesse a tentar imaginar uma história que justificasse o meu

aspeto.

Sim, deviam estar a pensar que tinham subestimado a minha loucura, que eu na verdade era muito mais louca, mas como por essa altura me importava aí uns três hectares de excremento com o que eles pensavam, aproximei-me da mesinha. Os olhos flamejantes de consternação do Aegan seguiram-me enquanto eu ia buscar uma torrada da cesta que estava ao centro.

— Bom dia — disse a todos, saudei-os com a cabeça e prossegui para o interior da casa.

Pensei que me saíra bastante bem até que o Aegan me alcançou quando estava mesmo a chegar às escadas. Agarrou-me pelo cotovelo e puxou-me algo bruscamente.

— O que te aconteceu? — disparou, sisudo e aparentemente desagradado. — Onde estiveste?

Sacudi com raiva o braço para que ele me largasse. Olhei para ele com irritação e desprezo. A recordação do que acontecera ameaçou encher-me de uma fúria capaz de me fazer cuspir uma ópera de barbaridades.

— Não me voltes a tocar nunca mais na tua vida asquerosa — avisei-o.

As suas sobrancelhas escuras curvaram-se ainda mais. Por um momento, até pareceu confundido pelas minhas palavras, mas depois isso desapareceu. Os seus olhos adquiriram um brilho que denotava satisfação, como se fosse essa a reação que ele esperava.

— Porque não? — disse.

Não lhe queria explicar nada. A minha paciência naquele momento estava nos menos zero.

— Como descobriste aquilo da minha mãe? — perguntei-lhe. — É um dos teus caprichos investigar todas as tuas namoradas?

O Aegan ergueu as sobrancelhas, falsamente surpreendido.

— Porque perguntas isso tão chateada?

— Responde-me! — gritei.

Encolheu os ombros, com uma encantadora indiferença.

— Se há coisa que tenho de sobra são contactos — gabou-se. — Digamos que gosto de saber o que enfrento.

Dei um passo em frente, endireitando-me para lhe mostrar que não me intimidava.

— Uma mãe doente parece-te perigosa? — respondi. — Tiveste medo de que se levantasse da cama e viesse pôr em causa a tua superioridade?

Repara, isso era uma das coisas que desde sempre mais odiava no Aegan: a sua assombrosa capacidade de dizer coisas com ironia, descaramento e falsa inocência ao

mesmo tempo.

— A minha intenção era mostrar-te que estou disposto a ajudar-te no que for. — Mentiu, usando a cara de «mosquinha morta» nesse momento.

Lancei-lhe um sorriso que por dentro era pura fúria.

— Comove-me a tua bondade. Mas e que tal ajudares-me mantendo-a afastada de tudo isto?

O Aegan ergueu de novo as sobrancelhas e fingiu espanto. Ficavam-lhe bastante bem as expressões teatrais.

— Chamas «isto» à nossa relação incrível? — replicou com uma falsa nota de sofrimento. — Meu Deus, Jude, tenho de admitir que fico magoado. Não sou mais do que um namorado preocupado.

— Namorado — repeti num suspiro extravagante e amargo. A palavra soara horrivelmente na sua boca, como um castigo, uma tortura, algo que só desejarias ao teu pior inimigo. — Olha, Aegan, ontem à noite foi a última gota que fez entornar o copo; já não quero…

— Jude! — interrompeu-me bruscamente a voz da Artie.

Tanto eu como ele girámos a cabeça muito rapidamente. Vi-a descer as escadas a toda a velocidade, já vestida com a sua roupa. Como ousava interromper a nossa maravilhosa discussão?

— Um momento, Artie — pedi-lhe, para que pudesse acabar de esclarecer bem as coisas com o Aegan.

Ela abanou a cabeça.

— Podes falar com o Aegan depois de tomares banho e de te vestires — disse, e lançou-me um olhar expressivo, mas estava tão furiosa que não lhe prestei muita atenção, portanto recusei:

— Não, é que tenho de…

— O que quer que tenhas para lhe dizer pode esperar — insistiu e, ao chegar ao meu lado, pousou as mãos sobre os meus ombros e empurrou-me com força para as escadas. — Porque preciso de te mostrar uma coisa.

Aí percebi que se tratava de algo muito importante.

O meu olhar passeou entre o Aegan e ela, ainda tensa e furiosa pelo que sentia que tinha para lhe gritar. Continuava de testa franzida e com as mãos fechadas com força. O meu corpo inteiro ardia, não pelo motivo que gostaria, mas antes de uma forma perigosa, capaz de cuspir milhares de insultos e de dar uma bofetada no Aegan, mas diminuí a minha fúria um grau, respirei fundo para me acalmar e deixei-me levar escadas acima, não antes, é claro, de lançar um olhar de ódio àquele idiota.

A sua resposta descarada quase me fez voltar a correr para continuar a discutir com ele: piscou-me um olho e atirou-me um beijo como eu lhe lançara no dia anterior ao ouvir a conversa que tivera com o Adrik.

Mas a Artie voltou a empurrar-me e lá ganhou.

Subimos as escadas. Mal entrámos no quarto, disse-lhe, angustiada:

— Porque não me deixaste mandá-lo à merda?

— Porque tens de ver isto — disse ela, empurrando-me com urgência para a casa de banho do quarto.

Não percebi que raio se estava a passar até que abri a porta e foi então que olhei para o espelho retangular pendurado por cima do lavatório.

Tinha uma coisa escrita:

Sexta-feira.
Clube.
1802.
Casa de banho das raparigas.

A minha fúria dissipou-se imediatamente. Fiquei a olhar para as letras. Eram de um vermelho intenso. Um vermelho de batom. Batom que, de facto, a pessoa responsável pela mensagem deixara destapado em cima do lavatório.

A Artie pôs-se junto ao espelho e apontou para ele. As suas sobrancelhas pintadas na perfeição estavam arqueadas, só lhe faltava estar a suar para parecer uma personagem de anime assustada.

— O que é isto, Jude? — perguntou, nervosa e algo assustada.

— Uma mensagem, obviamente.

— Mas de quem? — enfatizou a pergunta. — Será que alguém, para além do Aegan, do Aleixandre, do Adrik e do Owen, sabe que estamos a par da existência do clube?

Era óbvio que outra pessoa o sabia. A mesma pessoa que me revelara o antigo apartamento da Eli, só que não podia nem queria contar isso à Artie. Era um segredo demasiado valioso, demasiado perigoso, porque parecia que o desconhecido me estava a ajudar, mas havia também a hipótese de me estar a levar intencionalmente por um mau caminho.

— Isto é mau — suspirou a Artie com horror, levando as mãos à cabeça. — Isto é muito mau.

Voltei a olhar para a mensagem. Não prestara atenção à caligrafia antes, ainda que,

bem, não fosse propriamente especialista em reconhecer caligrafias. O que me parecia claro era que deixara a palavra-passe para entrar sexta-feira no clube e ir à casa de banho das raparigas.

— Isto é muito esquisito… — murmurei.

— Não! — exclamou a Artie. — É mau! Até pode ser uma cilada!

— É possível — assenti, sem deixar de olhar para as palavras.

A Artie começou a andar para trás e para a frente na casa de banho, inquieta.

— E se foi o Aegan? — começou a teorizar devido ao seu nervosismo.

— Havia muita gente na festa.

Continuou a pensar no Aegan:

— E se ele souber o que estás a tentar fazer-lhe em público e quiser fazer-nos alguma coisa na noite de sexta-feira?

Agarrei-a e olhei-a nos olhos para me tranquilizar.

— Artie, acalma-te — pedi com firmeza. — Sim, talvez tenha sido o Aegan a escrever isto, mas também pode ter sido a Kiana ou o Dash ou alguém que nos queira ajudar a que vejamos alguma coisa.

— Em qualquer dos casos, é perigoso — argumentou, não menos aterrada. — Porque ninguém deveria saber que fomos ao clube. Assinámos o acordo e o Aegan não acreditaria que não contámos nada a ninguém. E porque é que alguém nos «ajudaria a ver alguma coisa»? Não pode ser só porque sim.

— Ainda não percebi isso — fui sincera. — Talvez haja mais pessoas contra o Aegan do que achamos. Talvez alguém suspeite dele como tu. Talvez haja algo por descobrir.

Ela ficou a pensar, como se as minhas palavras fizessem muito sentido.

Certo, de momento não podia terminar a minha relação com o Aegan. Não depois daquela mensagem. Precisava de moderar os meus sentimentos e aflições. Retirar-me devido às humilhações não era hipótese. Se ele atacava, tinha de me concentrar em defender-me, em reforçar os meus escudos e melhorar a minha estratégia. Só assim poderia vencer a sua tirania. Também não lhe podia dar o gosto de me derrotar.

— Seja como for, já sei que não queres aprofundar o desaparecimento da Eli nem investigar os segredos do Aegan — disse-lhe para a acalmar e para que não morresse de enfarte. — Portanto, ignora esta mensagem, fica só para mim. Já penso no que posso fazer.

A Artie coçou a cabeça, stressada e assustada.

— Combinado — assentiu, e acrescentou o resto nesse tom que as pessoas usam quando algo lhes dá pena. — Ouve, sinto muito o que aconteceu ontem à noite,

aquilo da tua mãe. Porque não me contaste?

Nunca esperei que o Aegan revelasse que a minha mãe tinha HIV. Era um grande inconveniente, sim, mas, tirando isso, chateava-me que quando alguém descobria, me olhasse daquela forma e me falasse naquele tom, julgando que toda a minha vida devia ser uma tragédia por causa da doença da minha mãe.

— Devia apresentar-me de outra forma? — perguntei, um pouco incomodada. — Olá, chamo-me Jude e a minha mãe tem sida. Como estás?

A Artie suspirou e abanou a cabeça.

— Jude, sou tua amiga, ainda que te tivesses apresentado assim, teria interpretado isso da melhor maneira possível.

«Sou tua amiga.» Eu não via de todo as coisas dessa forma, mas recordei-me imediatamente do que o Adrik me dissera na casa da árvore. Não gostava da Artie. Deveria dizer-lhe? Deveria contar-lhe que passara a noite com ele? Senti que era meu dever enquanto colega de casa, mas também senti que não tinha de lhe contar. Ela era sensível, como reagiria ao saber que eu dormira seminua com o rapaz que a fizera sentir-se mal na festa?

— Não gosto de falar disso — limitei-me a responder.

— Muito bem — aceitou, depois de perceber que eu não diria mais nada. — Foi muito feio o que o Aegan fez.

Pedi-lhe que me deixasse sozinha para poder tomar banho. Quando entrei no duche, deixei-me ficar debaixo da água morna durante um bom bocado. Pensei meticulosamente no que faria e tentei organizar e conectar toda a informação.

Analisei de todas as perspetivas. Conhecia os riscos, sabia as consequências, percebia as probabilidades. Suspeitaria o Aegan de que as duas raparigas que via como estúpidas tinham um pequeno, mas grande plano? Deixara a mensagem para nos armar uma cilada? Ou estaria outra pessoa a dar-me a oportunidade de descobrir algo muito mais importante?

Talvez fosse isso. O Aegan subestimara-nos. No mundo do Aegan, só o seu cérebro era totalmente funcional. Todos os outros eram um bando de estúpidos que podia pisar e mobilizar de acordo com a sua vontade. De qualquer forma, era bom que pensasse assim, porque para o vencer precisava de fazê-lo acreditar que era ele quem estava a ganhar.

E ser uma perfeita mentirosa.

18

O Mick Jagger roubou um carro!

Ah, segunda-feira…

Ou melhor: AAHH, SEGUNDA-FEIRA!!!

Naquela manhã, todos os alunos estavam extraordinariamente atarefados. A Artie, o Dash, a Kiana, eu e o resto das pessoas todas estavam ocupados a tentar acabar tarefas e a saltar de sala em sala para entregar trabalhos. As últimas semanas tinham sido apenas um aquecimento. A partir de agora, o semestre começaria a disparar socos que nem o Manny Pacquiao.

Ainda que ter assuntos académicos pendentes tivesse as suas vantagens. A primeira: ninguém tinha tempo para me olhar de lado por causa da minha mãe. A segunda e mais importante: não vi o Aegan nesse dia, nem na terça nem na quarta. Dele só soube o que o Dash me contou, que ia a umas aulas com ele, quando nos reunimos depois de almoço no Bat-Fit. De acordo com o que me disse, estava tão sobrecarregado de trabalhos, apresentações, testes-surpresa e projetos que o Aegan não levantava a cabeça dos livros, porque os Cash podiam ser uns idiotas, mas tinham uma média excelente.

Mas sabemos que as mentes mais cruéis foram bastante inteligentes.

Mencionei ao Dash um assunto de que lhe queria falar.

— Ontem conheci um amigo dos Cash, o Owen. Nunca me tinham falado dele.

O Dash ergueu as sobrancelhas, surpreendido. Foi curioso o seu espanto.

— Pensei que já não voltasse a estudar cá — disse.

— O que sabes sobre ele? — perguntei.

O Dash olhou em redor e depois inclinou-se para a frente para me contar a bisbilhotice:

— Expulsaram-no por ir para a cama com uma professora no ano passado. Foi um escândalo gigante, porque ela era casada com o professor de Línguas, sabes? Aquele careca.

— Talvez o tenham perdoado?

— Talvez o pai tenha intervindo — corrigiu-me com um sorriso algo… amargo? — Ele é da família Santor, tão importantes e ameaçadores como os Cash e amigos desde sempre.

— Compinchas do poder.

— O Owen é muito amigo dos três irmãos Cash desde pequenos, mas, acima de tudo, é amigo do Aleixandre.

Hum… então o Owen era o mais próximo de um melhor amigo dos Cash que existia em Tagus. Devia vigiá-lo também, ainda que aparentemente não se parecesse em nada com eles. Tive a impressão de que era mais relaxado e menos problemático.

Reparei de repente que junto aos livros do Dash estava uma caixinha dourada.

— O que é isso? — perguntei-lhe, apontando para a caixinha.

— Um presente — respondeu, ao mesmo tempo que voltava a escrever no seu caderno. — Foi um amigo meu que comprou para aligeirar o dia.

Inclinei-me para a frente, peguei na caixinha e abri-a. Lá dentro, havia vários pauzinhos grossos e escuros. Tinham um cheiro interessante.

— É incenso? — perguntei, tentando perceber o que era aquilo.

— Sim, é terapêutico. Devem ser usados em momentos de stresse ou ansiedade. Podes tirar um se quiseres.

Diminuir o meu stresse? Sim, por favor, porque a cabeça já me começava a andar à roda com tantas coisas: as tarefas que ainda não terminara, tudo o que ainda precisava de organizar para levar a cabo o meu plano, o que não conseguia perceber no desaparecimento da Eli…

— Vou usar esta tarde com a Artie — disse, e tirei um incenso da caixinha, para a seguir o guardar na minha mochila.

— Boa, onde é que ela está? — quis saber a Kiana.

— Não sei — o Dash encolheu os ombros. — Às vezes desaparece durante umas horas.

A Artie ainda andava metida com o rapaz da Informática?

Nesse dia, tive aula de Literatura. O Adrik chegou como chegava sempre a qualquer sítio: sério, algo apático e silencioso. O seu cabelo apontava em todas as direções numa desordem perfeita e atraente. Era como se se tivesse acabado de levantar de um grande sonho ou como se de facto ligasse uns três hectares de merda a tudo.

Já não o conseguia ver sem me lembrar da noite na casa da árvore. Vinha-me à cabeça o quanto nos ríramos, o quanto fôramos sinceros um com o outro, aquela estupidez de queimar a roupa e todas essas sensações tão esquisitas que

experimentara quando ele pensou que eu era a sua almofada e quase me esmagou. Mas afastei esses pensamentos tão rápido quanto eles chegaram e senti um ligeiro incómodo.

Ele sentou-se, cheirando a loção para a barba, pousou os antebraços sobre a mesa e ficou imóvel a fitar o nada com uma expressão de «não fales comigo».

Mas eu falei-lhe, claro; já sabes como sou.

— Adrik — disse, olhando-o com estranheza. Não se mexeu. Parecia nem sequer respirar. — Adrik? — perguntei de novo, mas nada, parecia uma estátua, um manequim. — Adrik?! — insisti, mais alto.

Por fim, reagiu. Respirou fundo com enfado e girou a cabeça. Apoiou o queixo na mão e observou-me com aqueles seus olhos cinzentos e preguiçosos.

— Parece que é mentira essa história de que se não te mexeres ninguém te vê — suspirou, resignado.

Franzi a testa e fiz a minha melhor cara de estranheza.

— O quê? Que raio estavas a fazer? Achaste que eu não ia falar contigo se me ignorasses? — sacudi a cabeça, ainda surpreendida com a sua estupidez. — Essa técnica só resultava com os dinossauros!

— Explica-me a diferença entre ti e um dinossauro — respondeu, indiferente e odiável. Abri a boca para falar, mas a verdade é que aquele tipo conseguia sempre surpreender-me. — Exato, não há — acrescentou perante o meu silêncio.

— Por que raio é que me pareço com um dinossauro, diz lá — protestei.

— Para começar, são ambos irritáveis e agressivos.

Desviei o olhar e decidi fitar a janela. É que, se pensasse bem, parecia-me estranho discutir com ele quando me recordava de que dormíramos juntos em roupa interior. Será que ele se lembrava disso?

— Não quero ouvir o resto das semelhanças, que são de certeza muito boas — respondi. Hesitei um momento, mas disse-lhe de seguida: — Lembras-te de que passámos a noite da festa na casa da árvore?

— Sim — afirmou.

Voltei-me rapidamente para o encarar. Não o negara. Isso era bom. Era bom? Calculei que sim.

— E…? — esperava que dissesse algo sobre as estupidezes que tínhamos feito.

— E o quê? É suposto lembrar-me de algo em específico? — perguntou.

O modo como disse aquilo devia ser interpretado como um: «Não aconteceu nada de relevante nessa noite.» E se era isso que ele queria, muito bem.

— Não — limitei-me a dizer.

Uns segundos depois, a professora chegou, começou a dar a aula e o Adrik e eu não trocámos uma palavra, exceto para o que fosse estritamente necessário. Falar outra vez da casa da árvore não fazia sentido. Para quê? Devia simplesmente esquecer o assunto. A única coisa boa daquela noite fora a informação que me dera.

— Portanto, o que vão fazer hoje é o seguinte — dizia a professora, já quase no fim da aula. — Vão escolher um livro do género que acordaram na aula anterior. Vão reunir-se com o vosso companheiro e cada um lerá em voz alta três páginas ao outro. Quero que o gravem em vídeo e mo entreguem amanhã no segundo bloco do dia. Não na próxima aula, mas amanhã mesmo. Vou estar na biblioteca.

Ouviu-se o toque e todos começaram a sair da aula. Eu comecei a guardar as minhas coisas na mochila. O Adrik pegou na sua, levantou-se e disse de forma clara, seca e sem direito a protestos:

— Às três vou ter ao teu apartamento.

Suspirei de cansaço.

Os meus dias livre dos Cash tinham terminado.

Os meus dias de descobrir coisas não.

Imediatamente a seguir, recebi uma mensagem da Artie no meu telemóvel:

> Jude, lembras-te da zona do bosque de Tagus de que te falou o Dash no outro dia? Encontramo-nos lá os quatro daqui a meia hora. Vou mandar-te a localização.

Procurei uma bicicleta num dos postos de aluguer e pus-me a caminho. A zona indicada pela Artie ficava nas profundezas do *campus*, onde deixava de haver edifícios e começavam as árvores e os bosques que rodeavam a universidade. Podia ir-se lá, mas não era muito recomendável porque corria-se o risco de se ficar perdida. De qualquer forma, era tão bonito que às vezes os alunos planeavam lá ir em grupo para passar um bocado. Supus que fosse para isso que me convidava.

Demorei uns dez minutos a chegar seguindo o GPS. Passei por um sinal de aviso e depois segui por um trilho. O caminho desapareceu de repente, por isso desci da bicicleta e caminhei enquanto a empurrava. Aquilo era mesmo bonito, tudo verde, repleto de árvores e de alguns arbustos. Quando cheguei ao lugar assinalado, não encontrei ninguém.

Hã, e a Artie, o Dash e a Kiana?

Olhei em todas as direções até que de repente vi qualquer coisa. Estava um pouco distante, mas era reconhecível: um carro. Duas silhuetas estavam sentadas em cima do capô, de costas para mim. Supus que fossem eles, portanto comecei a aproximar-

me.

Passados uns metros, apercebi-me de que não era a Artie, mas antes dois rapazes.

E um deles era nada mais nada menos do que o Aleixandre.

O estranho era que não estava vestido como sempre, mas antes com roupa desportiva e um chapéu. Falava com a pessoa sentada ao seu lado. Pensei que fosse algum dos seus amigos, ainda que me parecesse esquisito que o outro rapaz também usasse um chapéu e óculos escuros.

Tentava perceber porque estava ali o Aleixandre e não a Artie quando inesperadamente o rapaz ao seu lado, que eu não conhecia, se inclinou na sua direção e o beijou na boca.

Foi mesmo assim: o rapaz misterioso e o Aleixandre deram um beijo.

Fiquei boquiaberta. Depois, recuei automaticamente. Lembrei-me de todas as vezes em que o Aegan perguntara ao Aleix onde estava a sua miúda. E o que se passava com a Laila, que fora o seu par na festa? Tinha a certeza de que nem o Aegan nem a Laila faziam ideia disto.

Esta merda acabava de se tornar interessante.

E muito!!!

Subi de novo para a bicicleta e voltei rápido, já que era evidente que a Artie não estava lá. Quando cheguei ao apartamento, abri a porta com força, fora de mim. Encontrei-a no quarto, em cima da cama, com um monte de livros e trabalhos à sua volta, sem nada que indicasse que saíra ou que sequer pensara nisso. Olhei para ela, sisuda.

— Porque me mandaste ir ter ao bosque e depois não foste? — perguntei-lhe.

Não estava chateada, mas bem que precisava de respostas.

Ela não percebeu nada.

— Não te mandei ir ter a sítio nenhum.

— Mas eu recebi uma mensagem tua!

Levou uma mão à cabeça, como se se tivesse esquecido de me dizer devido à quantidade de trabalho que tinha.

— Perdi o meu telemóvel esta manhã enquanto estava numa apresentação no auditório — contou-me.

Então quem me mandara ir ter ao bosque com o telemóvel da Artie?

19

A falha deliciosa e tentadora no plano

Bem, agora descobrimos que o Aleixandre tinha uma relação secreta com um rapaz.

Tudo o que se relacionava com a pessoa que me estava a ajudar na minha investigação aos Cash era demasiado esquisito. Guiava-me, mas dava-me calafrios porque nem sequer conseguia perceber como sabia os meus verdadeiros objetivos. No fundo, deixava-me muito nervosa, assustava-me, inquietava-me não conseguir garantir que não diria nada, mas era óbvio que essa pessoa anónima tinha de odiar muito os Cash. E, enquanto nada viesse à tona, tinha de aproveitar a sua ajuda.

Antes de mais, claro, naquele dia teria de lidar com um desafio: o Driki.

Tocou à porta às quatro em ponto. Quando a abri, estava diante de mim com a sua mochila, um livro na mão e aquela expressão de poucos amigos estampada na cara. Encostei-me a um lado para o deixar passar. Ele olhou para o apartamento de testa franzida. Percebi porquê. Estava um desastre. Tinha livros, folhas, latas de café e *Coca-Cola* por todos os lados. Além disso, era o apartamento de duas raparigas desorganizadas, podia encontrar-se de tudo lá.

— Desculpa — apressei-me a dizer, penitenciando-me pela desordem. — Foi uma semana dura.

O Adrik pousou a mochila no chão e mostrou que podia ser igualmente caótico. Estaríamos a sós porque a Artie saíra para comprar um telemóvel novo.

— Trouxe o meu exemplar do *Jonathan Strange & o Sr. Norrell,* da Susanna Clarke — disse, erguendo o livro para que o visse. — Para que não digas que não tenho consideração nenhuma por ti, não tem dragões nem elfos. Acho que é o que deveríamos ler, ainda que, se achares que não aguentas e quiseres uma coisa mais leve, tenho a saga do Harry Potter.

Era muito bom a gozar sem ser demasiado óbvio. Semicerrei os olhos.

— A professora não acha que eu tenho a aprender contigo? Portanto, vou ler o que tu escolheres — respondi, tentando soar amável.

O Adrik pareceu surpreendido. Ergueu as sobrancelhas e toda a sua cara

evidenciava um grande «uau!».

— Estará a Jude Derry a admitir que sei mais do que ela? — disse, espantado. — Não posso crer.

— Não estou a admitir nada — respondi. — Só… — suspirei. Não tinha vontade de discutir agora. — Vamos lá fazer isto. Gravamos com o meu telemóvel.

O Adrik olhou para mim desconfiadamente.

— Porque não com o meu?

Ah, a essa pergunta era tão fácil de responder:

— Não quero que me tenhas no teu telemóvel. Espera aqui enquanto preparo tudo.

Fui até ao quarto, agarrei em duas almofadas e meti-as no centro da sala. O Adrik disse que só precisávamos de gravar-nos a ler, mas eu queria que aquilo ficasse perfeito. Então, ele começou a bisbilhotar enquanto eu limpava um pouco o lugar. Isto é, empurrei as coisas para um canto e pus o meu telemóvel sobre a secretária do portátil para que apontasse diretamente para nós.

— O que é isso? — perguntou o Adrik.

Apontava para a minha mochila. O incenso que o Dash me dera estava à mostra.

— Ah, isso é um tipo de incenso para relaxar, limpar a cabeça, acalmar os nervos, a ansiedade, qualquer coisa desse género — respondi, enquanto testava o ângulo da câmara e ajustava o temporizador para que começasse a gravar. — Acendemo-lo? Na verdade, estou um bocado assoberbada com tudo o que tenho para fazer esta semana e acho que preciso de baixar um pouco o meu nível de stresse.

O Adrik encolheu os ombros.

— Por mim, não há problema — aceitou.

Acendi-o na cozinha e coloquei-o junto à secretária, apoiado numa lata de *Coca-Cola*. No momento em que começou a soltar aquele fumo fino e lento, senti um cheiro agradável. Não conseguia dizer com precisão, mas fez-me lembrar um belo prado. Deixei-o atuar e, a pouco e pouco, o ambiente foi adquirindo um ar muito mais leve e refrescante.

Com tudo já pronto, o Adrik sentou-se numa das almofadas e logo a seguir eu sentei-me na outra. Ficámos frente a frente. A câmara estava a filmar tudo.

— Muito bem… — disse eu, abrindo o livro. — Eu começo. São três páginas, não é?

— Yap.

Comecei a ler as páginas que escolhi. A verdade é que a minha capacidade narrativa era muito boa, mas esforcei-me muito mais porque queria superar o Adrik no vídeo. Ele ouvia com atenção. Não me incomodou minimamente que ele estivesse a olhar

para mim.

De facto, de repente, nada me incomodava minimamente.

Pensei que o incenso funcionava mesmo. Comecei a sentir-me mais tranquila. Foi como se o fumo entrasse pelas minhas fossas nasais, juntasse todo o stresse e o expelisse. Fora preocupações, fora pensamentos complicados, fora os medos causados pelas possíveis falhas nos meus planos e até fora plano! Senti-me tão, mas tão livre que de repente fiquei calada e pisquei os olhos como se tentasse perceber qualquer coisa…

E de repente soltei uma gargalhada inesperada.

Não era muito claro porque me ria como uma louca, só sentia vontade de o fazer, e foi relaxante, tanto que o mundo me pareceu imediatamente mais divertido e menos realista. Ri-me às gargalhadas durante um bocado até que os meus olhos lacrimejaram um pouco. Depois, limpei-os e percebi que o Adrik me olhava fixamente com a sua cara séria.

— Lamento interromper o teu ataque epilético de riso, mas é a minha vez — avisou-me, sem julgar o meu momento de loucura.

Entreguei-lhe o livro e começou a passar as folhas. Eu tinha vontade de rir sem qualquer motivo, mas aguentei-me.

— Muito bem, agora silêncio — o Adrik aclarou a garganta e começou a ler.

Juro que me esforcei, mas ao mesmo tempo começou a acontecer algo muito, mas mesmo muito estranho. Num segundo o Adrik lia normalmente e no segundo seguinte parecia-me que a sua boca começava a mexer-se mais lentamente. Franzi a testa, surpreendida. Ouvia-o ler os parágrafos do livro, mas a minha perspetiva captava-o de forma estranha. Falava depressa ou devagar? Porque mexia a boca daquela forma? E porque é que de repente tinha vontade de me rir?

Contraí os lábios porque ele parecia bastante concentrado e me pedira que fizesse silêncio.

Não podia perturbá-lo…

Não podia interrompê-lo…

Não podia…

A gargalhada saiu contra a minha vontade, forte, escandalosa, como um espirro que não consegues evitar.

O Adrik parou de ler e olhou para mim, sério.

Tapei imediatamente a boca com a mão para conter o riso e olhei-o com os olhos bem abertos.

Ele olhou também para mim, impassível.

Olhei para ele, contendo o riso.

— Posso ler ou quê? — queixou-se, num tom bastante tranquilo.

— Desculpa — disse, ainda com as mãos a tapar a boca. — Continua, não ligues, continua…

O Adrik baixou o olhar para o livro e continuou a ler. A sua voz soava igual a sempre: baixa, clara, interessante, mas a boca, caraças, e os seus olhos…; continuava tudo a mexer-se de forma estranhíssima. Vi que as cores brilhavam mais e os seus movimentos, primeiro normais, acabaram por ficar parecidos aos de um filme de animação, muito apelativos. Via o mundo de forma louca e psicadélica. Seria real? Queria ter a certeza, precisava de ter a certeza…

— Jude, que raio estás a fazer? — disparou o Adrik, sisudo.

Quando as suas palavras esvaziaram o balão que eram os meus pensamentos (a sério, até ouvi esse som que faz um balão a vazar), apercebi-me de que me movera sem sequer reparar e que naquele momento estava de gatas, ao seu lado, prestes a tocar-lhe na ponta do nariz com a pontinha do meu indicador.

Fiquei imóvel, com a mão suspensa à frente da sua cara.

— O que foi? — disse, feita parva.

— O que é que se passa contigo? — perguntou, olhando-me de cima a baixo, confuso.

— Isso digo eu — respondi, como se tivesse de me defender por alguma razão. — Porque é que estás a fazer essas coisas?

O Adrik não percebeu nada. Tinha uma expressão de total perplexidade, uma perplexidade hilariante que ameaçava fazer-me rir outra vez, mas contive a gargalhada.

— Que coisas?

— Essas coisas! — apontei para todas as partes do seu corpo enquanto ele seguia o meu dedo como se lhe fosse tocar num olho. — Mexes a boca e a cara e as pálpebras e as cores…

O Adrik analisou-me, sisudo, depois olhou para a secretária onde o pauzinho de incenso ainda soltava fumo. O ambiente estava cheio desse aroma subtil, mas delicioso.

— Quem te deu isso? — perguntou-me, desconfiado.

— Um amigo — respondi num tom estridente, tentando não rebentar a rir porque agora as suas orelhas abanavam como as do Dumbo. — Foi uma oferta de um rapaz que os comprou para relaxar, mas...

— Jude — interrompeu-me o Adrik tranquilamente. Depois acrescentou: —

Acendeste um incenso com marijuana ou sabe-se lá o que mais.

A minha boca formou um «O».

Marijuana.

Ou sabe-se lá o que mais.

Meu Deus.

Meu Deus.

Meeeeeeeeeeu DeEeEeEus.

Em vez de perceber a gravidade da situação, explodi numa gargalhada. Foi uma gargalhada escandalosa e gozona. O Adrik arqueou uma sobrancelha. Agora tudo fazia sentido. De facto, sentia-me esquisitíssima, mas ao mesmo tempo bastante bem, como se o meu corpo fosse leve e devêssemos apenas desfrutar do mundo.

Porque é que o Adrik não desfrutava?

Porque é que o Adrik nunca desfrutava de nada?

De repente, centrei-me nisso.

— Não olhes assim para mim, como é que eu podia saber? — soltei entre risos. Endireitei-me e fiquei ajoelhada à sua frente, pensativa. — Então é por isso que a tua boca está a verter um arco-íris…

— Não percebo como não suspeitaste — respondeu, sem sombra de diversão, apenas com aquela expressão inalterável e aborrecida que o caracterizava.

— Ah, anda lá, ri-te um bocado! — respondi.

— Não sei do que é suposto rir-me — respondeu ele, sério.

— Tanto *fazzzzzzz* — insisti e pronunciei o z com um serpentear demasiado hilariante para que eu própria me conseguisse aguentar. — Isto não te afeta?

O Adrik suspirou e sacudiu a cabeça.

— Um bocado, mas tenho autocontrolo — admitiu e propôs-me sensatamente: — É melhor ires lavar a cara, beber um copo de água e ires deitar-te. Vamos apagar este incenso e depois podes ouvir música ou assim para que a moca te passe mais rapidamente.

Tentou ajudar-me a levantar-me, mas esquivei-me, inclinei-me um pouco para a frente e toquei a ponta do seu alucinadíssimo nariz. Era mesmo real, *ohmaigá…*

— Não me quero ir deitar, quero fazer alguma coisa divertida — disse, esquivando-me e afastando as suas mãos, que insistiam em acalmar-me.

Ocorreram-me milhares de coisas, desde saltar de algum sítio até comer coisas que nunca comera. Até me cheguei a perguntar o que sentiria se corresse toda nua.

— Não podes, estás mocada — explicou o Adrik, como se não percebesse porque é que eu não percebia e ele sim e eu não e…

De repente, conseguiu agarrar-me pelo pulso, mas eu resisti a pôr-me de pé. Tinha os meus níveis de diversão a mil e ele estava a dar cabo de tudo com aquela sua atitude castradora e amarga! Buuh.

— Porque é que és sempre assim? — queixei-me com um gesto exageradamente desagradado. Ocorreu-me imediatamente uma coisa e fi-la: — Ui, sou o Adrik, odeio toda a gente e vou mostrar isso fazendo uma cara de cu a toda a hora — disse, imitando a sua voz forte e grave.

— Sim, ah ah, hilariante — disse ele enfadado. — Agora levanta-te.

— Não! — recusei, fazendo um movimento com a mão, afastei-me e desta vez fui eu quem lhe agarrou o pulso. — Quero que te rias. Vou fazer com que te rias!

Então, atirei-me para cima dele. Não faço ideia por que raio fiz tal coisa, mas a verdade é que o fiz. Foi tão rápido e inesperado que o Adrik caiu para trás com o meu peso. Cavalguei sobre ele no chão. Aproveitei o seu desconcerto, a confusão com a imprevisibilidade do meu movimento, e comecei a fazer-lhe cócegas.

— Ri-te! Quero ter a certeza de que não estás morto! — exclamei enquanto distribuía as cócegas pela sua barriga, pelos sovacos, pelo pescoço…

— Jude… não… o que é que estás a fazer? — dizia ele, tentando lutar contra mim.

Como não se via nem uma sombra de riso, aumentei a intensidade das cócegas.

Devias ter visto a minha cara. Era como se a minha vida inteira girasse à volta de conseguir que o Adrik sorrisse, ainda que só um pouco. A convicção com que fazia aquilo era admirável e divertida. Estava disposta a conseguir o que quer que fosse, o gesto mais insignificante, qualquer coisa, por isso, combati as suas mãos, que procuravam deter-me.

Até que consegui.

A certa altura, o Adrik não aguentou mais. O riso escapou-lhe sem que ele quisesse. Afastou os lábios e mostrou os dentes brancos, todos iguaizinhos. Era a primeira vez que lhe via um sorriso tão grande. Um dos cantos da boca estava mais erguido do que o outro, não era um sorriso perfeito, mas fazia com que o seu rosto perdesse aquela amargura que sempre carregava e tivesse um brilho de alegria, de vida, de entusiasmo.

Era muito atraente até com essa atitude de indiferença e seriedade, mas quando sorria era… Merda, quando sorria era maravilhoso.

— Basta! — exclamou imediatamente. Lançou-se para a frente com uma força proporcional ao seu tamanho, agarrou-me pelos pulsos e ficámos ambos sentados frente a frente. — Já está. Contente?

Os seus olhos cinzentos tinham um brilho divertido. Já não estava tão sério. Despenteara-lhe tanto o cabelo que agora tinha um ar selvagem.

— Temos de avisar o jornal de Tagus — anunciei, alto e com toda a energia que a minha conquista me dera. — Adrik Cash tem um resquício de alma! Adrik Cash sabe rir!

— Diz-lhes também que mocada tens o triplo do peso — resmungou.

— Tenho o triplo do peso, mas posso fazer isto! — disparei.

Comecei a mexer os braços, a cabeça e o tronco de dentro para fora numa tentativa bizarra de dançar. Cantarolei com um ritmo esquisito, mas intenso. A minha cara acompanhou o ridículo do momento quando fiz uma boca de pato.

O Adrik olhou para mim, sisudo.

— O que é que estás a fazer? Que é isso? Hã? — disse, soltando umas risadas.

— Uma dança — respondi, ainda a abanar-me e a fazer caras estranhas. — Tenho os meus próprios passos de dança, não sabias?

— Para com isso — ordenou.

Mas, como lhe escapavam algumas risadas, comecei a dançar com maior intensidade e desenvoltura. Gostava disso porque o cabelo caía-me para a cara e sentia a cabeça como um balão leve e cheio. Toda a minha existência me parecia leviana. Queria rir, gritar parvoíces, queria fazer tudo ao mesmo tempo.

— Para lá com isso, Jude — insistiu ele de novo.

Tentou agarrar-me as mãos, mas eu continuei a mexê-las, mexendo-me de uma maneira louca e sem sentido. Começámos uma espécie de miniluta de mãos e braços até que ele me agarrou os antebraços com uma força imperiosa e me deteve.

— Está lá quieta, caraças! — exclamou com uma voz rouca.

Fiquei parada, respirando de maneira agitada, com madeixas de cabelo sobre a cara e sentindo as mãos fortes do Adrik como garras nos meus antebraços. Pisquei os olhos como uma parva e perguntei-me porque me exigia que parasse se nos estávamos a divertir, até que de repente me apercebi do que não reparara até então.

Estava sobre ele.

E quando digo «sobre ele» quero dizer que estava «em cima do seu…»

— Desculpa — sussurrei e engoli em seco. — Vou… levantar-me.

Tentei, mas ele não me soltou. Perguntei-me demasiadas vezes porque não me soltou o Adrik ou porque não lhe dei uma estalada e me levantei eu, e cheguei a admitir que, naquele momento, num lugar muito escondido dentro de mim, não queria que nenhum de nós fizesse isso.

— Não. — Era um som áspero, autoritário. — Não querias saber se estava vivo?

Ainda a agarrar-me pelos braços, empurrou as ancas para cima e, com esse movimento, o meu corpo ajustou-se perfeitamente ao seu. A firmeza em cima da qual estava sentada fez com que as cores e as coisas alucinadas ficassem suspensas no ar, desvanecendo-se. Mais do que nunca, estava consciente da sua presença, do seu cheiro atraente, do quão maior do que eu ele era, de que estávamos em contacto numa proximidade perigosa.

— Achas que estou? — perguntou-me, num sussurro rouco.

Não sei quem o fez primeiro, se ele ou eu, mas beijámo-nos. Bem, gosto de pensar que foi ele, mas admito que ambos nos deixámos levar pelo impulso.

Portanto, estás a ler bem: o Adrik Cash beijou-me.

Num momento havia entre os nossos rostos uma distância e no momento seguinte já não. Soltou um dos meus braços e passou-me uma mão pela bochecha, afastando os meus cabelos. Segurou na minha cabeça e puxou-me para ele sem hesitar. Os seus lábios afastaram os meus com grande facilidade.

A moca daquele estúpido incenso passou-me imediatamente, estão a ver? A única coisa que importava era que os lábios do Adrik se mexiam a um ritmo exigente e que eu o acompanhava sem qualquer objeção. Como podia recusar? Aquele sacana sabia dar um beijo. Não havia falhas na maneira como a sua língua tocava na minha ou como dava pequenas e suaves mordidelas no meu lábio inferior, nem muito menos na maneira como a sua mão deslizara desde a minha cara até ao meu pescoço para se enredar no meu cabelo. Até o seu hálito era delicioso, fresco. Os seus lábios eram suaves, a sua respiração pesada, a sua pele quente…

Desceu as mãos até à minha cintura e voltou a encostar-me de novo ao seu corpo com enorme habilidade. As palmas das suas mãos eram ágeis, ele sabia onde as colocar para me manter extasiada enquanto intensificávamos aquele beijo repentino. Por inércia, passei os meus braços à volta do seu pescoço e acabei com os meus dedos enredados no seu cabelo. Passou com os dedos na minha pele, o que funcionou como um toque que nos excitou ainda mais.

O beijo tornou-se mais efusivo. Merecia cinco estrelas, um mil em cem. Nunca, no meu historial de rapazes beijados, que eram ao todo seis, ainda que dois não contassem como beijos a sério, experimentara nada do género. Juro que me senti a ficar sem pernas, sem braços… sem nada. Se tinha algum tipo de resistência, ela foi com o caraças. Senti-me conduzida por ele, presa, totalmente atraída de imediato…

Até que acabou. Nada é para sempre, certo? Descobri isso mais tarde, mas naquele momento o Adrik interrompeu o beijo e quebrou o encanto. Abri os olhos como uma tonta, de lábios ainda entreabertos, inchados, encantados com aquela invasão.

Olhámos atónitos um para o outro. Ele respirava de maneira pesada. Pela primeira vez, via-o vulnerável. Estava tão confuso como eu, como se nem sequer percebesse como aquilo acontecera.

— Jude — começou a dizer, com um certo temor —, diz-me que não acabei de fazer o que acho que acabei de fazer.

— S-sim, fizeste — sussurrei, olhando assustada para cada centímetro da sua cara.

— Merda — murmurou.

— Merda — murmurei.

Ele fechou os olhos num gesto que me pareceu de arrependimento. Por um instante, senti… não sei… senti-me mal, mas… tinha razão.

— Isto não podia ter acontecido — suspirou o Adrik.

— Nunca — suspirei eu. A palavra saiu-me rouca, seca, esquisita.

— Foi… não quis… não devia… — murmurou, coçando a nuca, incomodado.

— Não interessa — respondi, como se não quisesse saber, e acrescentei uma risada, que inevitavelmente soou desadequada. — Pfff… foi só um beijo, nada de outro mundo.

O Adrik assentiu e forçou um ligeiro sorriso. Perguntei-me porque não punha a sua cara de pau e acabávamos já com isto, porque não entrava em cena a sua faceta seca e indiferente. Pelo contrário, pareceu-me que queria tentar… emendar o erro?

— Sim, sim, exato — concordou rapidamente. — Quer dizer, sim, foi bom, certo? Mas não tem importância.

— Totalmente de acordo — apressei-me a dizer, soando bastante amigável. Não lhe quis mostrar o que me passava pela cabeça. — Foi bom, nada de especial. Nem sequer me vou lembrar deste beijo daqui a pouco, garanto-te.

— Claro, ainda que, bem, não foi assim tão insignificante — comentou, ainda algo inquieto. — Quero dizer que… foi interessante.

— Eu sei — disparei. Sorri novamente, mas voltei a dizer uma coisa estranha. — És muito atraente, e sim, és odiável e não te suporto, mas mentiria se dissesse que beijas mal.

— Obrigado, acho que sou bom nisso — depois apontou para mim como se acabasse de se aperceber de que eu estava ali. Levantei as mãos, sorrindo. (Porque diabo sorríamos?! Ou melhor porque nos comportávamos assim?) — E tu não me ficas atrás. Bom controlo. Já beijaste muitos rapazes ou…?

— Não, não — disse, fazendo um gesto a sugerir que aquilo era pouco importante. — Tu marcaste o ritmo e eu segui-te; foi tudo.

— Claro…

— Sim…

Assentimos ao mesmo tempo, até que disparei:

— Bem, acho que tenho de me levantar.

O Adrik afastou as mãos num gesto rápido, tipo: «Ups, desculpa.» Tentei mexer as pernas porque tinha-o literalmente enredado nelas, colado a mim, mas enquanto tentava toquei-lhe ao de leve e… bem, uma pessoa sente o que sente sobre o que quer que seja que se sente. Isto é, estava duro. Duro! Nem sequer soube como reagir. A minha cabeça queria explodir. Portanto, levantei-me tão rápido quanto consegui e afastei-me dele.

Mal dei uns passos descobri que também eu… meu Deus, ficara excitada com aquele beijo? Que raio se passava comigo?

Aclarei a garganta e detive-me diante da janela. Fez-se um silêncio estranho, um silêncio que me fez sentir que algo não estava bem. Era o Adrik, o irmão do Aegan, um Cash…

Pareceu-me que também ele se levantara, mas não me virei para o confirmar.

— Tens de te ir embora — foi tudo o que consegui dizer.

— Mas o incenso ainda…

— Vou chamar a Artie para que me faça companhia — interrompi-o rapidamente, sem o deixar responder. — Além disso, já me está a passar.

Senti o peso do seu olhar sobre as minhas costas. Experimentei sensações estranhas. O coração batia-me rápido. Quis virar-me para ele, mas não consegui, não conseguia. As minhas pernas não se queriam mexer. Por um instante… tive medo de olhá-lo na cara.

Tocou um telemóvel. Pensei que fosse o meu e ia deixá-lo tocar, mas…

— É o Aegan — disse o Adrik.

Para piorar as coisas, claro, senti um acesso de medo ao ouvir aquele nome. Senti-me como se tivesse sido apanhada a fazer algo horrível. Mal me virei, vi que o Adrik saíra pela porta.

Fechou-a atrás de si, sobressaltando-me ao batê-la com estrondo.

No instante em que fiquei sozinha, fechei os olhos com força e respirei fundo.

Que merda se passara ali?

Como me esquecera de quem tinha de enfrentar?

Como era possível que me tivesse esquecido do meu plano?!

Queria destruir os Cash, não andar aos beijos com o Cash do meio enquanto namorava com o Cash mais velho.

Queria espetar a cara contra o vidro. Senti-me enfurecida comigo mesma. Agora o

Adrik estava de certeza convencido de que eu gostava dele. Isto é, tinha gostado do beijo dele, sim. Ele… ele… era diferente. Tinha a certeza de que ele tinha algo de diferente, mas continuava a ser o inimigo. Tinha de continuar a encará-lo como um inimigo se não quisesse falhar.

Agora o plano estava em perigo. Podia ir tudo por água abaixo se o Adrik contasse ao Aegan o que acontecera.

Comecei a rezar para que não o fizesse.

Contariam tudo um ao outro ou escondiam algumas coisas?

E o que seria de mim se o Adrik dissesse ao Aegan: «Acabei de beijar a tua namorada?»

Ah, merda.

Com esta não contava.

20

Há alturas em que tem de se dizer a verdade… ou é melhor não?

Estava a tremer quando atravessei a entrada da biblioteca para ir ter com a professora de Literatura. Não sabia o que ia acontecer, mas estava muito nervosa.

Ela estava sentada a uma mesa enquanto escrevia as notas em alguns relatórios. À frente, tinha uma pilha de *pens* dos alunos e alunas que lhe tinham entregado os seus vídeos. A única coisa que eu trazia na mão era o meu telemóvel, onde tudo ficara gravado, e uma carta chamada: suplicar.

— Bom dia, professora! — cumprimentei-a com todo o entusiasmo do mundo, apesar de no fundo me sentir muito nervosa.

Ela respondeu-me com afabilidade. Sentei-me à sua frente e comecei a explicar-lhe que o Adrik e eu tentáramos fazer o vídeo, mas que ficara tudo mal no fim. Disse que não íamos conseguir apresentar o trabalho naquele dia e que precisávamos de mais tempo para que voltássemos a fazê-lo bem.

No preciso momento em que me ia responder, apareceu o Adrik. Nunca me incomodara que chegasse atrasado onde quer que fosse, mas naquele momento irritou-me a um nível astronómico. Ele sabia que não tínhamos acabado o vídeo. Não voltáramos a falar desde que saíra do meu apartamento. Apesar de tudo, vi que nem sequer estava nervoso. Pelo contrário, mostrava-se tranquilo e apático, como se não se tivesse passado nada.

Tive vontade de lhe gritar: «Estamos prestes a chumbar! *Reatziona,* Adrik, *reatziona*!!!»

— Se nos deixar trazê-lo amanhã, entregamo-lo sem problemas — concluí com um tom dócil enquanto o Adrik se sentava ao meu lado na mesa.

A professora Lauris, pensativa, alternou o olhar entre nós. Quis juntar as mãos numa súplica, mas acreditava que ela seria compreensiva. Era uma professora tranquila, nada severa. E o Adrik era o seu favorito, certo? Não podia chumbar-nos.

Tive esperança. Reparei num brilho positivo no seu rosto…

— Deixem-me ver o que fizeram — suspirou ela por fim, esticando a mão na minha direção.

E… a esperança morreu naquele instante.

— Não! — exclamei rapidamente, e agarrei no telemóvel junto ao peito. — Por favor, professora Lauris, prometo que vamos fazer um bom trabalho para amanhã.

Procurei o apoio do Adrik por um instante, esperando que dissesse alguma coisa, mas ele estava só ali sentado, quieto, a olhar para a professora com um ar ausente e distante.

— Se não me mostrarem que ao menos tentaram, não vos posso dar outra oportunidade — insistiu ela, como se fosse muito simples. — Caso contrário, como posso saber que simplesmente não se esqueceram de fazer o vídeo e que por isso me vêm agora pedir um adiamento?

— Porque sabe que eu sou responsável — aleguei, com uma nota de súplica.

Ela formou uma fina linha com os lábios e observou o Adrik. Fiquei à espera de que dissesse qualquer coisa porque, caso contrário, estava capaz de lhe fazer engolir o telemóvel com o vídeo.

— Nunca deixei de fazer um trabalho — assegurou ele, sem dizer mais nada, meio sonolento.

Era aquele o seu argumento? Só isso?! Porque não nos defendia? Quis bater-lhe ali mesmo, mas contive-me.

A professora Lauris estendeu ainda mais a mão para mim.

— Ou me deixas ver o vídeo ou dou-vos já zero — alertou.

O que menos queria era um zero, mas também não queria passar vergonhas à sua frente. No vídeo ficara gravado tudo. Quando digo tudo, refiro-me, bem, àquela *coisa* tão estranha que acontecera entre nós.

Antes de entrar na biblioteca, achei que a conseguiria convencer. Ou melhor, achei que o Adrik me iria ajudar a convencê-la, mas, como ele não estava a colaborar, aquilo era um caso perdido. Envergonhava-me, mas a vergonha não me faria sair de Tagus, um zero sim.

Com muitas dúvidas e com o coração a bater a mil, desbloqueei o telemóvel, procurei o vídeo e meti no *play*. Passei-lhe o telemóvel e ela começou a vê-lo.

A princípio, tudo estava bem. Aparecíamos o Adrik e eu sentados à frente um do outro, a ler, mas depois… o horror começava. Eu desatava a comportar-me como uma parva, ele tentava chamar-me à razão, eu saltava para cima dele e no fim beijávamo-nos. Para rematar, nem sequer nos beijávamos como pessoas normais que

não sabiam o que estavam a fazer. Beijávamo-nos como duas pessoas com o cio que nunca tivessem tido contacto físico! O pior é que se via a saliência nas calças do Adrik. Sem esquecer que se ouvia perfeitamente tudo o que disséramos sobre o maldito incenso.

A professora parou o vídeo a meio do beijo.

Olhou para nós, curiosa e séria. Tinha a cara a arder de vergonha. Queria esconder-me debaixo de uma pedra e nunca mais de lá sair. Além disso, era estranho passar por aquilo com o Adrik ao meu lado, mas ainda mais estranho era que ele não parecesse incomodado.

— Desculpe — penitenciei-me, muito atrapalhada, esperando que mostrar-me tão patética ajudasse de algum modo. — Não estava em mim… Se nos der outra oportunidade…

A professora Lauris ajeitou-se na cadeira e suspirou. A sua expressão piorava o meu estado. Não parecia a professora relaxada de sempre. O seu olhar endurecera-se.

— A única coisa que não pode passar em claro é o facto de terem consumido drogas — disparou, com um tom duro de reprovação.

— Não fazíamos ideia — interrompi-a, recorrendo de novo ao que quer que me pudesse salvar. — Não costumo fazer isso. Disseram-me que era terapêutico. Não sabia que…

— E o senhor Cash não tem mais experiência nestas coisas? — inquiriu ela, dirigindo-lhe diretamente essa pergunta venenosa.

O Adrik encolheu os ombros. Raios, só queria pegar no livro mais grosso das estantes e bater-lhe com ele na testa. Continuava a parecer não estar preocupado.

— A princípio não me apercebi — limitou-se a dizer, sem grande interesse. — Essa é a verdade.

A professora esperou que dissesse mais qualquer coisa, eu esperei que dissesse mais qualquer coisa, mas ele não deu sinais de ter intenção de acrescentar mais nada. Então, a professora Lauris suspirou como se estivesse a decidir o que fazer connosco. Continuei encolhida na cadeira, nervosa. Queria falar, queria continuar a implorar, mas temi piorar as coisas.

— Vou passar-vos com a nota mínima — disse, depois de um minuto que me pareceu eterno.

O mundo caiu-me aos pés.

— O quê? — disse num suspiro de medo e desconcerto. — Mas disse que se lhe mostrasse o vídeo podia…

— Não vos posso dar outra oportunidade — esclareceu. — Se o problema fosse a

tua gravação ter ficado desastrosa, talvez vos tivesse dado mais tempo, mas o que acabei de ver está errado.

Claro que eu não seria a Jude Derry se me tivesse deixado ficar com aquela resposta. Tentei de novo convencê-la. Recorri a todos os métodos, mas não funcionou. Disse que devíamos agradecer por nos ter dado um suficiente sem nos suspender. No fim, saí da biblioteca a passos largos, afastando as pessoas sem querer saber quem eram, furiosa comigo mesma, com a professora e com a merda do mundo.

— Jude — interrompeu-me o Adrik num dos corredores.

— O que foi?! — disparei. Virei-me e olhei-o com olhos flamejantes de raiva.

Franziu a testa e observou-me com estranheza. Só faltou dizer-me: «Tem calma contigo.»

— Porque estás tão chateada? Não chumbámos — sublinhou.

E, olha, foi isto que ele disse, a forma como o disse e o momento em que o disse fez com que uma onda ardente de raiva me percorresse o corpo e me explodisse na boca.

— Não chumbámos? — repeti, muito devagar e de dentes cerrados. Cada palavra saía cheia de uma raiva intensa, contida mas ameaçadora. — Que raio se passa contigo? Chegas tarde e, além disso, não tentas que nos dê outra oportunidade. Sei que não ligas uma merda a nada, mas eu ligo. Não estavas sozinho neste vídeo, eu também fui prejudicada.

O Adrik pareceu confuso.

— Mas o que querias era não chumbar, certo? — perguntou-me, desconcertado.

Ter coçado a cabeça incredulamente incomodou-me ainda mais.

— Achas que ter nota mínima é bom? — refutei.

— Claro que não, mas ao menos não é um zero.

Dei um passo em frente, de dedo em riste. Ele olhou surpreendido para o meu dedo e depois para mim algo inquieto. Sim, eu era um pouco mais baixa do que ele, mas naquele momento senti-me altíssima, capaz de o superar no que fosse.

— Vou dizer-te uma coisa, Adrik Cash — comecei, num tom firme e agressivo. — No teu mundo, um suficiente não te afeta minimamente. Tens tudo resolvido. Se te apetecer, transformas essa nota numa melhor e, mesmo que não o faças, terás as portas abertas em todo o lado. No meu mundo de merda, uma nota mínima dá cabo de tudo, portanto, não posso permitir-me ter notas mínimas. Sabes porquê? Porque não tenho um apelido que me garanta que nunca hei de morrer à fome.

Ato contínuo, dei meia-volta e afastei-me pelo corredor.

Saí do edifício e detive-me lá fora, em frente a uma máquina que vendia barritas energéticas. Vasculhei os meus bolsos e saquei umas quantas moedas. Meti-as com

má vontade na ranhura, mas a máquina não me quis entregar a barrita. Dei-lhe umas quantas pancadas e a seguir, de repente, comecei a dar-lhe mais pancadas e pontapés, descarregando nela toda a fúria pelo que sucedera, somada à minha indignação por ter sido roubada por uma maldita máquina.

Acabei com a testa colada à máquina. Fechei os olhos e suspirei de frustração.

— E ainda perguntas qual a diferença entre um tiranossauro rex e tu — disse o Adrik atrás de mim.

— Não me compares a nada neste momento, que ganhas de qualquer forma — respondi na mesma posição, de olhos fechados e com uma vontade enorme de ser engolida pela terra.

Ouvi-o suspirar com enfado.

— Ouve, é só uma aula extra — como eu não disse nada, acrescentou com resignação. — Se quiseres, volto a falar com a professora amanhã para lhe pedir outra oportunidade.

— Não vais conseguir nada — disparei, frustrada.

Ele pôs-se ao meu lado e afastou a minha testa da máquina. Abri os olhos e detetei uma expressão traquina no seu rosto bem barbeado. Tinha umas leves olheiras, mas que não o tornavam menos atraente.

— A sério? Porque acho que só preciso de respirar perto dela e problema resolvido — disse muito tranquilamente.

— O quê? Vais prostituir-te por uma nota? — perguntei, sisuda.

— Não estás a armar um escândalo? — disse, como se se estivesse a esforçar em demasia. Depois acrescentou uma nota dramática às palavras, como se me estivesse a imitar: — Que o teu futuro depende desta nota, que isto e que aquilo… Obrigas-me a tomar medidas drásticas.

Achei uma certa piada àquilo, mas continuava preocupada, portanto, dei um pontapé numa pedra imaginária, inquieta, hesitante.

— Achas que vai funcionar? — murmurei.

Ele assentiu e, para dizer a verdade, transmitiu-me uma certa calma. Se o Adrik Cash era bom a alguma coisa era a fazer parecer que não valia a pena preocuparmo-nos com demasiadas coisas. A vida parecia mais simples e menos difícil ao seu lado.

— Tenho a certeza, até porque uma vez essa professora me deixou uma nota num exame a dizer: «Posso dar-te aulas privadas.» — E depois acrescentou num sussurro confidencial: — E ambos sabemos que ela não dá aulas de Matemática.

Não consegui conter o riso. Também não pude evitar suspeitar que o motivo para aquela mudança de atitude tão brusca da professora se devia ao facto de gostar do

Adrik e de aquele beijo lhe ter causado ciúmes. Não me surpreendeu. Ela olhava-o de forma estranha quando ninguém prestava atenção… exceto eu.

— Que esquisito — abanei a cabeça e ri ao mesmo tempo. — Bem, vou deixar-te resolver isso.

O Adrik esboçou um sorriso ténue.

— Devias confiar mais em mim, Jude.

Então deu uma pancada lateral num ponto específico da máquina e a sacana deixou cair a barrita que eu selecionara.

— Obrigada — assenti com sinceridade depois de a apanhar. Aclarei a garganta e com uma certa dificuldade acrescentei: — O que te disse antes… foi um pouco feio.

Fez um gesto para que não desse importância ao assunto. Nem sequer parecia incomodado, apesar de eu quase lhe ter dado um pontapé na cara.

— Não importa. Na verdade, tens razão — admitiu, encolhendo os ombros com indiferença. — Basta-me dizer o meu apelido para até aos arquivos secretos do Vaticano conseguir aceder, se quiser.

Ambos começámos a caminhar pelo passeio. Eu dirigia-me ao meu apartamento para despachar os trabalhos do dia. Não sabia para onde ia ele, também não sabia porque não ia no seu carro, mas a verdade é que nos fizemos companhia um ao outro.

Rasguei a embalagem da barra e dei-lhe uma trinca. Por um momento, não queria dizer nada, apenas mastigar. Mas de repente comecei a sentir-me algo incomodada ao recordar aquele beijo. Não fora a primeira vez que beijara alguém, mas fora a primeira vez que me sentira assim depois de beijar alguém. Não tinha a certeza se devia ou não ignorar isso. Era estranhíssimo. Eu costumava ser bastante equilibrada nesses assuntos. Não tinha problemas em dar a cara quando se passava alguma coisa. Mas agora era como se quisesse ignorar o sucedido e ao mesmo tempo saber o que ele pensava. Ainda que ambos soubéssemos que se tratara de um erro provocado pelo incenso, certo? Certo?! Sim.

Enchi-me de coragem.

— Sobre o que se passou ontem… — comecei a dizer, mas para minha surpresa ele interrompeu-me.

— O beijo — esclareceu, tranquilo, sereno, relaxado… — Não fales assim, como se fosse um tabu. Foi um beijo, toda a gente se beija, portanto está esquecido se é isso que tu queres.

Mastiguei lentamente e depois olhei para ele com uma expressão de «que diabo…?».

— Se é isso que eu quero? — perguntei, quase estupefacta. — Explica-te.

— Se quiseres agir como se não se tivesse passado nada, por mim não tem problema — respondeu calmamente. — Só te digo que o que quer que aquele incenso tivesse não era assim tão forte para nos deixar totalmente inconscientes.

— Estás a tentar dizer-me que o incenso não teve nada que ver com isso? — franzi as sobrancelhas.

— Influenciou, sim, mas tu devolveste-me o beijo e reagiste a ele.

Levantei o olhar, mais sisuda. O Adrik tinha aquele pequeno sorrisinho cansativo na sua atraente cara de cu habitual. Era o sorriso que aparecia quando tinha a certeza de ter razão em alguma coisa.

— Estás a insinuar que gostei? — disparei quando me apercebi do que ele estava a tentar dizer-me.

— Estou a afirmá-lo — corrigiu-me.

Estava a afirmar! Precisava de me defender de imediato.

— Olha que tu também gostaste — refutei, igualmente desafiante. — E as provas foram evidentes.

O Adrik revirou os olhos.

— Sim, tive uma ereção, o que é normal considerando que te mexias como uma louca em cima de mim e que o incenso me relaxou — disse, como se nada disso fosse relevante ou o tivesse incomodado. — Ser obstinado não quer dizer que não seja humano.

Lancei-lhe um sorriso largo, triunfal.

— Sublinhemos a parte «tiveste uma ereção» e acrescentemos-lhe «graças a mim».

Foi então que ele parou, olhou para mim e soltou num tom desafiador:

— Ah ah, e qual é o problema?

Ofeguei nervosa. Ofeguei tanto que até pareceu divertido e estúpido.

— O problema — repeti, olhando em redor, mexendo-me como se acabasse de ouvir algo absolutamente ridículo. — O problema é grande, Adrik. Claro que há um problema. Há um monte de problemas. Há uma lista de problemas.

Ele cruzou os braços e endireitou-se, olhando-me de cima com os olhos semicerrados e desafiantes.

— Muito bem, diz-me um.

Continuei ofegante porque de facto não sabia que cara fazer.

Ele estava a lidar com aquilo de uma maneira que eu não esperara. Para dizer a verdade, achei que ele faria uma de duas coisas: ou diria ao Aegan ou ignoraria. Como o Aegan não aparecera a humilhar-me publicamente e a chamar-me infiel, era evidente que o Adrik não lhe contara nada.

Vamos a ver, sabemos bem que se o Aegan tivesse descoberto teria feito uma aparição dois segundos depois.

— Bem, para começar, tu… tu és meu inimigo — argumentei.

— A sério? Em que guerra? — perguntou com a mesma postura desafiante.

— Nesta… — Fiz um círculo com a palma da mão a abranger tudo em meu redor. — Esta guerra. Esta.

— Não há nenhuma guerra. Isso é invenção tua.

Havia, sim, só que ele não sabia ou parecia não saber.

Decidi não continuar a correr riscos. Voltei a andar, trincando a barrita rápida e nervosamente. Trinquei-a tantas vezes que se formou uma enorme bola dentro da minha boca.

— Não sei que raio estás a tentar dizer — disse com dificuldade, enquanto tentava engolir.

O Adrik acompanhou os meus passos. Olhava para mim. Sentia o peso do seu olhar, mas continuei a olhar em frente e pedi aos deuses que me ajudassem.

— Nada. Só não sei porque não admites que gostaste — respondeu ele, como se fosse evidente.

— Mas porque é que tenho de admitir isso?! — queixei-me, e limpei a boca num gesto brusco. — Para que sintas que me ganhaste?

O Adrik segurou-me pelo braço, forçando-me a parar. O meu coração começou a bater muito rápido. Voltei a experimentar essa sensação de não saber como reagir, como enfrentar a situação. Era ele que provocava aquilo. Deixava-me sem argumentos, sem armas, sem a merda de um escudo que me defendesse. E eu odiava que assim fosse.

— Podes explicar-me porque achas que tudo é uma competição? — perguntou, com uma nota de enjoo. Já não sorria. As suas sobrancelhas estavam franzidas. Parecia confuso. — Porque não estou a perceber.

— E não é, Adrik? Diz-me lá, não é? — rebati com firmeza ou com o que achei que era firmeza.

Na verdade, já duvidava de tudo. Ele parecia mais desconcertado do que nunca. Era uma confusão genuína, com um toque de incómodo nos seus olhos.

— Dantes achavas que eu conspirava com o Aegan para te humilhar e agora achas mesmo que preciso de te superar numa coisa tão ridícula? — disparou, como se essa possibilidade fosse demasiado absurda.

E era? Era absurdo? Merda, senti-me esquisita. Não sabia o que fazer e por isso recorri a uma velha conhecida: a atitude defensiva.

— Podes dizer muitas coisas, mas isso não faz com que estejam certas. Não creio que a alcunha de Perfeitos Mentirosos seja apenas um acaso — disse. No entanto, a expressão do Adrik não se alterou. Antes pelo contrário.

— E uma alcunha estúpida já explica tudo?

— Se fosse só uma alcunha e não toda uma reputação… — sussurrei, semicerrando os olhos.

Franziu muito mais as sobrancelhas, abriu a boca para dizer algo, mas talvez lhe tenha parecido que não era a coisa certa, porque sacudiu a cabeça e num gesto tonto perguntou:

— Estás a falar comigo como se eu fosse um prostituto ou algo do género?

Fingi surpresa.

— Não sei, noventa dias… São quantas raparigas por ano? Não serão assim tantas, mas se contarmos as que se metem pelo meio, porque não acredito que conheçam o conceito de fidelidade…

Irritou-se… muito. A confusão desapareceu, apertou os lábios e endureceu o olhar. Por um momento, incomodou-me que olhasse assim para mim. Soube que fizera um disparate, mas um disparate era a única coisa segura a fazer naquele momento.

— Eu disse-te que não me interesso por essas coisas, mas tu só vês o que queres ver, não é? Deixa por um maldito segundo de me comparar aos meus irmãos e talvez consigas perceber qual de nós dois morreria antes de admitir alguma coisa aqui, porque não sou eu.

Ao dizer isto, virou-me as costas e atravessou a estrada para se afastar.

Respirei fundo, um pouco incomodada, e também dei meia-volta para me ir embora. Durante um momento, detive-me. Por um segundo, tive vontade de voltar atrás e de lhe dizer que sim, que sabia que ele era diferente, mas que demasiadas coisas me faziam desconfiar. No entanto, levantei a cabeça e prossegui.

Certo, era eu quem morreria antes de aceitar que o Adrik tinha de facto demasiadas coisas que me atraíam.

Maldito e sensual Adrik.

Maldito e sensual.

21

Talvez o «M» seja de morte

Chegou a sexta-feira, o dia em que o desconhecido do espelho me recomendara que fosse ao clube.

Não sabia o que iria acontecer, mas estava nervosa.

Entrei no clube. Mais uma vez, encontrei-o deserto. Atravessei a porta com o código, utilizando o que surgira no espelho. Nessa noite, as luzes eram uma mescla de violeta, rosa e vermelho, ouvia-se música eletrónica e, como sempre, havia gente com máscaras por todos os lados. A clandestinidade e a ilegalidade dominavam ainda mais o ambiente do que da outra vez. Vi um rapaz a levar uma pastilhazinha à boca, que não estava tapada pela máscara, e uma rapariga junto a ele que lhe saltou em cima para o beijar.

Mal, muito mal, Aegan. Como podias permitir o consumo de drogas?

Fui até à casa de banho das raparigas. Surpreendentemente, não estava lá ninguém. Era bastante grande, com quatro compartimentos e uma longa bancada com quatro lavatórios. O espelho sobre eles era retangular e ia até ao teto.

Bem, já ali estava. E agora? Deveria esperar por alguém? Deveria esperar por alguma coisa?

Passados uns minutos percebi que não. Ninguém ia chegar, porque mais uma vez não estava ali para me encontrar com quem escrevera a mensagem do espelho, mas para ver alguma coisa e, para ver essa coisa, deixara-me outra mensagem. Vi-a através do espelho enquanto dava alguns passos impacientes.

No teto, desenhada, havia uma fina seta vermelha que apontava para uma conduta da ventilação.

Meti-me num dos compartimentos e olhei para cima. Não tinha a grade que normalmente as condutas têm. Estava aberta, como se convidasse a espreitar o que havia lá dentro. Pestanejei. Queria que entrasse ali? A sério? Esta pessoa achava que isto era um filme do James Bond ou quê? A sério? Bem, ao menos estava certa de que não se tratava de um plano do Aegan, porque se me quisesse matar faria isso

olhando-me nos olhos, para desfrutar.

Bem, só saberia o que se passava se arriscasse outra vez.

E arrisquei porque, claro, caso contrário não haveria história.

Primeiro, subi para a tampa da sanita, depois para a tampa do autoclismo e depois tive de dar um saltinho perigoso para conseguir agarrar-me à conduta. Depois, apoiei os pés na parede do compartimento para ganhar balanço e consegui entrar, quase morrendo com o esforço, claro. Fiquei de gatas.

Mal conseguia acreditar que estava dentro de uma conduta de ventilação. Mais uma aventura para o meu currículo de experiências patéticas e absurdas.

Enquanto recuperava o fôlego, comecei a gatinhar sem fazer ideia de para onde me levava aquela conduta. A parte boa foi que não tive de gatinhar muito, porque em poucos segundos me deparei com a grade que ventilava aquela sala para onde a Artie e eu fôramos depois de sermos descobertas naquela noite. Vi que atrás da secretária estava sentado o Aegan e que em frente a ele, numa cadeira, estava um homem que eu não conhecia.

Percebi que era isso que deveria ver quando o Aegan perguntou ao tipo:

— Há algum risco de que se saiba o que aconteceu com ela?

Ela?

Quem era ela?

O meu coração começou a acelerar. A minha inteligência ativou-se e lembrei-me de registar aquele momento, portanto saquei do telemóvel e comecei a gravar a conversa.

— Todos os rastos foram apagados cuidadosamente — assegurou-lhe o desconhecido. — Mas…

— Podem associar-me a isso de alguma forma? — completou o Aegan. A sua voz era calma, mas parecia preocupado; deixava claro que o assunto era sério.

— Não, se tudo continuar como está. O que temos de fazer é evitar que alguém descubra o que de facto aconteceu.

«O que de facto aconteceu.»

— Isto era o que ela queria que acontecesse — queixou-se o Aegan com aquele tom autoritário e desagradado que o caracterizava. — Nem sei o que poderia acontecer se…

— Aegan — interrompeu-o o homem, tentando que ele não perdesse as estribeiras.

Mas ele queria perdê-las.

— Não posso encarar isto de ânimo leve — disse, tenso. — Isto é perigoso. Está tudo em jogo. A minha liberdade e o meu apelido.

— Tens de pensar com a cabeça fria e vais conseguir — disse o tipo. — Por agora, o importante é que está morta.

Só me veio à cabeça um nome: Eli.

Estavam a falar da Eli. A Eli estava morta!

Assustei-me muito, assustei-me tanto que as minhas mãos começaram a tremer, mas ao mesmo tempo foi como se esse medo, de alguma forma, esclarecesse alguma coisa na minha cabeça, porque nesse momento apercebi-me de algo muito, mas mesmo muito importante.

Lembrei-me de que o Aegan, da primeira vez em que me fora apanhar para me levar às aulas, enquanto escolhíamos a música dissera: «Não gosto. Prefiro ouvir o Mick Jagger, dos Rolling Stones.»

O Aegan gostava do Mick Jagger, era o seu cantor favorito. Ele usara o nome do Mick Jagger para apanhar o carro com uma declaração que certamente obrigara a Eli a assinar antes de a matar. Fora ele quem tratara de tudo!

— Ainda assim, tenho de encontrar o telemóvel dela — disse o Aegan, frustrado. — Está lá tudo o que ela queria usar para me culpar e essas provas têm de desaparecer.

— Procuraste nos sítios que te sugeri?

— Procurei em todo o lado — respondeu ele com um suspiro. — E nada. Não sei onde o escondeu antes de… Bem, antes do que aconteceu.

— Não te preocupes mais do que o necessário — aconselhou-lhe o homem. — Vou continuar atento e à procura, e vou trazer-te a informação necessária.

O Aegan ia dizer qualquer coisa, mas aconteceu um desastre.

Como já estava demasiado nervosa e ao mesmo tempo cheia de adrenalina, as minhas mãos trémulas falharam-me por um momento e, de repente, o telemóvel escorregou-me. Ao tentar apanhá-lo, bati com os dedos, o que evitou que caísse com estrondo contra a superfície metálica da conduta, mas ainda assim caiu e fez um ruído.

Po-rra.

Evidentemente, ambos ouviram. O Aegan olhou imediatamente para cima com a testa franzida. Reagi rápido e recuei para que não me pudesse ver através da rede.

— Foi a conduta? — perguntou o Aegan.

Ouvi a sua cadeira a deslizar. Tinha-se levantado. O meu coração acelerou muitíssimo devido ao medo de ser descoberta por um assassino. Continuei a recuar. A minha respiração queria sair-me pela boca rapidamente, mas consegui contê-la.

— Acho que sim — respondeu o desconhecido e depois de uma pequena pausa

disse: — Revistaram os acessos? Podem ser ratos.

— Não — disse o Aegan, soando mais duro do que nunca. — Aqui nunca houve ratos. Não desses.

Ao ouvir isso, a minha voz interna gritou-me como a Jenny gritou ao Forrest Gump: «Corre, Jude, corre!»

Precisava de sair imediatamente dali. Nervosa, gatinhei para trás até chegar à entrada. Primeiro, espreitei para garantir que não estava lá ninguém. Uma rapariga ia a sair. Quando tudo se acalmou, passei a perna pelo buraco. Enquanto me esforçava por apoiar o pé em cima do autoclismo para conseguir uma saída limpa, a minha agilidade, o meu equilíbrio e o meu próprio pé disseram-me: «Não vai dar, meu anjo» e escorreguei. Caí primeiro em cima da sanita, depois fui contra a parede do compartimento e por fim a minha cara bateu na porta. Senti mais dor na anca do que no rosto, mas ajeitei a máscara e saí dali.

Uma vez lá fora, tentei não parecer tão nervosa como de facto estava. Avancei por entre as pessoas, rumo às escadas que levavam ao piso superior e à saída. Pensei que ia conseguir, mas de repente vi o Aegan a sair de um corredor. Percebi que era ele pela sua roupa e não pelo rosto, que estava tapado com uma máscara de doninha. Suspeitaria de que alguém estivera na conduta da ventilação? Era isso que parecia porque olhava em todas as direções como se procurasse alguma coisa.

Dirigi-me ao bar. O Aegan atravessou a sala, a inspecionar. Mais atrás, reparei que o homem que estava com ele naquela sala também andava por ali a rondar. Meu Deus, quando era preciso que houvesse muita gente naquele sítio não havia. Não é que estivesse lá pouca gente, claro, mas com mais público teria sido mais fácil passar despercebida.

Comecei a sentir o nervosismo de uma perseguição, mas contornei o bar para poder retomar o caminho até à escadaria. No entanto, por algum motivo, o Aegan virou-se e ficámos frente a frente, mas a uns metros de distância.

A boa notícia foi que devido à pouca luz e ao facto de haver pessoas a passar de um lado para o outro era difícil que me reconhecesse.

A má notícia foi que ficou a olhar na minha direção, talvez a suspeitar de mim.

Só consegui pensar que precisava urgentemente de um plano ou ele ia descobrir-me e num impulso fiz a primeira coisa de que me lembrei, que não foi o mais inteligente, mas o mais útil. Havia uma bebida em cima do bar. Agarrei-a e despejei-a nas costas de uma rapariga. Afastei-me para que parecesse que tinha sido outra. A miúda empurrou a desconhecida e começou uma discussão.

A isso chama-se estratégia.

Aproveitei para contornar de novo o bar como se o Flash em pessoa me tivesse entrado no corpo. Mesmo antes de chegar às escadas, lembrei-me de olhar para trás. O Aegan estava a afastar as pessoas para chegar a mim.

Só me restava fazer uma coisa:

Correr.

Correr como se não houvesse amanhã.

E, como diriam os nossos amigos mexicanos:

¡Vamonos a la verga, güey!

Subi as escadas a toda a velocidade. Assustei-me a sério. As luzes, as máscaras, os corpos: tudo parecia demasiado perigoso e avassalador à medida que fugia. Talvez as únicas coisas a jogarem a meu favor naquele momento fossem as luzes baixas e a minha capacidade de não tropeçar. Atravessei a porta enquanto o meu peito subia e descia violentamente, atirei a máscara para a caixa, atravessei a outra porta e voltei a correr.

Por um momento, senti que não ia conseguir, mas saí do clube. Agradeci que fosse de noite, porque tudo estava mais escuro e havia menos visibilidade. Atravessei a rua a uma velocidade surpreendente e corri ainda mais rápido.

Precisava de ir para algum sítio.

Mas não podia ser para minha casa.

Porque estava lá a Artie e eu estava assustada e era possível que o Aegan me tivesse seguido… E se me tivesse reconhecido? E se não? Mas e se sim? Podia pô-la em perigo…

Enquanto pensava e corria ao mesmo tempo, não reparei que estava a andar pelo meio da rua até que um carro que vinha a dobrar a esquina travou de repente para não me atropelar. Foi tudo tão rápido que não consegui reagir e fiquei paralisada, portanto, quando o barulho dos pneus parou, fiquei com as mãos sobre o capô.

Uma cabeça surgiu da janela:

— Jude?

Era o Adrik.

Era o Adrik!

Passei a sentir-me totalmente religiosa e crente, porque aquilo tinha de ser um milagre.

Olhou confuso para mim, como se encontrar-me ali — e naquele estado tão catastrófico — fosse o que menos esperava na vida. Portanto, olhámos um para o outro durante um momento, de uma ponta à outra, como um par de pessoas paradas no sítio menos indicado, nas circunstâncias mais perigosas, correndo o risco de

embater num erro.

Caos e tragédia, face a face.

No entanto, a toda a velocidade, fui até à porta do pendura, abri-a e entrei no carro.

— O que se passou? — perguntou-me, sem perceber o que estava a acontecer. — Porque estavas…?

Não ia explicar-lhe.

— Arranca e leva-me para tua casa — pedi-lhe.

— Mas…

— Arranca já!

Ele obedeceu. Carregou no acelerador e saímos dali. Por um momento, olhei para trás. Como não vi ninguém, acomodei-me ao assento. Tinha a respiração agitada e um medo lancinante percorria o meu corpo.

Tinha a certeza de que não podia regressar ao meu apartamento para já.

Ainda que isso significasse estar com o Adrik.

E desta vez não havia álcool para ajudar a que nos dessemos bem.

22

Ai, Jude, estás a brincar com o fogo. Podes não te queimar agora, mas vais queimar-te

O Aegan tinha matado a Eli.

E eu estava no carro do seu irmão.

Perguntei-me se o encontrara porque ele estava a caminho do clube, mas olhando-o de soslaio apercebi-me de que estava vestido com roupas desportivas, como se tivesse acabado de sair do ginásio, e que o seu cabelo estava como quando seca depois de suar. Além disso, tinha uns fones a saírem-lhe do pescoço. Não era roupa de discoteca.

— O que estavas a fazer? — perguntei-lhe, como se ele não me tivesse acabado de encontrar a correr no meio da rua.

Também não lhe pareceu estranho.

— A treinar — respondeu. Depois apontou para um saco pousado mesmo à minha frente em que não reparara até àquele momento. — E isso é comida. E tu…?

— Não perguntes — disse. — Não agora.

Não conseguia deixar de ouvir na minha cabeça: «Está morta, a rapariga está morta e foi o Aegan quem a matou, tal como a Artie suspeitava.» Tinha a cabeça a andar à roda, porque suspeitar disso era uma coisa, mas confirmá-lo era… aterrador. De novo.

Tudo de novo.

Apercebi-me de que tínhamos chegado porque o Adrik abriu a sua porta. De maneira automática, fiz o mesmo e caminhei atrás dele até entrar no edifício. Começámos a subir as escadas sem dizer nada, ainda que a certa altura não tenha conseguido subir o degrau seguinte. Não pude evitar tapar o rosto com uma mão. O meu controlo desvanecera-se e soltei umas lágrimas estúpidas. Como tinha os olhos fechados, não reparei que o Adrik se apercebera de que eu tinha parado e que também ele o fizera.

Fez-se silêncio.

— Jude — disse, passados uns segundos. — Não sei o que fazer quando as pessoas choram, mas podes contar-me o que aconteceu.

Recusei com a cabeça, incapaz de me conter.

— Aconteceu alguma coisa com o Aegan? — perguntou.

Esfreguei os olhos para secar as lágrimas, mas outras caíram.

— Não te prometo que possa dizer alguma coisa que te sirva de muito, mas talvez falar te faça sentir melhor — insistiu ele.

Funguei para conter o ranho que ameaçava juntar-se àquele meu momento patético.

Mas, em vez de lhe contar o que se passara, deixei fluir o estranho impulso que me assolou nesse momento.

Eh eh, alto lá, louca/louco, que não foi o impulso que estás a imaginar.

Aproximei-me dele e apoiei a cabeça no seu peito, para que vejas o quão ousada e atrevida fui. Ainda estava com medo e começara a sentir-me menos corajosa do que antes, por isso, precisava de novo dessa estranha sensação de bem-estar que experimentara com aquele abraço do Adrik na cabana. Era o que queria sentir outra vez, ainda que fosse só por um momento, para me restabelecer, porque não sabia por que raio aquilo era reconfortante, mas era.

E sim, era errado, mas não incómodo. Nem sequer conseguia sentir vergonha depois de ter dormido seminua com ele e de nos termos drogado com incenso. Era inevitável, algo mudara.

Ele ficou desconcertado com o meu gesto, mas de seguida pousou as suas mãos nas minhas costas. Cheirava a suor, mas era um odor leve, masculino, nada desagradável, além de que confirmava as suas palavras. Tinha mesmo estado no ginásio.

— Adrik…? — sussurrei com o rosto afundado no seu pescoço.

— Sim? — respondeu, num tom baixo, algo tolhido pela surpresa, mas íntimo, como se aquele fosse um momento romântico.

Um momento romântico que desmoronou quando eu disse:

— Vais comer essa comida toda sozinho? Podes partilhá-la comigo?

Afastou-me dele e olhou-me com uma expressão de divertido espanto. Com aqueles sorrisinhos, o seu rosto perdia a sua amargura habitual e os seus olhos estreitavam-se ligeiramente. Maldito. Era mesmo giro. Não o podia negar.

— Não há coisa mais esquisita do que tu, Jude — disse-me, como se eu não tivesse remédio.

Chegámos ao apartamento. Não lhe contei o que se passara no clube, claro. Tive de

lhe mentir, como sempre. Disse-lhe que tinha ido a uma festa muito louca a que não devia ter ido e que me pregaram uma partida muito pesada. Acreditou em mim. Ele achava que eu fazia coisas demasiado esquisitas e que já nada do que eu dissesse o surpreenderia.

Já no apartamento, tive de esperar que tomasse um duche. Esperei sentada no sofá, roendo uma unha e com uma perna a tremer por causa dos nervos. O coração ainda me batia com uma rapidez inusual. E se o Aegan aparecesse? Diria que estivera a fazer o trabalho para uma cadeira com o Adrik. Era um álibi. Nunca poderia ter estado no clube.

Voltou uns minutos depois, limpo, com o cabelo molhado e os ombros algo salpicados de água e nus, já que vestira uma camisola de manga cava. Reparei num fio com um pendente de prata em forma de «M» que trazia ao pescoço. Hum, o que quereria aquilo dizer?

Sentámo-nos a comer no sofá que ficava em frente à enorme janela da sala. Ele ficou numa ponta e eu na outra. Via-se que o céu estava repleto de estrelas e que lá fora não se ouvia outra coisa para além dos grilos. A brisa era algo fria, mas, uau, o seu apartamento tinha a melhor vista de Tagus. Via-se os telhados dos edifícios, as árvores e as zonas verdes. Era lindo.

— O que te fizeram ao certo? — perguntou-me enquanto levava os *noodles* à boca.

— Foi suficientemente horrível para ter vindo contigo para aqui; portanto, imagina.

O Adrik soltou um sorriso tranquilo, algo trocista.

— Que foi? — Ergui uma sobrancelha. — Estás a rir-te de quê?

— De nada. — Encolheu os ombros. — Pensava que a Jude Derry era capaz de enfrentar tudo e todos e de engolir o mundo. Nunca imaginei vê-la chorar.

Surpreendeu-me que confessasse ter pensado isso acerca de mim, que me achava forte e corajosa. Eu não conseguia olhar para ele como dantes por causa da merda daquele beijo. De facto, reparava em coisas a que dantes não prestava atenção, como o facto de não ter o ar de superioridade do Aegan, não ser altivo, não sentir a necessidade de se distinguir dos demais, nem de controlar tudo ou de ser admirado. Nem sequer lhe interessava se parecia ser odiável ou indiferente. E não precisava de fingir ser agradável.

O Adrik mostrava que não se importava com nada, mas ao mesmo tempo eu suspeitava de que se importava com demasiadas coisas.

Era diferente, sim, e eu fora má para ele ao tentar defender-me.

— Ter-te julgado apenas pelo teu apelido foi um pouco errado — disse-lhe a certa

altura, enquanto brincava com os meus *noodles*.

— Não é a primeira vez que me acontece, Jude — assegurou ele, encolhendo os ombros para mostrar que não dava importância ao assunto. — E ter dinheiro não torna a vida mais fácil, ao contrário do que tu achas. Por exemplo, não há um único dólar que faça com que o nosso pai deixe de ser um imbecil ou com que deixe de me parecer uma merda estar cá.

Aquilo, sim, foi uma surpresa.

— Não gostas de Tagus? — perguntei, totalmente desconcertada.

— Não gosto da maioria das coisas que tenho de fazer apenas porque é assim que se faz na minha família — admitiu. Depois, abanou a cabeça e reparei que tinha o maxilar tenso, como se lhe desse uma certa raiva falar do assunto. — Sempre pude escolher, também não sou nenhuma vítima, mas sempre me deixaram claro que as minhas escolhas só causariam problemas, e sou preguiçoso para enfrentar esse tipo de problemas.

Perguntei-me por que raio conseguia deixar-me tão impressionada quando falava de si. Era como descobrir uma pessoa que não pertencia aos Cash, como se o que eu soubesse acerca dele e da sua família fosse uma mentira bem montada.

— Mas parece que fazes sempre o que bem te apetece — disse.

— Às vezes faço o que quero, mas outras vezes não — aceitou, ainda que sem grande entusiasmo. — Tento não me opor ao Aegan porque prefiro que esteja entretido do que me ande a chatear a dizer que temos de deixar uma marca, que somos importantes…

E porque o Aegan sabia algo. Algo que usava para controlar os seus irmãos. Perguntei-me se estaria relacionado com a Eli e com a sua morte, mas se o único responsável era o Aegan, o que teriam o Aleix e o Adrik que ver com isso? Saberiam o que se passara e estariam a encobri-lo?

Não me agradou a ideia de que o Adrik fora cúmplice.

— Deixa-lo ganhar para que te dê liberdade — disse, para confirmar se percebera bem.

— É mais ou menos isso — afirmou com uma notória acidez.

— É injusto. No fundo, estás a fazer o que ele quer.

O Adrik fixou o olhar em mim. Quis perguntar-lhe porque parecia tão cansado. Alguma coisa não o deixava dormir? Aquelas olheiras… quem as causava?

— No fim de contas, sou um Cash, como tu dizes — disparou, erguendo um pouco o canto direito da boca num sorriso amargo. — Prefiro não enfrentar nada e simplesmente deixar passar. Se há um problema, presto-lhe atenção quando me diz

respeito e se me pedem que faça algo, eu faço, porque me parece cansativo contrariar ou criar uma confusão com que não quero ter de lidar.

Olhei para a garrafa com a testa franzida, um pouco incomodada pelo que me estava a dizer. Será que em todos os universos possíveis, o Aegan conseguia o que queria fosse de que forma fosse? Ter os irmãos sob o seu controlo era demasiado rasteiro.

— Mas tu… — comecei a dizer e contraí os lábios com um certo desgosto. — Não tens de respeitar esse jogo dos noventa dias só para agradar ao Aegan. Ainda que suponha que estejas apaixonado pela rapariga da fotografia porque…

No momento em que deixei escapar isso, percebi que fora um erro. O Adrik olhou para mim com surpresa, como se dissesse: «Como é que sabes isso?»

— Esquece — acrescentei imediatamente, mas claro que ele não ignorou o que dissera.

— Que rapariga de que fotografia? — perguntou.

Bem, já não havia volta a dar… Eu quis bater na minha própria boca com uma pedra. Aquele não era definitivamente o meu dia. Bebi um grande gole num gesto de frustração e ganhei balanço para continuar.

— A do teu quarto — respondi. — Eu vi-a, e também sei que mandas uns peidos horríveis.

O Adrik suspirou num riso ácido e nada divertido, que me pareceu algo absurdo. Ao mesmo tempo, abanou a cabeça.

— Não estou apaixonado pela rapariga dessa fotografia.

O seu maxilar ficou ainda mais tenso e franziu um pouco as sobrancelhas. Reparei num gesto de desagrado, portanto, senti a necessidade de aligeirar o momento.

— Olha, não te vou pedir nada, *OK*? Nem sequer nos devíamos ter beijado e…

— É a minha prima — interrompeu-me, baixinho. Fechei abruptamente a boca. — Bem, era como se fosse minha irmã.

Certo, não contava com aquilo. Nem sequer soube o que dizer, até que me apercebi do tempo verbal que usara.

— Espera, disseste «era»? Aconteceu-lhe alguma coisa?

— Partiu, já cá não está — respondeu e olhou para a rua, agora sério e inescrutável, de novo com essa expressão que não permitia decifrar nada.

Ainda assim, percebi que o assunto o afetara. Por isso, abri a boca para dizer alguma coisa, para tentar emendar o meu erro e salvar o momento, mas balbuciei e só consegui dizer:

— Merda, lamento ter-te feito pensar nela, Adrik. Eu…

— Tranquilo, não importa — interrompeu-me ele, seco, duro, como o Adrik inalcançável de sempre.

Percebi que não devia fazer mais perguntas sobre aquela rapariga, que não devia sequer ter referido a fotografia. Merda, às vezes sou uma linguaruda.

Ficámos em silêncio durante um bocado. Tive a esperança de que desaparecesse o incómodo e a distância que se criara ao puxar o tema da prima, mas já não havia nada a fazer e irritei-me comigo mesma. Quando o Adrik por fim se abria comigo para me contar coisas, de repente eu dizia o que não devia e ele voltava a erguer um muro e regressava à sua faceta de rapaz silencioso e frio, que não queria grandes conversas. O que raio se passava comigo?

Respirei fundo e levantei-me do sofá.

— Acho que devia ir-me embora — suspirei, sentindo-me estúpida por ter lixado tudo daquela maneira. — Este bocado foi ótimo, obrigado por… me teres apoiado e isso.

— Muito bem — limitou-se a dizer, igualmente frio.

Bem, nem sequer queria saber se eu me ia embora ou não. Estava com certeza chateado.

«Ótimo, Jude. Como te foste lembrar de falar na prima/irmã que teve de partir? Meu Deus, não era melhor ter-lhe dado um pontapé no meio das pernas?»

Comecei uma luta mental comigo mesma enquanto pousava a garrafa na mesinha da sala. Já não me restava outra hipótese que não fosse ir-me embora porque, apesar de ter feito merda, no meu mundo orgulhoso tinha sempre de se sair de cabeça levantada e não se contemplava sequer a hipótese de um pedido de desculpas. Só que pela primeira vez perguntei-me: devo continuar a fazer isto?

Percebi que não queria, que tinha um novo impulso dentro de mim, ansioso por sair. Um parecido com o que antes me impelira a abraçar o Adrik. Era este impulso que desejava dizer-lhe algo que não devia.

Mas e se cometesse um erro ao dizê-lo? Por outro lado, como saberia se era ou não um erro?

Merda…

Jude Derry enfrentava qualquer circunstância.

Chegara o momento de encarar aquela.

Virei-me com um certo nervosismo. O Adrik continuava a olhar para a rua, talvez à espera de ouvir a porta a fechar.

— O que disseste naquela noite na casa na árvore é verdade — disse, tentando soar firme e tranquila, ainda que sentisse o estômago às voltas e o coração a começar a

bater com mais força. — Sou um desastre. Sou insuportável. Acho sempre que sei tudo, que sou capaz de tudo e que sou mais forte do que toda a gente. Sou muito intensa e tão orgulhosa que me arde a língua só de pensar na ideia de pedir desculpa, mas, apesar de tudo isso, acho que não morro se admitir por uma vez que me enganei.

O Adrik girou a cabeça e olhou-me com interesse.

— Em que é que te enganaste? — perguntou-me, sereno e nada surpreendido. Também não parecia pelo seu tom que tentava gozar comigo, aproveitando-se daquele meu ataque de sinceridade.

Engoli em seco. Estava nervosa.

— Numa coisa que não queria mesmo dizer — admiti num tom mais baixo, um pouco inseguro.

O Adrik ajeitou-se no sofá. Agora olhava-me nos olhos, atento.

— E não querias porquê?

Passei a mão pelo braço, sentindo-me exposta, vulnerável.

Desviei o olhar, algo hesitante, nervosa, com o coração a bater-me mais rápido do que no início. Não sabia se deveria dizê-lo. Não sabia o que aconteceria se o dissesse, mas precisava de ser sincera. Era uma sensação que me dava a volta ao estômago. Se não soltasse agora, iria acumular-se dentro de mim e converter-se-ia em algo ainda pior. Precisava ao menos de que alguma coisa me livrasse desse sentimento. Se conseguisse fazê-lo agora seria muito mais fácil.

— Porque me assustava.

— O que é que te assustava? — o Adrik franziu as sobrancelhas, foi um gesto de verdadeira incredulidade, como se não percebesse o que lhe estava a dizer. — O que é que achavas que seria o pior que te podia acontecer?

— Que… — a palavra saiu numa voz muito ténue.

— Que…? — incentivou-me.

Fechei os olhos e respirei fundo. Não posso dizer que a minha voz fosse firme. Talvez tenha soado vulnerável, afetada, hesitante em certos momentos, mas foi sincera:

— Que ao admiti-lo não soubesse como fazer para deixar de sentir isso, porque gostei do beijo, Adrik. Gostei mesmo.

Fez-se um silêncio. Foi o pior silêncio da minha vida. Foi tão profundo, tão significativo e ao mesmo tempo tão incompreensível que dei meia-volta com vontade de me ir embora, porque juro que achei que ele não ia dizer nada, que me ia mandar à merda sem dizer uma palavra…

Mas, de repente, ele aproximou-se de mim e agarrou-me pelo braço. Fez-me virar e ficámos frente a frente. Tomei consciência da sua altura, da sua proximidade, do calor que emanava do seu corpo. Observou-me por um instante com uma atenção peculiar que me fez estremecer e me causou um tremor temeroso, mas efervescente.

— Desintegraste-te ou rebentaste por dizer isso? — disse, menos frio do que um instante antes.

— Não gozes — sussurrei, sisuda. — Sabes que eu ter gostado não está certo, Adrik; não está nada certo.

Soei de facto aflita, frustrada e ele notou. Franziu as sobrancelhas, mostrando o seu desacordo.

— Quem disse que é errado?

— É que tu não fazes ideia… — murmurei, sentindo-me demasiado atormentada e culpada. — Não sabes nada…

…do plano, do que estou a fazer em segredo, que estou a fingir… Era bastante provável que o Adrik fosse cúmplice do Aegan ou que soubesse que eu só queria atacar o seu irmão, mas como às vezes demonstrava ser o exato oposto do que era um Cash, não sabia o que pensar. E ainda soube menos quando as suas mãos seguraram no meu rosto e exigiram que olhasse para si.

— Não sei o quê? Que não estavas à espera de gostar do idiota que te deixa calada a toda a hora? — perguntou, acertando em cheio. — É isso que te incomoda? Não interessa, as coisas acontecem e é tudo.

— Tu não gostas de mim, Adrik — respondi, tentando não sei que estupidez para o convencer de algo sem sentido.

Ele comprimiu os lábios e lançou-me um olhar algo duro.

— Podes deixar de ser tudo menos uma sabichona insuportável, não é? — protestou.

— O quê? — disse, incomodada, e depois soltei um riso extravagante. — Vais dizer-me que gostas de mim, nem que seja só um bocadinho?

Não disse nada por um instante. Soltou ar pelo nariz. Ficou pensativo. Talvez hesitasse entre dizer ou não alguma coisa, mas no fim falou.

— A verdade é que não gostava de ti, Jude — admitiu, sério e decidido. — Mas agora não faço ideia se gosto pouco ou muito, mas vou descobrir o que raio é isto.

Os seus lábios encontraram os meus antes de que eu percebesse o que ele queria dizer com isso. Puxou o meu rosto até ao seu e beijou-me, não como da outra vez, não com aquela efusividade inconsciente, mas com uma suavidade, uma lentidão e uma habilidade que voltou a deixar o meu corpo desarmado.

Se havia um plano, eu não me lembrava. Os lábios do Adrik afastaram os meus com muito cuidado e causaram uma leve e demorada fricção que me queimou a boca. As suas mãos desceram numa carícia desde a minha cara até ao meu pescoço, continuaram pelos meus braços abaixo para depois se deterem na minha cintura e me encostarem ao seu corpo. Então, numa aceleração imprevista, intensificou o beijo e a sua língua colou-se com agilidade à minha boca até me tocar na língua.

Meu Deus, foi o beijo mais delicioso que me tinham dado na vida. Nunca me tinham feito bater o coração daquela maneira; estava nervosa e ansiosa. Nunca me tinham feito tremer como fez o Adrik com aqueles movimentos habilidosos. Por isso, nem sequer me apercebi em que momento nos mexemos. Só reparei que o Adrik caiu sentado no sofá e que eu me sentei em cima dele. Pus as mãos nas suas bochechas para aproximar o rosto do Adrik do meu e para que a sua boca não se afastasse da minha. Não queria perder nem uma mordidela, nem uma sucção da sua língua. Era delicioso, fresco, como quando experimentas pela primeira vez um prato que se torna imediatamente no teu favorito.

O Adrik pôs as mãos no meu rabo e acomodou-me ao seu corpo. Mal o fez, senti uma corrente na barriga, já sabes, essa pontada que sentes quando começas a ficar entusiasmada. A verdade é que nem pensar nisso me envergonhou. As coisas são o que são. Não havia outra maneira de dizê-lo: eu estava excitada. Ele apertou ligeiramente o meu rabo e uma nova corrente incendiou-me, mas foi pior quando as suas mãos subiram até passarem por baixo da camisa que eu trazia vestida.

— Adrik, o que é que estás a fa…? — disse colada aos seus lábios, tentando parálo.

A tentativa falhou porque estremeci quando os seus dedos tocaram na minha pele nua. Foi um contacto quente, suave, mas poderoso. Apertou a minha cintura, ao mesmo tempo que mordiscava os meus lábios. Tive de respirar fundo perante a loucura de sensações que começaram a despertar em mim.

— O que estou a fazer? A beijar-te… — disse imediatamente num tom rouco, baixo, com a respiração um pouco pesada. Soou tão sensual, tão ansioso que se gerou entre as minhas pernas uma palpitação dolorosa. — E a tocar-te…

As mãos subiram um pouco mais, acariciando-me com as palmas.

Eram grandes para o meu tronco e isso era fabuloso. Senti que podia segurar-me de qualquer maneira. Imaginei tantas coisas que fechei os olhos mal os seus polegares tocaram na curva dos meus seios.

— Queres que pare? — sussurrou.

— Não… — sussurrei, muito baixinho.

— Ah, é a primeira coisa em que estamos de acordo — murmurou, maliciosamente divertido.

Subiu até encontrar um dos meus seios. Apertou-o suavemente e ao mesmo tempo procurou de novo os meus lábios. Beijou-os um pouco com firmeza, sem restrições nem hesitações. Depois decidiu descer até ao meu pescoço, beijando-o com cuidado e deixando um rasto de humidade e de pequenas mordidelas. Pensei que não poderia gostar mais até que, com a mão que ainda tinha no meu peito, me deu um beliscão com o polegar e o indicador que me fez soltar um gemido, colada à sua boca.

Aquilo foi como carregar no botão da energia. O Adrik pegou numa ponta da minha camisa para ma tirar. Instintivamente, levantei os braços para que pudesse fazê-lo mais facilmente e ele atirou-a logo para o chão. Fiquei exposta diante dele. Senti na pele o frio que entrava pela janela. Olhou para os meus seios durante um segundo, mas não senti vergonha, pelo contrário. Adorei ver aquela centelha de desejo brilhar nos seus olhos, a tensão no seu maxilar. Ele estava a gostar. Gostava do meu corpo, que não era uma das grandes maravilhas do mundo, que não era nada de especial, que não era extraordinariamente curvilíneo.

Gostava de mim.

No entanto, não se limitou a olhar. Conduziu-me com uma agilidade absurda até que fiquei recostada no sofá. Meteu-se entre as minhas pernas e eu encaixei nele com facilidade, como a peça de um puzzle que entra na perfeição. Então apertou a sua pélvis contra mim e senti a dureza oculta nas suas calças. Comprovar que se sentia como eu entusiasmou-me ainda mais, portanto, enredei os dedos no seu cabelo e puxei-o até mim para o beijar. Ele brincou com os meus seios durante mais um pouco até que lhes quis dar outro tipo de atenção.

Eu já tinha…, bem, a minha primeira vez foi com um imbecil de que nem quero falar, *OK?* Não foi horrível, mas também não foi fantástica. Na verdade, foi insignificante. Admiti-o finalmente quando descobri que não sabia nada sobre o que era estar com outra pessoa até que o Adrik me mostrou o prazer que se sentia ao se ser beijada nos seios. Sabia que podia ser uma zona muito sensível, mas não fazia ideia de quão explosivos podiam ser se quem lhes tocasse, quem os roçasse com a língua e os beliscasse fosse alguém que te excitava tanto.

Soltei alguns pequenos gemidos até que ele voltou para junto do meu rosto. Explorei o seu peito. O ginásio produzira excelentes resultados; moderados, mas muito atraentes. A sua pele gritava: «Toca-me!» por todos os lados. Os seus braços, o seu peito e o seu abdómen estavam duros, e parecia enorme assim sobre mim.

Toquei no fio que trazia ao pescoço.

— O que significa? — perguntei-lhe num sussurro enquanto brincava com ele.

Agarrou na minha mão para que largasse o pendente e prendeu-a atrás da minha cabeça, num movimento dominador.

— Nada — respondeu, e atacou-me com um beijo que não me deu vontade de continuar a falar.

Estivemos um bocado numa troca de beijos e mordidelas. Os nossos corpos emanavam puro calor. As nossas respirações aceleravam cada vez mais. Quando o Adrik se movia um pouco contra mim, sentia o alto no meio das suas pernas cada vez mais firme e maior. Uma humidade brotava das minhas partes íntimas. Era uma humidade exigente, que me controlava os pensamentos. Queria saber como me sentiria com o Adrik dentro de mim, a acalmar aquela dor deliciosa, mas torturante. Tinha a certeza de que seria como da primeira vez, porque o Adrik superava em muito o idiota com que fora para a cama aos dezassete.

Não era capaz de descrever completamente o que estava a sentir. Tive vontade de cravar as minhas unhas nas suas costas, portanto, acabei por arranhá-lo suavemente. O Adrik soltou um par de gemidos e começou a tocar-me em cada parte do meu corpo, mas senti-me muito mais ansiosa quando a sua mão deslizou pela minha barriga abaixo até ao fecho das minhas calças para as desapertar e…

Então parei-o.

Reagi.

Algo dentro de mim gritou: «*Miga*, o que estás a fazer?!»

Lembrei-me. Pus os pés na terra. Voltei à realidade tão rápido como me afastara dela e agarrei-lhe na mão mesmo antes de que me tocasse naquele ponto sensível. Se permitisse que o Adrik chegasse até ali, estaria perdida. Se deixasse que ele me desse um prazer tão grande, tão novo, não haveria volta atrás. E tinha de haver regresso. Não podia atirar-me de cabeça por mais que quisesse que nos despíssemos e nos tocássemos até à epiderme.

A sério, tinha tanta vontade de deixá-lo fazer-me o que quisesse, mas não estava certo. Não podia. Isso nunca esteve nos meus planos e não devia agora fazer um acrescento.

— Não, isto não pode ser, Adrik — disparei logo, agitada. — Não pode. Tenho de me ir embora.

Empurrei-o para afastá-lo de mim. Endireitou-se no sofá, confuso. Tinha o cabelo feito num oito, os lábios entreabertos, a respiração acelerada e uma protuberância enorme nas calças que me tentou… mas mordi os lábios com muita força para me conter e pus-me de pé.

— O quê? Porquê? — perguntou, desconcertado, acompanhando cada um dos meus movimentos enquanto eu apanhava a minha camisa para a vestir. — Fiz alguma coisa de que não gostaste?

— Não, não é isso, Adrik. É só que não faz sentido porque… — tentei explicar, mas entre vestir a camisa e procurar as minhas coisas não sabia como pronunciar as palavras. — Tenho de me ir embora.

Levantou-se do sofá e atravessou-se à minha frente quando me dirigia para a porta. Engoli em seco quando vi a sua enormidade diante de mim. Merda, queria continuar. Queria voltar a beijá-lo, encaixar-me nele, abraçá-lo a noite inteira, mas aguentei-me. Só deusinho saberá como me contive, mas consegui reprimir o impulso de o abraçar.

— Não vás, explica-me — pediu-me. Ele não percebia. Não percebia nada. Vi nos seus olhos que o desconcerto era genuíno. — Somos adultos, Jude. Se me disseres as coisas, eu vou perceber e resolvemo-las.

Merda. Gostava muito dele. Gostava de que não se metesse com rodeios. Gostava de que fosse direto, sem filtros, que não entrasse em joguinhos.

Não tinha problemas em enfrentar as coisas. Eu também não, até que tive de o enfrentar a ele.

Não podia negar que tudo mudara. Via-o de forma diferente e ao mesmo tempo via-o como o irmão do tipo que queria destruir. Como um dos Cash.

— Desculpa — disse, com voz trémula. — A sério.

Rapidamente contornei-o e saí do apartamento. Ouvi-o a chamar-me. Pronunciou o meu nome. Pediu-me que esperasse, que não saísse assim. O coração batia-me com força, mas corri escadas abaixo, afastando-me do muito que me tentava.

Sabes, eu também já li essas histórias em que o rapaz abandona a rapariga para o bem dela. Acho que são as mais comuns. Sim, são. Talvez tivesse sido mais fácil ir para a cama com ele para que depois ele me deixasse sem qualquer explicação, só por não me querer magoar com os fantasmas do seu passado.

Mas mais uma vez as coisas são diferentes para mim.

O problema não era o Adrik.

E também não estava a fugir para o proteger, fugia para me proteger.

Porque ele não mentia…

A mentirosa era eu.

23

Alguns não sabem nada enquanto outros sabem tudo

Quando me chegou a mensagem do Aegan às oito da manhã do dia seguinte, assustei-me.

«Às dez no clube.»

E quando a Artie entrou no meu quarto de repente, com o telemóvel na mão, e me disse surpreendida:

— O Aegan convidou-me para o clube.

Bem, aí assustei-me o triplo.

Tive a sensação de que o Aegan já sabia tudo: que eu estivera na conduta da ventilação a ouvir a sua confissão de assassinato e que, além disso, o Adrik lhe contara que eu fora ao seu apartamento, porque, no final de contas, os seus laços de sangue eram mais importantes do que uma rapariga. Tive a sensação de que tudo fazia parte de um plano: o Aegan estava a chamar-me ao clube para me envergonhar de novo diante de toda a gente, para se pôr diante de todos e me dizer: «Caíste que nem uma pata, Derry.»

Bem, fora descoberta e estava pronta para ser exposta.

E era tudo culpa minha, porque que raio se passara comigo na noite anterior?! Foi como se o meu corpo se tivesse desligado do meu cérebro, de cujo tamanho começava a duvidar. Eu dissera ao Adrik coisas (desnecessárias) e depois beijámo-nos efusivamente enquanto quase nos despíamos no sofá. Isso até que uma centelhazinha de consciência me gritou: «Não faças mais merda!!!» e só os deuses sabem o quanto me custou parar e ir-me embora.

Isso fora um erro delicioso. Mas como faria agora para fingir que nada se passara? Como poderia ficar frente a frente ao Aegan e ao mesmo tempo encarar o Adrik? Como iria ocultar o quanto me ardia a pele ao pensar no corpo do Adrik sobre o meu e na sua respiração acelerada por… mim?

Ainda que, vejamos, o Adrik sabia que eu «andava» com o Aegan, certo? Mesmo enquanto nos beijávamos no sofá, mesmo quando confessava que não me queria largar, de certeza que estava ciente desse pormenor. Portanto, ambos o tínhamos traído.

A culpa não era toda minha, certo?

Ou quis convencer-me disso para não morrer com um ataque de ansiedade.

Bem, só havia uma solução. Precisava de recorrer à minha velha tática: fingir que estava tudo bem, que nada acontecera.

Tomei banho e preparei-me para o dia. Fui com a Artie ao clube. Mal chegámos, fomos diretas à zona da piscina. O meu nervosismo fez-me pensar que estaria lá muita gente, mas não. Nada de raparigas de biquíni nem de rapazes com bebidas. Numa dessas mesas estavam apenas o Owen, o Aleixandre, a Laila, o Aegan e, por azar, o Adrik.

O meu coração acelerou de medo. O Aegan estava de pé, à conversa com toda a gente. Ainda não conseguia ouvir o que lhes dizia, mas o Adrik estava sentado com o cotovelo na mesa e a cara apoiada na mão, notoriamente entediado por ali estar. Apercebeu-se antes do resto das pessoas de que eu me aproximava à mesa e por um instante os nossos olhares encontraram-se. Não houve nada decifrável, nenhuma emoção.

Só pensei: «Estou bem lixada.»

Talvez por isso tenha sido apanhada desprevenida quando, ao chegar à mesa, o Aegan se virou para mim e disse:

— Eis a rapariga que me deixa louco!

E, antes de que eu conseguisse dizer o que quer que fosse, pôs ambas as mãos no meu rosto e espetou-me um beijo na boca.

Sim, o meu primeiro beijo com o Aegan aconteceu naquele momento, diante de todos (ou melhor dito, diante do Adrik) sem que eu me preparasse mentalmente para aceitá-lo.

Agora com certeza quererás saber como foi ou como me senti, certo? Bem, foi o beijo de um especialista. Centenas de bocas beijadas por Aegan Cash poderiam confirmar que não havia nada a criticar. Um beijo assim teria derretido as pernas de qualquer outra rapariga. A maneira como abriu os meus lábios foi exigente, mas astuta, tal como um tirano que roubasse a liberdade a um país: nem sequer te apercebes do que se está a passar e de repente já não há volta atrás, o mal está feito.

Talvez por isso não tenha conseguido processar tudo rapidamente. Só soube que o Aegan me beijara e logo a minha mente tentou perceber que partilháramos saliva,

que finalmente acontecera o que eu não queria que acontecesse. Beijara um assassino. «O assassino.»

Quando o seu rosto se afastou do meu, olhou-me com um sorriso largo, perfeito e diabólico. Fiquei pasmada.

— Tiveste muitas saudades minhas nestes dias em que não nos vimos? — perguntou-me.

É verdade que não nos víamos oficialmente há vários dias, mas eu, atónita, fiquei a olhar o vazio. O único pensamento na minha cabeça era:

«Adrik.»

O Adrik estava a olhar para mim. Sentia o peso dos seus olhos sobre mim. Os outros também olhavam para mim, mas não como ele, não da mesma maneira. Como uma cobarde, não me atrevi a levantar a vista para ele.

— Bem, e porque nos chamaste cá? — perguntou o Owen ao Aegan, relaxado na sua cadeira. — Ia cortar o cabelo e tive de cancelar.

— Ah, não. Não cortes — disse-lhe a Laila, alarmada. — Assim fica-te perfeito.

O Owen ignorou-a de uma maneira estranha.

O Aegan esfregou as mãos de contentamento por poder falar connosco. Eu não tinha a certeza se aguentaria mais outra surpresa; tinha medo de desmaiar.

Disparou:

— Esta manhã, a reitora da universidade anunciou que vão antecipar a feira dos fundadores. Vai começar já nesta sexta-feira.

Oh, não.

Nãonãonãonão!

Sexta-feira?! Só faltavam dois dias!

Não desmaiei porque fiz um esforço para me aguentar em pé.

Mas o Aegan continuou a falar; ainda havia mais.

— Também me pediu que lesse o discurso de abertura — revelou, feliz.

— Tal como o pai no seu último ano cá! — exclamou o Aleixandre, entusiasmado pelo irmão.

O Owen ergueu um copo com água que estava em cima da mesa, em sinal de felicitação. A Laila dedicou-lhe um pequeno aplauso. Só a Artie e eu não dissemos nada. Quanto ao Adrik, não faço ideia. O Aegan assentiu a tudo, orgulhoso, mas logo de seguida pôs-se sério.

— Também soube que ele vai assistir ao discurso ao vivo e em direto — acrescentou. — Por isso, preciso de tudo a correr na perfeição, portanto decidi que vocês serão o comité de organização da feira. O trabalho já está quase todo adiantado,

mas…

— Implica esforço? — interrompeu o Owen, que achava importante saber isso primeiro.

— Só têm de supervisionar tudo para que não falte nada — respondeu-lhe o Aegan.

— Conta comigo — aceitou então o Owen.

O Aegan continuou a explicar:

— Organizei-vos em pares: o Aleixandre e a Laila, o Owen e o Adrik, e a Jude e a Artemis. Também escrevi as instruções acerca das secções que devem supervisionar.

Entrou em ação um envelope amarelo pousado sobre a mesa. O Aegan pegou nele, abriu-o e retirou de lá folhas para todos. Foi distribuindo-as até chegar a mim. Vi que o título era «Decoração» e que por baixo tinha uma lista das coisas que deveríamos assegurar.

— É tudo? — perguntou de repente o Adrik. Ao ouvir a sua voz, fiquei congelada.

— Sim — respondeu o Aegan.

— *OK* — soltou, seco.

Imóvel, ouvi a sua cadeira a deslizar. Não quis levantar o olhar, mas quando o fiz, só vi o Adrik de costas para nós a afastar-se da zona da piscina.

— O que se passa com o Driki? — perguntou o Aleixandre, surpreendido.

— O normal: despreza a humanidade e não aguenta passar mais de cinco minutos connosco — respondeu o Owen, encolhendo os ombros.

— Já falo com ele — garantiu o Aegan, como se tivesse reservado um sermão para o Adrik apenas por ele se comportar à Adrik.

Os restantes não pareceram reparar em nada de estranho e começaram a falar da feira e das coisas que tinham de fazer. Entrei num certo pânico interno porque sabes o que isto significava? Que todo o tempo que achava que teria para encontrar provas contra o Aegan acabava de ficar reduzido a dois míseros dias. Além disso, antecipar a feira significava que aquela ideia de acabar com ele publicamente em cima do palco também seria antecipada!

O meu plano acabara de levar uma guinada complicada. Que poderia fazer em tão pouco tempo? Ainda que tivesse em meu poder a gravação do Aegan no clube a confessar o seu envolvimento na morte da Eli, a prova de que aquele sítio existia quando as regras o proibiam…

— O que tens? — perguntou-me o Aegan de repente, num tom mais baixo, só entre nós.

Abandonei os meus pensamentos. Olhei para ele entre pestanejos estúpidos.

— O que tenho? — perguntei, como resposta automática.

— Não estás a falar ou a fazer perguntas que não deves — contemplou-me de olhos semicerrados, carregados de curiosidade.

— Então, mas tu não tens umas regras estúpidas, tipo eu não poder fazer muitas perguntas? Acho que uma vez referiste isso no carro, apesar de na altura eu não te ter prestado grande atenção, para ser sincera.

— E desde quando é que cumpres as regras? — riu-se, como se se tratasse de uma ideia absurda.

Ah, muito bem.

— Ficas nervoso quando não te incomodo? — perguntei, esboçando um falso sorriso. — Deves ter tido imensas saudades minhas…

— Como querias que não tivesse saudades da minha namorada tão estranha, irritante e indignada? — soou divertido, mas só eu compreendia a falsidade e a malícia daquelas palavras. De repente, pareceu lembrar-se de alguma coisa. — De facto, tive tantas saudades tuas que te comprei uma coisa.

Enfiou a mão no bolso dos calções e sacou de uma caixinha dourada, alargou o seu sorriso perfeito e perverso mal reparou na minha expressão e abriu a tampa para mostrar o presente. Fiquei de olhos esbugalhados porque não estava à espera daquilo.

Lá dentro estava um anel. Era de prata fina e delicada e no centro unia-se num «A» também de prata. Era um anel simples.

— Aegan — disse, por saber que era isso que significava o «A».

Ele assentiu, com orgulho e satisfação.

— A sua mão, por favor, senhorita Derry — pediu-me num tom cavalheiresco e másculo que me deixou pasmada.

Não soube que raio dizer. Tentei que me ocorresse alguma coisa, mas a minha boca secou tanto que acabei por engolir em seco. Fiz o que ele me pedia como uma boneca mecânica e acompanhei estupefacta cada um dos seus movimentos. O Aegan segurou na minha mão, que ficava pequeníssima ao lado da sua, sacou o anel da caixa e fê-lo deslizar pelo meu dedo médio.

Soltei um sorriso esquisito e desconfortável.

— Porquê nesse dedo?

— Para que o mostres ao mundo e digas: «Quero é que todos se lixem, sou a namorada do Aegan Cash.» — respondeu ele sem acrescentar mais nada, mas com um enorme entusiasmo, como se esperasse mesmo que eu fizesse algo assim.

— Não posso usá-lo — recusei, inquieta e indecisa.

— Porque não? És a minha miúda… Posso dar-te coisas melhores, mas escolhi este

anel porque sei que não gostas de coisas extravagantes.

E desde quando sabia ele do que eu gostava ou deixava de gostar? Desde quando me dava presentes e me tratava por «sua miúda»?

Apercebi-me de que os outros nos olhavam com uns sorrisos de fascínio, como se aquela cena fosse a coisa mais romântica e genial a que tinham assistido na vida. Voltei a olhar para o anel, mas não senti a mesma alegria do que os outros. Senti uma amargura qualquer a sacudir-me o estômago. Não estava certo, aquilo não estava certo, mas tinha de fingir.

— Obrigada — consegui dizer ao Aegan, dedicando-lhe um meio sorriso. — Tens bom gosto para estas coisas.

— Tenho bom gosto para tudo — gabou-se ele, como de costume. Depois aproximou uma mão do meu rosto e beliscou-me a bochecha, num gesto que detestei. — Estás mais gira ou é impressão minha? — perguntou-me, trocista.

Claro que o Aegan não conseguia deixar de ser odiosamente sarcástico nem por um minuto.

— É impressão tua — devolvi. — Agora se não te importas vou fazer chichi.

Ele soltou um sorriso e pôs-se a conversar com os restantes acerca das coisas para a feira. Saí da zona da piscina, desci as escadas, mas não cheguei à casa de banho. Atravessei os corredores do clube ainda tão atarantada que aquele sítio me pareceu um labirinto enorme e complexo. Durante um momento, tive de me deter e apoiar numa parede. Respirei fundo e olhei espantada para o anel.

Aquele «A» não era de Aegan. Para mim, aquele «A» era de «Andas a misturar tudo, Jude» e não era esse o objetivo. Aquele «A» devia ser de «Agora sabes o que vai acontecer se continuares por este caminho? Se continuares a beijar o Adrik e a sentir a necessidade de ir à procura dele para garantires que está tudo bem (que fora o que me fizera ir até ali), sem saberes o que hás de fazer no dia da feira…».

Não tive de me esforçar demasiado para o encontrar. De repente, o Adrik saiu de uma das divisões. Tinha mudado de roupa, tinha agora vestidas as calças e as botas que usava para andar na estrebaria. A sua cara e todo o seu ser transmitiam amargura e um pouco de enfado.

— Adrik — chamei-o, mas ele passou junto a mim e ignorou-me.

Não o deixei ir-se embora. Mais rápida do que ele, pus-me à sua frente para o deter.

— Adrik, estou a falar contigo.

— Sai da frente — exigiu-me e, sem esperar que eu me desviasse, afastou-me do seu caminho com um leve empurrão.

— Que raio achas que estás a fazer?! — disparei, e dei-lhe uma palmada nas costas mal passou à minha frente.

Então virou-se num acesso de fúria.

— O que é que achas tu que estás a fazer?! — respondeu. A sua voz era incisiva, forte, capaz de ferir. — Estás a brincar, Jude?

— Não estou nada a brincar — defendi-me no mesmo tom do que ele. — Foste tu que saíste da reunião de uma maneira muito esquisita.

— Ah, desculpa. Devia ter ficado para ver o Aegan a enfiar a língua no fundo da tua boca? — suspirou, entre dentes.

Não esperava aquilo. Será que…? Talvez…? Era um ataque de ciúmes do Adrik Cash? A sério?

— Mas que raio se passa contigo? — queixei-me, olhando-o com um ar muito surpreendido. — Pensei que era claro para ti como são as coisas.

Deu um passo em frente com o maxilar tenso. O seu rosto estava dominado por uma expressão de ira que nada tinha que ver com a sua amargura habitual. Parecia um Adrik endemoniado, capaz de despedaçar o mundo com apenas uma mão.

— Podes dizer-me como são as coisas, Jude? — exigiu, com firmeza. — Diz-me como raio são porque acho que percebi mal.

Senti-me mais confusa do que nunca, como se falássemos línguas diferentes ou viéssemos de planetas diferentes e não nos conseguíssemos entender.

— Tu já sabes que… que ando com o Aegan — disse, ainda que me tenha sido difícil soltar essas palavras.

O Adrik comprimiu os lábios. Não disse nada por um momento, olhou para mim como se esperasse que eu acrescentasse mais alguma coisa, mas então pareceu aperceber-se de algo. Foi como se acabasse de reparar numa coisa em que nunca reparara, como se tudo ganhasse um novo sentido.

— Portanto, não o fizeste — disse, pronunciando muito lentamente cada palavra, contido.

— Não fiz o quê? — repliquei, olhando-o, desconcertada, porque a verdade é que não percebia a que se referia.

Ele soltou um suspiro parecido com um sorriso amargo e nada divertido. Depois, passou a mão pela cara e depois pelo cabelo, num gesto de frustração.

— Maldita sejas. — A maneira como se mexia evidenciava a sua inquietação e raiva. De repente, parecia furioso, frustrado, arrependido: tudo ao mesmo tempo. — Disseste na casa da árvore. Disseste: «Está decidido, vou acabar com ele. Não quero mais aguentar isto.»

Meu Deus…

Os grandes erros de Jude Derry: dizer uma coisa e fazer outra.

— Achaste que o Aegan e eu já não andávamos? — perguntei, com a intenção de confirmar o que era demasiado evidente.

— Nos últimos dias não te vi com ele e ele não falava de ti, portanto pensei que tivessem acabado — respondeu, mexendo-se com demasiada frustração, como se estivesse a tentar perceber por que andara aos beijos com ele se ainda andava com o seu irmão.

Não podia dizer nada. Merda, ele tinha razão. Eu dissera isso e estava disposta a fazê-lo, mas depois a Artie apareceu para me avisar que devia ver a mensagem na casa de banho e… Depois esqueci-me completamente de o fazer. Nem por um segundo me passou pela cabeça que isso fosse importante.

— Não acabei com ele — admiti, consternada pelo meu próprio erro. — Não, não fiz isso.

— Então porque me pediste que te levasse para minha casa? — rugiu. Acrescentara agora à sua acusação uma nota de desprezo. — Tinhas planeado estar comigo e com o Aegan ao mesmo tempo? És mesmo assim tão perversa?

— Claro que não sou! — exclamei, abanando a cabeça. Muitas coisas começaram a andar às voltas na minha mente, deixando-me quase sem palavras. — Não foi por isso que te pedi que me levasses para lá, eu…

— Tu o quê? Gostas dos dois e não queres ficar sem nenhum? — lançou imediatamente, pressionando-me de forma insistente e agressiva.

Fechei os olhos e de repente senti-me mais confusa do que nunca. Tinha a boca tão desidratada que precisei de lamber os meus lábios e engolir em seco. A minha relação com o Aegan era uma mentira, mas o Adrik não sabia e por isso não compreendia que eu tivesse permitido que fossemos além do beijo do incenso. Agora ele queria respostas e eu não sabia como havia de lhas dar.

— Adrik, percebemos tudo mal… — disse eu numa tentativa de esclarecer aquela confusão, mas ele interrompeu-me, exasperado, e não me deixou continuar a falar.

— O que eu percebi foi que quando voltámos a Tagus, depois da festa de beneficência, já não andavas com o Aegan, e por isso fui estúpido ao ponto de tentar ser diferente contigo e de pensar que tu e eu poderíamos… — interrompeu-se, com um suspiro de frustração. Abanou a cabeça. — Isto é ridículo. Esta merda não faz sentido.

Avançou com a intenção de se ir embora, mas voltei a atravessar-me no seu caminho. Queria responder às suas perguntas, apesar de nem sequer a mim mesma as

conseguir responder e apesar de toda aquela situação me fazer acreditar que eu própria era a má da fita.

— Não estou a brincar a nada! — assegurei-lhe, tentando convencê-lo. — Não pensei que fosses dar importância ao que disse! Como podia adivinhar?!

O seu riso foi amargo. A maneira como me olhava era cruel, mas não o podia recriminar.

— Sim, como podias adivinhar? — respondeu, com um sarcasmo exagerado. — Só achaste que eu era capaz de me enrolar com a namorada do meu irmão sem problemas, não foi? Achas sempre o que bem te apetece.

— Se me tivesses perguntado… — disse-lhe, mas ele não tinha qualquer intenção de ponderar os meus argumentos.

— O quê? — disparou de repente num tom tão intencionalmente cruel que me custou a acreditar que saíra dele e não do Aegan. — Ter-me-ias dito: «Sim, Adrik, continuo a namorar com ele, mas não importa, vamos beijar-nos no teu apartamento?»

— Fui eu que te travei, fiz com que parássemos — insisti.

— Fizeste isso porque te pesou a consciência ou porque querias esperar para ires para a cama com ele e só depois comigo? — disparou com uma malícia gélida, revoltada, com toda a intenção de me magoar. — Assim podias comparar, não era? O Adrik faz assim, mas o Aegan faz assado… gosto mais de qual? Na verdade, gosto dos dois porque…

— Chega, Adrik! — gritei-lhe horrorizada.

Fechou a boca e olhou para mim numa postura ameaçadora.

Levantei a mão disposta a dar-lhe uma bofetada, reuni toda a força de que precisava para lhe bater por falar comigo como se eu fosse uma… qualquer. Não gostava desses dramas, mas naquele momento tive vontade de lhe dar um soco. Só que… não o fiz. Fiquei com a mão a meio caminho, não porque ele me tivesse travado, porque, na verdade, até parecia pronto para o receber, mas porque em parte o Adrik tinha razão.

Ninguém sabia a verdade, apenas eu, portanto, naquele momento, quem quer que ouvisse a versão do Adrik só poderia pensar que eu era uma canalha que me enrolara com os dois irmãos ao mesmo tempo. Como me podia defender? Com que argumentos? Defender-me implicava denunciar-me e algo dentro de mim não me permitia que o fizesse.

Baixei a mão, mas não baixei o olhar. Mantive-o firme porque na verdade não lhe mentira ao dizer que não planeara o que acontecera com ele.

— Só te digo isto uma vez, Jude — disse, perante o meu silêncio. Soou ameaçador,

gélido, como quem contivesse a força da sua raiva. — Não estou a pensar lutar com ele por uma simples rapariga. Se era isso que querias, esquece.

«Por uma simples rapariga.»

Aquelas palavras ressoaram na minha cabeça umas cinco vezes, com eco e tudo. Disse-as de maneira tão… desdenhosa. Senti uma dor no peito e fiquei rígida. E porque me afetaram tanto? Porque ainda que nesse momento eu tivesse querido dizer (e bem tentei) que para mim ele também era um simples rapaz, não consegui.

Isso foi uma revelação.

Merda, gostava mais do Adrik do que achava.

Maldita.

Sejas.

Ele parecia cansado daquela discussão, portanto contornou-me e avançou uns passos para se afastar, mas eu rodei sobre os meus calcanhares num gesto automático.

— Se me disseres que não queres trair o teu irmão, eu percebo, mas… uma simples rapariga? — não consegui evitar soltar isso. — É assim que me vês?

O Adrik deteve-se. Hesitou um momento, de costas para mim, mas acabou por dar meia-volta. Tinha o maxilar contraído, uma mão fechada em punho e o peito ainda agitado. Parecia o deus grego da destruição. Com um leve movimento, poderia destruir o que quisesse. Quis destruir-me a mim e conseguiu-o quando disse:

— Não sei, Jude, porque não faço ideia de como te devo ver agora. Nem sequer sei se és real.

E… ouviste isto? Sim, um crash!, como o som que produzem mil cristais a partirem-se. Foi assim que me parti eu, mas não te preocupes. Varri-me, juntei os pedaços e reconstruí-me sozinha a seguir.

Engoli em seco para diluir o nó, ainda que assim tenha sentido a sua pressão na minha garganta. No entanto, não me deixei dominar.

— Exato, não sabes — assenti, tentando recuperar a coragem. — Nem tu, nem o Aegan, nem nenhuma outra pessoa pode dizer quem sou. Não sabem nada sobre mim. Por isso, não consegues acreditar em mim quando te digo que nunca tentei fazer nada tão baixo como estar contigo e com o teu irmão. Simplesmente aconteceu. Não sei porque deixei que acontecesse, mas assim foi.

Apesar de ter sido sincera, de lhe ter dito aquilo lutando contra o meu orgulho e contra a minha necessidade de sair de cabeça erguida, o Adrik encarou-me de olhos semicerrados, duros e tensos. Não houve sequer um lampejo de compreensão neles, nada do que vira quando nos beijámos ou quando passámos aquela noite na casa da árvore. Diante de mim, tinha o Adrik intratável, frio e distante que vira da vez em

que me sentei naquela mesa de póquer a desafiar o Aegan.

E deu-me medo voltar a encontrá-lo. Descobri que não temia tanto a crueldade do Aegan ou o perigo que representava saber o segredo da morte da Eli como que o Adrik me detestasse sem saber a verdade.

— Podes acabar com ele — disse-me inesperadamente. Logo apontou na direção do corredor por onde se regressava à zona da piscina. — Se é verdade o que dizes, vai à procura dele e acaba com a vossa relação. Eu vou estar à tua espera e não ligo uma merda ao que ele diga, o Aleixandre ou todos os outros. Se o fizeres, acredito em ti.

Fiquei boquiaberta. Quis dizer alguma coisa, mas não me saiu mais do que um pigarreio de estupefação. Algo gelado percorreu o meu corpo, uma sensação horrível. Estaria a ouvir bem? O Adrik estava a pedir-me que escolhesse?

Sim, queria que escolhesse entre ele e o Aegan.

— O quê? — suspirei.

— Não vou lutar com ele por ti — esclareceu. Os seus olhos, fixos nos meus, confirmaram-me que estava a falar a sério. — Portanto, tu decides, mas agora.

— Adrik, não… — tentei explicar-lhe, mas ele interrompeu-me.

— Eu não teria feito nada do que fiz se soubesse que continuavam juntos. Por muito que goste de ti, ter-me-ia controlado. Mas fi-lo e isso quis dizer alguma coisa.

Aproximou-se de mim. Eu continuava imóvel, mas de qualquer forma a sua proximidade enviou uma vaga de sensações ao meu corpo, uma corrente potente. Perguntei-me se seria muito ridículo e imaturo lançar-me sobre ele e esquecer tudo aquilo. Perguntei-me também em que ponto estávamos agora. Parecia… o fim de alguma coisa.

Não quis que continuasse a falar. Quis retroceder uns minutos e não ter ido à sua procura para que não tivéssemos aquela discussão.

— Isso é injusto — disse, enquanto sacudia a cabeça.

— O que é injusto é ter acontecido isto entre nós, que continua a acontecer neste preciso momento, e eu não poder fazer nada porque o Aegan é o teu namorado — corrigiu. Ainda emanava fúria. O nível da sua raiva não diminuíra, tal como não diminuíra a sua frieza e a inflexibilidade do seu tom, mas, diante da minha falta de resposta e da minha cara de aflição, acrescentou: — Jude, vejo-te diante de mim e só te quero virar as costas e ir-me embora para longe, mas ao mesmo tempo também te quero pedir que vamos juntos para outro sítio e que resolvamos isto de alguma maneira.

Achei que ia desmaiar de tristeza, emoção e fúria contra mim mesma. Odiei que me tivesse mostrado que havia ainda mais partes dele por descobrir e quis dizer-lhe

que sim, que fôssemos para longe, mas não podia… Merda, não podia.

— Não é assim tão simples, Adrik… — recusei, tentando ser realista. — Ia haver problemas por ter estado primeiro com ele e a seguir contigo…

— Eu arranjo maneira de resolver isso — interrompeu-me, tentando que eu visse o outro lado. — Mas tens de decidir. Soa egoísta, eu sei, mas não quero estar contigo nas costas do Aegan.

Teria sido uma decisão fácil se eu não tivesse sido uma… imbecil. Teria escolhido o Adrik sem pensar sequer por um segundo. Apesar do que se passara, ele estava a ser sincero comigo, admitia que havia uma chamazinha entre nós, que gostávamos ambos um do outro. Era mais maduro, mais transparente quando não queria ser um tipo sombrio. Mas o que na verdade me estava a pedir era que escolhesse entre ele e o meu plano.

O Aegan era isso para mim: apenas um plano.

O problema era que o plano já não era um simples plano. Dentro de mim, crepitava um fogo que exigia vingança. Um fogo em torno do qual nos sentaremos a conversar tu e eu, leitor. Portanto, por mais que gostasse do Adrik, por mais que me magoassem as suas palavras, o que sentia não era ainda tão profundo e aquele era o momento perfeito para evitar que crescesse. Ele propunha-me que ficássemos juntos, mas isso significava experimentar primeiro, para vermos se funcionávamos como casal, e ver depois o que aconteceria.

E se não acontecesse nada? E se depois de irmos para a cama se esfumasse o que nos atraía um no outro? Não era certo que nos apaixonássemos ou que a nossa relação corresse bem.

A única certeza que tinha eram as provas que me permitiam destruir o Aegan.

A única certeza era a minha vingança.

O que ambos sentíamos era um erro.

— Não posso — sussurrei.

— Não podes ou não queres? — perguntou-me.

— Não posso — respondi, com convicção. — Não é por ti nem por mim. Não ias perceber, mas não posso. Não vou fazer isso.

Não quis olhá-lo nos olhos. Sempre me achei muito forte, que não sou das que desatam a chorar. Pelo contrário, sou das que convertem as lágrimas em combustível para enfrentar o que vier, mas não me senti assim naquele momento. Sentia-me destroçada.

Na noite anterior, o Adrik olhara para mim como se estivesse disposto a permitir que eu decifrasse os seus enigmas, como se eu me pudesse converter na rapariga que

derrubaria os seus muros de frieza e distância. Agora, no entanto, sentia que se eu enfrentasse a forma como me olhava, com raiva e desprezo, como se quisesse dar cabo de mim ali mesmo, me desmoronaria. Ver os seus olhos acinzentados naquele momento enfraquecer-me-ia.

Portanto, limitei-me a ouvir as palavras carregadas de raiva e ressentimento que disse antes de se ir embora:

— És muito boa a convencer os outros de que és diferente.

Depois, afastou-se e fiquei plantada naquele sítio por um momento, a engolir a bomba de sentimentos que ameaçava fazer-me explodir. Respirei fundo, muito fundo, e encaminhei-me para o terraço. Ia alheada, com a cabeça num turbilhão e com uma vontade insistente de sair dali disparada. Ainda assim, já tomara a minha decisão. Agora precisava de seguir em frente, apesar de tudo o que aí vinha prometer ser desastroso.

Quando voltei à zona da piscina, encontravam-se todos no bar, porque o Owen estava a preparar uns *cocktails* para brindar pelo discurso do Aegan. Não havia sinal do Adrik. A Artie parecia entretida a falar com a Laila. O Aegan estava a contar ao Aleixandre qualquer coisa que fizera, que segundo ele era maravilhosa.

Não sabia para onde ir. Nenhum lugar me parecia adequado, nenhum me parecia confortável. Não encaixava ali. Quis ir-me embora, mas fiquei quieta, a olhar para o Aegan até que ele sentiu o peso do meu olhar. Observou-me desde o seu lugar ao balcão e franziu ligeiramente a testa, surpreendido.

Como te disse antes, se há coisa que nunca deves fazer é subestimar o Aegan Cash. Não conheces o poder até o conheceres a ele. Enquanto avançava até mim com passos seguros e confiantes, tive a impressão de que sabia de tudo, de que talvez sempre tivesse sabido. Senti um golpe pungente que me fez ver que ele até tinha um ar triunfal.

E não tive coragem de confirmar.

Chegou ao pé de mim e olhou-me de cima, muito sério.

Vou ser sincera, não sei como fazia aquilo, mas o Aegan conseguia impor a sua voz para fazer mexer os cordelinhos de Tagus e das vidas em seu redor. Não era fácil antecipar as suas jogadas. Não era um simples rapaz mau e previsível, era uma mente metódica, omnipotente, astuta. Por isso, perguntei-me: saberia que o Adrik me pedira que escolhesse entre os dois? Saberia que o Adrik e eu tínhamos discutido? Sabendo ou não, ganhara.

Senti-me tão mal que pensei que só podia contar com as minhas mentiras e, portanto, precisava de me agarrar a elas durante um bocado.

Dei um passo até ao Aegan e passei os meus braços em redor do seu tronco, encostando-me ao seu peito. Ele devolveu-me o abraço e começou a acariciar-me o cabelo. Enquanto isso, sussurrou-me ao ouvido num tom tão tranquilizador como inquietante:

— Está tudo bem, querida. Vou garantir sempre que tudo fique bem.

E então beijou-me o cabelo, enquanto eu me agarrava ao seu corpo e fingia que era verdade que estava tudo bem, que eu não acabara de preferir a vingança a estar com o único rapaz que, pela primeira vez na vida, arrancara a minha armadura com um beijo.

— Preciso de que finjas que gostas de mim — sussurrei-lhe.

— Até posso fingir que te amo.

24

Esta sensualidade endiabrada tem de ser genética… e a maldade também

48 horas antes da feira

Certo, as circunstâncias obrigaram-me a arquitetar um novo plano, e não era assim tão mau.

Com a falta de tempo para continuar a investigar, tive de utilizar a coisa mais valiosa que tinha: a gravação da Eli a sair assustada da biblioteca e o vídeo que gravara na discoteca onde aparecia o Aegan a dizer que ela estava morta. Podia mostrar ambos no dia da feira a toda a gente e o resto aconteceria por si só, uma vez que as imagens seriam difundidas por toda a parte.

Quanto a acabar em público com o Aegan, como esperavam o Dash, a Kiana e a Artie, decidira não o fazer. Acreditava que a revelação dos vídeos teria um impacto tão grande que bastaria para que eu, a sua inocente e nada suspeita namorada, dissesse: «Acho que isto é humilhação suficiente para ele, meus caros. Está tudo acabado.»

Que tal? Abrupto, mas poderia funcionar.

Naquele dia, saí do apartamento porque tínhamos de nos reunir com o Aegan para ajudá-lo com os preparativos da feira, como nos pedira. Ainda que, para ser sincera, naquele momento só quisesse comer gelado e afundar-me na minha absoluta miséria porque não conseguia esquecer a discussão com o Adrik.

— *Devias fazer isso, Jude. Ficaria orgulhosa de ti.*

— *Cala-te, estúpida consciência.*

— *Ui, que feitiozinho…*

— *Cala-te já!*

— *Muito bem. Consciência* out.

Não, não podia fazer nada disso. Também devia pensar mais no Adrik. Era melhor que me detestasse, porque nunca poderíamos «estar juntos» por razões óbvias: eu

queria destruir o seu irmão e isso significava destruir também o seu apelido, o que o afetava a ele. No fim de contas, causar-lhe-ia um dano irremediável. Essa pequena parte fazia-me sentir um pouco confusa, mas tentei ignorar as minhas emoções.

Não demorei a chegar de bicicleta. A área de eventos de Tagus abarcava vários hectares e várias estruturas: anfiteatro, sala de audiovisuais, sala de conferências e salão de festas. No entanto, no centro de tudo, ao ar livre, havia um palco parecido com os que se usam para concertos, e era aí que estava todo o alvoroço. Havia muitas coisas por todos os lados: telas, caixas, amplificadores, mesas, cadeiras, estruturas de feira, carrinhos desmontados. As pessoas andavam de um lado para o outro, a decorar e a montar tudo para que a homenagem que se faria na sexta-feira fosse deslumbrante.

Procurei a Artie por entre as pessoas. Encontrei-a com a Laila. Ambas estavam com pinta de universitárias dedicadas à organização de eventos: calções de ganga, *T-shirt* com o logotipo de Tagus, ténis desportivos e rabo de cavalo. Estavam a olhar para alguma coisa que se passava a poucos metros dali.

Ao aproximar-me, não tive de lhes perguntar o que se passava, porque a voz do Aegan se ouvia onde estávamos.

— Se vou ser eu a discursar, tem de ter a minha marca! — disse, bem alto, numa voz autoritária.

Não estava muito longe de nós e falava com o Aleixandre e a reitora de Tagus, uma mulher de quarenta e tal anos com o cabelo muito esticado e sempre penteado para trás como se fosse uma cortina. Tinha um ar rígido, ainda que não inspirasse medo, mas antes respeito.

Mas… o Aegan não respeitava ninguém. Diante da reitora, tinha uma postura de «estou prestes a rebentar». Nas mãos trazia um par de folhas que deviam ser o discurso e tinha a testa franzida e aquele ar que deixava claro que recorreria a toda a sua influência, capaz de mudar o nome e o hino de qualquer país, para levar a sua adiante.

— Eis o meu namorado. Aí está ele, a comportar-se como a sua natureza exige — disse ao aproximar-me das raparigas.

A Laila soltou um risinho.

— Tem estado assim o tempo todo — disse a Artie, semicerrando os olhos. — Quer alterar o discurso, mas a reitora diz que há um já definido.

O Aegan defendia a sua causa com bastante intensidade. Ao seu lado, o Aleixandre parecia preocupado. Coçava a nuca e alternava o olhar entre o seu irmão e a reitora como se temesse que as coisas piorassem. Parecia que a reitora tinha bastante

paciência, obviamente por se tratar dos Cash. Um segredinho: descobrira através do Dash (o Dash e as suas bisbilhotices) que dava aos irmãos Cash um tratamento especial.

— Mas porque temos de repetir todos os anos o mesmo? — ouvi o Aegan queixar-se. — Não há honestidade nestas palavras. — Bateu nas folhas com as costas da mão. — Consigo escrever melhor do que isto em três segundos.

A reitora respirou fundo. Tinha os dedos entrelaçados sobre o ventre.

— Senhor Cash, o senhor é um membro muito importante para a comunidade estudantil — começou por dizer num tom maduro e sereno, tão calmo que quase parecia mansa e inferior a ele. — Não duvidamos das suas capacidades e honra-nos que participe nos eventos da instituição, porque passa uma muito boa imagem que motiva os restantes, mas o discurso tem sido lido tal e qual foi escrito desde a fundação e…

Claro que ele não a deixou concluir.

— Quanto tempo passou desde então? Três séculos? — disparou, juntamente com um sorriso extravagante. — Vá lá, este discurso é mais potente do que clorofórmio. Mal comece a lê-lo, as pessoas vão desmaiar de tédio ou, pior, vão-se embora.

— Mas a imprensa vai estar… — tentou dizer a reitora.

No entanto, teve de fechar a boca de repente, o que até teve piada porque o Aegan gritou:

— Melhor, os jornalistas adoram-me! — não escondeu o orgulho que isso lhe dava. — Até podia falar de queijos que eles iam inventar um título épico. Deixe-me alterar o discurso e fica tudo resolvido.

— Senhor Cash… — começou a dizer a reitora, tentando manter-se sempre calma.

O Aegan preparou-se para rebatê-la. Nós estávamos fascinadas com aquela discussão absurda. Era divertido ver a reitora a ficar sem palavras devido ao poder que o Aegan tinha em Tagus. Também era divertido ver que o Aleixandre tentava falar, mas sempre que começava a pronunciar uma palavra não a conseguia completar porque o seu irmão falava mais alto. Na verdade, era uma situação interessante, mas ainda assim os meus olhos desviaram-se para outro lado por um momento. Até a Artie e a Laila girarem a cabeça ao notarem que eu me distraíra.

Mas… a sério, destino?

Primeiro, dás-me só dois dias para acabar o meu plano e depois apresentas-me outra reviravolta inesperada?

Ou melhor dito, uma pessoa inesperada.

— Aquele não é…? — perguntou de repente a Artie com um tom agudo e

espantado, e rapidamente pousou uma mão sobre o meu ombro como se precisasse de um apoio para não desmaiar.

— Regan Cash — completou a Laila, igualmente assombrada.

Sim, havia um quarto Cash.

Neste ponto, imagina o ritmo da canção *Do I Wanna Know?* dos Arctic Monkeys. Não a letra, apenas o ritmo da bateria, aplausos e guitarra que te sugerem coisas más. Agora vamos colocá-la como fundo enquanto o Regan avançava até à cena. Vamos desacelerá-la um pouco, acrescentamos uma brisa suave e algumas cabeças a voltarem-se na sua direção, espantadas… e aí estava ele.

Regan Cash. Vinte e oito anos. O Cash mais velho. Sorriso largo e encantadoramente sensual, altura titânica, passos que paralisavam o mundo em redor. De acordo com fontes fidedignas, era o único meio-irmão do trio. O seu pai, Adrien Cash, teve uma aventura e dela nasceu o Regan. Reconheceu-o de todas as maneiras, juntou-o à família e ensinou o mesmo que ensinaria ao resto dos irmãos. Isso explicava algumas diferenças.

Os Perfeitos Mentirosos destacavam-se pelo seu cabelo preto. O Regan, pelo contrário, tinha o cabelo castanho, quase louro, tão selvagem quanto os pensamentos que te inspirava. Mas o que os quatro partilhavam de facto, e que talvez fosse o selo Cash, eram aqueles olhos cinzentos. Os do Regan eram de um cinzento enganador, daqueles que parecem por vezes azuis. E aquele olhar tinha um ar trocista, astuto, sem sombra de dúvidas ou amarguras.

Se o Aegan emanava poder, o Regan parecia fazer do planeta o seu animal de estimação. Se os Perfeitos Mentirosos pareciam intimidantes, o Regan era uma presença imponente de maneira mais sedutora. Se o Aegan expelia crueldade em ondas que te violentavam a cara, no Regan havia uma malícia… tentadora? Aquele porte, aquela altura, aquela elegância num fato cinzento cor de ardósia, ajustado nos sítios certos, mostrava bem o que ele era: um empresário importante.

Quando consegui sair do meu estado hipnótico e olhar para elas, percebi que a Artie tinha os lábios entreabertos pelo fascínio e a Laila parecia ter-se desconectado do seu cérebro apenas para admirar aquele espécime.

— Nunca o tinha visto de tão perto — sussurrou a Artie, perplexa, como se estivesse demasiado ocupada a apalpá-lo mentalmente para que conseguisse falar como deve ser.

— Eu já, mas de cada vez que o vejo está mais impressionante… — acrescentou a Laila, igualmente fascinada.

Pestanejei com algum desconcerto. Tive a impressão de que o mundo parara

enquanto olhava para o Regan, mas na verdade tudo continuava na mesma. O Aegan ainda estava a discutir. De facto, mal a sua voz indignada me chegou aos ouvidos, tudo se esfumou e regressei à realidade.

Uma realidade que prometia converter-se num inferno.

Porque, oh, destino, és uma meretriz e tu sabes.

Mal o Regan se juntou ao círculo onde estavam o Aegan, o Aleixandre e a reitora, disse:

— Se tens assim tantas objeções, eu posso ler o discurso por ti, maninho. — A sua voz era o complemento perfeito: uma nota malandra, divertida, mas ao mesmo tempo serena e confiante.

O Aegan virou-se de repente e vi que a sua reação e a do Aleixandre, bem como a da reitora, foram muito distintas.

O Aleixandre ficou surpreendido, mas de uma maneira positiva, como quem visse alguém de quem gostasse passado muito tempo.

A reitora esboçou um sorriso nostálgico.

O Aegan…, bem, o Aegan ficou como se lhe tivessem dito: «Desce do trono que chegou o verdadeiro rei.» A sua confusão, surpresa e algum horror traduziram-se numa careta divertida. Olhou de cima abaixo para o Regan como se não conseguisse acreditar que fosse mesmo ele.

— Regan! — exclamou o Aleixandre emocionado. Deram uma palmada nas costas um do outro num desses abraços masculinos.

Com o Aegan não foi assim. De facto, o Aegan continuava ali especado como se esperasse que aquela horrível aparição não fosse o seu meio-irmão.

— Reitora — saudou o Regan, pegando-lhe na mão. Inclinou-se e deu-lhe um beijo nos nós dos dedos. A Artie e eu inclinámos a cabeça ao mesmo tempo para dar uma espreitadela ao seu rabo. Adivinhava-se algo de bom por baixo das calças. — Quando estudava cá, não podia dizer isso, mas agora que a situação é diferente posso confessar-lhe que a sua beleza me tentou muitas vezes a quebrar as regras.

Não sei se alguma vez a tinham elogiado, mas certamente nada se comparava com o que a fizera sentir o elogio do Regan. A reitora ficou toda inchada e parecia tentar conter os gritinhos de uma fã num concerto.

— Ai, Regan… — riu ela, como se ele não tivesse remédio, mas até ficou corada.

Quis acrescentar alguma coisa, mas…

— Que merda fazes aqui? — disparou o Aegan de forma brusca, subitamente transtornado.

O Aleixandre lançou-lhe um olhar reprovador, mas o Regan ficou na mesma. Na

verdade, encolheu os ombros com uma elegante indiferença.

— Sou um dos antigos alunos mais importantes de Tagus, e esta semana é o aniversário da universidade — respondeu. — Como não haveria de vir cá? Ou há algum inconveniente, reitora?

Os seus olhos detiveram-se na mulher e ela negou rapidamente. Todo o seu rosto brilhava de interesse. Tê-lo ia devorado ali mesmo, mas manteve-se na sua posição.

— Acabou de me ocorrer, Regan, que seria muitíssimo melhor que fosse um antigo aluno a ler o discurso — propôs.

Um ataque nuclear à América do Sul teria causado menos danos. Aquela bomba caiu em cima do Aegan e detonou na sua cara. Ficou de olhos esbugalhados ao mesmo tempo que franziu a testa como se não quisesse acreditar no que estava a ouvir, tamanho sacrilégio, tamanha ofensa, tamanha ousadia…

— O quê?! Mas que raio…? — disse o meu pobre e agora despromovido namorado, como se lhe tivessem dado um pontapé no rabo. — Mas se já combinámos que…!

— Aegan — cantarolou o Regan com muita paciência e um sorriso malicioso —, não te faz mal nenhum partilhar o espaço com outra pessoa.

— Não me importo de partilhá-lo, claro, desde que não seja contigo. Preferia que me amputassem a pila — bufou, direto, sem moderação, com toda a intenção de tornar claro que a sua presença o incomodava.

— Senhor Cash! — exclamou a reitora, escandalizada.

O riso do Regan foi tão tranquilizador que teria sedado uma multidão.

— Não se preocupe. Tratamo-nos assim desde sempre — disse à reitora. Essas palavras bastaram para tranquilizar a mulher, que assentiu e lhe dedicou um sorriso astuto. Depois, o Regan olhou para o Aegan e tive a impressão de que faiscou uma espécie de rivalidade que só eles compreendiam. — Ele não se importa nada se for eu a ler o discurso, pois não, maninho?

Era evidente que tinha um problema com isso. Suspeitei que o problema ia além da perda de protagonismo. Se não contássemos com o magnetismo que emanava do Regan, estava um ar muito mais pesado do que o de quando o Aegan e eu estávamos a sós. Eu sentia isso. Havia algo ali…, algo mais importante que penetrava o Aegan com tanta força que ao mesmo tempo o obrigou a conter-se. E era certamente inacreditável que aquela criatura se contivesse.

— Não — disse o Aegan de dentes cerrados e com a mandíbula tensa. Por um segundo, até vi que um olho se fechara primeiro do que o outro. Fiquei assustada.

O Regan esboçou um grande sorriso. A sua dentadura era perfeita, como não podia

ser de outro modo, tratando-se ele de um Cash. Estendeu um braço e arrancou as folhas do discurso ao Aegan com um descaramento encantador.

— Então está resolvido — disse, alternando o olhar entre a reitora e o meio-irmão prestes a explodir que tinha ao seu lado. — Não há mais discussão.

A reitora disse ao Regan que tinha de estar lá às seis em ponto e foi-se embora. Quando se afastou o suficiente, o Aegan parou à frente do Regan.

Mediam praticamente o mesmo, mas eram completamente diferentes se olhasses bem para eles. Estilos distintos, posturas distintas, talvez uma crueldade mais requintada num do que no outro… digo isso porque o Regan era impressionante, sim, mas havia qualquer coisa nele que me transmitia más sensações. Talvez fosse por transparecer essa aura insuportável de poder que os Cash tinham ou isso que…

— Diz-me que raio fazes aqui, porque nunca estás de passagem em sítio nenhum. Vens sempre com tudo planeado para aprontar alguma coisa — exigiu o Aegan, muito mais incisivo e tenso do que um momento antes.

— Aegan, para lá, há muito tempo que não víamos o Regan — tentou interferir o Aleixandre, mas o Aegan manteve a sua postura de olhar ameaçador e fixo no meio-irmão.

— Há quanto tempo? Um ano desde o último Natal? — respondeu o Regan, falsamente pensativo.

— Responde, Regan — insistiu o Aegan entre dentes, tão ameaçador como perturbador.

A verdade era que eu nunca vira alguém manter-se tão tranquilo diante da ira do Aegan. Nem sequer a serenidade e a indiferença do Adrik te surpreenderiam se visses como o Regan o ignorava, como gozava de maneira indireta, mas chocante com a raiva do mais velho dos Perfeitos Mentirosos.

— Não há razão nenhuma — encolheu os ombros. — É só que… o pai deu-me um mês de férias e decidi ficar na casa de campo. É tudo.

O Aegan olhou para ele durante mais um instante. A ira cintilava nos seus olhos claros e ferozes, mas passado um segundo foi como se algo ficasse mais claro para ele e fez então um gesto leve, mas percetível a mostrar o seu horror.

— Foi o… — sussurrou, mas ouviu-se imediatamente um pigarreio.

— Aegan — disse o Aleixandre, e passeou o seu olhar pelos seus dois irmãos, como se soubesse que coisas muito más poderiam acontecer se ambos continuassem a discutir. — Este não é o sítio certo para começarem a discutir, pois não? — Fez um gesto para que vissem que havia muita gente por perto, entre as quais nós, tão atentas que só nos faltavam as pipocas e os óculos 3D para desfrutarmos ainda mais

do espetáculo.

O Aegan girou a cabeça e observou-nos às três, de testa franzida. A Artie fingiu olhar para outro sítio, eu fingi jogar com uma pedra imaginária e a Laila enrolou o cabelo.

O Aegan deu um passo atrás e pareceu conter toda a sua fúria. No entanto, tinha as veias tensas.

— Jude, vamos — ordenou-me de repente.

Só lhe faltou puxar-me pela trela. Quis contrariá-lo, mas já não tinha vontade de ali estar, portanto não disse nada e avancei até ele. No entanto, detive-me mal ouvi a pergunta dirigida a mim:

— Eu conheço-te? — O tom do Regan tinha uma nota de intriga. Observou-me com uma curiosidade que me provocou um calafrio.

— Acho que não — respondi, encolhendo os ombros.

— Jude, vamos — insistiu o Aegan, olhando para nós os dois.

Ainda assim, a curiosidade do Regan intensificou-se.

— Tens a certeza? — voltou a perguntar, algo pensativo. — Acho que…

— Já te disse que não — interveio o Aegan repentinamente, aproximando-se de mim. Pôs-me uma mão nas costas para me obrigar a andar. — Além disso, é minha namorada. Aponta noutra direção.

Até eu olhei para ele algo surpreendida. A nota receosa e possessiva nas palavras «é minha namorada» teria convencido qualquer um.

— Ah! — assentiu o Regan, como se tudo tivesse sido esclarecido. De qualquer modo, ignorou por completo o seu irmão e disse-me: — És a das fotos da festa. — Um brilho tentador e malicioso realçou o seu sorriso assustador. — Estavas muito bonita.

Espreitei pelo canto do olho a Artie e a Laila, que olhavam fascinadas para o Regan. Preparei-me para lhe agradecer, mas mal consegui abrir a boca…

— Estava, não estava? Mas estava ainda mais bonita na minha cama nessa noite — disse o Aegan, agarrou-me pelo braço e, sem nos permitir dizer mais nada ou que nos despedíssemos, arrastou-me com ele.

Permiti-lhe ao menos ter uma saída triunfal. Vamos, já caíra no ridículo ao ser substituído como orador. Mas quando nos vimos a uma distância suficiente, afastei-me dele, zangada.

Analisei-o por um momento. O seu rosto estava contraído. Estava chateado, nauseado: nada de semelhante a como ficava depois de uma discussão com o Adrik ou o Aleixandre. Era mais complexo do que isso…

— Tens uma boneca parecida comigo que tenhas levado para a cama? — perguntei, com uma falsa incredulidade e com toda a intenção de o incomodar enquanto o acompanhava até ao carro.

Tinha um passo furioso enquanto procurava a chave do carro nos bolsos.

— Cala-te — ordenou-me e de repente parou em seco. Virou-se para mim e quase chocámos. Dei um passo atrás, confundida. Apontou-me um dedo. — Tem muito cuidado com o Regan. Nem sequer lhe fales.

O aviso soou bastante genuíno e ameaçador.

— Como poderia fazê-lo? Ao que parece, a minha vida sexual contigo é tão extraordinária que me apaga a memória — respondi, com todo o meu esplendoroso sarcasmo.

O Aegan manteve a sua expressão grave.

— Não te metas nisto, Jude — limitou-se a dizer num tom ameaçador.

Nova descoberta: o único capaz de deixar o Aegan Cash alterado era o seu irmão mais velho, o Regan.

— Mas é teu irmão, não percebo porque…

— Esse… — interrompeu-me rapidamente. Pensou em algum adjetivo, mas talvez lhe tenha parecido demasiado revelador porque se conteve e decidiu dizer: — Esse sujeito não é meu irmão.

Talvez não. Ou talvez sim.

A única certeza: o Regan chegara para dar início a um caos que ninguém saberia travar.

25

Nada de arrependimentos

24 horas para a feira

E ainda não sabia bem como ia fazer para reproduzir os vídeos no ecrã do palco.

Além disso, estava um pouco inquieta e nervosa. Isto é, não deixara de ser humana. Uma humana com um plano malvado, mas humana, ao fim e ao cabo.

Portanto, estando eu na biblioteca principal, mas só a fazer rabiscos no meu caderno por não me conseguir concentrar, fui surpreendida quando ativaram os altifalantes de Tagus. Rapidamente, um anúncio ressoou em cada edifício e sala:

«Pede-se a todos os estudantes que estejam disponíveis o favor de se dirigirem ao auditório. Vai dar início uma palestra/conferência realizada pela direção da universidade para prestar informações acerca dos processos de seleção e progressão académicas para este ano. A participação será creditada.»

Participação creditada? Iam dar-nos pontos por assistir a uma conferência? Nem era preciso pensar. Peguei nas minhas coisas e saí da biblioteca. Deparei-me no corredor com um denso fluxo de estudantes, porque a todos ocorrera aproveitar aqueles créditos adicionais. Chegámos em manada ao auditório.

Junto às enormes portas da entrada, tinham colocado um par de estudantes com uns formulários de participação que tínhamos de assinar antes de entrar. Por dentro, o auditório era em forma de tigela e o palco era enorme. Tinha uma cortina vermelha que agora estava recolhida. Havia uma tela de projeção ao fundo do palco. De um lado, havia um palanque para quem falasse e, atrás dele, uma fila de cadeiras onde um par de professores se preparava para sentar.

Estava à procura de um bom lugar quando vi um braço a agitar-se por entre as filas de cadeiras. Era a Artie, que me guardara um lugar junto a ela, à Kiana e ao Dash. Apressei-me a chegar a eles, pedindo desculpa aqui e ali à medida que atravessava a multidão. No fim, deixei-me cair na cadeira. Fiquei entre a Kiana e o Dash.

— O que se passou? — perguntei-lhes, girando a cabeça para ambos.

— Temos de esperar uns minutos até que acabem de testar o som para que

comecem — respondeu-me ele, um pouco entediado. Depois lançou-me um olhar semicerrado e curioso. — E tu? Estás com uma caaara… — enfatizou, sugerindo-me que eu não estava com bom aspeto.

Isso sabia eu. O dia estava esquisito e eu também. Além disso, nas primeiras filas estavam sentados o Aegan e o Owen. Estavam a conversar.

— Estás nervosa por causa de amanhã, não é? — sussurrou-me a Kiana, conivente. — Não te preocupes, vai correr tudo bem. Precisas da nossa ajuda?

Bem, precisava de saber uma coisa…

— Sabem quem vai estar responsável pelo som e pelos ecrãs da feira?

— A Artie sabe — comentou o Dash enquanto erguia rapidamente as sobrancelhas com um ar malandro.

Ela coçou a nuca, um pouco atrapalhada.

— É o rapaz de que te falei… — sussurrou-me, inclinando-se um pouco para mim como se fosse um segredo. — Chama-se Lander.

— Achas que lhe podia pedir um favor? — sussurrei-lhe também.

No entanto, aquilo chegou aos ouvidos da Kiana, que reprimiu um risinho.

— Ui, o que estás a tramar, Jude? — cantarolou.

Não faziam ideia.

Nem fazia eu ideia de como podia correr o que planeava.

— Na verdade, é para uma coisa que o Aegan me disse que precisava — menti para que não pensassem que tinha que ver com o meu plano contra ele.

— Vou mandar-te a localização no Google Maps — assegurou-me a Artie.

Nesse momento, uma professora colocou-se atrás do palanque e anunciou através do microfone que a conferência estava prestes a começar e que devíamos agora fazer silêncio. Eu prestei atenção ou pelo menos tentei, mas no final voltei a sentir-me refém do meu nervosismo.

Cheguei a perguntar-me: «Será que devo fazer o que estou a pensar fazer amanhã? Será o correto?»

Mergulhei tanto nos meus pensamentos durante um bom bocado que nem reparei no que se estava a passar, até que me apercebi de que o professor que estava a dar a conferência atrás do palanque se virara de costas e ficara imóvel a olhar para a tela de projeção. Só aí vi as imagens, e os intestinos e essas coisas todas que temos na barriga e arredores viraram-se do avesso.

A imagem mudara de um momento para o outro, sem aviso prévio. No ecrã estávamos o Adrik e eu aos beijos no meu apartamento, sob a influência do incenso.

Santa mãe de todos os segredos.

As nossas vozes ecoaram pelos altifalantes do auditório: «Vou fazer-te rir…», «Jude, para…» Era tudo tão claro que não podiam restar dúvidas acerca do que acontecera: eu montada em cima dele, as mãos dele à minha volta, os nossos lábios em movimentos intensos…

Um beijo bastante normal se ignorássemos o detalhe de que todos se tinham dado conta: eu não estava a beijar o Aegan, meu namorado, mas o seu irmão.

Quando saí do meu assombro, atrevi-me a olhar para os lados. Todo o auditório ficara num silêncio expectante. Cada indivíduo deixou de fazer o que estava a fazer para contemplar o vídeo. A Kiana e o Dash estavam pasmados; o resto dos alunos e das alunas, boquiabertos, de olhos esbugalhados, alguns até com um sorriso maquiavélico no rosto, como se fossem uma espécie de demónios que só se alimentassem de bisbilhotices, desgraças e erros alheios, sendo precisamente isso que lhes fora dado naquele momento.

Virei de novo a minha atenção para o placo e observei a fila de professores ali especados. Não percebiam o que se estava a passar. Estavam perplexos. Atónitos, desconcertados.

O vídeo chegou ao fim, o ecrã ficou escuro por uns segundos e depois começou a reproduzir as imagens da conferência. Respirei bem fundo, mas senti que ainda tinha muito ar nos pulmões. Houve um momento de silêncio, para processar tudo aquilo, e depois explodiram os murmúrios e as vozes. Ao mesmo tempo, a reitora pediu calma ao microfone e disse que aquilo era muito inapropriado, que era uma falta de respeito, que queria saber quem sabotara a projeção.

Mas ninguém lhe fez caso. Todos falavam ou olhavam para mim. Era pior que olhassem. Sentia todo o peso daqueles olhares condenatórios. Pela primeira vez na minha vida, não soube o que fazer, se ficava ali afundada na cadeira ou se me levantava e corria. Senti muitíssima vergonha. Quis desaparecer, que o chão me engolisse e me cuspisse noutro planeta. O segredo de que gostava do Adrik estando com o Aegan era bastante grave, mas agora que todos o tinham descoberto parecia-me um pecado mortal.

Decidi ficar onde estava para enfrentar o julgamento social, porque assumi que seria silencioso e se restringiria a olhares e murmúrios, mas subestimei os alunos de Tagus. Subestimei o terreno liderado pelo Aegan. Uma pessoa podia achar que, como eram jovens universitários, se comportariam, mas a maldade não respeita idades nem condições sociais, meus senhores; descobri isso quando ouvi:

— Que pega!

Fora uma rapariga que gritara isso com escárnio e crueldade de um sítio qualquer

do auditório. Fiquei no meu lugar, atónita. O insulto ouviu-se por cima das outras vozes e foi então que as coisas se descontrolaram.

— Via-se logo pela tua cara, Jude! — gritou uma outra rapariga de um outro assento.

— Também queria passar um tempinho contigo, se o Aegan não se incomodar! — disparou um rapaz e em resposta ouviram-se risos cruéis e lascivos.

— Mas ela é horrível! — gritou outra rapariga, e esse comentário gerou algumas gargalhadas.

— Foi isso que te ensinou a tua mãe, a sidosa?! — gritou um rapaz algumas filas à minha frente.

Este último comentário atravessou-me como uma espada. O assombro desapareceu e deu lugar a uma fúria que me deu uma vontade terrível de me levantar, arrancar a cadeira do chão e atirá-la contra quem fosse; mas também me senti ofendida, atacada de uma maneira tão nova que não sabia se uma atitude defensiva me colocaria numa posição melhor ou se pioraria tudo.

De qualquer forma, aconteceu uma coisa que também me impressionou:

— Parto-te a cara toda, imbecil! — gritou de repente a Kiana, que se acabara de levantar da cadeira e ameaçava alguém de punho em riste.

— Tens um exército de putas, Jude?! — gozou alguém por cima das risadas e vozes.

A Kiana levantou-se, furiosa, e começou a discutir. Ao mesmo tempo, os outros também gritavam insultos e piadas. Entretanto, a professora disparava ordens do palanque que eram ignoradas. O auditório converteu-se num caos de gritos, risos e piadas, com rapazes e raparigas a desfrutarem daquela comoção com uma divertida malícia…

E foi então que a Artie se levantou do seu assento e saiu a correr do auditório.

Algo me disse: «Vai atrás dela. É a única que te pode ajudar e acabou de ver uma coisa grave.»

Levantei-me da cadeira e avancei a passo rápido pelo corredor por entre as filas de assentos. Nunca uma saída me parecera tão eterna. Senti-me como a Cersei Lannister na *Guerra dos Tronos* quando a condenaram a percorrer nua o passeio da vergonha. Apesar de estar completamente vestida, senti-me exposta. Só lhes faltou atirarem-me lixo e cadeiras para melhorar a cena. Enquanto avançava, gritavam-me todo o tipo de insultos e cada um deles me encheu de uma fúria impossível de explicar.

Uma vez chegadas lá fora, detive a Artie. Quando se virou para mim, estava muito chateada. Chateada a um nível a que achei que ela não seria capaz de chegar.

— Não gosto deles, odeio-os! Sou a pessoa ideal para os destruir! — disparou, imitando-me com uma voz ridícula, referindo-se claramente às coisas que uma vez disse sobre os Cash. — E depois é isto?

Muito bem.

Que tens a dizer, Jude?

Nada, foste apanhada, porca.

— Foi o incenso, não sabia o que estava a fazer — defendi-me (ao menos isso era verdade).

Não quis saber disso e olhou para mim de olhos semicerrados e carregados de raiva e reprovação. Era uma expressão dura, semelhante à que dedicarias a um desconhecido.

— A sério que não esperava isto de ti, Jude — admitiu, abanando a cabeça. A voz saiu-lhe seca. — Acreditei em tudo o que disseste acerca de teres um plano para os humilhares…

Quis deixar isso bem claro:

— O que aconteceu com o Adrik não muda nada em relação ao que penso fazer.

— Muda tudo! — exclamou, irritada, como se fosse evidente. — Achas que não me apercebo? Estás a hesitar e isso é o que eles conseguem sempre: que duvides até de ti própria.

Quis rebater o que dissera, mas, maldita seja, tinha razão. Senti-me envergonhada até de que as minhas dúvidas fossem visíveis e um pouco revoltada comigo mesma porque era certo que algo mudara e isso não era bom. Mesmo nada bom.

— Estou a pensar fazer o que planeámos amanhã — assegurei-lhe, apesar da minha própria inquietação. — Será melhor do que achaste que seria porque…

Não me quis ouvir.

— Sabes o que fazia de ti diferente, Jude? — interrompeu-me.

Senti que não queria ouvir o que ia dizer a seguir e, para o evitar, tive vontade de lhe contar a grande verdade.

Sim, havia uma *grande verdade* que em breve conhecerás.

Porque eu era boa a guardar as coisas, mantendo-as em segredo, mas ocultar algo é como ir deitando água numa piscina. Aguentava muito, mas chega a um ponto em que transborda. Não sabia em que nível transbordaria. Esse limite não parecia estar assim tão distante. De noite já sentia dificuldades em adormecer sem pensar em tudo o que estava a acontecer, em tudo o que iria acontecer…

— Artie… — tentei detê-la, mas ainda assim ela disparou:

— Apenas isso, tu não cedias. Agora eu, tu e todos os outros somos iguais. És tão

fraca como nós.

Sem acrescentar mais nada, virou-me as costas e afastou-se, muito incomodada. Fiquei ali, a vê-la ir-se embora.

Meu Deus, que cena! Achava-me fraca por ter beijado o Adrik, mas ainda não sabia o resto… Ponderei contar-lhe mas não, de certa forma precisava que continuasse a conhecer apenas parte dos meus objetivos. Era melhor que achasse que já não devia ser minha amiga, que eu era má pessoa com planos cruéis… Ainda que eu não entendesse porque me afetava tanto aquela luta se ao chegar a Tagus prometera a mim mesma não fazer amigos com que pudessem acontecer coisas destas.

«Acalma-te, Jude, não querias que ela fosse tua amiga a sério, certo?»

O Aegan saiu imediatamente do auditório, para piorar tudo. Virei-me para ele. Deteve-se à minha frente e encarou-me com os olhos semicerrados, duros. Já sabia tudo. Vira o beijo, a traição, a baixeza da sua namorada. Acabaria comigo? Convir-me-ia isso numa altura destas?

Pensei que explodiria de raiva, mas claro que não, ele era bem pior do que isso.

— Diz-me como querias que isto fosse? — perguntou-me com aquela falsa incredulidade que tanto me irritava. — Íamos para a cama contigo em separado ou querias chegar a um patamar mais alto e experimentar um trio?

Acabo de me aperceber que «fúria» não representa por completo o que experimentei ao ouvir isso. Deve haver uma palavra com um significado ainda mais forte… Não era cólera, nem raiva, nem ira; foi algo quase mitológico, cego, imparável o que percorreu cada parte do meu corpo e fez com que começasse a respirar agitadamente. Os meus ouvidos zumbiram como se o mesmo sentimento os obstruísse. Algo se concentrou no meu peito, me nublou a vista e me deixou os músculos tensos.

Já viste a Regina George do *Giras e Terríveis* na cena em que descobre tudo o que a Cady (Lindsay Lohan) fez, entra no quarto a gritar, pega no *Livro do Mal* e começa a fazer das suas? Bem, imagina qualquer coisa desse género. Apertei os punhos, soltei um grito de raiva que não consegui conter e dei-lhe uma bofetada.

Que vontade tinha de fazer aquilo!!!

Bem, bem, a violência não resolve nada, certo, mas noutros tempos, quando as mulheres usavam vestidos pomposos, a melhor defesa de uma dama diante de uma ofensa era uma bofetada seca e orgulhosa. Claro que eu queria saltar-lhe para cima e não parar de lhe dar socos e pontapés como se fosse uma personagem do *Dragon Ball*, mas a bofetada pareceu-me precisa e suficiente.

A cara atraente e bem barbeada do Aegan girou com o impacto, mas voltou a

endireitar-se logo a seguir. Não se surpreendeu, apesar de ter franzido os lábios e contraído o maxilar.

— És um lixo — disparei, sem travões. — Não, lixo é pouco! És o lixo mais asqueroso que há!

— E eu que pensei que eras mais inteligente — rebateu, contendo a raiva por lhe terem batido. — Tinha-me apercebido de que ele te andava a prestar demasiada atenção, mas não achei que te deixasses enganar pela sua estúpida lábia. Na verdade, pensei que no dia em que te dei o anel as coisas ficassem claras para o Adrik, mas esqueci-me de que ele adora chatear-me.

Depois destas palavras, para mim não havia outro culpado para além dele.

— E por isso fizeste isto?! — continuei, num arrebatamento de cólera irrefreável. — Planeaste atirar o meu nome para a lama e pisá-lo com esse vídeo para que me envergonhasse da minha própria cara só por raiva?!

O Aegan olhou para ambos os lados e apercebeu-se de que uns alunos que passeavam por ali tinham parado a olhar para nós com curiosidade. Não eram muitos, só dois, mas eram ouvidos que o poderiam prejudicar.

— Se queres gritar comigo ou virar maluca, que seja noutro sítio — disse, irritado, e agarrou-me o braço, mas soltei-me com um movimento violento.

— Não me toques! — gritei tão alto e de forma tão decidida que ele ficou espantado.

Fervia-me o sangue, e ter o Aegan à minha frente com aquela monumental cara de imbecil só tornava tudo pior. Claro que a minha reação também o enfureceu a ele. Franziu as sobrancelhas e surgiu aquela expressão de touro enraivecido que tão bem o caracterizava.

— Estás a culpar-me a mim quando foste tu que me enganaste? — rugiu. — E além disso queres armar a merda de um escândalo para me prejudicar?!

— Armo um escândalo onde bem me apetecer! — saiu-me num grito rasgado que me sacudiu o corpo. A seguir, dei um passo em frente. Era mais baixa, mas não menos poderosa do que ele. — De todas as coisas que fizeste, Aegan Cash, esta foi…

— Foi o quê? — interrompeu-me, de queixo erguido e olhar desafiador. A sua voz era um rugido grave e intimidador, mas não me encolhi nem um pouco. — Por acaso sabes o que fiz? Ou estás a culpar-me só porque adoras que eu seja o mau da fita?

Para o seguinte, já tive a inteligência de olhar para ambos os lados. As pessoas que nos observavam estavam um pouco longe, mas conseguiam ouvir-nos, portanto baixei a voz e disse num tom acutilante.

— Puseste a dar esse vídeo que nem sei como conseguiste arranjar — disparei. —

Sabias o que iria acontecer, porque se tu fazes esse tipo de coisas, aplaudem-te e sentam-te num trono, mas se for eu, chamam-me pega e cospem-me na cara.

— Achaste que se iriam comportar de outra forma ao ver aquele vídeo? — contra-atacou imediatamente, enfurecido. As veias do seu pescoço evidenciaram-se devido à força e à contenção com que pronunciou cada palavra. — Achas que estar com dois tipos ao mesmo tempo é um grande feito que merece aplausos?

Tive de franzir os lábios para reprimir a vontade de continuar a disparar tudo aos gritos. Certo, tinha de ser cuidadosa. Estava enojada, mas tinha de me moderar. Com o esforço, voltei a sentir o estômago comprimido e a causar-me mal-estar. Fui-me abaixo. A raiva estava a transformar-se em algo mais parecido com tristeza.

— Sei que estive mal — disse-lhe num tom mais contido. — Mas o que fizeste ali não foi a melhor maneira de te vingares. Podias ter feito outra coisa qualquer. Teria aguentado qualquer outra jogada, mas isto foi baixo de mais, até para ti.

— Só eu é que dou golpes baixos? Ai é? — perguntou de uma forma que me fez duvidar.

O seu sorriso alargou-se de maldade e fez aquela cara que eu tanto odiava. Aquele brilho no seu olhar e aquela expressão no seu rosto que troçava de mim de maneira descarada e cínica. Aquela cara de «sei como as coisas são e tu não sabes e és patética por isso».

— Tudo o que disseres…

— *OK*, vou dizer-te isto porque estás com tantas certezas que até me dás pena. O Adrik que beijaste é o que ele quis que tu visses: maduro, focado, culto, misterioso, incapaz de magoar alguém, mas tu não sabes quem ele é. — Procurou os meus olhos, que eu quis desviá-los dele para que não conseguisse ver neles como me sentia, mas que, ainda assim, decidi manter fixos nos seus para me mostrar firme e nada afetada. — Sabes o que nós, os Cash, temos de especial? É que nós os três podemos mostrar uma cara e ter outra. Ninguém nos conhece de verdade. E achas que tu, que chegaste há uns meses e que por pura sorte ganhaste o lugar de minha namorada, já sabes qual de nós é o bom e qual o mau?

— Os três são iguais — limitei-me a dizer, tentando conter a raiva.

— Sim, não é segredo nenhum — aceitou, com a boca encurvada para baixo e de ombros encolhidos. — Mas temos maneiras diferentes de conseguir as coisas. Eu, por exemplo, sou impulsivo, admito; o Aleixandre é caprichoso e estúpido; e o Adrik… o Adrik é um estratega, observador, não lhe escapa nada. Ele apercebeu-se desde o princípio que a minha atitude te incomodava, então fez tudo ao contrário do que eu faria. E tu caíste que nem uma patinha.

O quê…? Não. Ou sim? Era possível…

Oh, não, por favor, não.

Não soube o que dizer. Foi o pior momento para não saber o que dizer. E ele percebeu isso.

— Sim, é muito astuto — aceitou, meio pensativo mas cruel. — Essas merdas dos livros, de ser rebelde, de não concordar com os irmãos agradam às miúdas. Repetiu-te muitas vezes que era diferente de mim, certo? Porque era assim que queria que o visses e foi assim que o viste. Não achaste que ele seria capaz de te tratar como eu te tratei. De certeza que era essa a sua ideia.

Os seus olhos semicerrados encararam-me com a inclemência e frieza com que um tirano olharia para o líder de um país inimigo. Nunca foi tão claro para mim o que éramos como naquele momento em que ele me atacava com tanta eficácia apenas com estas palavras. Aguentei o seu olhar por um instante, mas depois decidi que precisava de me afastar dele enquanto estivesse tão irritada ou ia dar cabo de tudo com a minha boca tão grande e indiscreta.

Dei uns passos para me ir embora, mas virei-me por um segundo para ele.

— És tão repugnante, Aegan Cash, — disse-lhe — que nem percebo como consegues dormir à noite a respirar o teu próprio fedor.

Dito isso, tirei o anel com a letra «A» que me oferecera, atirei-lho à cara, saí dali e deixei-o para trás.

Andei até encontrar um lugar calmo e solitário. Era uma espécie de parque com alguns bancos, flores e muita relva verde que convidava a que nos deitássemos nela. Sentei-me num banco para me acalmar. Precisava de me tranquilizar, já que tinha a respiração acelerada, os olhos a arder e a boca seca.

«Jude, acalma-te lá.»

Já sabia que o Aegan era assim tão maldoso. E o Adrik… teria realmente conseguido enganar-me com aquela imagem de rapaz diferente? Claro, como pude ser tão estúpida? Era um Cash. Tentar separá-lo do seu apelido fora um erro.

Senti-me um pouco frágil por isso. E eu não era frágil. Não podia sê-lo. Tinha chegado a Tagus e, apesar de tudo por que já passara, continuava de pé nesse ponto da história, ainda como namorada do Aegan, com provas que o incriminavam, mais próxima da meta. Não podia permitir agora que me fosse abaixo por causa do Adrik, fossem ou não verdadeiras essas acusações de que só quisera estar comigo para irritar o seu irmão.

Já não me serviria de nada sofrer por isso naquela altura. Que todos soubessem o que se passara entre mim e o Adrik? Bem, isso também não me deteria.

Pelo contrário. Já não me sentia indefesa.
Sabia o que faria no dia seguinte.
Destrui-lo-ia.
Claro que nessa festa aconteceriam coisas inesperadas.
Ali tudo começou a ruir.
Os Cash.
As minhas mentiras.
E os segredos.

26

Não estavas à espera disto, Jude?

12 horas para o início da feira

Tive de perguntar ao Dash onde poderia encontrar o Lander, porque agora a Artie não me diria. Nem sequer me dirigia a palavra, portanto, fui sozinha ter com esse rapaz.

Tinha muito claro para mim como levaria a cabo o meu plano, mas precisava da sua ajuda.

Atravessei as portas de uma das salas do edifício da Faculdade de Engenharia. Foi como entrar num universo ciberneticamente *cool*. Havia muitos painéis de acrílico nas paredes, uns transparentes e outros brancos. Tinha demasiadas coisas escritas em cores diferentes: códigos, números e termos compreensíveis apenas para informáticos. Também havia pósteres e umas cinco filas de computadores que, comparados com os da biblioteca, pareciam uns monstros poderosos de onde saíam cabos e dispositivos que nunca na vida iria compreender para que funcionavam. Senti-me como numa sala de controlo de um filme de ficção científica.

Só havia uma pessoa lá dentro. Estava na fila do fundo, sentado numa cadeira giratória com uns enormes auriculares postos. Ouvia-se o teclar e os cliques do rato. Ao aproximar-me, pensei que me ia encontrar com um génio a decifrar códigos, a aceder a *sites* ilegais, a roubar informação…, no fundo, com um *hacker* em ação.

Mas o Lander estava a jogar *Fortnite*.

Ah, *OK*.

Toquei-lhe no ombro com um dedo e o tipo saltou de susto na cadeira. Ao mesmo tempo, virou-se e os auriculares caíram-lhe da cabeça e fizeram com que também os seus óculos de massa caíssem. Enfim, um desastre.

Bem, o Lander era… como explicar? Há tipos que te parecem ser *sexy* e durões e há outros cuja cara te inspira ternura e carinho. Ele pertencia ao segundo grupo. Tinha um ar desastroso, de óculos tortos e cabelo ruivo desgrenhado, mas era giro de uma maneira pouco convencional. Tinha muitas sardas em redor do nariz e os lábios numa

linha rosada e esculpida. Tinha uns olhos enormes da cor do mel e uma expressão de susto adorável. Usava uma camisa de um azul-elétrico e por baixo uma *T-shirt* preta de manga comprida. As calças eram umas *Levi's* velhas com algumas marcas acidentais deixadas por marcadores.

Estendi-lhe a mão.

— Olá, sou amiga da Artie — cumprimentei-o de forma amigável.

Hesitou um segundo, mas apertou-me a mão.

— Sei que é estranho vir aqui sem que nos conheçamos — disse —, mas perguntei à Artie se te podia pedir um favor relacionado com a feira de amanhã e ela disse-me que talvez me pudesses ajudar. Faço parte do comité de organização do Aegan Cash.

Foi como se ao pronunciar aquele nome automaticamente lhe tivesse arruinado o dia. Ficou com uma expressão de enfado.

— O Aegan… — disse, com algum fastio e até… rancor? — já me telefonou umas cinco vezes e já lhe disse que está tudo em ordem. Recebi as instruções e está tudo pronto. Podes dizer-lhe que se acalme.

— Está nervoso porque vai ler um discurso superimportante — tentei desculpar-me por ele. — Ou ia dar. Já não sei.

— Hum… — murmurou o Lander, num claro: «Não me interessa, é um imbecil.»

Eu percebia-o. Na verdade, agradava-me que não fosse dos que admiravam cegamente o Aegan.

— Bem, o que se passa é que lhe ocorreu uma ideia nova e precisa de que no momento em que estiver a ler o discurso se reproduza um vídeo comemorativo nos ecrãs — disse, indo direta ao assunto.

Pensei que recusaria, mas parecia mesmo que ele só queria despachar rápido aquele assunto.

— Muito bem — acedeu. — Dá-me o ficheiro.

Não o levara comigo porque era valioso. O Lander era muito fofo, mas num momento destes não podia confiar em ninguém.

— Entrego-to amanhã — assegurei-lhe, acrescentando uma mentira. — É que ainda o estão a editar.

Assentiu e rodou na cadeira para continuar o que estava a fazer. Sem mais motivo para ali estar, avancei em direção à porta para sair, mas antes ele disparou-me uma pergunta:

— É mesmo verdade que a Artie te disse que me podias vir pedir um favor?

Olhei para ele. A cadeira não se virara. O seu cabelo avermelhado era muito liso e os ombros um pouco estreitos.

— Sim. Achas estranho? — perguntei sem perceber.

— Muito — admitiu. — Ela acha que eu não percebo, mas sei que não gosta que se saiba que estamos… relacionados de algum modo.

Ui, também me apercebera disso, mas não tinha a crueldade (pelo menos, não para ele) de o aceitar. E também não queria prejudicar a Artie, ainda que já não nos falássemos.

— Porque é que não haveria de gostar? — tentei atenuar. — Pareces incrível.

— A sério? — suspirou, ainda que com um pouco de amargura. — Pareço-te tão incrível como um Cash, por exemplo?

Pois… fisicamente talvez fosse superado por qualquer dos Cash, que resplandeciam mesmo que não quisessem, mas, apesar de não o conhecer, via-se que o Lander tinha as suas vantagens. Ao pensar nisso, apercebi-me de que não tivera em conta o quão mal se deviam sentir todas as pessoas que perderam oportunidades por os privilégios dos Cash serem sempre postos em primeiro lugar, bem como todas aquelas que, em algum momento, tinham sido por eles ofuscadas.

— Lander, os Cash não me parecem nem um bocadinho incríveis — respondi, com toda a franqueza.

Não disse nada por um momento. Depois sussurrou:

— Quem me dera que a Artie pensasse assim. E o esquecesse.

Não percebi. Ia ativar o meu lado bisbilhoteiro, mas o meu telemóvel vibrou. Era uma mensagem do Aegan: «Acho que apanhei um resfriado e hoje preciso de estar perfeito. Passa na farmácia e traz-me qualquer coisa. Estou em casa. Mexe-me esse rabo mole.»

Bem, ao menos continuava em contacto com ele. Talvez já não estivesse irritado. Eu estava, claro, mas precisava de conter a minha fúria.

Se fosse por mim, deixava-o morrer de pneumonia, mas precisava de continuar a representar o papel de namorada apaixonada e uma namorada nunca abandona o seu namorado se ele estiver doente, claro que não.

Um sorriso igual ao da cena famosa do *Grinch* soltou-se dos meus lábios, ao mesmo tempo que me vinha à cabeça a ideia: A não ser que essa namorada apaixonada se engane na farmácia…

Soltei um risinho, despedi-me do Lander e fui até à farmácia do *campus*. Entrei, a porta tilintou e detive-me em frente ao balcão de atendimento. A farmacêutica era uma rapariga apenas um par de anos mais velha do que eu, com o ar nervoso de um cachorrinho que só soubesse tremer e ladrar.

— Tens laxantes em comprimidos? — perguntei-lhe com toda a naturalidade.

— Sim — respondeu, ainda que algo hesitante.

Lancei-lhe um sorriso largo, alegre, feliz como o de um miúdo prestes a pregar a partida mais épica de todas.

— Perfeito, dá-me uma caixa e outra de um antigripal qualquer, por favor.

Quando saí, sentei-me num dos bancos do passeio e fiz a troca: meti os comprimidos de laxante no frasco dos antigripais. Tinha a certeza de que o Aegan nem sequer se ia dar ao trabalho de ler o nome impresso no comprimido, portanto o meu plano não tinha como falhar. Sentia-me satisfeita só de pensar na diarreia olímpica que teria mais tarde.

Guardei tudo no saco e fui a cantarolar e quase aos saltinhos até casa do Aegan. Ao chegar, avancei pelo corredor enquanto cantarolava a canção de um anúncio, toquei à porta de sua casa e… o meu entusiasmo foi à vida.

O Adrik, também conhecido por Driki, também conhecido por Minha Angústia Pessoal, foi quem me abriu a porta. Vê-lo foi como se me tivessem dado um soco no estômago que me deixasse sem ar. K.O. *Fatality.* Porque não, ele não se podia contentar em ser apenas bonito, nãããão, ele tinha de ser torturantemente atraente. Que inferno.

Além disso, aquele grande idiota só tinha vestidos uns calções de ginásio. Por um momento, fiquei a olhar para o seu peito nu e depois para o seu cabelo selvagem e tão desgrenhado que parecia que ele acabara de acordar de uma longa sesta. Trazia na mão uma barrita de chocolate que devia estar a comer há uns minutos.

Olhou para mim enquanto mastigava lentamente, com os olhos semicerrados, frios e indiferentes. Agarrei ainda com mais força no saco onde trazia os comprimidos. Quis engolir em seco, mas não o fiz para que ele não reparasse na minha inquietação. O Adrik era o mais sensato de entre os seus irmãos e eu não tinha a mínima dúvida de que agiria com muita maturidade, e estava disposta a fazer o mesmo.

Passaram uns segundos, pensei que não me ia deixar passar, mas acabou por se desviar. Avancei mecanicamente e ouvi-o fechar a porta com força atrás de mim. Quase me sobressaltei.

— Ao menos não me fechaste a porta na cara — disse eu, tentando, por alguma razão absurda qualquer, ter piada.

Era demasiado cedo para fazer piadas?

Sim, mas tinha-me deixado nervosa.

— Sei que não vivo sozinho — respondeu desinteressadamente enquanto caminhava até à cozinha. — E tenho a certeza de que, se tivesse feito isso, ias continuar a tocar à campainha.

Para quê discutir? Ele tinha toda a razão. Aquele imbecil estava sempre certo.

— Perseverança, dizem — encolhi os ombros.

— Chama-se estupidez — corrigiu ele, imitando-me.

Respirei fundo. Era de novo o Adrik frio, cortante e sarcástico das aulas de Literatura, como se nunca nada se tivesse passado entre nós. O pior era que quanto mais ignorava esse facto, mais incómodo tudo se tornava. A parte boa era que tinha a impressão de que para ele já era mais fácil. Isto é, naquele momento, eu tremia por todos os lados enquanto ele parecia muito tranquilo. Aquele acesso de raiva no clube parecia coisa de há muitos anos.

— Onde está o Aegan? — decidi perguntar. — Disse-me para lhe trazer umas coisas.

O Adrik demorou tempo a responder. Mastigou o último pedaço de chocolate, abriu o frigorífico, sacou uma cerveja e fechou-o. Acompanhei cada movimento com muita paciência, apesar de saber que o fazia de propósito.

— Está a tomar banho, ele já sai — respondeu, ao mesmo tempo que abria a cerveja.

Fez-se um silêncio. Entretanto, fiquei parada no meio da sala, a segurar o saco em frente ao peito com as duas mãos. Aquele ambiente incómodo, pesado, com algo por resolver entre nós, tornou-se tão denso que suspeitei que se levantasse uma mão conseguiria senti-lo. Quis mexer-me, mas também não sabia para onde, portanto fingi olhar para as paredes e para tudo com que me deparava.

— Ah, olá, candeeiro.

— Olá, sua cabra mentirosa.

Abanei a cabeça. Mas que raio…? Merda de candeeiro, ou merda de consciência? Fiz uma cara esquisita até me lembrar de fazer a pergunta:

— O Aegan está… chateado?

— Porque haveria de estar? — respondeu ele, perdido nos seus pensamentos.

— Por causa do vídeo.

Fez um ar pensativo.

— Não — disse, passado um momento. — Já falámos.

Ai, meu Deus, tinham falado sobre mim. Poderia ser pior?

— Falaram do quê? — perguntei, nervosa. — Posso saber?

A sua resposta foi simples:

— Hum, não.

— Adrik! — exclamei, já stressada com aquele imbróglio.

Ele levou uma mão à testa como se de repente se tivesse lembrado de algo alheio ao

tema da sua conversa com o Aegan.

— Desculpa, que falta de educação da minha parte ao deixar-te aí de pé — disse-me, fingindo amabilidade, e apontou para um ponto na sala de estar. — Podes esperar pelo meu irmão ali na varanda, onde passámos um bocado naquela noite em que te trouxe para minha casa.

Foi totalmente inesperado. Pensei: «O quê…? Porque refere isso agora?»

— O quê? — disse, com uma certa estupefação, mas ele interrompeu-me ao mesmo tempo que saiu da cozinha num passo tranquilo.

— Ou ali, onde me disseste que tinhas gostado do meu beijo — apontou para um sítio específico do chão onde efetivamente ficara petrificada na noite em que nos beijámos ali em casa.

Os meus lábios formaram uma fina linha. As memórias adquiriram a forma de uma enorme garra que me comprimiu o estômago e o fez andar às voltas. Engoli em seco. Dizia-o com tanta serenidade, como se fossem assuntos sem importância acerca dos quais poderia falar com qualquer pessoa em qualquer circunstância.

— Adrik, por…

Voltou a interromper-me:

— Ou talvez ali no sofá, onde te despi, te acariciei e quase te…

— Já chega! — exclamei de repente, atónita, antes de que dissesse coisas que não devia. Alternei o olhar entre ele e a entrada do corredor que conduzia aos quartos, nervosa e com uma expressão de horror. — O que raio estás a fazer?! — acrescentei, num sussurro exasperado.

Ele fechou a boca e deteve-se a poucos metros de mim, mas o seu rosto manteve-se cruel. De facto, um sorriso mínimo, mas malicioso levantou-lhe o canto direito da boca. Ia comportar-se com maturidade? Não, senhoras e senhores, o Adrik Cash estava a fazer jus ao seu apelido e à sua reputação.

— Não nos consegue ouvir. Deve estar muito ocupado a falar consigo mesmo ao espelho — disse, desinteressadamente.

Não podia acreditar que estivesse a comportar-se daquela maneira. Não era próprio dele, ou era? De repente, estando cada um num canto diferente da sala, como dois *cowboys* prestes a sacar das nossas pistolas para nos enfrentarmos em duelo, tive a sensação de que não conhecia de todo o Adrik.

— Estás muito comunicativo hoje, Adrik — disparei, sarcástica.

— Tenho os meus dias bons — disse e o sorriso fez-se amargo.

Comprimi os lábios para me conter.

Voltei a olhar na direção do corredor e de seguida soltei num tom mais baixo e

enfurecido:

— É isto que vais fazer? Vais transformar a tua raiva contra mim numa guerra estúpida?

— E não era isso que tu fazias desde o princípio? — defendeu-se, com uma entoação cínica que me estava a começar a irritar mais do que o recomendável.

Comprimi tanto os lábios e o maxilar que devo ter feito uma careta engraçada. Apontei-lhe um dedo como se o quisesse esfaquear e por fim voltei a recuar um passo. Não. Respira, Jude. Repete como aquela personagem da *Pucca*, a Ring-Ring: «Não me vou irritar, não me vou irritar.» Não ia mesmo entrar numa discussão com ele, não ia…, não ia…

— Só que eu não quero — disse e ergui as mãos num gesto de rendição. — Não vou alinhar no teu jogo, portanto nem te esforces.

O Adrik manteve a sua calma chocante e soltou um riso trocista, largo, como se tivesse acabado de ouvir a coisa mais ridícula do ano.

— Mas, Jude, eu nunca tive de me esforçar nem um bocadinho para nada — admitiu, com uma enorme tranquilidade e até alguma vaidade. — E acho que sabes isso muito bem.

Só lhe faltou piscar-me um olho para completar a cenazinha de idiota arrogante.

— Não conhecia esse teu ego — murmurei, mas ele ouviu-me e respondeu com indiferença:

— Há tantas coisas que não sabemos nem nunca vamos saber acerca um do outro…

Claro, já nunca mais ia haver nada entre nós. Isso fez-me sentir… triste?

A figura alta e acabada de sair do banho do Aegan apareceu no corredor, salvando aquele momento horrível. Tinha a toalha presa à volta da cintura e um monte de gotinhas sobre os ombros tatuados. O cabelo caía-lhe numa desordem húmida e a sua pele brilhava de frescura. Contudo, ainda não se barbeara e juraria que lhe vi umas leves olheiras. Ainda assim, não tinha mau aspeto. O Aegan seria atraente mesmo que tivesse ranho e ramelas no rosto. Era um dom impressionante.

— Estás aí… Trouxeste-me o que te pedi? — disse-me, como se nada tivesse acontecido.

Ao menos não ouvira as parvoíces que eu e o Adrik tínhamos acabado de dizer.

— Sim — respondi, num tom de voz de namorada melosa. Vasculhei o saco e encontrei o frasco dos antigripais. Como não queria que nada falhasse, eu mesma o abri e saquei um comprimido. — Toma, isto vai ajudar.

Ele pegou no comprimido com confiança e piscou-me um olho, todo galã. Depois, inclinou-se para mim e deu-me um beijo na boca para me cumprimentar. Cheirava a

sabonete de homem e a sua boca estava fria por causa do duche. Então… estávamos bem? Era isso que aquele beijo significava? Continuava a ser a sua namorada? Porquê?

Percebi que o Adrik nos estava a lançar um olhar semicerrado e desconfiado e, se fosse possível aos humanos enviarem mensagens telepáticas uns aos outros, tê-lo-ia ouvido na minha cabeça a dizer: «Isso, Jude, beija o meu irmão e depois tem sonhos molhados comigo.»

Pensei que ia ficar verde de tão desassossegada que estava. Aquele momento era demasiado esquisito.

— E tu? — disse o Aegan ao Adrik ao aperceber-se da sua presença na sala. — Deixa-te de esquisitices e vai arranjar-te, que faltam poucas horas.

Ao menos não estavam chateados um com o outro.

Ainda que a relação entre o Aegan e o Adrik pudesse ser indecifrável para os outros.

— Estava só a falar com a Jude enquanto ela esperava por ti — esclareceu serenamente o Adrik, encolhendo os ombros. — Para que não se aborrecesse. Ainda posso fazer isso, ou não?

Aquele «ainda posso fazer isso» quase me matou. De que raio tinham falado?!

O Aegan fez um gesto a sugerir que aquilo não tinha importância.

— Claro que sim — disse, e começou a fazer alongamentos com os braços. — Contem-me, há novidades?

— Não. A Jude estava só a dizer-me que gostava muito daquele sofá — respondeu o Adrik com indiferença enquanto apontava para o enorme móvel da sala.

Um segundo depois, durante o qual fiquei paralisada com aquela indireta tão astuta e malvada, ele avançou em direção ao corredor para ali desaparecer, triunfante.

Senti um espasmo no lábio superior. Mantive-me imóvel a ponto de me converter em Super Saiyan e de o atacar com pontapés sucessivos, mas não me vou irritar, não me vou irritar.

O Aegan franziu a testa com espantou e olhou para mim.

— A sério? A mim parece-me normalíssimo — comentou.

Depois dirigiu-se à cozinha para tomar o antigripal/laxante com um pouco de água.

Virei-me para ele, respirando profundamente para me acalmar. Agora que o via bem, tinha aquele brilho habitual de energia e poder. Parecia melhor… três vezes mais animado do que noutros dias, como se tivesse acabado de sair de uma revista de homens maravilhosos e perfeitos.

— Não pareces doente — disse e continuei a estudá-lo com curiosidade.

— Por isso é que disse «acho» — enfatizou, com uma demora encantadora.

Lancei-lhe um olhar assassino. Ele tomou o comprimido, pousou o copo no lavatório e aproximou-se de mim. Examinou-me minuciosamente e suspirou com resignação, como se opinar acerca do meu aspeto fosse já uma perda de tempo.

Se não precisasse ainda de ser sua namorada, tê-lo ia asfixiado com o saco, em vez de lhe dar explicações:

— Ainda que me tenha chateado muito teres posto o vídeo no auditório, precisas de saber que o beijo com o Adrik aconteceu porque…

Abanou a cabeça para me interromper.

— O Adrik já me explicou — disse, muito tranquilamente. — Foi o incenso.

Surpreendeu-me que se mostrasse tão compreensivo, ainda que também não fosse assim tão surpreendente, tendo em conta que na verdade não gostávamos um do outro.

— Sim, estava um bocado mocada — admiti, ainda que em parte fosse mentira.

Lembrava-me muito bem daquele beijo, sobretudo das sensações que me causara.

— Desde que não se repita… — disse e depois sorriu com uma segurança cínica. — Mas tenho a certeza de que não. O Adrik deixou muito claro que não gosta de ti a sério, o que foi um alívio porque não seria nada bonito que dois irmãos se chateassem por tua causa, não era?

Fiquei paralisada.

Fiquei fulminada.

Fiquei MORTA.

Por um lado, por aquele «não gosta de ti» e, por outro, porque tentar fazer-me sentir culpada era uma jogada inteligente para evitar que me aproximasse do Adrik.

— Bem, vemo-nos mais tarde para irmos juntos para a feira — acrescentou, diante da minha perplexidade, e não conseguiu evitar fazer ao menos uma sugestão. — Arranja-te o melhor que puderes.

Avançou pelo corredor com o seu rabo perfeito saliente sob a toalha. Mas deteve-se por um instante e voltou a olhar para mim.

— E não, não fui eu quem pôs o vídeo no auditório — esclareceu com uma naturalidade que me convenceu. — Deve haver alguém mais cruel e que, além disso, te odeia. Isso ficou bem claro com essa atitude.

Depois de dizer isso, desapareceu. Não ficou mais do que o vestígio da sua loção.

Já só me restava ir para casa e esperar que chegasse a hora da destruição.

Fui até à porta da entrada, pronta para sair. Até que ao abrir a porta me deparei

com algo inesperado.

— Artie — disse automaticamente.

Quantas vezes me iam esbofetear mentalmente naquele dia? Primeiro o Adrik a esfregar a sua sensualidade na minha cara e agora a Artie a fazer-me parecer um ogre por comparação, porque parecia ter passado por uma remodelação completa. Estava com calças de ganga justas e uma blusa de renda com alças, muito delicada, que lhe dava um ar *sexy* que certamente eu nunca antes vira. Até se maquilhara e estava sem óculos.

Passou ao meu lado sem responder ao meu estranho cumprimento. Fui incapaz de me ir embora sem lhe perguntar:

— O que fazes aqui?

— Ah, nada. O Adrik convidou-me para ir à feira com ele — respondeu, encolhendo os ombros.

Ah, nada.

Nada.

Nada?!

Quando acontecera aquilo? O que levara o Adrik a convidar a Artie se não gostava dela? Claro, tinha-me mentido. Tal como o Aegan dissera.

Definição de Jude Derry naquele momento: coisa patética no meio de uma sala com uma angustiante sensação de inferioridade.

A sério, o destino só me estava a mostrar que tudo podia ser ainda pior.

E que não me livraria tão facilmente assim do que começava a sentir pelo Adrik Cash, ainda que ele fosse um mentiroso.

Mas, bem, vamos finalmente ao dia da feira.

27

Feira de Tagus! Sítio de música, comida e segredos!

0 horas para o início da feira

Bem-vindos à feira anual da Universidade de Tagus!

Chamo-me Jude Derry e serei a vossa narradora guia. Por favor, ajeitem as cuecas, fechem as pernas e não se riam desenfreadamente enquanto fazemos o percurso.

Se estavas à espera de algo como bancas de comida e barraquinhas colocadas nos passeios, subestimaste a capacidade de esbanjar dinheiro da direção da universidade mais snobe do país. Olhemos melhor: luzes por todos os lados, casinhas de madeira de onde pendem cartazes pintados de formas muito criativas, um palco para a atuação de algumas bandas e música a ressoar em cada recanto graças aos enormes amplificadores instalados em toda a feira…

E se não estivesses perto do palco, não tinhas de te preocupar! Uns ecrãs colocados em sítios estratégicos permitiam ver as bandas a partir de qualquer lugar onde estivesses. Além disso, pelo menos seis rapazes da área audiovisual seguravam câmaras profissionais para gravar e transmitir o que se passava através dos ecrãs. Havia ainda uma roda gigante, carrinhos de choque, pessoas com sombreros festivos e um tipo louco e gigantesco mascarado de ornitorrinco a andar por todo o lado enquanto mexia a pélvis como se estivesse a pinocar com alguém. O pior era que dava vontade de rir.

Tudo muito bonito, certo?

Pois esse lugar seria o cenário de quatro catástrofes.

A primeira intitularei de «A cena devastadora».

Antes da cena devastadora, cheguei com o Aegan. Foi por volta das sete da tarde, porque aquele desgraçado se atrasara a vestir-se. A noite estava fantástica sobre as luzes da feira. Ouvia-se os risos por entre os jogos e as pessoas andavam de um lado para o outro a comer algodão-doce e a beber álcool escondido nos seus cantis de bolso, animados e repletos do espírito de Tagus.

Supus que estivéssemos a ir para o palco, mas, antes de lá chegarmos, uma miúda

veio ter connosco muito apressada. Tinha-a visto na organização da feira. Tinha o cabelo encaracolado e era a responsável pelo itinerário.

— Aegan, consegui — disse-lhe, nervosa. — Substituí o nome do Regan pelo teu no discurso. Podes subir, mas tens de ser rápido para que a reitora não veja.

A cara do Aegan, ao meu lado, resplandeceu de pedantismo e sucesso, deixando claro que ele arquitetara um plano com aquela rapariga para conseguir ler o discurso, porque, se bem nos lembramos, o Regan tirara-lhe esse protagonismo.

— Vais roubar o palco e o discurso ao Regan? — perguntei-lhe, meio espantada.

— Vou só reclamar o que é meu — respondeu, com convicção.

— Hã, mas acho que há um inconveniente — avisou ela, receosa da reação do Aegan. — O discurso será vinte minutos depois da hora que se tinha dito. Não tenho a certeza de quando fizeram essa alteração, mas tenho assinalado um novo evento na roda gigante.

Ponto importante: todos os eventos eram anunciados nos altifalantes dez minutos antes de começarem, para que as pessoas não os perdessem.

O Aegan franziu a testa.

— Que evento? — exigiu saber.

— Não faço ideia — respondeu a rapariga. — Não está especificado, mas está marcado como importante.

O Aegan considerou que aquilo era absurdo.

— Mas o que raio pode ser mais importante do que as minhas palavras? — queixou-se.

Arqueei uma sobrancelha.

— Hum, crianças a morrer à fome? — disse, como se fosse evidente.

— Cala-te — disparou, entrando no seu modo obstinado. De seguida, deu-me uma ordem: — Vou para o palco preparar-me e tu vais à roda gigante. Descobre de que se trata e faz com que adiem para depois do meu discurso. Manda-me uma mensagem.

Não queria discutir com ele nesses momentos, não antes do desastre. Seria a melhor namorada do mundo para que não suspeitasse de mim.

— Sim, amorzinho — acedi, com um sorriso.

Foi com a rapariga rumo ao palco sem dizer mais nada, e eu dirigi-me à roda gigante.

Faltavam trinta minutos para o discurso.

O meu plano era entregar a *pen* ao Lander uns minutos antes, porque ninguém poderia ver, fosse por que motivo fosse, o seu conteúdo. Estava um pouco nervosa pelo que podia acontecer depois da grande revelação acerca do Aegan, mas estava

preparada, muito preparada. Não havia volta a dar. Naquela noite acabaria a sua tirania. Todas as pessoas que o admiravam vê-lo-iam agora como o que realmente era: um assassino. Seria retirado ao pontapé do seu pedestal e partir-se-ia ao cair no chão. Acabaria «o perfeito Aegan Cash». As vendas cairiam dos olhos de todos. Seria o fim do domínio dos Cash.

Perto da roda gigante, que girava lentamente com luzes ténues que beneficiavam a intimidade dos casais, não vi nada de estranho. Só o ornitorrinco Tood, que fingia dar por trás na Kiana. Bem, a Kiana serviria.

Não falara com ela nem com o Dash desde a cena do auditório. Quando a mascote me viu, fez uma dança ridícula de gozo e logo a seguir tirou a parte de cima do disfarce, descobrindo a cabeça.

Um sorriso malandro surgiu. Era o Dash!

— Jude, a tua cara não está de acordo com o espírito da feira! — disse ele a rir, afastando o seu cabelo ondulado. Segurava a cabeça do Tood debaixo do seu braço.

— Se o espírito é lascivo, não — respondi.

— Pfff, devias ver o que estão a fazer na casa do terror — troçou. — Os gritos não são exatamente de medo.

— Estás a sentir o nervosismo antes da atuação? — perguntou-me a Kiana, fazendo referência ao que esperavam que acontecesse no palco.

— Um pouco — limitei-me a responder. — Ouçam lá, o que vai acontecer aqui daqui a bocado? Há um evento programado e o meu namorado exige saber se pode ser adiado. Não, melhor dito, o meu namorado exige que seja adiado.

O Dash abanou a cabeça.

— É qualquer coisa para entreter as pessoas e não se pode alterar porque foi aprovado pela reitora. Encarregaram-me disso.

— Mas do que se trata? — insisti.

— É segredo — respondeu-me, entusiasmado. — Já vais ver. Só te posso dizer que vai ser muito divertido. E vai ter prémios…

— Mas… — quis tentar sacar-lhe mais informação, só que as palavras não me saíram da boca ao ver o que vi alguns metros atrás dele.

Os meus olhos captaram tudo muito rápido, de facto. Reconheci-os facilmente por entre as pessoas. Estavam em frente a um dos jogos de tiro ao alvo.

O Adrik e a Artie.

Ele estava a tentar ganhar um prémio para ela, como o típico rapaz. Ela ria-se quando ele falava. Ele parecia maravilhosamente cavalheiresco. Ela, deliciada e bonita. Na verdade, aquilo parecia um encontro e o pior é que dava a sensação de que

se estavam a divertir.

Não sei o que senti. Por um lado, pensei que era demasiado esquisito vê-los juntos daquela maneira. Por outro, senti uma certa dorzinha. Não eram ciúmes, nem nada horrível ou mal-intencionado, era tristeza, porque no fundo eu queria estar no lugar da Artie. A verdade é que teria adorado. Nunca tivera um encontro com ninguém; nunca ninguém tentara ganhar nada para mim; nunca ninguém me fizera rir com disparates. E que ele (de quem, merda, sim, eu gostava muito) fizesse todas essas coisas com a Artie era… devastador.

Pensei que o que estava a ver não podia piorar.

Então, presenciei a cena devastadora.

De repente, ele rendeu-se à ideia de que não conseguira ganhar nada. Ela pôs-lhe a mão no ombro, como quem diz «não te preocupes…» e então uma coisa levou à outra e acabaram por dar um beijo.

Não consegui desviar o olhar, ainda que quisesse fazê-lo. Ele era maior do que ela e as suas mãos grandes e másculas agarraram-na pela cintura e apertaram-na contra o seu corpo. Ela pôs-se em bicos de pés para conseguir meter os seus braços à volta do pescoço dele.

O beijo foi intenso, profundo, sexual.

Inesperadamente, o Adrik abriu os olhos e, ainda a beijar a Artie, olhou para mim. Percebeu que eu estava ali, a poucos metros, observando-o, e não se deteve. De facto, intensificou o beijo ao mesmo tempo que deslizou as mãos pelo corpo da Artie abaixo para lhe apalpar o rabo. E se me quis mandar uma mensagem, eu recebi-a: «Estou a tocar-lhe, estou a beijá-la, olha, olha para nós.»

O meu coração batia desenfreadamente. Estava de olhos esbugalhados. Não era possível que durante um momento na noite anterior, na minha cama, tivesse hesitado em executar o meu plano só por causa do Adrik. Durante um estúpido momento de fraqueza, hesitara em agir contra o Aegan! Ah! Que estúpida fora ao acreditar que o Adrik era diferente.

— Queres que vamos buscar uma maca para o caso de desmaiares? — ouvi de repente o Dash dizer.

Virei a minha atenção para ele. A Kiana e o Dash tinham ficado a alternar o olhar entre o Adrik, a Artie e eu desde que eu não conseguira acabar a frase que começara com «mas…» e a minha cara de espanto era demasiado evidente.

Não soube sequer que mentira dizer.

— Tranquilo, Jude, não te vamos julgar — disse o Dash, mostrando-me o seu apoio e logo esboçou um sorrisinho malandro. — Admito que no teu lugar teria

sentido a mesma curiosidade, mas… pelos três.

— O importante é que não gostes deles a sério — comentou a Kiana, olhando-me com uma certa desconfiança.

— Não sei, a verdade é que quando ele te estava a beijar no vídeo parecia pensar: «Nunca senti nada assim.» — comentou o Dash, e continuou a sua análise de especialista. — Este beijo com a Artie foi mais do género «Bem, é o que há…».

A Kiana ignorou o comentário do Dash e insistiu com a pergunta:

— A sério, Jude, não gostas mesmo do Adrik nem do Aegan, pois não?

Ouvi uns risinhos malandros da Artie. Voltei a olhar para eles. O Adrik disse-lhe algo ao ouvido e logo retomaram o seu passeio pela feira. Aproximaram-se então da roda gigante. Aquele canalha queria estar perto de mim para que eu os visse, hã?

— Não — disse, seca e contida. — Beijar o Adrik foi apenas um erro que fez com que agora a Artie não me fale e que as pessoas pensem que sou… a Candy Candy, apaixonada por qualquer tipo que se cruze comigo.

A Kiana arqueou uma sobrancelha e fez um gesto de «espera lá».

— A Artie não te fala porque beijaste o Adrik? — repetiu, como se não conseguisse acreditar no que ouvira.

Assenti.

O Dash soltou uma risada enquanto sacudia a cabeça.

— Isso é muito hipócrita da parte dela — comentou.

— Porquê? — perguntei, com curiosidade. — Foi o Adrik quem a convidou para sair e ela tinha-me dito que gostava dele.

O Dash e a Kiana partilharam um desses olhares que só eles entendiam.

— Ela não te contou, certo? — quiseram saber.

— O quê? Diz-me já — supliquei, já sem paciência depois do que acabara de presenciar.

— A Artie foi para a cama com o Aegan.

Mais uma surpresazinha.

Abri e fechei a boca para dizer qualquer coisa, mas só balbuciei coisas incompreensíveis até que consegui perguntar:

— Mas quando?

— No ano passado — respondeu-me o Dash num tom mais confidencial, olhando em redor. — Estiveram juntos durante mais ou menos um mês. Ele andava com a Eli nessa altura. Fomos a uma festa e eles enrolaram-se lá. Depois ele acabou tudo, como é normal. Ela aceitou bastante bem, mas era óbvio que lá no fundo tinha ficado magoada.

Ergui as sobrancelhas, ainda surpreendida.

Por isso é que o Lander dissera que gostava de que ela «o esquecesse».

Que esquecesse o fim da relação com o Aegan!

Espera lá…

Espera lá!

— A sério que ela foi para a cama com o Aegan enquanto ele andava com a Eli? — perguntei ao Dash para corroborar a minha suspeita repentina.

— E eram amigas — confirmou ele, formando uma fina linha com a sua boca que sugeria pesar. — Bem, eu às vezes via-as juntas…

— Até a Eli se ter ido embora — disse a Kiana, e logo fez uma cara de perplexidade. — Para onde terá ido? Não voltámos a saber mais nada dela.

Claro, porque estava morta.

Raios, como não suspeitara disso antes?

Deixei o Dash e a Kiana a falarem sozinhos e num brusco impulso fui em direção à Artie e ao Adrik. Encontrei-os a comprar algodão-doce.

Lamento, mas ia interromper aquele estúpido e ilógico encontro romântico.

Sem que ela o esperasse, agarrei-a pelo braço e puxei-a para mim. O Adrik ficou surpreendido, a Artie queixou-se e perguntou-me que raio estava eu a fazer, mas, com todas as forças que me restavam, consegui arrastá-la para um sítio onde ninguém nos conseguia ouvir. Por fim, encarei-a.

— Tu eras a rapariga com quem o Aegan enganou a Eli — disparei. — Mentiste-me.

Sim, já era evidente.

— Quem te disse isso? — ficou petrificada, fitando-me com aqueles olhos que pareciam muito maiores devido ao *eyeliner*.

Vou ser sincera, estava um pouco chateada, mas não zangada, antes um pouco indignada. Como tinha sido capaz de esconder algo tão importante quanto ao facto de que fora amiga da Eli? Ainda que talvez a culpa fosse minha por não ter duvidado do que ela me dizia, por não ter procurado a lógica naquela história sobre a gravação e a traição, por ter acreditado na palavra de uma rapariga que não conhecia de lado nenhum.

— Não interessa quem me disse — respondi. — Interessa que me contaste tudo à tua maneira e não como de facto se passou. Porquê?

A Artie contraiu os lábios ao mesmo tempo que as suas sobrancelhas se arquearem com aflição, como se quisesse guardar tudo para si, como se lhe fosse doloroso enfrentar o que de facto se passara, mas tinha de me dizer a verdade. Já.

Insisti com o meu olhar duro.

Funcionou.

— Porque me sinto culpada! — disparou finalmente, muito atrapalhada. — A Eli viu-nos a sair do hotel naquele dia, discutiu com o Aegan à minha frente, ele gritou-lhe muitas coisas e ela nunca mais voltou! Eu sou a culpada pelo seu desaparecimento! Não voltei a saber mais dela! Apagaram os seus números de telemóvel! A família dela nunca mais me falou! E não era isso que eu queria!

Até conhecia a família da Eli. Nem sequer conseguia imaginar tudo o que isso me poderia ter ajudado na minha investigação, tudo o que ela me poderia ter contado.

Bem, eu não era a pessoa certa para lhe atirar à cara o que quer que fosse, já que também ocultava coisas. Talvez por isso não tivesse a intenção de discutir com ela, mas ter-me contado a história de maneira incorreta fora muito perigoso.

— Sabes mais sobre a Eli do que me contaste — abanei a cabeça, um pouco dececionada. — Além disso, não posso acreditar que, guardando tu este segredo, me tenhas repreendido ontem por me ter enrolado com o Adrik. Fizeste-me sentir culpada quando tu cometeste o mesmo erro.

A Artie soltou um riso amargo, nada divertido.

— Fiquei chateada por isso mesmo — confessou. — Cometer o mesmo erro pode fazer com que aconteça o que aconteceu à Eli. Já te disse que em torno dos Cash acontecem coisas más!

— Oh, mas tu estás com um Cash agora mesmo… — lembrei-lhe, apontando para o Adrik com um movimento de cabeça.

Ele olhava para nós ao longe, intrigado, mas calmo. Se se atrevesse a interromper-nos, dava-lhe um pontapé no joelho.

As sobrancelhas da Artie arquearam-se, angustiadas. Deu um passo em frente e sussurrou como se se tratasse de um segredo horrível:

— Sinto-me culpada pelo seu desaparecimento. Não saber onde está atormenta-me.

Ah, por isso andava sempre tão assustada. Temia que alguém a associasse ao desaparecimento. Sentia o peso da culpa.

De qualquer forma, eu já não a podia consolar como amiga porque, depois de o vídeo do Aegan ser transmitido nos ecrãs e de todos descobrirem a verdade, só me restaria uma coisa a fazer: desaparecer.

Sim, como a Eli. Sairia de Tagus, porque tinha a leve suspeita de que o Aegan saberia. Descobriria que era eu a responsável pelo vídeo e teria de sair do seu radar de influência se não quisesse sofrer as consequências de ter atacado a reputação do seu apelido. Portanto, nada de amizades. O que vivera ali ficaria para trás. Era melhor

acabar com tudo naquele momento e depois concentrar-me no meu objetivo.

Eu fora para Tagus para isso mesmo.

Já falta pouco para que o percebas melhor, leitor.

— Já não temos mais nada a dizer uma à outra, Artie — disse, para pôr um ponto final à conversa e à nossa «amizade». — Nada.

Ia dizer-me qualquer coisa, mas, de repente, o Adrik (numa perfeita atitude de cavalheiro que eu não sabia que ele conseguia ter) aproximou-se para ver se havia algum problema com, bem, a Artie. Não comigo. De resto, ignorou-me. Estúpido, os meus sentimentos, idiota.

Ela disse-lhe que estava tudo bem, escondendo o nervosismo e a aflição que a nossa conversa lhe causara.

Eu quis afastar-me, mas de repente os altifalantes da feira anunciaram a toda a gente com a voz do Dash/Tood, que estava com um microfone ao pé da roda gigante:

— Durante os vinte minutos que faltam até ouvirmos o discurso honorífico tradicional, faremos um jogo na roda gigante! Aproximem-se todos! Mexam esses rabos até aqui!

As pessoas começaram a aproximar-se. Vi as horas no meu telemóvel. Faltava pouco. Dali a uns minutos iria dar a *pen* ao Lander, uma vez que o palco ficava mesmo ao lado da roda.

Entretanto, por algum motivo, olhei para a roda gigante, ligeiramente escura no topo. Não estava cheia, muitos lugares tinham ficado vazios e era um pouco difícil distinguir as caras das pessoas que estavam mais em cima. Além disso, segundo a informação dada pelos altifalantes, a roda estava parada para que as pessoas pudessem contemplar a paisagem, beijar-se, tocar-se e todas essas coisas impuras.

Hum, parecia-me reconhecer alguém lá em cima, num dos bancos, mas não tinha a certeza de quem era…

Em meu redor, o Tood começou a chamar os fotógrafos e a fazer piadas sexuais e sarcásticas. Passados uns segundos, o lascivo ornitorrinco reuniu bastantes pessoas à volta daquele espaço junto à roda gigante, que começou a ser transmitido nos ecrãs da feira para entreter as pessoas. Continuava a haver música no palco, mas ainda assim a voz do Dash era bastante audível, animada e motivadora.

— Se não conseguiram um prémio nos outros jogos, relaxem a bolacha, que comigo terão a oportunidade de ganhar algo muito especial! — anunciou através do microfone enquanto se mexia de um lado para o outro dentro do seu enorme fato. As pessoas aproximaram-se, interessadas. — O que têm de fazer? Beijar. — Um coro de assobios e gritos atrevidos e entusiasmados eclodiram à minha volta. O Tood saltou

de entusiasmo. — Sim, não vos estou a enganar. Tenho um prémio para o casal que der o melhor beijo no topo da roda gigante! Portanto, vamos lá ver: quem irá meter essas línguas mais no fundo?

A proposta do Tood despertou gritos, assobios e muito mais entusiasmo. Ri-me, era inevitável.

Além disso faltava pouco…

— Poderão participar os que estão agora a andar e os que subirem na próxima volta — continuou o Tood. Mas quem já passou o topo, chau, Laura! Não participa porque não me apetece! — assobiaram e aplaudiram em coro. — Portanto, vejamos quem está lá em cima neste momento, mesmo no topo!

O Tood rodou o braço e apontou para a parte de cima da roda. Ao mesmo tempo, as luzes que a escureciam acenderam-se, iluminando-a. As câmaras que rodeavam o ornitorrinco apontaram para cima e fizeram *zoom*. Um casal já se estava a beijar! Iupi! Os assobios de incentivo eclodiram. Era um beijo intenso, mas o rapaz estava a tapar a cara da rapariga por estar sentado de costas para onde os espectadores se encontravam.

Mais uma vez, esse rapaz pareceu-me familiar…

O Tood incentivava o público.

— É assim mesmo, pessoal! Trespassem-se com a língua! Que não fique nem um dente sujo! Tatua-lhe o teu nome nas gengivas!

E todos gritaram e apoiaram a proposta, rindo.

Até que a euforia por um simples beijo parou.

O segundo acontecimento: «A exposição inesperada.»

No instante em que o rapaz se afastou da rapariga, o público ficou em silêncio, como alguém que de repente desligasse a televisão. Toda a gente se manteve expectante, espantada, mas curiosa. Até o Tood permaneceu imóvel com o microfone diante dos lábios, porque não se tratava de um rapaz a beijar uma rapariga, não.

Um rapaz beijara o Aleixandre Cash.

À frente de toda a gente.

Es-cân-da-lo.

28

E então?!

Por isso me parecera familiar. Era o mais novo dos Cash!

Com o *zoom* das câmaras, o seu rosto e o do outro rapaz surgiram em todos os ecrãs da feira. A multidão viu-os. Até quem passeava longe da roda gigante deteve o passo para os ver. E não por se tratar de dois rapazes aos beijos, coisa que não deveria inquietar ninguém neste século, mas por um desses rapazes ser o Aleixandre, e por essa ninguém esperava devido à imagem que costumava passar de sedutor e heterossexual inflexível.

Foi isso que deixou toda a gente perplexa. O Aleixandre era o típico engatatão, o que namoriscava todas as raparigas, o que as beijava às escondidas, o que acabava qualquer festa na cama com três delas, o mulherengo. O que acontecera?

Eu não tinha essa resposta, mas ao menos reparei numa coisa que escapara a toda a gente. A cara do Aleixandre era de terror. A sua expressão mostrava que fora apanhado desprevenido. Não percebia nada. Não sabia que raio estava a acontecer, mas ao mesmo tempo sabia. E isso deixou-o mais espantado do que ao público.

Eu estava prestes a fazer algo muito mau contra o Aegan, mas pareceu-me injusto que revelassem a verdade do Aleixandre daquela forma. Fez-me lembrar o momento em que o Aegan contara aquilo da minha mãe diante de todos na festa. Percebi a vergonha e a raiva que devia estar a sentir, mesmo que não devesse sentir vergonha de nada.

Quem planeara aquilo? Porque sim, fora planeado. Ver que o Aleixandre não esperava algo assim confirmava-o. Alguém desejara tornar público o seu segredo, por isso aquela atividade fora aprovada pela reitora e integrara o programa. Mas ela não podia saber que o Aleixandre estaria ali. Fora o Aegan? Não…, ele também não fazia ideia, ao menos nisso fora sincero. O Dash? Estava tão surpreendido como qualquer outra pessoa. Não…

Sem fazer ideia de quem planeara aquela coisa terrível, avancei por entre as pessoas em direção à roda gigante. Saltei as baias de segurança e cheguei até ao sítio onde

estava o rapaz encarregue do seu funcionamento.

— Mete-a a andar — ordenei-lhe. O tipo olhou para mim desconcertado. Como continuava paralisado, tive de lhe gritar: — Põe a roda em movimento!

O Dash, no disfarce de Tood, ouviu o meu grito. Mal reparei que olhava para mim, fiz-lhe um sinal com a mão para que acabasse com aquela encenaçãozinha. Voltou a si e começou a pedir que todos se deslocassem para a zona do palco para ouvirem o discurso, mas foram poucos os que lhe deram ouvidos. Os restantes ficaram a olhar para a roda a girar e para as pessoas que de lá iam saindo. Não, as pessoas não, o Aleixandre. Havia uma necessidade mórbida de ver o seu rosto envergonhado mais de perto.

Por um instante, procurei o Adrik entre todas aquelas pessoas. Quis analisar a sua expressão diante da revelação do segredo do seu irmão. Quando o encontrei, vi que estava a olhar, sério e quase indiferente, para o assento do Aleixandre. Sem espanto, sem preocupação. Talvez soubesse desde sempre? Sempre soube que o Aleix escondia uma relação com um rapaz? Se ainda falássemos, ter-lhe-ia perguntado.

Quando o Aleixandre por fim chegou ao chão, saiu disparado. Esquivou-se das pessoas com a cabeça baixa e o passo apressado. Centenas de olhos seguiram-no, julgando-o, sussurrando, até que ele desapareceu. E não, a sua saída não foi propriamente triunfal. O Adrik não foi atrás dele para o apoiar.

— Muito bem, muito bem. Não se passou nada que não tenham já pesquisado na Internet, seus pervertidos — disse o Tood ao microfone, numa tentativa de aliviar a tensão do momento.

Aproximei-me dele.

— Dash, quem organizou isto? — perguntei.

— Não sei — pestanejou, surpreendido com o meu tom de voz exigente. — E-eu só recebi o programa com esta atividade e a ordem para a organizar. Disseram-me que a reitora queria qualquer coisa divertida.

Quis dar-lhe uma palmada na testa.

— Pensa melhor! Isto teve de ser ideia de mais alguém!

— Tens razão… — admitiu ele, pensativo e um pouco envergonhado. Mas a sua vergonha desapareceu imediatamente. — Mas, pronto, é um Cash. Os Cash estão acostumados a golpes baixos. Talvez tenha merecido.

Não tive a certeza de se o Aleixandre merecia ou não.

— Mas depois posso tentar descobrir quem incluiu esta atividade no programa. — acrescentou o Dash. — Faltam só cinco minutos para o discurso…

Meeeeeerda, cinco minutos!

Era o meu momento!

Ativei os foguetes das minhas pernas e corri até à tenda do som junto ao palco, onde devia estar o Lander. Foi um pouco difícil avançar porque o fluxo de pessoas se tornara mais lento dada a surpreendente aparição do Aleixandre nos ecrãs. E não fora só isso, a cena desencadeara murmúrios e comentários de todo o tipo.

Ao chegar à tenda do som, ofegante, vi que o Regan já estava em cima do palco. Naquela noite, com uma camisa azul-celeste de mangas a três quartos e umas calças de ganga que pareciam acabadas de sair de uma loja, tinha o aspeto de um ator preparado para a sua grande cena. O cabelo louro continuava, claro, despenteado na justa medida. O Aegan, por outro lado, estava perto do começo das escadas, pronto para lhe roubar inesperadamente o protagonismo.

No meu telemóvel faltavam três minutos.

Bem, em três minutos conseguiria dar a *pen* ao Lander para que reproduzisse o vídeo. Entrei na tenda do som, tentando não pisar os cabos que se estendiam até ao palco. Saquei da *pen* e dei-lha. O rapaz ruivo estava um pouco atarefado a passar as mãos de um botão para o portátil e vice-versa.

— Aqui está. Mete-o a dar, por favor — pedi-lhe amavelmente, apesar da minha agitação.

A minha falta de ar não me impediria de nada. Ia conseguir. Ia conseguir!

— É que… — começou o Lander a dizer ao pegar na *pen.* — O Aegan acabou de me dizer para pôr a dar uma transmissão em direto.

Fiquei petrificada.

Oh, meu Deus, não.

Nãonãonãonão.

Teria ele…?

— Uma transmissão em direto? — disparei imediatamente com um mau presságio.

— Sim.

Teria um contra-ataque? Seria possível? O meu coração bateu rapidíssimo à conta do medo.

— Uma transmissão? — disparei, alarmada e desconcertada. — Não! Isto é mais importante! Mete-o!

Aproximei-me dele, a tremer, acelerada, para o pressionar, mas o Lander abanou a cabeça, concentrado no seu trabalho. Os seus dedos não tinham parado de se mexer.

— A ordem dele foi bastante clara e já estou…

Maldita seja!

— Lander, mete a minha *pen*! — quase lhe gritei, prestes a atirar-me para cima dele de forma a desviá-lo e eu mesma tratar do assunto, se fosse necessário.

Mas ele deu o clique final:

— Pronto.

Eis «A revelação fulminante».

Sim, era um contra-ataque.

Um quase letal.

Uma transmissão ao vivo proveniente do Instagram começou a reproduzir-se no ecrã. A princípio não se via nada nem ninguém, mas o Aegan, que já subira rapidamente ao palco, de microfone na mão, começou a falar a todas as pessoas que já se tinham reunido naquele sítio. Roubou o lugar ao Regan.

— Antes de fazer o discurso, que será sempre uma tradição inquebrantável para Tagus, estou contente por poder anunciar que alguém muito especial, que tal como eu faz parte de uma grande família de licenciados nesta universidade, nos dará uma mensagem ao vivo e em direto.

Nem sequer sei como não contara com isso. Talvez por estar demasiado convencida de que desta vez ganharia, de que passaria a perna ao Aegan em alguma coisa, de que os meus passos não seriam vistos. Quis ser mais esperta e acabei a sentir-me a maior idiota que ali estava, porque quando os ecrãs mostraram o que o Aegan anunciara, tudo ficou virado do avesso.

A pessoa que segundos depois apareceu nos ecrãs cumprimentou alegremente os estudantes, dizendo que fizera um retiro espiritual, e depois começou a falar de Tagus, da sua história e antepassados. E essa pessoa era nada mais nada menos do que a Eli Denvers.

A Eli, com o seu cabelo vermelho, a sua impressionante pele caramelizada, o seu nariz arrebitado, os olhos da cor do mel, a boca perfeita, os dentes branquíssimos. Uma rapariga fabulosamente bonita.

E viva.

Muito viva.

29

Ao que parece, os Perfeitos Mentirosos sempre foram muito imperfeitos

Certo, a morta ia ser eu, à conta do choque de ver a Eli.

Com as pernas a tremer e prestes a desmaiar, aproximei-me da frente do palco para ver melhor o ecrã. Analisei o vídeo para perceber se seria uma gravação, mas não, a Eli estava de facto a falar em direto. Atrás dela, via-se um vasto campo e muitas árvores características de terras asiáticas. Via-se até algumas pessoas a passarem nas suas costas. Ela estava magnífica. Parecia bonita, fantástica; era o tipo de rapariga que te intimidava pela sua impressionante beleza natural, nada exagerada, mas capaz de ofuscar quem quer que fosse. Falava de uma maneira fluída e encantadora.

Aquela rapariga não estava morta, nem sequestrada, nem torturada. Estava feliz noutro sítio.

— Portanto, espero que desfrutem da feira! — concluiu a Eli no ecrã uns minutos depois. — E espero também regressar às aulas para o ano que vem, quando a minha jornada espiritual terminar.

Lançou um beijo de despedida sedutor e a transmissão terminou. Toda a gente desatou a aplaudir. O Regan olhou para o Aegan, muito sério. Se fossem irmãos parvos, teriam lutado um com o outro pelo microfone, mas eram inteligentes e vingativos, e não o fizeram. O Regan deixou-se ficar quieto, mantendo a sua postura. Então, o Aegan começou a fazer o discurso com eloquência, total controlo das palavras e grande entusiasmo, como um líder nato.

Reparei que a Kiana, o Dash e até a Artie, que estava ao pé de um entediado Adrik a comer algodão-doce como se aguardasse pela chegada da morte, olhavam para mim. Os seus olhos transmitiam-me um «Vamos, é o teu momento, sobe ao palco e faz o que planeámos: acaba com ele publicamente e humilha-o». Era a altura perfeita, em toda a feira não se ouvia outra coisa que não a voz enérgica e lendária do Aegan, e as pessoas estavam atentas. Atentas a tudo.

Se eu subisse e o humilhasse com uma separação pública como apenas a Kiana, o Dash e a Artie esperavam, seria épico.

Mas apenas por um momento.

Esse efeito desapareceria pouco depois. Não seria como o que eu esperava que fosse a revelação do assassinato da Eli, o meu verdadeiro plano feito às escondidas deles.

Diante da minha falta de reação, o Dash fez-me um gesto com as mãos de «rápido, vamos!». A Kiana também abriu muito os olhos e apontou com a cabeça para o palco. Os seus lábios mexeram-se num silencioso «tu consegues!».

Então percebi, devastada, que não poderia fazê-lo, porque, se a Eli não estava morta, eu não tinha nada contra ele.

Nada.

Portanto, não me mexi. Não pude subir ao palco e derrotá-lo diante de todos, como planeara. Fiquei paralisada, derrotada.

Ainda que… algo fosse fazer justiça por mim.

Aconteceu de repente. O Aegan estava a falar, muito inspirado, e, de repente, a sua boca enorme ficou imóvel a esboçar a palavra que ia pronunciar a seguir ao microfone. A sua expressão facial congelou. Os olhos, normalmente maliciosos, abriram-se muito, pasmados. Fez um profundo silêncio.

As pessoas olharam-no, expectantes e confusas. O Regan, ainda ali, a um lado, também o olhou de cima a baixo, com perplexidade. Eu não percebi porque se calara daquela forma se o seu plano de fazer o discurso e de se destacar estava a ser um êxito. O que estava a acontecer? Arruinaria o seu próprio momento triunfal?

O Regan atreveu-se a perguntar-lhe o que se estava a passar, todos reparámos como mexia a boca e lhe dizia qualquer coisa. Mas o Aegan não reagiu e continuou tão quieto que assustou a maioria dos espectadores. Estava a morrer ou quê? Ai, meu Deus.

O Regan voltou a perguntar-lhe qualquer coisa.

E então ele respondeu, mas não com palavras.

Por entre o silêncio expectante da feira, sob o noturno céu estrelado, em frente aos alunos e alunas de Tagus, o Aegan soltou um longo, sonoro, líquido e asqueroso peido. E todos o escutaram porque o microfone amplificou o som.

Bom, afinal precisava mesmo de alguma coisa.

De uma sanita.

Quarto acontecimento: «A explosão.»

Fiquei chocada, tão mas tão chocada que levei as mãos à boca. O resto das pessoas também. Centenas de olhos abertos e espantados viram-no. Alguns sorrisos de troça

apareceram de imediato, mas outras caras eram de perplexidade absoluta. Aquilo saíra do impecável Aegan? Diante da multidão?

Então lembrei-me: o laxante. O laxante acabara de lhe fazer efeito.

Mãe de todas as futuras diarreias! Ah ah ah ah!!!

No momento em que alguém entre a assistência soltou um riso sonoro de troça, imediatamente antes de que outra se seguisse e ainda outra, o Aegan atirou o microfone ao chão e saiu a correr do palco à procura de uma casa de banho.

— Ai, meu Deus! — ouvi alguém exclamar ali perto, prestes a desmanchar-se a rir às gargalhadas, mas ainda espantado. — O Aegan Cash acabou de se cagar nas calças?

Ao que parece, sim.

Ouviram-se risadas. Os comentários começaram. As vozes ergueram-se em polvorosa por toda a feira. Vi o Regan no palco a dirigir-se ao microfone para dizer qualquer coisa. A sua boca reprimia uma gargalhada, provavelmente feliz por o seu meio-irmão não lhe ter conseguido roubar o discurso.

Sem dúvida alguma de que isso fora excelente, mas não pude desfrutar. Ainda não recuperara da surpresa com a transmissão em direto da Eli. Ainda sentia estar prestes a desmaiar, que o meu cérebro não estava a funcionar por completo para processar o meu fracasso. Eu só… eu só precisava de respostas.

E fui à procura delas.

Fui rápido em direção ao sítio onde deveriam estar as casas de banho da feira. Desviei-me das pessoas que se riam e que falavam do Aegan. Ouvi comentários ao longo do caminho: «De certeza que esteve a comer tacos da banca que está perto do palco, sabem mal.» Ninguém suspeitava de um laxante, nem de mim.

Cheguei às casas de banho portáteis, quatro cubículos azuis colados uns aos outros. Não demorei a encontrá-lo. Do cubículo mais distante chegou-me um som flatulento desses capazes de causar risadas. Teria desmaiado a rir se não continuasse espantada com o rosto da Eli.

— Aegan, estás aí? — perguntei-lhe, em frente à porta.

— O que é que tu queres?! — soltou lá de dentro, alterado, furioso e magoado. — Vai-te embora!

Não consegui.

— Ouve, a rapariga que passou nos ecrãs…

— É a minha ex, sim! — confirmou com impaciência e amargura. — Agora sai daqui. Ah, maldito sejas — queixou-se ele do seu próprio estômago.

Ao fundo, em toda a feira, começou a ouvir-se a fantástica voz do Regan a honrar os

antepassados de Tagus.

O cu do Aegan emitiu um peido líquido em protesto.

— Ela tinha desaparecido — disse eu.

— O quê? — soou surpreendido. E zangado, mas acima de tudo surpreendido.

— Ouvi num sítio qualquer — menti, a precisar de respostas. — Que um dia se foi embora e nunca mais voltou.

— Sim, foi para um retiro espiritual, como ela explicou na transmissão — respondeu ele, como se fosse evidente.

— Mas as redes sociais dela e… — hesitei, ainda descoordenada — e tu nunca falaste dela…

— Porque haveria de falar da minha ex com a minha namorada? — disparou, irritado e com uma flatulência explosiva ao fundo. — Além disso, esses retiros exigem que te afastes do mundo real, inclusivamente das redes sociais. Acho que foi por isso que ela as apagou.

Analisei a sua voz como fazia sempre, porque não lhe podia ver o rosto, ainda que o imaginasse vermelho e inchado. Por essa altura, já o conhecia demasiado bem. O que me surpreendeu foi que soava genuíno (excluindo as flatulências), nada exagerado, como quando mentia ou queria enganar.

— Mas parecia que… — tentei dizer, mas ao recuperar um pouco do meu juízo calei-me.

— Que quê?! — perguntou ele bruscamente. De repente, pareceu perceber tudo e disse: — Que lhe tinha acontecido alguma coisa? Ou que eu lhe tinha feito alguma coisa?

Não respondi. Os meus lábios tremiam com os nervos. Não conseguia compreender de todo. Não conseguia entender como já não encaixavam as peças que dantes pareciam fazê-lo tão bem. Ou teria eu as peças erradas desde o princípio?

— Jude, a sério que não percebo como gostas de mim se achas que sou um monstro — disse o Aegan, diante do meu silêncio tão notório. — Merda, e eu que pensava propor-te umas malditas tréguas.

Espera, o quê?

— Umas tréguas? — fiquei mais estupefacta.

Um coro de flatulências e queixumes saiu do interior do cubículo.

— Sai daqui, Jude! — exigiu, irritado e em sofrimento.

— Mas porque querias tréguas? — insisti. Isso… de facto era muito surpreendente, não conseguia perceber.

— Não paraste a porcaria de um segundo para pensar que talvez te tivesses

enganado em alguma coisa? — soltou bruscamente, e de seguida queixou-se: — Mas que raio comi eu?!

Ah, malditos erros da vida. Bem, ele não matara a Eli porque a Eli estava viva, já não havia nada a dizer sobre isso. Não era o assassino da Eli. Não o podia culpar disso. Ouvia-o dizer «O que fui eu comer? De onde veio esta diarreia?» e, oh, maldita seja…, até me dava pena. Bem, não me dava assim tanta pena, eh eh, porque continuava a ser um imbecil, mas a que se referia ele?

— Estou enganada em relação a quê? — perguntei-lhe. — A ti?

— Sabes que mais? Já estou farto — disse, dominado pela ira e pela sua situação diarreica. — Não te quero ouvi. Não te quero voltar a ver. Nada. Acabámos.

— Acabámos? — disse, surpreendida.

— Sim — enfatizou, sem me dar direito de resposta, como se estivesse a ditar um decreto. — Portanto, se quiseres mesmo continuar comigo, terás de o mostrar!

Aquele imbecil estava a acabar comigo? Convinha-me isso? Não sabia mesmo o que fazer agora.

Ia responder quando de repente ele percebeu, porque, sim, era idiota, mas continuava a ser muito inteligente.

— Foste tu! — disparou de repente, iluminado pela verdade. — A única coisa estranha que tomei foi o comprimido que me deste! Olha, Jude, é melhor que saias já daqui porque se eu sair deste cubículo e tu ainda aí estiveres, eu vou…! — Uma dor de estômago interrompeu-o e fê-lo soltar um gemido de dor. — Ah, caraças!

Recuei vários passos, alarmada. Até achei possível que saísse da casa de banho com o rabo à mostra manchado de diarreia só para me estrangular. Pensei em sair a correr, porque sentia que a única coisa de que precisava era de me fechar no meu quarto, de me sentar na cama e pensar. Pensar muito. Pensar em tudo o que se passara naquele dia. Analisar, considerar, perguntar-me como raio me enganara e que passo devia dar agora. Devia ir-me embora? Ficar?

Alguém me tocou no ombro. Rodei automaticamente numa postura defensiva. Ao ver o Adrik diante de mim, não me consegui mexer. Já não tinha o seu algodão-doce. A sua camisola preta e as suas calças de ganga eram perfeitas. Ai, que inferno.

— O que foi? — disparei, esforçando-me por impedir que me visse fragilizada.

— A Artie não te quer vir dizer não sei porquê, mas precisamos de que nos emprestes a tua chave de casa. Esqueceu-se da dela em casa e queremos ir para lá.

Ah, ótimo. A minha chave de casa para que eles pudessem estar juntos.

Era o cúmulo. O DESCARAMENTO.

Diante do meu silêncio perplexo, acrescentou:

— Se faz favor.

Praguejei internamente tal como o Aegan praguejava dentro da casa de banho por entre o *rap* das suas flatulências. E dei-lhe as chaves. Porquê? Não faço ideia. Quer dizer, não ia armar uma cena de ciúmes ou exigir que não fizesse nada com a Artie no nosso apartamento, por muito que quisesse. Ele mentira-me, era um mentiroso tal como os seus irmãos. Eu não devia sequer permitir-me continuar a sentir que gostava dele. Será que conseguia?

As chaves caíram na mão do Adrik, a mão que antes me tocara. Ele, de olhos apáticos, olhou um momento por cima do meu ombro em direção à casa de banho portátil. Depois olhou para mim. Um pequeníssimo sorriso malicioso surgiu na sua cara. Odiei. Odiei aquele sorriso.

— Diverte-te com o teu namorado — disse-me.

Dito isso, foi-se embora. Vi-o afastar-se à procura da Artie.

Oh, bom final para mim, certo?

Sem amiga.

Odiada pelo rapaz de quem no fundo gostava.

Deixada pelo imbecil do meu falso namorado.

Vista como uma cobarde pelos meus companheiros de plano para humilhar o Aegan com a separação pública.

Resumo da noite da feira: um fracasso.

E agora o que faria?

30

Mais cedo ou mais tarde haverias de cair. Não é, Jude?

Aos poucos, a feira foi ficando vazia.

Às dez da noite, restava pouca gente nas bancas e nos jogos. Os risos eram escassos. A ideia de entrar às escondidas em apartamentos alheios foi sussurrada com malandrice em muitos ouvidos. Ainda havia murmúrios acerca do Aleixandre e vários vídeos do seu beijo com outro rapaz circulavam pelos telemóveis, todos eles a referirem o seu perfil no Instagram. Também se comentava a flatulência do Aegan e que o Adrik andava a sair com a «amiga da Jude». Bisbilhotices, sempre bisbilhotices em Tagus.

Portanto, sim, a noite ficara mais fria e, para mim, mais triste. O Aegan continuava na casa de banho, a verter bosta como uma torneira verte água. O Owen trouxera-lhe mais papel higiénico, mas depois tinha ido embora com a Laila. A Kiana e o Dash, bom, eu evitei-os. A Artie e o Adrik… já sabia onde estavam e por isso não queria voltar para casa. Não precisava de ouvir o que estavam a fazer, portanto fiquei sentada num banco, a fumar um cigarro nojento que comprara ali perto.

Eu nem sequer fumava, mas foi nesse banco que aconteceu o mais inesperado.

O Regan Cash sentou-se de repente ao meu lado. Expelia um odor requintado a luxo e a perigo. Senti um calafrio de medo pela sua presença, a mesma inquietação que experimentara ao vê-lo pela primeira vez. Um pequeno impulso de sair dali a correr o mais rapidamente que pudesse e abandonar Tagus, a cidade, o país e a galáxia deixou-me arrepiada, mas fiquei quieta porque soube imediatamente que já não podia escapar ao que ali iria acontecer.

Lançou-me um sorriso largo e perfeito de empresário de sucesso.

— Aconteceram tantas coisas esta noite — suspirou, encantado. — Fico feliz por ter alterado todo o programa. Seria muito aborrecido deixá-lo tal como a reitora o

planeou.

Olhei bruscamente para ele.

Alterara o programa da feira?

Então…

— Foste tu — saiu da minha boca, espantada — quem humilhou o Aleixandre na roda gigante.

O Regan soltou um sorriso tão tranquilo que me deu medo.

— Há coisas que se devem saber — comentou, sem mais. — Coisas que não devem ser segredo.

— É teu irmão — lembrei-lhe, sisuda. — O que fizeste foi muito errado.

Indiferente ao meu comentário, fez um gesto como se subitamente se tivesse lembrado de algo.

— Desculpa, antes de falar ou de explicar o que quer que seja, gostaria de ouvir o teu primeiro nome, como deve ser — estendeu-me a sua mão, adornada com um enorme relógio prateado e viril. — Eu sou o Regan Cash, e tu?

Mais estupefacta e desconcertada do que nunca, olhei para a mão e depois para ele.

— O quê? — consegui dizer por entre os batimentos que me ecoavam nos ouvidos e no peito.

Como se não lhe tivesse perguntado nada no mais puro estado de «não sei o que está a acontecer aqui, por favor, polícia, socorro!», o sorriso não desapareceu do seu rosto e ele não vacilou.

— Quero saber quem és — disse, com o mesmo tom falso e afável que usaria um vendedor para fazer a sua grande venda. — Diz-me o teu verdadeiro nome.

Um calafrio de pânico contraiu cada músculo do meu corpo, mas ainda assim fiz a única coisa que sabia fazer bem: procurar dar a volta ao momento para escapar ilesa.

— O meu nome real? É Jude, Jude Derry. Tu já sabes. Conhecemo-nos há uns dias.

Um falso ar de confusão franziu-lhe a testa como se tivesse ouvido algo muito esquisito. O seu rosto tornou-se mais macabro do que nunca, porque mesmo assim o sorriso continuou retorcido e largo.

A sua resposta deixou-me espantada:

— Não. Segundo os registos, a verdadeira Jude Derry morreu há quatro anos. Por isso, gostava de saber quem és na verdade.

Este é O Momento. Aqui é onde me confesso: sim, leitor, desde o início da história que te estou a mentir.

Mas, MAS, aviso-te de que os Cash também.

Por isso, uns minutos antes de o Regan se sentar ao meu lado, decidira que ainda não me iria embora de Tagus.

Ainda havia coisas por resolver.

Se a Eli estava viva, quem era a rapariga que estava morta? Porque havia uma rapariga morta. Eu ouvira o Aegan falar disso na discoteca.

De quem era o telemóvel de que o Aegan precisava por estar cheio de provas?

O que acontecera um ano antes e que os irmãos Cash estavam a esconder?

Quem me enviara mensagens para me levar a encontrar pistas acerca do que eu achara ser o assassinato da Eli? E se a Eli estava viva, o que queria essa pessoa que eu descobrisse?

Tudo isso me levava à grande pergunta: e se tivesse as peças certas desde sempre, mas as estivesse a encaixar mal?

Se as peças do *puzzle* Cash estavam espalhadas, só precisava de as encaixar corretamente. Além disso, ainda faltavam três meses para o 1 de maio, a data em que tudo eclodiu.

Portanto, novo plano:

Recuperar o Aegan. Voltar a ser sua namorada. Fosse de que maneira fosse.

E quanto à minha verdadeira identidade…

Isso conto-te no próximo volume.